

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

**ESTUDO PATOGRÁFICO DE FERNANDO PESSOA**

**Suzana Azoubel de Albuquerque e Silva**

**Recife**

**2009**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

**ESTUDO PATOGRÁFICO DE FERNANDO PESSOA**

**Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Neuropsiquiatria e Ciências do  
Comportamento, Departamento de  
Neuropsiquiatria, Centro de  
Ciências da Saúde, Universidade  
Federal de Pernambuco, CCS –  
UFPE.**

**Mestranda: Suzana Azoubel de Albuquerque e Silva**

**Orientador: Prof. Dr. Othon Bastos**

**RECIFE**

**2009**

Silva, Suzana Azoubel de Albuquerque e

Estudo patográfico de Fernando Pessoa / Suzana

Azoubel de Albuquerque e Silva. – Recife: O Autor, 2009.

259 folhas: 30 cm.

Orientador: Othon Bastos.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CCS. Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento, 2009.

Inclui bibliografia, apêndices e anexos.

**1. Bipolaridade. 2. Espectro bipolar. 3. Criatividade. I.**

**Bastos, Othon. II.Título.**

Silva, Suzana Azoubel de Albuquerque e  
Estudo patográfico de Fernando Pessoa / Suzana  
Azoubel de Albuquerque e Silva. – Recife: O Autor,  
2009.

259 folhas: 30 cm.

Orientador: Othon Bastos.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal  
de Pernambuco. CCS. Neuropsiquiatria e Ciências do  
Comportamento, 2009.

Inclui bibliografia, apêndices e anexos.

1. Bipolaridade. 2. Espectro bipolar. 3.  
Criatividade. I. Bastos, Othon. II. Título.

616.852

CDD (20 .ed.) CCS2011-155

UFPE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO****REITOR**

Prof. Amaro Henrique Pessoa Lins

**VICE-REITOR**

Prof. Gilson Edmar Gonçalves e Silva

**PRÓ-REITOR PARA ASSUNTOS DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**

Prof. Anísio Brasileiro de Freitas Dourado

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE****DIRETOR**

Prof. José Thadeu Pinheiro

**HOSPITAL DAS CLÍNICAS****DIRETORA SUPERINTENDENTE**

Prof.<sup>a</sup> Heloísa Mendonça de Moraes

**DEPARTAMENTO DE NEUROPSIQUIATRIA E CIÊNCIAS DO  
COMPORTAMENTO**

Prof. Alex Caetano de Barros

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NEUROPSIQUIATRIA****COORDENADOR**

Prof. Everton Botelho Sougey

**VICE-COORDENADOR**

Prof. Murilo Duarte Costa Lima

**CORPO DOCENTE**

Prof.<sup>a</sup> Belmira Lara da Silveira Andrade da Costa

Prof. Everton Botelho Sougey

Prof. Gilson Edmar Gonçalves e Silva

Prof. Hildo Rocha Cirne Azevedo Filho

Prof. João Ricardo de Oliveira

Prof. Luiz Ataíde Júnior

Prof. Marcelo Moraes Valença

Prof.<sup>a</sup> Maria Carolina Martins Lima

Prof.<sup>a</sup> Maria Lúcia Simas

Prof. Murilo Duarte Costa Lima

Prof. Othon Bastos Filho

Prof. Raul Manhães de Castro

Prof.<sup>a</sup> Sheva Maia da Nóbrega

Prof. Wilson Farias Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NEUROPSIQUIATRIA E CIÊNCIAS DO  
COMPORTAMENTO

ESTUDO PATOGRÁFICO DE FERNANDO PESSOA

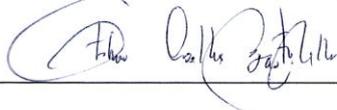
SUZANA AZOUBEL DE ALBUQUERQUE E SILVA

---

Dissertação de conclusão de Mestrado em Neuropsiquiatria submetido à banca  
examinadora em 13 de fevereiro de 2009.

Banca examinadora:

Dr. Othon Coelho Bastos Filho – Pós-doutoramento – UFPE e UPE



---

Dr. Everton Botelho Sougey – Pós doutoramento – UFPE



---

Dra. Ermelinda Maria Araújo Ferreira – Doutoramento – UFPE



---

Dedicatória

À Jacques, Carmem e Deanna.

*In memoriam*

À Bia e

à Carla

## AGRADECIMENTOS:

Aos meus pacientes, todos.

Ao mestre e orientador Dr. Othon Bastos, que me presenteou com suas observações inteligentes e com seu humor singular durante nossas discussões "patográficas" e de outros gêneros. Posso dizer com razão e emoção que foi um grande privilégio tê-lo tido como orientador.

Ao mestre Dr. Everton Sougey, presente em minha vida acadêmica desde minhas primeiras letras psiquiátricas.

Ao mestre Dr. Tácito Medeiros por ter podido desfrutar da agudeza de seu pensamento crítico.

Àqueles com quem terei sempre a aprender: Dr. Osmar Gouveia, Dr. Arnaldo Assunção, Dr. Antônio Peregrino, Dra. Kátia Petribu, Dra. Lúcia Figueroa, Dr. Marcelo Valença.

Agradecimento especial ao Dr. João Ricardo de Oliveira, o primeiro a acreditar na factibilidade deste estudo, e ao Dr. Miguel Archanjo, pela doçura e incentivo.

À Dra. Carla Maria Cavalcanti por todo o suporte e inestimável ajuda em todos os momentos.

Aos amigos Vankarillo Gomes, Cleodon Coelho, Marta Victor, Luiza Victor, Jaellya Rodrigues, Bruno Marcello Nascimento, Diva Alencar, Thereza Sisnando, Ana Coutinho, Jádía Poggi, Edson César, Sílvia Helena, Simone Andrade.

À Dra. Ermelinda Ferreira por ter aceitado prontamente o convite para participar da banca examinadora.

À todos os residentes e ex-residentes do Hospital Ulysses Pernambucano.

*Dobrada à moda do Porto*

*Um dia, num restaurante, fora do espaço e do tempo,  
 Serviram-me o amor como dobrada fria.  
 Disse delicadamente ao missionário da cozinha  
 Que a preferia quente,  
 Que a dobrada (e era à do Porto) nunca se come fria.*

*Impacientaram-se comigo.  
 Nunca se pode ter razão, nem num restaurante.  
 Não comi, não pedi outra coisa, paguei a conta,  
 E vim passear para toda a rua.*

*Quem sabe o que isto quer dizer?  
 Eu não sei, e foi comigo...*

*(Sei muito bem que na infância de toda a gente houve um jardim,  
 Particular ou público, ou do vizinho.  
 Sei muito bem que brincarmos era o dono dele.  
 E que a tristeza é de hoje).*

*Sei isso muitas vezes,  
 Mas, se eu pedi amor, por que é que me trouxeram  
 Dobrada à moda do Porto fria?  
 Não é prato que se possa comer frio,  
 Mas trouxeram-mo frio.  
 Não me queixei, mas estava frio,  
 Nunca se pode comer frio, mas estava frio.*

Álvaro de Campos.

*Depois de sentir-me cansado de procurar  
 Aprendi a encontrar  
 Depois de um vento forte me ter feito resistência  
 Navego com todos os ventos.  
 Nietzsche.*

## ÍNDICE

1. Introdução.....	13
2. Justificativa.....	15
3. Objetivos.....	17
3.1. Geral.....	17
3.2. Específicos.....	17
4. Metodologia.....	18
5. Arte, Literatura e Psicopatologia.....	20
5.1. O gênio e a loucura.....	20
5.2. Estudos patográficos.....	26
5.3. Personalidade, caráter e temperamento.....	29
5.4. Espectro bipolar.....	37
5.5. Criatividade e bipolaridade.....	52
6. O Estudo Patográfico de Fernando Pessoa.....	69
6.1. A Europa do início do século XX.....	69
6.2. Investigação Psicológica e Psicopatológica.....	76
6.2.1. Biografia – Corte Longitudinal.....	76

6.2.2. Aspectos psicopatológicos – Cortes Transversais..	100
6.2.2.1. Obra em Prosa.....	103
6.2.2.2. Obra poética.....	144
7. Discussão.....	201
8. Conclusão.....	215
9. Anexos.....	216
9.1. DSM-IV-TR:.....	216
9.1.1. Transtorno Relacionados a Substâncias.....	216
9.1.2. Transtorno do Humor.....	219
9.1.3. Fobia Específica.....	224
9.1.4. Fobia Social.....	225
9.1.5. Transtorno de Ansiedade Generalizada.....	226
9.1.6. Transtorno Sexual de Identidade e Gênero.....	227
9.1.7. Transtorno de Personalidade Esquizóide.....	229
10. Referências Bibliográficas.....	232
11. Apêndices.....	251

11.1. Síntese Biográfica .....	251
11.2. Afetivograma.....	254
11.3. Jornais e revistas em que colaborou.....	255
11.4. Casas e lugares onde viveu .....	257

# *Estudo Patográfico de Fernando Pessoa*

## Patografic Study of the Fernando Pessoa

*Suzana Azoubel de Albuquerque<sup>1</sup> e Othon Bastos<sup>2</sup>*

---

### RESUMO

Fernando Pessoa, incontestavelmente um dos maiores gênios da literatura universal, é objeto deste estudo patográfico. Através da análise de sua biografia e obra, os autores buscam delinear seus perfis psicológico e psicopatológico e caracterizar uma associação entre sua evidente bipolaridade e seu padrão criativo. Os dados do estudo revelam claramente um componente bipolar e sugerem haver influência de seu humor de base sobre a atividade literária, quanto ao conteúdo, número de poemas e estilo literário. Verifica-se a presença de múltiplas comorbidades: Dependência de Álcool, Transtornos de Ansiedade Generalizada, de Ansiedade Social, além de Fobias Específicas. Do ponto de vista caracterológico, constata-se um Transtorno de Personalidade Esquizóide, com evidentes transtornos da psicosexualidade.

**Palavras-chave:** bipolaridade; espectro bipolar; criatividade.

### ABSTRACT

Fernando Pessoa is decidedly one of the greatest genius of the Universal Literature. Here the authors goes through a patografic analysis of the poet, what means to say that through his biography and work, the authors seeks to build up a construct which show the relationship between his creative pattern and manic or depressive episodes. Our data revealed, aside from a bipolar component, also the following comorbidities: Generalized Anxiety Disorder, Social Phobia, Specific Phobia, Alcohol Dependence. When the social impairment caused by his pattern of thinking, feeling and acting is considered, we conclude for Schizoid Personality Disorder as Axis II diagnosis.

**Keywords:** bipolarity; bipolar spectrum; creativity

---

---

Este artigo é desdobramento da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento da Universidade Federal de Pernambuco em fevereiro de 2009.

<sup>1</sup> Coordenadora do Programa de Residência Médica em Psiquiatria do Hospital Ulysses Pernambucano.

<sup>2</sup> Professor Titular de Psiquiatria da Universidade Federal de Pernambuco e Professor Titular de Psiquiatria da Universidade de Pernambuco.

*Se as portas da percepção fossem abertas,  
tudo apareceria ao homem como realmente é, infinito.  
(William Blake)<sup>48</sup>.*

## 1. INTRODUÇÃO

Fernando Pessoa reinventou a *persona* – máscara usada no teatro pelos atores da Antiguidade para ocultar a face ao assumir um personagem, através da criação de heterônimos<sup>40</sup>. Acontece que a máscara, feita de cera, derrete-se com o decorrer do espetáculo e, *sin cera*, o homem mostra-se *sincero* – só finge bem quem se conhece. O heterônimo é um personagem criado pelo poeta, com direito a uma biografia própria, compleição física, estilo literário particular e até horóscopo. Fernando Pessoa é o único caso de heteronímia da literatura universal. Foi o próprio Fernando Pessoa quem criou essa designação. Ao criador dos heterônimos também deu um nome, ortônimo.

Num poema encontrado recentemente, Pessoa escreve: “Sou uma antologia”. Apesar de, em vida, ter publicado apenas dois livros, *English Poems* (1918) e *Mensagem* (1934), constaram publicados em diversas revistas literárias e jornais da época, 132 textos em prosa e 299 poemas<sup>49</sup>. Depois de sua morte, foram encontrados na grande arca em que guardava seus escritos (e que o acompanhou em suas várias mudanças de residência), cerca de 27 mil papéis, entre ensaios, poemas (mais de mil), contos, crônicas, romances inacabados, diários, projetos, etc.

Este estudo vai se ocupar do Fernando Pessoa poeta, prosador, contista, tradutor, filósofo, crítico literário, ensaísta político; da criança exilada na África do Sul, do homem de educação inglesa exilado em seu próprio país, ele – o estrangeiro de si mesmo. Importa tirar-lhe a máscara e construir um perfil psicológico e psicopatológico deste, que é um dos maiores gênios da história da humanidade.

Lê-se em “Escritos Autobiográficos, automáticos e de Reflexão Pessoal”<sup>129</sup>:

*...Assim, organizar a nossa vida que ela seja para os outros um mistério,  
que quem melhor nos conheça, apenas nos desconheça de mais perto que os  
outros.*

E ainda:

*Repudiei sempre que me compreendessem. Ser compreendido é prostituir-se. Prefiro ser tomado a sério com o que não sou, ignorado humanamente, com decência e naturalidade.*

Mas a máscara cumpre seu duplo papel de esconder e mostrar. A farta documentação deixada por ele e sobre ele, nos permitirá esquadrihar a sua vida em busca de suas idiossincrasias, de seu funcionamento mental, de sua forma de existir no mundo.

Estima-se hoje que haja mais de cinco mil textos – entre livros, teses, ensaios, peças de teatro, sobre Fernando Pessoa. Um deles é “O Caso Clínico de Fernando Pessoa” do psiquiatra português Mário Saraiva <sup>155</sup>. De tudo isto, poderíamos assumir que não só já lhe tiraram a *máscara que estava agarrada à cara*, como lhe dissecaram o corpo todo. Mas, nosso poeta é uma fonte inesgotável - *A cisterna contém. A fonte transborda* <sup>48</sup>.

Robert Bréchon diz não haver estudo profundo da natureza singular do humor de Pessoa e completa: “...foi dito que era uma herança judaica: o riso como meio de ultrapassar a contradição” <sup>49</sup>.

Como analisar, entretanto, o poeta que dizia ser um “fingidor”? Será que ele fingia mesmo, ou fingia fingir? É o próprio Pessoa quem responde: *A atitude que deveis tomar para com estes livros publicados é a de quem não tivesse dado [sic] esta explicação, e os houvesse lido, tendo-os comprado, um a um, de cima das mesas de uma livraria. [...] Deveis supor [...] que menti; que ides ler obras de diversos poetas, ou de escritores diversos, e que através delas podeis colher emoções ou ensinamentos deles, em que eu, salvo como publicador, não estou nem colaboro. [...] Finjo? Não finjo. Se quisesse fingir, para que escreveria isto? Estas cousas passaram-se, garanto; onde se passaram não sei, mas foi tanto quanto neste mundo qualquer coisa se passa, em casas reais, cujas janelas abrem sobre países realmente visíveis....* <sup>134</sup>.

Aristóteles dizia, a respeito da origem da poesia: “*Parece haver duas causas, e ambas devidas à nossa natureza, que deram origem à poesia. A tendência para a imitação é instintiva no homem, desde a infância. Pela imitação adquire seus primeiros conhecimentos, por ela, todos experimentamos prazer*” <sup>26</sup>.

*A poesia foi nossa incompetência para agir.* Fernando Pessoa foi um “drama em gente”. Seus desdobramentos em vários heterônimos, sua prosa e sua vida

foram reveladores de seu sofrimento caldeirão fumegante de dores, conflitos, hesitações e, sobretudo de uma profunda nostalgia da infância e saudade da “mamam”<sup>49</sup>. Para Nietzsche:

*Quando possuímos em nós suficiente comédia e suficiente tragédia para satisfazer as nossas necessidades pessoais, preferirmos abster-nos de ir ao teatro....Quando se é alguma coisa como Fausto ou Manfredo, que nos importam os Faustos e Manfredos do teatro?*<sup>119</sup>.

## 2. JUSTIFICATIVA

A Ciência é produto de uma ação conjunta de estudiosos, é “10% inspiração e 90% transpiração”. Mas, na realidade, ela dá saltos mais largos quando aqueles cientistas mais criativos têm seu momento de “eureka”, seu instante de iluminação. O entendimento do processo de criação nos permitirá dinamizar o próprio processo criativo. O focar o tema criatividade, é lançar luz na estrada do conhecimento.

Há mais de dois mil anos Aristóteles já se perguntava por que tantos homens de eminência eram “atingidos pela melancolia”. Inúmeras pesquisas realizadas nos últimos trinta anos têm avolumado o corpo de evidência que correlaciona a criatividade aos transtornos do humor.

Estudos biográficos assim como investigações em escritores e artistas vivos mostraram um aumento consistente nas taxas de suicídio, depressão, e do transtorno bipolar do humor nesses grupos altamente criativos.

A clínica é a arte da ciência psiquiátrica, daí, que os estudos patográficos são insubstituíveis. Segundo Jaspers:

*Muitas vezes o aprofundamento penetrante num caso particular ensina fenomenologicamente o que é geral para inúmeros casos. O que se aprendeu uma vez, encontra-se na maioria das vezes logo a seguir. Na fenomenologia importa menos acumularem-se casos sem fim de que uma visão interna, o mais possível completa, de casos particulares*<sup>92</sup>.

Richard Zenith, que compilou e editou alguns textos do poeta sob a epígrafe “Fernando Pessoa – Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal” diz em defesa desta hipótese que: “Há quem defenda que todas as obras de um

poeta ou ficcionista são, em certa medida, autobiográficas. Esta tese ganha especial credibilidade quando aplicada a um escritor como Fernando Pessoa, não pela teorização que ele faz acerca de seus desdobramentos em seres ficcionais, mas pelo fato de estes seres – os heterônimos –quase não agirem, falam. E os discursos que fazem e as opiniões que afirmam, com todas as contradições, são, em grande parte o que Pessoa interiormente diz e pensa”<sup>129</sup>.

A resposta à pergunta de Kretschmer: “É o gênio, gênio, a despeito do seu componente psicopático, ou por causa dele?”<sup>100</sup>, poderá receber contribuição, sem dúvida, de estudos patográficos de pessoas de inteligência e criatividade excepcionais. A leitura de textos de matizes contrastantes - havia ali mudanças drásticas não só no estilo literário, mas no tempo dos poemas e prosas, na celeridade com que haviam sido escritos, no conteúdo que ora bradava a todo pulmões o dinamismo da modernidade , o “sentir tudo de todas as maneiras”<sup>136</sup>, ora lamentava o cansaço da vida, o tédio, o não ser nada – fez com que percebêssemos haver em Fernando Pessoa uma variação tal de humor que não eram produtos intencionais de suas dissociações heteronímicas. Poderiam ser, talvez, os fenômenos patoplásticos do transtorno bipolar.

*Vê-se também que também a ciência se apóia numa crença, não existe ciência "sem pressupostos". ( )*

*Nietzsche.*

### 3. OBJETIVOS:

#### 3.1. GERAL:

- Analisar, com enfoque psicológico e clínico-fenomenológico, a vida e obra de Fernando Pessoa.

#### 3.1.2. ESPECÍFICOS:

- Construir perfis psicológico e psicopatológico;
- Verificar a existência de associação entre produção literária e possível bipolaridade;
- Verificar a existência de co-morbidades.

*Sem contrários, não há evolução. Atração e repulsão. Razão e energia, amor e ódio, são necessários à existência humana.*  
William Blake.<sup>48</sup>

#### 4. METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa é multimetodológica quanto ao foco, envolvendo uma abordagem interpretativa e naturalística para seu assunto. Isto significa que os pesquisadores qualitativos estudam as coisas em seu *setting* natural, tentando dar sentido ou interpretar fenômenos em termos das significações que as pessoas trazem para eles <sup>168</sup>.

Consiste numa sucessão de operações e de manipulações técnicas e intelectuais a que um pesquisador submete um objeto ou fenômeno humano para extrair as significações válidas para si próprio e para os outros homens. <sup>168</sup>.

E, como força motora para o cientista na pesquisa clínico-qualitativa, está a sua consentida atitude existencialista, isto é, aqui o pesquisador percebe, em si, angústias e ansiedades no âmbito pessoal, deixa-se mover deliberadamente por elas para buscar a compreensão profunda das questões humanas e, identificando-se com o outro, acolhe as angústias e ansiedades deste. <sup>168</sup>.

Para Jaspers, compete a fenomenologia “apresentar de maneira viva, analisar as suas relações de parentesco, delimitar, distinguir da forma mais precisa possível e designar em termos fixos os estados psíquicos, que os pacientes realmente vivenciam <sup>92</sup>.

O estudo patográfico utiliza-se da fenomenologia e da psiquiatria aplicada para tenta buscar o sentido do existir humano nos produtos materiais desse existir e na biografia do sujeito.

Obedeceu-se a seqüência de documentação, leitura exaustiva desta documentação – poemas, textos em prosa (ensaios, crônicas, críticas literárias e políticas, textos filosóficos, etc.), cartas, escritos autobiográficos, biografias sobre Fernando Pessoa e vasta bibliografia nos mais diversos enfoques, sobre o poeta; busca de trabalhos científicos na *world wide web* com as palavras-chaves: criatividade, bipolaridade, transtorno do humor bipolar, espectro bipolar; livros de psiquiatria especializados em transtorno bipolar e na relação entre criatividade e

genialidade com a bipolaridade. Procedeu-se a organização do material e análise de seu conteúdo, utilizando o método clínico-fenomenológico e à submissão destes dados a nosografia atual do *Diagnostic and Statistical Manuals of Mental Disorders* – DSM-IV-TR para possível classificação diagnóstica.

*Non est magnum ingenium sine mixtura  
dementiae. Sêneca<sup>100</sup>.*

*É preciso ter um caos dentro de si para  
dar a luz a uma estrela brilhante.  
Nietzsche<sup>120</sup>*

## 5. ARTE, LITERATURA E PSICOPATOLOGIA

### 5.1 O GÊNIO E LOUCURA

Segundo os estóicos, ser sábio é tomar a razão como guia; ser louco é deixar-nos levar ao sabor das paixões<sup>67</sup>.

A genialidade foi associada à loucura em todos os tempos. Filósofos, alienistas e laicos registraram ao longo da história o que lhes pareciam ser essa relação:

Schopenhauer afirmava categoricamente que “O gênio está mais próximo da loucura do que do intelecto mediano”. O próprio Sócrates atribuía a condução de sua vida interior ao seu “Daemon”, sua voz interior<sup>100</sup>.

Kretschmer, por sua vez falava que “Apenas isto pode ser dito: que a doença mental e, mais especificamente aquelas condições definidas como doentias na fronteira da doença mental, são decididamente mais freqüentes entre os gênios, pelo menos em certos grupos, do que entre a população geral”. Ele se perguntava se o gênio é gênio apesar do componente psicopático ou por causa dele. De certa forma o próprio Kretschmer respondeu dizendo “Que as condições maníaco-depressivas em suas formas mais leves têm relação com a produção criativa. Temos que considerar aqui, principalmente os sintomas hipomaníacos em suas formas menos intensas, com seus estados emocionais inflamados e sua efervescente produção de idéias, a qual tem a natureza de uma exibição de fogos de artifício mental.” Ou ainda “De tudo isso, nos é permitido afirmar que a doença mental de qualquer tipo, leva na grande maioria dos casos a diminuição do poder mental e inadequação em ambiente social, mas que em uns poucos excepcionais casos de homens com uma constituição mental especial e grande talento, ela leva ao desenvolvimento da genialidade. E essa estimulação ao gênio produtivo ocorre nos estágios iniciais e fronteiros da doença mental<sup>100</sup>.

Lombroso, assim como Kretschmer, associava o fenômeno da genialidade à doença mental. “Da mesma forma que os Gigantes pagam um pesado tributo pela estatura com a esterilidade e a relativa fraqueza muscular e mental, também os Gigantes do pensamento expiam sua força intelectual em degeneração e psicose. Assim é que sinais de degeneração são encontrados mais freqüentemente entre gênios que entre os insanos.”<sup>106</sup>

Em hebraico assim como em sânscrito, o termo lunático é sinônimo de profeta, lembra Cesare Lombroso, professor de Medicina Legal da Universidade de Turim. Em seu livro *The Man of Genius* ele faz uma minuciosa análise sobre os inúmeros aspectos que possam estar envolvidos com a ocorrência de genialidade, influências meteorológicas, climáticas, hereditárias, aquelas relacionadas à inserção na sociedade com seus diversos graus de civilidade e oportunidade e dedica alguns capítulos à associação entre gênio e loucura. Não deixa de examinar a luz da psiquiatria, homens ilustres de vários campos. Assim, figuras tais como Comte, Rousseau, Schopenhauer e Baudelaire e muitos outros são discutidas quanto às suas peculiaridades caracterológicas e psicopatológicas. Baudelaire era o tipo de lunático possuído por um *Délire des Grandeurs* e vinha de uma família de loucos e excêntricos. August Comte, o precursor do Positivismo foi assistido durante dez anos por Esquirol. Rousseau confessa que “Minha imaginação nunca é tão alegre quanto quando estou sofrendo... Se eu desejar descrever bem a primavera, tem que ser inverno...”. Lombroso diz que o mais completo tipo de loucura em gênios nos é apresentada por Schopenhauer... Todos os sintomas característicos dos vários degraus que levam à insanidade, da rápida passagem, da profunda tristeza à alegria excessiva, podem ser encontrados em Schopenhauer. Bipolares todos os quatro<sup>106</sup>.

É verdade que há vantagens e desvantagens na genialidade. Não apenas a fama é negada aos gênios durante suas vidas, mas até mesmo os meios de subsistência. Depois de mortos eles recebem monumentos e retórica como forma de recompensa. E por que isso acontece? Nem o ciúme dos rivais nem a inveja dos homens medíocres são suficientes para explicá-lo. A razão é que se deixarmos de lado certos estadistas, os gênios carecem, de fato, de senso para a vida prática (Lombroso, 1891)<sup>106</sup>.

Temos ainda em Lombroso:

*Muitos homens geniais que se auto-analisaram e falaram sobre seus momentos de inspiração, o descreveram como uma febre doce e sedutora, durante a qual seus pensamentos se tornaram mais rápidos e involuntariamente produtivos...*

*Os gênios sentem e percebem mais, com maior vivacidade e tenacidade que os outros homens. Suas recordações são mais ricas e suas associações mentais mais produtivas. Pequenas coisas acidentais que pessoas comuns sequer notam, são observadas por eles, trazidas juntas em milhares de formas ao que nós chamamos criações e que são apenas combinações binárias ou quaternárias de sensações. Qualquer um que tenha a rara sorte de conviver com pessoas geniais é logo surpreendido pela facilidade com que eles se julgam perseguidos e encontram em todo lugar, profundas e infinitas razões para tristeza e melancolia.*

*Nessa perseguição, os gênios não encontram inimigos mais terríveis que os acadêmicos, que possuem as armas do talento, o estímulo da vaidade e o prestígio pela preferência dada a eles pelos vulgos e pelos governantes que, em grande parte são medíocres.*

“É sabido que Corneille, Descartes, Virgílio, Addison, La Fontaine, Dryden, Manzoni e Newton eram quase incapazes de se expressarem em público”.

Goethe confessa que, “Meu caráter passa da extrema alegria à extrema melancolia” e que “Cada aumento no conhecimento é um aumento de dor”.

É comum entre os gênios a consciência da própria genialidade, a certeza de ter uma missão a cumprir - “Victor Hugo foi dominado por uma idéia fixa: se tornar o maior poeta e o maior homem de todos os séculos e de todos os tempos. – Dumas.”

“Hegel, acreditava em sua própria divindade. Ele começou um discurso com estas palavras: Eu devo dizer assim como Cristo, que não apenas ensino a verdade, mas também que Eu sou a verdade”.

“Muitos gênios têm abusado de bebidas alcoólicas. Coleridge, em função de sua fraqueza de vontade e do abuso que fazia de bebidas alcoólicas e do ópio, nunca obteve sucesso na execução de nenhum de seus projetos gigantescos.”

“Deve ser observado que uma enorme proporção de gênios judeus têm sido radicalmente criativos; revolucionários em política, em religião e na ciência. Os judeus iniciaram o niilismo e o socialismo, o mosaicismo e o cristianismo. O

comércio deve a eles a moeda de troca, a filosofia deve a eles o positivismo, a literatura, o neo-humorismo.”<sup>106</sup>.

“Eles têm que estar continuamente viajando. Poe foi o desespero de seus editores porque ele ficava continuamente vagando entre Boston, Nova York, Richmond, Filadélfia e Baltimore”. “Mudar de lugar, diz Rousseau, é uma necessidade para mim”.

“Todos os gênios insanos são preocupados com os seus próprios egos. Eles muitas vezes conhecem e proclamam suas próprias doenças e parecem obter algum alívio de seus inexoráveis ataques, confessando-os”.

Eis o que diziam grandes pensadores:

Aristóteles afirmava: “Poetas artistas e estadistas famosos, freqüentemente sofrem de melancolia ou loucura, como Ajax. Em tempos recentes, esta disposição ocorreu em Sócrates, Empédocles, Platão e muitos outros, mas especialmente em nossos poetas.”

Diderot: “Muitas vezes penso que esses homens reservados e melancólicos devem seus extraordinários, quase divinos, poderes aguçados de insight à perturbação temporária de todo o mecanismo. Percebe-se como isto os leva ora a pensamentos sublimes, ora a pensamentos insanos... Como é próxima a genialidade da loucura!”

Goethe: “Ah, como ele esbraveja – o infeliz – e não sabe contra o que está esbravejando...”

Nietzsche: “Onde está a loucura com a qual você deveria ter sido inoculado?”<sup>106</sup>.

Schopenhauer diz de forma curta e seca que “a genialidade está mais perto da loucura do que a inteligência mediana”.

“Sócrates atribuía a direção de sua vida subjetiva ao seu ‘daimon’, a sua voz interior...”

Desabafo de Virginia Woolf :

*Escrever um trabalho de gênio é quase sempre uma façanha de prodigiosa dificuldade. Tudo é contrário à probabilidade que isso venha de todo da mente do escritor. Geralmente circunstância materiais são contra isso, cachorros latem, pessoas interrompem, precisa-se ganhar dinheiro; a saúde vai à falência. Além disso, acentuando todas suas dificuldades e*

*fazendo-as mais duro de suportar é a notória indiferença do mundo. Eu não pedi as pessoas para escrever poemas e romances e histórias; ele não precisa deles. Não me importa se Flaubert encontra a palavra certa ou se Carlyle escrupulosamente verifica este ou aquele fato. Naturalmente, ele não vai pagar pelo que ele não quer. E assim, escritores, Keats, Flaubert, Carlyle, sofrem, especialmente em seus criativos anos da juventude, toda forma de distração e desencorajamento. Um brado, um choro de agonia, vêm desses livros de análise e confissão. “Poderosos poetas e mortos em suas misérias” – este é o fardo de suas músicas. Se algo sobrevive a despeito de tudo isso, é um milagre, e provavelmente nenhum livro nasce totalmente e sem seqüelas como foi concebido* <sup>39</sup>.

Aristóteles (384-322 a.C.), conhecido na Idade Média como simplesmente “O Filósofo”, tinha uma insaciável curiosidade científica. Seu livro conhecido como *Problemata* (Problemas) consiste, em essência, de centenas e centenas de perguntas acompanhadas por suas respostas provisórias sobre tópicos que abrangem desde frutas à estrutura do olho. No livro XXX, o autor faz uma breve, porém importante, análise de “problemas conectados ao pensamento, inteligência e sabedoria”(Hett [trad.]1965, *Apud* Pies, 2007). O livro começa com a famosa e provocativa questão, “Por que todos os homens que se tornam eminentes em filosofia, política, poesia ou em artes, são melancólicos” (Hett [trad.], 1965, *Apud* Pies, 2007) <sup>141</sup>.

Desde tempos remotos que tem sido observado que indivíduos extremamente criativos são incomuns de várias maneiras e isso tem sugerido que processos psicológicos semelhantes àqueles observados na loucura podem ser componente importante das habilidades especiais dos gênios <sup>124</sup>.

Em relatos, tais como o do seguimento e estudo de 1000 gênios durante 35 anos em Standford, o estudo psicobiográfico de homens eminentes feito por Ellis, o estudo de Mackinnon sobre a criatividade de arquitetos e outros, sugerem uma conexão entre criatividade e Saúde Mental e não com a Doença Mental <sup>124</sup>.

Estudos biográficos oferecem indicações impressionantes de que escritores eminentes sofrem mais problemas do que outros indivíduos criativos eminentes ou mesmo de que a população geral. Apesar da robustez da estatística, eles devem ser considerados com cautela <sup>124</sup>.

Possivelmente aqueles indivíduos criativos que têm histórias de vidas dramáticas e mortes precoces tenham mais chance de se tornarem eminentes e de terem biografias escritas sobre elas.

As idéias de que os gênios nascem gênios e não são feitos gênios é altamente arraigada. Francis Galton, um influente psicólogo do século XIX, afirmou ter fornecido evidência da herança da genialidade de pais para filhos. Na amostra de Galton, 48% dos filhos eminentes tinham pais eminentes; 51% desses filhos eminentes tiveram sua própria prole eminente. Clarke, contudo, verificou que apenas 1% dos eminentes homens de letras dos E.U.A. do início do século XX tinha parentes eminentes <sup>150</sup>.

Num estudo conduzido por Rothenberg (2004), foram traçados padrões de background familiar pertinentes à hipótese da transmissão hereditária da genialidade ou criatividade usando o background familiar de ganhadores de prêmios literários notáveis e comparando-os com os de outras pessoas eminentes em outros campos. Os achados mostram herança ocupacional mínima, contradizendo tese de Galton. A preponderância de ocupações equivalentes às dos pais assim como o desejo de criatividade frustrados dos pais dos eminentes criativos poderiam apontar para um padrão de herança recessiva ou transmissão dominante com supressão ambiental. Ocupações equivalentes dos pais devem envolver habilidades semelhantes à dos filhos criativos. Desejos criativos frustrados podem indicar potencial criativo não realizado <sup>149</sup>.

*...é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heróis,  
loucos os santos, loucos os gênios, sem os quais a humanidade é  
uma mera espécie animal, cadáveres adiados que procriam.*  
Fernando Pessoa.

## 5.2. ESTUDOS PATOGRÁFICOS

Toda vida psíquica é *um todo como forma temporal*. Se quisermos apreender um indivíduo, temos de possuir a visão de sua vida desde o nascimento até a morte  
91 .

Toda história clínica correta vai dar *na* biografia. Enraizada no todo existencial, a doença psíquica não se pode, dele destacada, apreender. O material mais abundante para a biografia está, decerto, em personalidades que são, ao mesmo tempo, historicamente importantes. O apuro das histórias clínicas modernas, os esforços das anamneses e catamneses têm, contudo, possibilitado e também, em casos individuais, realizado biografias de pacientes, biografias consideravelmente pujantes. A tarefa é antiga. IDELER já escrevia “Biografias de Doentes Mentais”. São biografias aquelas histórias clínicas que não pretendem mostrar um fenômeno, nem o mero indivíduo como caso mórbido, e sim uma vida (neste sentido é que BÜRGER-PRINZ chama com razão biografia sua patografia de Langbehn). O ideal dos psicopatologistas são figuras vitais claras, evidentes, representativas, que constituam tanto “casos” quanto indivíduos; daí interessarem como ilustração tanto de uma forma mórbida quanto destes homens. O pólo nosológico e o pólo biográfico unificam-se.

Para Jaspers (1979), patografiassão biografias cuja finalidade é apresentar ao psicopatologista aspectos interessantes do psiquismo e esclarecer-lhe a significação dessas manifestações e fenômenos para a gênese das criações do indivíduo em causa. O que se fica sabendo pela patografia de homens importantes e, sobretudo, mediante o vulto do material biográfico concreto que só assim se obtém, é importante, retrospectivamente, para a própria psicopatologia. Pela patografia, que promove e aprofunda a observação, se pode ver o que não aparece nos pacientes comuns e naqueles internados. É aconselhável que todo psicopatologista forme

conhecimento concreto de certas existências importantes pela leitura de boas patografias.

O psiquiatra espanhol Juan Antonio Vallejo-Nágera escreve sobre "o talento e a sua modificação pela doença" em seu livro *Loucos Egrégios*. Diz Vallejo-Nágera que "muitos psiquiatras tiveram o impulso de fazer a história clínica de personagens do passado usando os conhecimentos atuais. Esses estudos se chamam 'patografias'". Seu pai, igualmente psiquiatra, Antonio Vallejo-Nágera publicou em 1946 um livro dessa natureza também chamado *Loucos Egrégios* onde reuniu mais de cem patografias. Segundo Vallejo-Nágera, o Juan Antonio, "Para penetrarmos no psiquismo de uma pessoa, poucos elementos podem ser tão úteis quanto a sua correspondência íntima" <sup>172</sup>.

Escrito em 1922 por Karl Jaspers, professor de Psiquiatria e Filosofia em Heidelberg, o livro "Gênio e Loucura – Ensaio de Análise Patográfica Comparativa sobre Strindberg, Van Gogh, Swedenborg e Hölderlin", inaugura os estudos patográficos. Para Jaspers, "A mera interpretação de uma biografia já se constitui, por si, um tema suficientemente sugestivo para a psicopatologia aplicada..." "...además, a esse interesse se acrescenta de forma extraordinária, pela importância que tem para essa ciência, as histórias clínicas dos enfermos de semelhante valor intelectual" <sup>90</sup>.

Depois de sua morte, em 1886, foram descobertos no banheiro de Emily Dickinson quase 1800 poemas e manuscritos. McDermott (2001) analisou a sua produção literária e verificou que o grande corpo da obra de Dickinson foi escrito durante um período claramente definido de 8 anos, quando ela tinha entre 28 e 35 anos. Os poemas escritos neste período, 1858 a 1865, foram agrupados por ano examinados por distribuição anual e sazonal <sup>112</sup>.

Seu período de oito anos de produtividade foi marcado por duas fases de quatro anos. A primeira mostra um padrão sazonal caracterizado por maior desempenho criativo na primavera e verão e menor durante o outono e inverno. Esse padrão foi interrompido por uma crise emocional que marcou o começo da segunda fase, um período de quatro anos seguidos de produtividade grandemente aumentada e da emergência de um estilo poético revolucionário. Um estudo recente usando compilação de cartas escritas por Dickinson, no lugar de seus poemas como fonte autobiográfica, confirmam um ataque de ansiedade paroxística quando ela

tinha então 24 anos de idade. Os sintomas que ela descreveu preenchem os critérios do DSM IV para ataque de pânico, seguido rapidamente pelo desenvolvimento de agorafobia durante o mesmo ano, também descrito em outras cartas suas <sup>112</sup>.

Jamison (1993) examinou a vida dos maiores poetas irlandeses e britânicos nascidos entre 1705 e 1805. Ela encontrou uma “intrigante alta taxa de transtorno do humor, suicídio e institucionalização” entre os sujeitos e seus familiares. Baseando sua pesquisa em informações biográficas e autobiográficas, Jamison concluiu que os poetas que ela examinou tinham trinta vezes mais chance de ser afetados pelo transtorno bipolar I e quase vinte vezes mais chance de sofrer do transtorno depressivo maior <sup>69</sup>.

*A loucura, longe de ser uma anomalia, é a condição normal humana. Não ter consciência dela, e ela não ser grande, é ser homem normal. Não ter consciência dela e ela ser grande, é ser louco. Ter consciência dela e ela ser pequena é ser desiludido. Ter consciência dela e ela ser grande é ser gênio.*  
Fernando Pessoa.

### 5.3 PERSONALIDADE, CARÁTER E TEMPERAMENTO

Chamamos personalidade (do latim *persona*: máscara teatral, por trás da qual o ator falava; palavra derivada de *per sonare*: soar através) ao conjunto integrado de traços psíquicos, consistindo no total das características individuais, em sua relação com o meio, incluindo todos os fatores físicos, biológicos, psíquicos e socioculturais de sua formação, conjugando tendências inatas e experiências adquiridas no curso de sua existência. Sua estrutura, portanto, mostra-se essencialmente dinâmica, podendo ser mutável – sem ser necessariamente *instável* – e encontra-se em constante desenvolvimento <sup>40</sup>.

Segundo López Ibor, as duas conotações etimológicas do termo *personalidade* apontam para um sentido comum; o autor/ator faz ressoar a sua voz, a sua versão da história, pelas diversas máscaras, dos diversos personagens que cria. Acrescentaríamos à interessante nota de López Ibor, que o autor teatral, ao fazer ressoar sua voz pelas máscaras que cria, isto é, ao mesmo tempo em que se esconde, revela-se, pois seus personagens, suas máscaras denunciam dialeticamente meandros do que busca esconder. O poeta Fernando Pessoa exprime de forma sumamente elegante essa dialética constante da personalidade, dialética do esconder-se e do revelar-se simultaneamente:

O poeta é um fingidor.

Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor

A dor que deveras sente <sup>60</sup>.

Do ponto de vista empírico-objetivo, envolve a personalidade a tonalidade dos atributos que constituem a vida psíquica do indivíduo. Aqui se acham subentendidos, por conseguinte: a) o temperamento, conjunto de disposições e propriedades instintivo-afetivas que definem o indivíduo, quanto à constância e estabilidade de

sua maneira de sentir e reagir; b) o caráter, conjunto de predicados morais, explicitamente traduzidos nas peculiaridades do modo de agir de cada um, através do sistema funcional dito eferente, centrífugo ou volitivo; c) a inteligência, síntese exponencial, que exprime a resultante funcional dos chamados atributos intelectuais superiores, cognoscitivos e produtivos <sup>121</sup>.

Essa inclusão da Inteligência entre as componentes da personalidade é, todavia, ainda hoje, questão aberta. Há, sem dúvida, quem prefira silenciar a esse respeito, passando ao largo do problema. Outros, porém, e dentre estes Kretschmer, Gruhle, K. Schneider, Lersh, pronunciaram-se negativamente, optando pela exclusão da inteligência e reduzindo assim o esquema da personalidade ao *núcleo endotímico vital* da pessoa humana <sup>121</sup>.

Nem tudo que varia individualmente, incluímos na personalidade. Nela não incluímos as variações individuais do aparelho psicofísico sobre o qual se edifica a personalidade. Não podemos confundir com a personalidade aquelas capacidades realizativas, mnêmicas, a fatigabilidade, a produtividade etc., isto é, aqueles atributos básicos do mecanismo psicofisiológico, talentos, inteligência, enfim, os instrumentos que são, certamente, requisitos da personalidade e do respectivo desenvolvimento, mas que não são ela mesma; isso se quisermos distinguir aquilo que é em si compreensivelmente conexo daquilo que, a dado momento, se apresenta incompreensível. E é, sobretudo, a estreita conexão recíproca entre inteligência e personalidade que não nos permite conceber uma e outra como sendo uma coisa só. Aquela é um instrumento, ou ferramenta, que podemos experimentar, medir, avaliar segundo os serviços que presta; esta, uma conexão consciente de si mesma no eu <sup>92</sup>.

Na estrutura da personalidade, distinguir-se-ão ainda três categorias: 1. O andamento da excitabilidade emocional, ou seja, a duração das ondas emocionais, a energia da reatividade. São as diversidades do “temperamento”, que oscilam do fleumático ao sangüíneo. 2. O humor vital predominante, que oscila do melancólico ao eufórico, do díscolo ao êucolo. 3. As qualidades formais dos processos volitivos oscilam da forte acentuação volitiva à fraqueza da vontade. A acentuação volitiva apresenta-se ativa na energia, na iniciativa, na espontaneidade atuativa; passiva, na obstinação, na tenacidade, na resistência, na modalidade reativa que se configura em capricho e teimosia <sup>92</sup>.

A idéia de que a cada tipo morfológico corresponde um modo de ser especial remonta a milênios. Nesse sentido, todas as questões médicas repousam sobre a teoria dos quatro elementos do filósofo pré-socrático Empédocles (500-430 a.C.), a saber: água, terra, ar e fogo. A estes quatro elementos correspondem quatro qualidades: quente, frio, seco e úmido. Hipócrates de Cós (cerca de 460-377 a.C.), ao utilizar esta concepção quaternária da natureza, irá desenvolver uma concepção correspondente do organismo, com quatro fluidos ou humores básicos.

Hipócrates ensinava que o corpo humano era formado de quatro humores – a linfa, o sangue, a bile e a atrabile; a que corresponderiam os temperamentos, ditos – linfático, sangüíneo, biliosos e atrabiliário. Essa assim chamada “doutrina dos quatro temperamentos” veio ser retomada e ligeiramente refundida por Galeno, já no século II da era cristã, com a aceitação dos quatro humores hipocráticos – o sangue (quente e úmido), em oposição à atrabile (fria e seca), e a pituita (fria e úmida), em oposição à bile (quente e seca), e seus temperamentos respectivos, a saber: sangüíneo, melancólico, pituitoso e bilioso <sup>121</sup>.

A primeira tipologia desenvolvida na história da medicina e da psicologia foi a resultante das concepções da escola hipocrática-galênica <sup>60</sup>.

Os *tipos humanos básicos* e o surgimento da doença ou manutenção da saúde dependerão intimamente da convivência harmônica dos quatro humores essenciais do organismo humano; o sangue, a bÍlis, o fleuma (ou linfa) e a atrabilis (ou bÍlis negra, que alguns historiadores sugerem que tenha sua origem na observação do sangue coagulado). A cada humor especificamente corresponde um órgão do corpo; ao sangue o coração, à bÍlis o fÍgado, ao fleuma o cérebro e à atrabÍlis o baço. A saúde e a harmonia do ser provêm do equilíbrio dos quatro humores, ou seja, da *eucrásis*; enquanto a doença origina-se da retenção, desequilíbrio, ou ação deletéria de algum dos quatro humores, denominada *discrásis*.

Professada depois por Celso e seus discípulos, tal doutrina passou a ser, daí por diante, periodicamente reeditada, com incontáveis variações, ao longo dos séculos <sup>121</sup>.

Coube, todavia, a Lavater, em meados do século XVIII, com o lançamento de sua tão discutida *Fisiognomia*, semear o germe do movimento renovador das concepções constitucionaiísticas, o qual só veio, entretanto, a florescer cerca de um século mais tarde: com Hallé – pintor, em Roma, e depois médico, em Paris – que

isolou, do chamado “temperamento sangüíneo”, o tipo “muscular” ou “atlético”; com Zimmerman, que descreveu o denominado “temperamento nervoso”, ou “cerebral”; e com Cabanis, que os sancionou e englobou em sua classificação, vindo a inspirar, por fim, ao seu compatriota Sigaud, a descrição daqueles quatro tipos morfológicos – o respiratório, o digestivo, o muscular e o cerebral – ainda hoje reverenciados pelos franceses <sup>121</sup>.

Pode-se dizer, não obstante, que foi principalmente sob a influência dos trabalhos pioneiros de De Giovanni, na Itália, e de Benecke, na Alemanha, que teve início o grande surto biotipológico contemporâneo, consubstanciado já na primeira metade do século XX, graças ao estudo de Viola e Pende e seus discípulos (especialmente Barbara, Gelera, Castellino). Tal movimento veio a ter considerável repercussão nos Estados Unidos, por obra das contribuições de Walter Mills, cuja classificação (hiperestênicos, mesostênicos, hipostênicos, astênicos) desfrutava, até há bem pouco, a preferência dos clínicos norte-americanos. Também entre nós, as concepções biotipológicas lograram conquistar grande prestígio, durante alguns decênios, a princípio sob a influência das idéias de Walter Mills, e, posteriormente, das de Viola e Pende, aqui introduzidas e adotadas pela “escola Rocha Vaz” <sup>121</sup>.

Eis, a seguir, um quadro demonstrativo das possíveis correspondências e discordâncias, existentes entre os vários tipos morfológicos, constantes das principais classificações aludidas <sup>121</sup>:

<i>Hipócrates</i>	<i>Galeno</i>	<i>Sigaud</i>	<i>W. Mills</i>	<i>Viola</i>	<i>Pende</i>
Linfático	-	Respirat ório	-	-	-
Sangüíneo	Sangüíneo	Digestivo	Hiperestênico	Brevilíneo	Macrosplâncnico
Bilioso	Bilioso	Muscular	Mesostênico	Normolíneo o	Normosplâncnico
Atrabiliário	Melancólic o	Cerebral	Hipostênico Astênico	Longilíneo	Microsplêncnico
	Pituitoso	-	-	-	-

Os aspectos psicológicos mais característicos dos quatro temperamentos são, segundo resumo de Gaillat (1976):

1. *Sangüíneo*: De fâcies rosada, porte atlético e musculatura consistente e firme. O sangüíneo é um tipo expansivo e otimista, mas também irritável e impulsivo. Submete-se de bom grado ao clamor de seus instintos.
2. *Fleumático ou linfático*: De fâcies pálida, formas arredondadas, olhar doce e vago. O fleumático é sonhador, pacífico e dócil, subordina-se a determinados hábitos e tende a levar uma existência isenta de paixões.
3. *Colérico ou bilioso*: De olhar ardente e protuberâncias musculares evidentes, possui uma vontade tenaz e muitas vezes poderosa, tende a demonstrar ambição e desejo de domínio, tem propensão a reações abruptas e explosivas.
4. *Melancólico ou atrabiliário*: É um tipo nervoso, de olhar triste e músculos pouco desenvolvidos. Seu caráter é muito excitável, tendendo ao pessimismo, ao rancor e à solidão <sup>60</sup>.

Os temperamentos na escola hipocrática-galênica

<i>Temperamentos</i>	<i>Sangüíneo</i>	<i>Linfático ou fleumático</i>	<i>Colérico</i>	<i>Melancólico ou atrabiliário</i>
<i>Humor (fluido)</i>	Sangue	Linha ou fleuma	Bílis	Atrabílis ou bílis negra
<i>Órgão</i>	Coração	Cérebro	Fígado	Baço
<i>Qualidades</i>	Quente	Frio	Seco	Úmido
<i>Elementos da natureza</i>	Terra	Ar	Fogo	Água

Em toda a psicopatologia, o que antes de mais nada se exige, é o emprego de conceitos determinados unívocos. Não há, entretanto, conceito que se use tão ambígua e variadamente quanto o de personalidade ou de caráter <sup>60</sup>.

Vemos o caráter no modo especial pelo qual um homem se manifesta, se move; na maneira por que vivencia situações, por que a elas reage; na forma por que ama, se enciúma, leva a vida; nas necessidades que tem e nas aspirações que lhe são próprias; nos objetivos que se propõe; no modo por que forma ideais e quais são estes; nos valores pelos quais se guia; no que faz e produz; na maneira por que

procede <sup>92</sup>. Sua formação é influenciada pelo ambiente familiar, social e cultural. Por exemplo, são traços de caráter: a coragem e a covardia, a suspicácia e a bonomia, a prodigalidade e a avareza, a generosidade e a mesquinhez, a crueldade e a bondade, a timidez e o exibicionismo, a lealdade e a deslealdade, etc <sup>40</sup>.

Embora, é certo, originariamente amparado em condições potenciais inatas (temperamento, instintividade, etc.), representa o caráter, todavia, um elemento *fenotípico* por excelência, posto que em sua formação preponderam influências externas, adventícias, ligadas, sobretudo, ao ambiente familiar, educacional e cultural. Convém acrescentar, a esta altura, que diferente da noção de temperamento o conceito de caráter implica obrigatoriamente um *juízo de valor* sobre a pessoa. O *Ethos* é, com efeito, dimensão inapartável desse conceito. Assim, quando dizemos, por exemplo, que alguém é alegre, triste, expansivo, retraído, sensível, emotivo, etc., é claro que estamos aludindo aqui a temperamento. Mas, se ao revés, usarmos qualificativos, tais como – desconfiado, generoso, desleal, altivo, indiscreto, ardiloso, intrigante, etc., é ao caráter, evidentemente, que nos estamos referindo <sup>121</sup>.

O caráter reflete o temperamento moldado, modificado e inserido no meio familiar e sociocultural. É a resultante, ao longo da história pessoal, da interação constante entre o temperamento e as expectativas e exigências conscientes e inconscientes dos indivíduos que criaram determinada pessoa <sup>60</sup>.

Em certos casos, o caráter se desenvolve no sentido oposto do temperamento, por sobre-compensação psíquica; muitas vezes um indivíduo com caráter exibicionista e teatral esconde um temperamento tímido e fóbico, ou um caráter agressivo e audaz encobre um temperamento medroso e angustiado <sup>60</sup>.

Mas não se pode confundir extroversão com desinibição. Assim um indivíduo pode ser altamente introvertido sem ter nada de tímido, nem ter nenhuma das dificuldades de contato social de uma personalidade esquizóide <sup>40</sup>.

Denomina-se constituição ao “conjunto de caracteres morfológicos e físico-químicos do indivíduo, gravados sobre a sua hereditariedade”. E temperamento – ao “conjunto de qualidades afetivas, que caracterizam o indivíduo, tanto na maneira de como ele experimenta os afetos, como no seu modo de reação” <sup>121</sup>.

Constituição. Incluem-se aqui o tamanho e a forma corporais, a robustez e a fragilidade, a suscetibilidade e a resistência às doenças, assim como inúmeras

outras peculiaridades inatas. Observe-se que a constituição nem sempre corresponde exatamente ao tipo físico, estando, ambos, respectivamente relacionados aos conceitos biológicos de genótipo e fenótipo. Assim, por exemplo, um indivíduo de constituição natural robusta (genotípica) pode vir a apresentar um porte pequeno e delgado (fenotípico), caso haja sido submetido a privações alimentares durante a infância. Da mesma forma, um indivíduo de biótipo longilíneo devido a uma vida sedentária e a uma alimentação inadequada e excessiva, pode vir a tornar-se gordo; neste caso, a gordura tenderá a mostrar-se desarmônica, mal distribuída e os prejuízos à saúde serão maiores <sup>40</sup>.

Temperamento consiste na forma básica de reação individual aos estímulos, em suas tendências afetivas e instintivas fundamentais; relaciona-se com a constituição nas suas origens genotípicas. Por exemplo, são traços de temperamento: a expansividade, a introversão, a sensibilidade, a emotividade, a explosividade, etc. <sup>40</sup> É o conjunto de particularidades psicofisiológicas e psicológicas inatas, que diferenciam um indivíduo de outro. Os temperamentos são determinados por fatores genéticos ou constitucionais precoces produzidos por fatores endócrinos ou metabólicos. Assim os indivíduos nascem com temperamentos astênicos, com uma tendência à passividade, à hipoatividade, à “vida mansa”; outros nascem com temperamento estênico, ativos, com forte tendência à iniciativa, a reagir prontamente aos estímulos ambientais, e assim por diante <sup>60</sup>.

Os temperamentos podem ser classificados em suas características básicas, discerníveis até mesmo nos animais superiores, como os cães. No entanto, entre os seres humanos, a sua relevância na formação e desenvolvimento do psiquismo é muito menor e não se pode esquecer que mesmo entre sujeitos de temperamento muito semelhante, as suas personalidades individuais mostram-se sempre diferentes. Um mesmo evento (por exemplo, uma doença qualquer) pode freqüentemente proporcionar vivências muito diversas para os diversos indivíduos. Por essa razão, o diagnóstico, assim como o prognóstico e também o tratamento, devem ser necessariamente individualizados <sup>40</sup>.

Constituição e temperamento são assim, pois, componentes genotípicos da personalidade. Já o caráter, no entanto, é a manifestação figurativa, vale dizer, concreta, explícita e objetiva da pessoa humana. O temperamento define as tendências afetivas *básicas* do indivíduo e, portanto, o seu tipo inicial de reação e de

conduta, aos estímulos possíveis, tanto internos como externos. Mas é o caráter, precisamente, que expressa a sua maneira peculiar e habitual de atuar e proceder no cenário social <sup>121</sup>.

Variações da energia psíquica. Fala-se em complexos sintomáticos neurastênicos e psicastênicos:

1. O complexo sintomático neurastênico define-se pela “fraqueza excitável”: de um lado, sensibilidade e excitabilidade extraordinárias; sensibilidade tormentosa, tendência a responder com facilidade anormal a estímulos de toda sorte; doutro lado, fatigabilidade anormalmente rápida e recuperabilidade lenta. O cansaço é sentido, subjetivamente, com muita intensidade: inúmeras incomodidades e dores, sensação de peso na cabeça, tendência geral a sentir-se molestado, abatimento, sensação intensa de cansaço e fraqueza – não tardam a transformar-se em sintomas permanentes. Incluem-se nesse complexo sintomático todos os fenômenos que se conhecem como resultantes do cansaço, da exaustão, do trabalho excessivo, do *surmenage*, mas também só deles, quando já se apresentam por força de estímulos ou esforços mínimos, ou então acompanhando permanentemente a vida como tal.

2. O complexo sintomático psicastênico delimita-se menos nitidamente, resumindo-se os fenômenos que nele se incluem à noção teórica de “diminuição da energia psíquica”; diminuição que se apresenta na incapacidade psíquica geral de resistir às vivências. O indivíduo prefere esquivar-se ao máximo à sociedade, a fim de não ficar entregue às situações em que seus “complexos”, ora atuando de forma intensamente anormal, lhe tiram a presença de espírito, a memória, a firmeza. Perdida toda a confiança em si, pensamentos obsessivos acorrentam-no ou perseguem-no, turvando-lhe a consciência; temores infundados atormentam-no, dificultando-lhe decisões, criando-lhe dúvidas, fobias, que, em certas circunstâncias, impossibilitam qualquer atitude. São inúmeros os estados psíquicos e afetivos anormais que se estudam e analisam com auto-observação compulsiva. A inclinação que, necessariamente, ocorre à inércia, ao sonho, agravam ainda mais os sintomas

## POÉTICA

*Estou farto do lirismo comedido  
Do lirismo bem comportado  
Do lirismo funcionário público com livro de ponto  
[expediente protocolo e manifestações de apreço ao Sr. Diretor (...)]  
Quero antes o lirismo dos loucos  
O lirismo dos bêbedos  
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos  
O lirismo dos clowns de Shakespeare.  
-- Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.*

Manuel Bandeira <sup>38</sup>.

## 5.4 ESPECTRO BIPOLAR

O filósofo grego Aristóteles considerado o autor do trabalho intitulado *Problemata* parece ter reconhecido algumas formas de espectro bipolar há mais de um milênio <sup>141</sup>.

Inspirados em idéias da Grécia antiga e de Emil Kraepelin, muitos autores vem propondo a expansão do conceito de bipolaridade para além dos critérios atualmente válidos <sup>20</sup>.

Até recentemente acreditava-se que não mais que 1% da população tinha transtorno bipolar. Dados transatlânticos emergentes começaram a fornecer evidência convergente para uma maior prevalência para pelo menos 5%. Estados maníacos, mesmo aqueles com características de humor incongruente, assim como mania mista (disfórica) são agora formalmente incluídos em ambos DSM IV e CID 10. Estados mistos ocorrem em média em 40% dos pacientes bipolares ao longo da vida; evidências atuais apóiam uma definição mais ampla de estados mistos consistindo de um quadro de mania com todos os critérios preenchidos e dois ou mais sintomas depressivos. O maior aumento da prevalência, no entanto, deve-se a expressões clínicas mais brandas de bipolaridade situadas entre os extremos de quadros bipolares “completos” onde a pessoa tem pelo menos um episódio maníaco (bipolar I) e transtorno depressivo unipolar estritamente definido sem história pessoal ou familiar de períodos de excitação. Transtorno bipolar II é o protótipo destas condições intermediárias com depressão maior e história de episódios hipomaníacos espontâneos; evidências atuais indicam que a maioria das hipomanias possuem um curso recorrente e que sua duração usual é de um a três dias, falhando em atender aos necessários quatro dias estipulados pelo DSM IV. Depressões com hipomania

associada ao uso de antidepressivos (às vezes chamada de bipolar III) também parecem, mesmo negligenciados por ambos, DSM IV e CID 10, pertencer ao espectro clínico bipolar <sup>7</sup>.

#### 5.4.1 HISTÓRICO

Os primeiros escritos sobre a existência da melancolia datam da civilização greco-romana e são descritas em personagens bíblicos como o rei Saul, no antigo testamento, e mitológicas, como na *Ilíada*, de Homero.

Saul, rei de Israel, um homem bravo, alto, forte e um valente guerreiro, luta contra os filisteus de maneira corajosa, mas em um dado momento, uma tristeza e um tormento tomam conta de sua vida. Não tem mais certeza de sua força e bravura, pensamentos de morte e tragédia passam a tomar conta dos seus dias, seus servos, preocupados, chamam a Davi, que tinha fama de tocar harpa e acalmar os estados de espírito; então, o atormentado rei se acalma. Saul melhora e tempos depois, volta a se sentir triste, desesperançoso e novamente atormentado. Não vendo saída para a sua situação, acaba por suicidar-se (Angst, 2001; *Apud* Alcantara, 2003) <sup>20</sup>.

Hipócrates no século IV e V a.C. descrevia a melancolia (*melan*: negro; *cholis*: bile) como uma condição associada à aversão ao alimento, desalento, abatimento, insônia, irritabilidade e inquietude e afirmava que o medo ou a depressão prolongados significavam melancolia. Para ele, as doenças mentais seriam fenômenos derivados de um distúrbio humoral subjacente. Essa definição biológica que sobreviveu até o Renascimento fez parte da compreensão de que a saúde seria o equilíbrio dos quatro humores: sangue, bile amarela, bile negra e fleuma, e de que todas as doenças seriam produto do distúrbio desse equilíbrio. A importância dessa teoria consiste na substituição da superstição pela biologia e na adoção do modelo de observação clínica como os componentes mais importantes para relatos de médicos e filósofos (Angst, 2001; *Apud* Alcantara, 2003; e Cordás, 2002, *Apud* Alcantara, 2003) <sup>20</sup>.

Platão (427-347 a.C.), preceptor de Aristóteles, parece ter reconhecido os extremos de humor que já assinalavam o nosso construto de transtorno bipolar. Como nota Tellenbach (1980), o *Timaeus* de Platão começa com a doutrina hipocrática dos “humores” e depois estende-os para alcançar “todos os tipos de

doenças psíquicas” (*nosemata psyches*), entre eles o fenômeno da irritabilidade (*duskolias*) e depressão (*dusthumias*). Na leitura de Tellenbach, Platão também reconheceu a “natureza dinâmica das mudanças de humor” e parece ter acompanhado essa transição de *mania* (Platão distinguia tal “mania mórbida” da “mania divina” dos gênios, a quem dizia serem inspirados pelos deuses). Platão parece ter reconhecido também a *melancholia*, mas não no senso usado por Hipócrates ou pelos psiquiatras atuais. *Melancholia* para ele não era o temperamento “negro-bilioso” de Hipócrates, mas um estado de ineducabilidade (Tellenbach, 1980, *Apud* Pies, 2007) <sup>141</sup>.

Aretaeus da Capadócia, que viveu no século 1º d.C., o “clínico da mania”, foi o primeiro autor a sugerir que a mania é o estágio final da melancolia, uma visão que prevaleceu por séculos. Ele pensava que a mania e a melancolia tinham uma origem em comum na bile negra, em concordância com a teoria grega dos humores. Aretaeus também descreveu a ciclotimia. Suas observações são conhecidas hoje como o primeiro esforço nosológico em direção ao conceito moderno de transtorno bipolar (Cordás, 2002 *Apud* Alcantara, 2003) <sup>20</sup>.

Araeteus é, segundo Angst, 1986 e Marneros (2001), o mais proeminente representante dos chamados “Ecléticos”, assim chamados porque acolhiam, em sua prática, condutas e conceitos de diferentes escolas. Araeteus celebrou-se pela acurácia de suas descrições, principalmente da mania e da melancolia. Araeteus foi o primeiro autor a explicitamente estabelecer um vínculo entre a mania e a melancolia, concebendo-as como aspectos diferentes da mesma doença. No capítulo V de seu livro Sobre a Etiologia e Sintomatologia das Doenças Crônicas (citado por Angst, 1986 e Marneros, 2001) Araeteus escreveu: “Penso que a melancolia é o início e, como tal, parte da mania. O desenvolvimento da mania é o resultado da piora da melancolia, em vez de se constituir na mudança para uma doença diferente”. Mais explicitamente, escreveu: “Na maioria dos melancólicos a tristeza se torna melhor depois de variados períodos de tempo, e se converte em alegria; os pacientes então desenvolvem o que se chama de mania” <sup>61</sup>.

Galeno de Pérgamo (128 a 201 d.C.), por sua vez, estabeleceu a melancolia como uma condição crônica e recorrente que poderia ser uma doença primária do cérebro ou secundária a outras doenças. Essa é uma elaboração mais abrangente da teoria humoral (Cordás, 2002 *APUD* Alcantara, 2003) <sup>20</sup>.

Pinel, em 1809, caracterizou a melancolia como uma doença composta de um número circunscrito de delírios em oposição à mania ou delírio generalizado que afetava todas as faculdades da mente <sup>20</sup>.

Esquirol reconheceu o transtorno afetivo como uma forma distinta de perturbação mental, que ele chamou “lypemanie” (de perda, inibição e delírio mental) e abandonou o termo melancolia por considerá-lo excessivamente leigo e impróprio para uso técnico em medicina. Com seu trabalho, houve a transformação da visão de desestruturação psíquica global para o conceito de uma forma de loucura parcial, cujo distúrbio primário estaria nas emoções (Angst, 2001 *Apud* Alcantara, 2003) <sup>20</sup>.

A palavra depressão derivou-se da medicina cardiovascular da época, por referir-se à redução da função; a palavra foi aplicada aos quadros mentais de forma análoga, como depressão mental, que representavam o rebaixamento do estado de espírito de pessoas que padeciam de alguma doença <sup>20</sup>.

Na metade do século XIX, Jules Falret e J. F. Baillarger formularam a idéia de que mania e depressão representariam diferentes manifestações de uma única doença, essa corresponderia às primeiras concepções explícitas da doença maníaco-depressiva como entidade nosológica única (Cordás, 2002 *Apud* Alcantara, 2003) <sup>20</sup>.

O trabalho nosológico de Kraepelin foi decisivo para sintetizar os pensamentos de sua época e direcionar os estudos posteriores. Em 1899, ele agrupou todas as psicoses descritas anteriormente em uma entidade fundamental: doença maníaco-depressiva, que ele considerava uma afecção endógena e constitucional. Kraepelin foi o primeiro a desenvolver completamente um modelo de doença em psiquiatria, por meio de observações extensas e descrições cuidadosamente organizadas (Angst, 2001 *Apud* Alcantara, 2003; Cordás, 2002 *Apud* Alcantara, 2003 e Moreno, 2002 *Apud* Alcantara, 2003) <sup>20</sup>.

Até o fim da década de 1890, Kraepelin tendia a dividir a enfermidade maníaco-depressiva em numerosos e complexos subtipos. Na sexta edição de seu Tratado (1899) Kraepelin adotou o ponto de vista unitário, considerando que a enfermidade maníaco-depressiva abrangia os estados depressivos, a mania simples e os quadros circulares (Salvatore, Baldessarini, Centorrino et al., 2002 *APUD* Del-Porto, 2005) <sup>61</sup>.

Atendo-se ao modelo médico de doença, Kraepelin não excluiu de suas concepções os fatores psíquicos e sociais; antes os valorizou como poucos o haviam feito anteriormente. Incluindo no conceito de enfermidade maníaco-

depressiva “as formas leves da doença, que chegam aos limites dos temperamentos”, Kraepelin lançou a semente do que, nos últimos anos, vem sendo chamado de “espectro bipolar” (Goodwin e Jamison, 1990 *Apud* Del-Porto, 2005) <sup>61</sup>.

Ao fim do século XIX, no entanto, e apesar das contribuições de Falret, Baillarger e Kahlbaum, entre outros, a maioria dos clínicos continuava a considerar a mania e a melancolia como entidades distintas, crônicas, e com curso deteriorante (Goodwin e Jamison, 1990 *Apud* Del-Porto, 2005) <sup>61</sup>.

Em 1960, contudo, o renascimento do transtorno bipolar ocorreu através das publicações de Jules Angst, Carlo Pessiso e George Winokur, que independentemente mostraram que existem características clínicas, familiares e de curso da doença validando a distinção entre transtorno unipolar e bipolar; além disso, eles verificaram a existência de várias opiniões correspondentes às da escola de Wernick-Kleist-Leonhard. O conceito de transtorno unipolar e bipolar tem avançado nas últimas três décadas: marcos desse desenvolvimento incluem os estados mistos de Kraepelin, da ciclotimia de Hecker e Kahlbaum e o conceito de espectro bipolar *soft* (Akiskal) e o distinção do transtorno esquizoafetivo em formas unipolares e bipolares <sup>24</sup>.

O ano de 1966 marca o renascimento da doença bipolar com duas das mais importantes publicações na área de transtorno do humor em toda a história da psiquiatria: os trabalhos de Jules Angst (“Sobre a Etiologia e a Nosologia de Psicoses Depressivas Endógenas”) e de Carlo Perris, que publica “Um Estudo de Psicose Bipolar (Maníaco-Depressiva) e a Psicose Depressiva Recorrente Unipolar” (Moreno, 2002 *Apud* Alcantara, 2003) <sup>20</sup>.

Dunner *et al.*, em 1976, introduziram a distinção entre Bipolar tipo1 (com episódios maníacos) e Bipolar tipo 2 (com episódios tipo hipomaníacos) (Moreno, 2002 *Apud* Alcantara, 2003) <sup>20</sup>.

A abordagem diagnóstica dimensional propõe que a psiquiatria moderna promova uma mudança de suas diretrizes diagnósticas, inspirada nas idéias de Emil Kraepelin. Parte desta é representada pela noção de Espectro Bipolar, que se estenderia muito mais além das categorias diagnósticas de THB tipo I, THB tipo II e ciclotimia.

Representadas especialmente pelas publicações de Hagop Akiskal são propostas subdivisões específicas do THB em um número maior de subgrupos, descritas a

seguir (Akiskal, 1999 *Apud* Alcantara, 2003 e Goodwin, 1990 *Apud* Alcantara, 2003)<sup>20</sup>.

a) THB tipo I – Mania plena: caracterizada pela presença de uma síndrome maníaca clássica com sintomas psicóticos (mania significa psicose em Grego). Em alguns casos, o início do quadro pode apresentar uma mistura de depressão e mania, chamada de mania disfórica por alguns autores.

b) THB I1/2 – depressão com mania prolongada, caracterizada pela presença de hipomania. Destaca que o limite que divide o quadro de mania e hipomania é impreciso e ainda confuso. Ainda assim, enfatiza que a hipomania não tem o caráter disruptivo presente na mania.

c) THB II – depressão com hipomania, caracterizada por episódios moderados ou graves de depressão intercalados com períodos de hipomania de, no mínimo, quatro dias de duração.

d) THB II1/2 – depressões ciclotímicas, caracterizadas pela presença de períodos de hipomania menores do que quatro dias em um paciente com episódios depressivos recorrentes. Destaca a importância desse subtipo, uma vez que a maioria dos episódios hipomaníacos tem de um a três dias de duração, não sendo assim considerados como tal pelos sistemas classificatórios.

e) THB III – hipomania associada a antidepressivos, caracterizada por pacientes que apresentam episódios de hipomania ou mania quando em uso de antidepressivos. Usualmente ocorre em pacientes com temperamento ciclotímico prévio.

f) THB III1/2 – bipolaridade mascarada ou desmascarada por abuso de estimulantes. Categoria para pacientes que apresentam episódios de hipomania ou mania diretamente associada ao uso de estimulantes.

g) THB IV – depressão hipertímica, caracterizada por pacientes que apresentam temperamento hipertímico de longa duração, com episódios depressivos tardios sobrepostos.

Alcantara *et al.*, 2003, destacam que essas categorias ainda não são suficientes para descrever todas as características presentes no espectro bipolar. Assinalam também a importância do conceito de depressão pseudo-unipolar, dando ênfase à noção de que muitos pacientes diagnosticados como deprimidos possam apresentar na realidade alguma manifestação integrante do espectro bipolar<sup>20</sup>.

O reconhecimento de todo o espectro clínico do transtorno bipolar é de grande importância para a saúde pública, pois o subdiagnóstico ou a demora em diagnosticá-lo continua sendo uma praga em nosso campo <sup>17</sup>.

DSM IV não reconhece formalmente a sintomatologia hipomaniaca que se intromete nos episódios depressivos maiores e produzem depressão agitada ou ansiosa, depressão disfórica e a depressão agitada com fuga de idéias. Muitos desses estados depressivos mistos ocorrem num ambiente de um espectro bipolar atenuado de episódios depressivos maiores e sinais leves de bipolaridade <sup>14</sup>.

Dados revelaram uma estrutura dual da hipomania com a “clássica” apresentação de euforia contrastando com expressões irritadas de busca de risco distribuídas de forma diferente ao longo do espectro bipolar *soft*. Apenas o último se correlacionou significativamente com o temperamento ciclotímico, sugerindo a hipótese de que viradas breves para hipomania tendem a desestabilizar as condições bipolares *soft* <sup>23</sup>.

Setenta e dois por cento de 86 pacientes com depressão maior preencheram critérios para transtorno bipolar II e transtorno bipolar *soft* correlacionados. Quase 60% tinham antecedentes de temperamento ciclotímico ou hipertímico. A história familiar de transtorno bipolar validou estes dados. Humor reativo estava presente em todos os pacientes, enquanto sensibilidade interpessoal estava presente em 94%. Foram as seguintes as co-morbidades ao longo da vida: fobia social 30%, transtorno dismórfico corporal 42%, TOC 20% e transtorno do pânico (agorafobia) 64%. Tanto o cluster A (transtorno de personalidade ansiosa) quanto o cluster B (transtorno borderline ou histriônico) foram altamente prevalentes <sup>125</sup>.

Depressões surgindo de um temperamento ciclotímico, mesmo preenchendo todos os critérios para hipomania costumam ser erradamente diagnosticados como sendo transtornos de personalidade. A grande carga familiar para transtornos afetivos (incluindo transtorno bipolar) validaram a natureza bipolar dessas depressões ciclotímicas. O estudo de Akiskal *et al.*, 2003, apóia a inclusão desta variante do BP II, que vem a ser chamado por outros pesquisadores como BP II ½. Esses pacientes podem ser melhor caracterizados como uma expressão sombria do fenótipo mais solar do BP II. Esses achados apontam para que um *screening* para ciclotimia em pacientes deprimidos possa ser uma abordagem viável para detectar

um subtipo bipolar que, de outra forma, poderia ser tido de maneira equivocada como transtorno de personalidade errática <sup>9</sup>.

Autores identificaram 46 probandos de 500 pacientes psiquiátricos ambulatoriais e os acompanharam por um período de 2 a 3 anos. Usaram 50 pacientes bipolares com história de mania e 50 pacientes com transtorno de personalidade como controles <sup>8</sup>.

Embora 66% dos pacientes ciclotímicos tivessem recebido anteriormente o diagnóstico de histeria ou sociopatia, seus pedigrees eram semelhantes àqueles com transtorno maníaco-depressivo clínico, além de que, 44% do grupo ciclotímico experimentou episódios hipomaníacos breves durante o uso de tricíclicos e 35% desenvolveu episódios completos mania, hipomania ou depressão durante o seguimento sem medicação. Os autores concluem que esses achados fornecem evidência para um espectro bipolar ciclotímico <sup>8</sup>.

O espectro *soft* é tipicamente caracterizado por instabilidade de natureza ciclotímica, o que se sobrepõe significativamente com a sensibilidade a rejeição e à reatividade do humor da assim chamada depressão atípica e a labilidade do humor e a impulsividade daqueles com transtorno de personalidade borderline. Além disso, o espectro bipolar *soft* é caracterizado por alta co-morbidade com pânico – agorafobia, TOC, fobia social, transtorno dismórfico corporal, bulimia assim como com transtorno de abuso de álcool e substâncias <sup>126</sup>.

Phelps pergunta se a estrutura dos transtornos do humor permitem uma clivagem em categorias diagnósticas discretas ou se os transtornos do humor podem ser melhor considerados como um contínuo espectro <sup>139</sup>. O termo espectro bipolar pode referir-se ao continuum entre depressão unipolar e bipolar I; ao possível continuum entre episódios bipolares pouco freqüentes e ciclagem contínua, isto é, a taxa de ciclagem como conceito dimensional; ao possível continuum de estados mistos dentre aqueles que preenchem plenamente os critérios para mania e depressão até aqueles que aparentam ser depressivos unipolares, mas apresentam poucos ou até mesmo um único sintoma maníaco; aparente espectro entre transtorno bipolar e esquizofrenia; espectro entre transtorno bipolar e transtorno de personalidade borderline <sup>139</sup>.

Segundo a visão mais abrangente do TB, podem ser incluídos dentro do espectro bipolar: <sup>139</sup>

- Aqueles pacientes com reação hipomaníaca aos antidepressivos  
Klerman BP IV e  
Akiskal BP III
- Hipomania subclínica
- Aqueles sem história de hipomania porém com outros indicadores de bipolaridade tais como recorrência repetida de depressão, história familiar de TB ou início cedo/precoce <sup>139</sup>.

Em 1977 Akiskal *et al.* (Akiskal, 1977 *Apud* Phelps, 2008) caracterizaram transtornos subafetivos que se fundem imperceptivelmente com formas bipolar II (e às vezes bipolar I) <sup>139</sup>.

Klerman (Klerman, 1981 *Apud* Phelps, 2008) postulou a existência de um estado intermediário entre felicidade normal e a hipomania que ele nomeou “elação neurótica” <sup>139</sup>.

Hantouche e Akiskal, 2005, estudaram a atividade dos temperamentos afetivos na abordagem diagnóstica do transtorno bipolar II e de seu espectro.

O EPIDEP é um estudo multicêntrico conduzido em 15 locais de 4 regiões da França com a colaboração de 42 clínicos treinados. Durante as três fases do estudo foram aplicadas: Escala de Hamilton para Depressão mais Escala de Rosenthal para características atípicas; Entrevista semi-estruturada para hipomania; Checklist auto-aplicada para acusar hipomania; Questionários ciclotímico e hipertímico; e Escala Analógica Visual Múltipla de Bipolaridade. O resultado mostrou que dos 483 pacientes que concluíram o estudo, apenas 174 (35,5%) eram deprimidos estritamente unipolares. Na tabela abaixo temos a prevalência relativa dos subtipos de humor <sup>3, 83</sup>:

BP –I	(DM + mania)	41(8,4%)
BP-II	(DM + hipomania espontânea)	61(12,4%)
BP-II ½	(DM + ciclotimia)	164(33,5%)
BP-III	(DM + hipomania farmacológica)	28(5,7%)
BP-IV	(DM + hipertimia)	22(4,5%)
Unipolar	(ausência de características bipolares)	174(35,5%)

A idéia de TB sem hipomania ou mania não é nova – Kraepelin (Kraepelin, 1917 *Apud* Phelps, 2008) enfatizou não a mania, mas antes um alto grau de recorrência como principal característica identificadora do curso maníaco-depressivo <sup>139</sup>.

Com a noção de espectro bipolar, Akiskal (1983) concebeu transtorno do humor como um *continuum* clínico que se estende de manifestações subclínicas ao transtorno bipolar I englobando depressão maior e menor, distímia, transtorno ciclotímico, transtorno bipolar II e além (Akiskal 2002, 2003; Akiskal and Pinto, 1999; Akiskal *et al.*, 2000, 2003 a, b). Tal paradigma heurístico – com retorno parcial ao conceito amplo de Kraepelin (Kraepelin, 1921) da insanidade maníaco-depressiva – tem suas raízes na tradição clínica descritiva e tem sido validada por uma nova onda de estudos epidemiológicos que demonstram a alta prevalência de casos subliminares, estudos de agregação familiar, estudos de proles de alto risco, análise de “discordância” monozigótica e estudos de ligação molecular. <sup>164</sup>

Richards, Kinney, Lunde e Mernl (1988) investigaram a possibilidade de que a bipolaridade em família resultar-se em uma vantagem para a criatividade. Eles levantaram a hipótese de que criatividade pudesse ser um subproduto genético positivo do transtorno afetivo, mas que os benefícios se manifestariam nos membros da família menos afetados pela doença. Eles foram surpreendidos, contudo, com o fato de os ciclotímicos não terem tido níveis maiores de criatividade do que os parentes mais agudamente afetados pelo transtorno maníaco depressivo, levando-os a questionar as suas hipóteses sobre a relação entre o grau de bipolaridade e o nível de criatividade.

Jamison (1993) afirma em seu artigo a existência de um amplo espectro bipolar entre os extremos da doença.

McNeill concluiu que existia uma relação significativa e positiva entre doença mental e criatividade. E, mais importante, que as taxas de doença mental dos pais biológicos foram positivamente e significativamente relacionadas às habilidades criativas dos adotados, sugerindo assim uma ligação genética entre criatividade e transtornos mentais <sup>69</sup>.

Num estudo recente, Post *et al.*(2003) acompanhou o curso diário da doença em 258 pacientes bipolares ambulatoriais durante um ano. Mesmo com o “estado da arte” das medicações, 26,4% deles passaram pelo menos nove meses do ano em estados maníacos ou depressivos, 40,7% ficaram doentes esporadicamente

enquanto 32,9% dos pacientes ficaram minimamente prejudicados. Essa amostra provavelmente superestima a gravidade da doença, já que esses pacientes estavam em “centros de tratamento de excelência”, para onde convergem os casos mais graves <sup>166</sup>.

Em fevereiro de 2004, uma sessão especial da Academia Francesa Nacional de Medicina foi dedicada à celebração do 150º Aniversário da *folie circulaire* e da *folie à double forme* pelos seus dois membros Jean-Pierre Falret (1854) e Jules Baillager (1854). Falret levantou a hipótese de que um dia, muitos pacientes deprimidos seriam identificados como tendo a doença circular por eles terem experimentado breves “momentos de alegria” (moments de gaiété) ao fim de seus episódios depressivos <sup>8</sup>. Baillager – *folie à double forme* : “os dois períodos ligados um ao outro (“soudées”), constituem um ataque (“accès”). Cada ataque tem uma duração de dois dias a um ano. Nas formas de certos ataques, a transição entre os dois períodos é abrupta, usualmente durante o sono. Os ataques podem ser isolados, intermitentes ou podem seguir um após o outro sem interrupção”. Falret – *folie circulaire*: “uma forma de doença caracterizada por uma alternância regular de mania e melancolia”. Cada ataque ou ciclo (“circle”) da doença inclui três períodos: mania, depressão e intervalo livre (“intervalle lucide”) <sup>84</sup>.

Usando uma base de dados populacional e um instrumento econométrico tradicional – *logit* multinomial, para analisar o desempenho ocupacional daqueles com transtorno bipolar do humor e na população geral. Tremblay *et al.*, 2004, encontraram alguma evidência da concentração de bipolares em setores de serviço, administração e em profissionais liberais, que inclui artistas, músicos, autores. Tremblay *et al.*, 2004, encontraram também níveis educacionais e de criatividade profissional muito mais altos que a média da população geral. Finalmente, empregando métodos não-paramétricos de estimativas de densidade para o índice de criatividade ocupacional para as amostras de bipolares e não bipolares, verificamos que a possibilidade de engajamento em atividades criativas no trabalho é maior para trabalhadores bipolares <sup>166</sup>.

### 5.4.2 ESTADOS MISTOS

A questão dos Estados Mistos não encontra consenso entre os pesquisadores. As idéias variam desde critérios mais rígidos como na CID-10 e no DSM-IV-TR (que requerem a presença de critérios para um episódio maníaco sobrepostos aos critérios de um episódio depressivo), até propostas mais abrangentes, incluindo todos os estados de mania que apresentem mínimos elementos depressivos, ou vice-versa.

A importância dos estados mistos é óbvia se considerarmos que, dependendo da classificação, entre 20 e 74 % dos pacientes com doenças afetivas apresentaram em algum período um estado misto <sup>20</sup>.

O grupo de Akiskal, utilizando alguns conceitos de Kraepelin, sugere que esta classificação seja o resultado da interação entre os episódios depressivos maiores e maníacos com o temperamento prévio dos pacientes, nitidamente um temperamento oposto, resultando daí as diferentes apresentações. Assim, teríamos fundamentalmente 3 tipos de estados mistos (Akiskal, *Apud* Alcantara, 2003) <sup>20</sup>:

Tipo 1: como resultante de um temperamento depressivo com a mania. Geralmente psicótico, com sintomas incongruentes com o humor.

Tipo 2: como resultante de um temperamento ciclotímico com uma depressão maior, no qual o substrato de temperamento ciclotímico permanece ativo durante o episódio depressivo, gerando sintomas como labilidade de humor, irritabilidade, fuga de idéias e abuso de substâncias, além de impulsividade sexual. Frequentemente não psicótico, podendo ser confundido com Transtorno de Personalidade Borderline.

Tipo 3: como resultante de um temperamento hipertímico com uma depressão maior, na qual o episódio depressivo inclui apetite sexual, agitação e pressão para falar. São as depressões que evoluem mal com antidepressivo e geralmente respondem ao lítio.

Existem descrições de estados mistos, como os conhecemos hoje, desde a época dos antigos gregos, mas foi Kraepelin (1976), auxiliado por seu aluno Weygandt (*apud* Marneros, 2001), que desenvolveu e detalhou o conceito. Kraepelin os classificou em seis tipos, três de acordo com uma combinação dos três sintomas fundamentais da mania (fuga de idéias, euforia, e hiperatividade) com os depressivos e três baseavam-se nos sintomas fundamentais da depressão (inibição

do pensamento, humor depressivo e abulia) associados aos sintomas maníacos (Marneros, 2001 *Apud* Moreno, 2005) <sup>113</sup>:

1. Mania depressiva ou ansiosa;
2. Depressão agitada ou excitada;
3. Mania com pobreza de pensamentos;
4. Estupor maníaco;
5. Depressão com fugas de idéias;
6. Mania inibida.

Além desses subtipos, Kraepelin descreveu duas classes gerais, conforme a evolução. A forma transitória representava uma transição entre mania e depressão e vice-versa, e a forma autônoma, um episódio distinto da doença. Entretanto, a definição ampla de Kraepelin foi substituída no DSM IV (APA, 1994) por critérios que requerem a presença simultânea de um episódio de mania e de depressão maior. Atualmente existem várias linhas de corte para definir uma mania mista, mas faltam estudos prospectivos que investiguem os sintomas depressivos discriminatórios. Desde a presença de um ou mais, dois ou mais e três ou mais sintomas depressivos durante um episódio maníaco foram descritos como mania mista (Akiskal et al., 2000 *Apud* Moreno, 2005) <sup>113</sup>.

Todos os episódios de humor alternantes em pacientes bipolares raramente são puramente depressivos ou maníacos, mas mais freqüentemente mistos. (Cassano et al., 1999 *Apud* Moreno, 2005) <sup>113</sup>.

É importante mencionar que Weigandt não apenas considerava os estados mistos como formas de transição (da mania para a depressão ou vice-versa), mas também como estados que poderiam começar e terminar com características mistas, sendo, às vezes, de prolongada duração: “Há estados mistos que não duram apenas horas ou dias, mas semanas, meses, ou mesmo anos, e são precedidos por mania típica ou depressão. Outros (pacientes) mostram características mistas durante todo o episódio (...). Alguns pacientes têm apenas estados mistos durante todo o curso da doença” (essas citações baseiam-se na tradução, para o inglês, de Salvatore et al., 2002 *Apud* Del-Porto, 2005) <sup>61</sup>.

No quadro clínico dos estados mistos (Moreno, 2005) observa-se superposição e alternância no mesmo dia de sintomas maníacos e depressivos associados a:

- Raiva, ódio, hostilidade;
- Ansiedade, desassossego, insatisfação constante;
- Impulsividade;
- Aumento do apetite ou compulsão alimentar;
- Aumento do uso de cigarros, álcool, outras drogas, tranqüilizantes;
- Sintomas obsessivos – compulsivos;
- Sexo para alívio da ansiedade;
- Ataques de pânico;
- Ideação suicida;
- Ideação homicida;
- Vontade de quebrar, bater, agredir;

Quando mais leve:

- Demorar a desligar à noite ou ter dificuldade de levantar pela manhã;
- Agitação/ sonolência vespertina na forma de pensar muito, programar tudo, ter idéias fantásticas, mas não conseguir realizá-las no dia seguinte.

#### 5.4.3 TRANSTORNO BIPOLAR E COMORBIDADE COM TRANSTORNOS ANSIOSOS

O estudo ECA demonstrou que pacientes com transtorno bipolar apresentam prevalência de 21% para transtorno do pânico e Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), comparados a 0,8% e 2,6% para a população em geral. No estudo NCS, a prevalência de transtornos ansiosos em geral no THB foi de 92,9% contra 24,9% da população geral. Confirmando esses achados, estudos clínicos com amostras menores reproduzem esses números. Um estudo conduzido por Angst demonstrou significativa associação entre hipomania e transtorno do pânico e fobia social.<sup>20</sup>

- Transtorno do Pânico: em pacientes com diagnóstico de THB, a prevalência de pânico varia de 20,8% a 33,1%. Para pacientes com depressão unipolar, essa taxa é de 10%.

- TOC: o estudo ECA demonstrou prevalência de 21% em pacientes com THB, comparado a 12,2% em pacientes com depressão unipolar.
- Fobia social: o estudo NCS demonstrou prevalência de 47,2%, comparada a 13,3% na população em geral.

*Acostumei-me à alucinação simples: via fácil uma mesquita no lugar de uma fábrica, uma aula de tambores dada por anjos, carruagens na rota do céu, um salão no fundo de um lago, os monstros, os mistérios; um título de comédia me sugeria assombros.*

*Acabei por considerar sagrada a desordem do meu espírito.*

Arthur Rimbaud <sup>147</sup>.

## 5.5 CRIATIVIDADE E BIPOLARIDADE

A imaginação, apesar da origem do termo, não está relacionada apenas a imagens – perceptivas e representativas -, mas também a idéias abstratas. Ela pode ser definida como a criação de novas imagens ou conceitos, ou de novas conexões entre as representações e conceitos preexistentes. A imaginação não possui alterações qualitativas, somente quantitativas. Está em geral exacerbada na mania e em alguns quadros psicóticos; e inibida na depressão, na demência, no retardo mental e nos estados confusionais <sup>54</sup>.

Na recente Exibição Centenária, “Cultura da Criatividade”, a Fundação Nobel focou a importância da criatividade para o progresso científico <sup>149</sup>.

O que é criatividade?

Na diversa literatura sobre criatividade, muitos autores têm sugerido definições de criatividade. Becker igualou criatividade à genialidade ou ao dom intelectual. Richards sugeriu que inteligência era necessária, mas não suficiente para a criatividade. Ston definiu criatividade como uma dinamização de um habilidade. Independência foi mencionado por Andreasen e Glick, enquanto fluência e flexibilidade foi citado por Jamison como essenciais para a criatividade. Rothenberg definiu criatividade como a habilidade de, simultaneamente, conceber opostos ou antíteses. Ludwig comentou que a criatividade requereria ambos, a não convencionalidade, e uma habilidade para se comunicar. Richards e Ludwig afirmaram que avaliações de produtos como originais ou criativos estava sempre atada a contextos políticos e sociais. Weisberg salientou que a criatividade requeria trabalho duro e colaboração <sup>29</sup>.

O WEBSTER’S II University Dictionary dá três definições de criatividade: ter o poder ou a habilidade para criar, produzir, marcado pela originalidade. Escrever

numa lista de não palavras, aplicar cores aleatoriamente numa tela ou gerar uma lista aleatória de variáveis pode ser novo ou original, mas não criativo. Assim a definição do dicionário WEBSTER é inadequada <sup>85</sup>.

A criatividade pode ser como a habilidade de entender, desenvolver e expressar em um modo sistemático, novas relações entre objetos.

De acordo com Bronowski (1972), a criatividade é encontrar unidade no que parece ser diversidade. Grandes trabalhos de arte têm uma miríade de cores e de formas e grandes músicas têm uma grande variedade de melodias e ritmos, mas em ambas, pinturas e sinfonias o artista é capaz de desenvolver uma trama que une os diversos elementos e os colocam em ordem. Cientistas criativos como Copérnico foram capazes de ver ordem no que parecia ser um sistema solar desordenado e Einstein foi capaz de ver a linha que unia matéria e energia <sup>85</sup>.

Criatividade pode ser descrita como a habilidade de criar produtos ou idéias originais e que possuam forte utilidade social. Esta definição, contudo, não é toda a resposta. Frank Barroes, um dos mais importantes pesquisadores neste campo, oferece uma descrição mais articulada da criatividade. Primeiro, criatividade é considerada em termos das características do produto criativo e do reconhecimento social que alcança. Um critério de utilidade está implícito, embora não seja necessário, nesta definição. Segundo, o produto criativo pode ser considerado em seu próprio contexto: a dificuldade do problema resolvido ou identificado, a elegância da solução proposta, o impacto do produto. Terceiro, criatividade pode ser concebida pelas bases que a favoreceu tais como talento e atitude <sup>144</sup>.

Em 1981, Dennis Hoavar, numa revisão circunstancial, resumiu os dez principais métodos usados nos estudos sobre criatividade: teste de pensamento divergente, inventário de atitude e interesse, inventário de personalidade, inventário biográfico, nomeação pelo professor, nomeação pelos colegas, supervisor ratings, julgamento dos produtos, eminência, atividade e realizações criativas auto-relatadas <sup>144</sup>.

As Escalas de Criatividade ao Longo da Vida – ECLV foram concebidas com o objetivo de acessar tanto a qualidade quanto a quantidade de realizações criativas na vida adulta de um indivíduo. O foco das escalas está nas atividades da vida real de uma determinada pessoa, tanto no trabalho quanto no lazer. Levam em consideração dois critérios: a originalidade e o ter sentido para os outros <sup>161</sup>.

Inteligência é necessária, mas não suficiente para criatividade. Existem muitos relatos sobre crianças com dificuldade específicas na leitura, em matemática, desenho, música, e questões visuo - espaciais que se tornam gênios criativos. Existem em profusão, grandes artistas, tais como Picasso, que não foi bem na escola por conta da dificuldade na linguagem e até gênios da matemática tais como Einstein tinha dificuldades na fala. Howard Gardner (1985) sugeriu que as pessoas têm múltiplas inteligências e se criatividade é relacionada à inteligência ela parece estar relacionada a um fator específico ou a uma forma especial de inteligência <sup>85</sup>.

Criatividade requer uma expressão e entendimento original de relações organizadas. Originalidade requer que a pena criativa siga uma direção diferente dos modelos de entendimento e expressão prevalentes, o que é chamado pensamento divergente. Devem haver dois componente para o pensamento divergente – desprendimento e desenvolvimento de soluções alternativas. Para se encontrar uma solução criativa para um problema que até então está sem solução é necessário alterar os meios e formas pelas quais se tentou resolvê-los. Além de serem capazes de ter pensamentos divergentes, pessoas criativas estão muitas vezes buscando o que é novo e diferente, são assim buscadores de novidade. Pessoas criativas, especialmente escritores, compositores e artistas refinados têm uma alta taxa de abuso de substância tal como álcool (Post, 1994, 1996) <sup>85</sup>.

Guilford, psicólogo com vasta experiência em estudos psicológicos sistemáticos em criatividade, apontou vários fatores envolvidos no pensamento criativo: fluência do pensamento, fluência associacional – a produção de tantas vivências quanto possível de uma dada palavra num tempo determinado; fluência expressional – a produção e rápida justaposição de frases ou sentenças; a fluência ideacional – a habilidade de produzir idéias que preenchem certos requisitos num determinado limite de tempo. Guilford desenvolveu também dois outros conceitos para o estudo do pensamento criativo: a flexibilidade espontânea – a habilidade e disposição para produzir uma grande variedade de idéias, com liberdade para mudar de categoria para outra categoria; e flexibilidade adaptativa – a habilidade de apresentar soluções incomuns para resolver problemas. Guilford concluiu que indivíduos criativos estão mais propensos à apresentar pensamento divergente mais do que convergente <sup>89</sup>.

Criatividade tem sido associada ao funcionamento inconsciente. Parece que insights muitas vezes resultam de um processo onde um pensamento consciente

inicial é seguido por um período durante o qual o problema é colocado de lado. Subseqüentemente, depois de um período sem pensamento consciente, a solução ou idéia se apresenta. O estágio no qual se abdica do pensamento consciente e durante o qual o inconsciente está trabalhando é chamado de incubação <sup>63</sup>.

Cloninger *et al.* (1993) apresentou um modelo psicobiológico de personalidade que inclui três temperamentos ou dimensões de caráter. Uma dessas dimensões é a busca por novidade e pessoas criativas seriam consideradas buscadores de novidades. Vários achados de vários pesquisadores chegaram à conclusão de que os buscadores de novidade têm um risco aumentado para droga adicção. Existe alguma evidência que a exposição ao novo ativa o sistema dopaminérgico mesolímbico do cérebro. Este é o mesmo substrato neural que medeia os efeitos de recompensa de drogas de abuso, tais como álcool <sup>85</sup>.

Algumas drogas levam a diminuição da excitabilidade e a criatividade é aumentada pelos estados de baixa excitabilidade. Em contraste, algumas drogas tais como as anfetaminas, podem impedir a produção criativa por elevarem a excitabilidade.

Criatividade depende da ativação de representações altamente distribuídas e que permite que se façam inferências e generalizações <sup>85</sup>.

O cérebro é organizado em módulos e para que haja criatividade, é necessário que esses módulos se comuniquem. Assim a comunicação inter-hemisférica deve ser importante para a combinação de conhecimentos e habilidades para a inovação criativa.

De acordo com Eysenck (1995), "... genialidade é encontrada apenas em homens... existem, contudo, muitos fatores culturais que devem inibir a criatividade nas mulheres. Há diferenças sexuais na criatividade que não são relacionadas a fatores culturais, essas diferenças devem estar relacionadas a diferenças estruturais do cérebro. Enquanto o cérebro masculino é maior do que o feminino, o córtex cerebral de mulheres tem a mesma espessura do córtex do homem, sugerindo que a diferença de tamanho se deva ao fato do homem ter muito mais substância branca do que a mulher."

Dando suporte à teoria de conectividade como fundamental para a criatividade, estudos sobre envelhecimento mostraram haver declínio na criatividade, especialmente na ciência (Abra, 1989). Estudos em pessoas não demenciadas

mostram que a diferença no número total de neurônios entre aqueles com 20 e 90 anos é de menos de 10% mas o comprimento total da fibra mielinizada apresentou uma grande redução em função da idade <sup>85</sup>.

Mednick (1962) sugeriu que quando gera respostas associativas a um estímulo, indivíduos criativos são caracterizados por uma hierarquia associativa *flatter*. Desta forma, pessoas criativas devem possuir habilidade de ativar redes mais difusamente distribuídas. Apoiando na teoria, foi visto por Petsche, 1996, Jansovec and Jansovic, 2000 que estudos com indivíduos normais que apresentavam aumento da oscilação no EEG de distribuição anatômica coerente durante pensamentos criativos <sup>85</sup>.

Easterbrook (1959) e Eysenck (1995) sugerem que alta excitabilidade cortical induzida pelo estresse é freqüentemente associada com tentativas conscientes de resolver problemas, porém esta alta excitabilidade deve suprimir a emergência de associações remotas e um nível baixo de excitabilidade cortical deve permitir que associações incomuns se manifestem. Estresse é associado com altos níveis de norepinefrina e estados de relaxamento a baixos níveis. Um estudo, no qual estudantes com ansiedade na realização de exames tomaram o beta-bloqueador propranolol, mostrou que esta droga levou a uma melhora dramática em suas pontuações no teste de aptidão escolar (Faigel, 1991). Propranolol é um beta-bloqueador que age a nível central que realiza a influência da norepinefrina nos neurônios. Talvez o bloqueio beta-adrenérgico melhore a performance neste teste porque ele reduza a influência da norepinefrina nas redes neuronais, permitindo aumento na flexibilidade cognitiva <sup>85</sup>.

Muitos cientistas têm relatado serem capazes de resolver problemas científicos mais complexos durante o sono ou quando estão acordando ou adormecendo. Dahae (1997) diz em seu livro "The number sense" que "Eles (gênios da matemática) dizem que em seus momentos mais criativos, o que alguns descrevem como iluminação, eles não pensam voluntariamente, não pensam em palavras, não desenvolvem longos cálculos formais. A verdade matemática aparece para eles, às vezes mesmo durante o sono." <sup>85</sup>. Resolver um problema de *insight* requer a reestruturação do problema ou uma mudança radical na representação dos elementos do problema (Bowden, Jung-Beerman, Fleck, Koinios, 2005; Duncker, 1945). A progressão durante o processo de solução de problema não é incremental, envolve uma súbita descoberta de uma solução, um fenômeno

comumente chamado como a “experiência do a-ha”. A dificuldade fundamental que se enfrenta durante a solução de problemas é ter que descartar esquemas cognitivos ativados e abordar o problema de uma perspectiva completamente nova. Assim, ele requer pensamento associacional frouxo. Eysenck (1995) propôs que indivíduos extremamente criativos tenham como característica o afrouxamento associativo e estilo cognitivo super-inclusivo. Como resultado, são capazes de gerar idéias inovadoras e incomuns. As idéias de Eysenck têm recebido apoio nos achados que mostram que indivíduos com estilo cognitivo super-inclusivo, como aqueles com alto grau de psicoticismo, têm demonstrado terem mais habilidades criativas <sup>93</sup>.

A criatividade tem sido associada à loucura pelo menos desde Platão (Rotherberg e Hausman, 1976) <sup>69</sup>. Assim como acontece com pacientes esquizofrênicos, indivíduos criativos muitas vezes relatam experiências perceptuais e sensoriais estranhas, sensação de infatigabilidade e inclinação para acessos impulsivos em associação à rejeição de valores sociais comuns. Já que a inibição ou a supressão (por ansiedade ou outro estímulo mais forte) poderia limitar a consciência e a abertura para estímulos internos e externos, a libertação dessas forças poderia favorecer o pensamento associativo e assim, a criatividade <sup>144</sup>.

Criatividade, a produção de novas e úteis idéias é intimamente relacionada à dinâmica social dos indivíduos que expressam idéias criativas. A produção artística humana tem suas origens em custosas amostras de qualidade cuja função, como a da cauda do pavão, é atrair companheiros (Miller, 2000; 2001).

Mais recentemente, muitos pesquisadores têm mostrado que pacientes maníacos, diferente de indivíduos normais e esquizofrênicos, tendem a exibir grande pensamento combinatório. Caracterizado pelo surgimento de percepções, idéias ou imagens em uma forma incongruente, as idéias antes formadas se tornam “frouxamente amarradas e extravagantemente combinadas e elaboradas” <sup>89</sup>. Não existe algo como arte da loucura, mas apenas boa e má arte, arte com, e sem, valor estético. A arte da loucura nada mais é do que a psicopatologia da arte. Apenas os psicóticos talentosos irão produzir trabalhos de arte genuínos. A maioria irá criar trabalhos de grande importância terapêutica, psicopatológica ou fenomenológica, mas de reduzido valor artístico <sup>41</sup>.

A esquizofrenia é uma doença hereditária. O que é herdado é melhor descrito como uma diátese ou vulnerabilidade que deve ou não levar a doença, cuja progressão é afetada pelas interações ambientais (Tsuang *et al.*, 2001) <sup>118</sup>. Alto grau de traços esquizotípicos (características não-disfuncionais que corresponderiam às formas atenuadas de sintomas esquizofrênicos) confere vantagem na solução de problemas analíticos que requeiram reestruturação e associações mais frouxas de pensamento, mas não de outros tipos de resolução de problemas que demandem um estilo cognitivo associativo mais fixo <sup>93</sup>.

Com os esforços pioneiros de pesquisadores em Saúde Mental (Andreasen e Powers, 1975; Andreasen, 1987, 2005) e Jamison (Jamison, 1989, 1993), as relações entre a criatividade e os transtornos psiquiátricos passaram a pertencer a alçada de toda comunidade científica de forma sistemática. Depois de três décadas de pesquisa, existe evidência persuasiva, se não definitiva, da ligação da criatividade com transtornos bipolares em particular <sup>153</sup>.

O psiquiatra suíço Eugen Bleuler traçou um paralelo entre o pensamento maníaco e o pensamento artístico:

*o pensamento do maníaco é fugidio. Ele pula de um tema para o outro e não consegue aderir a nenhum. Com isso suas idéias surgem facilmente e involuntariamente, até tão livremente que pode ser percebido como desagradável pelo paciente. Por causa do fluxo mais rápido de idéias e especialmente por causa das falhas na inibição, atividades artísticas são favorecidas, facilitadas apesar de algo de valor ser produzido apenas em poucos casos e quando o paciente já é talentoso nessa direção.*

A sensibilidade aumentada naturalmente tem o efeito de potencializar isto <sup>89</sup>.

Outros estudos mostram que a produção de rimas, trocadilhos e associações de palavras por assonância estão aumentadas na mania e muitos pacientes começam a escrever poesia espontaneamente no episódio maníaco, muitas vezes, sem nenhum interesse prévio tanto na leitura quanto na produção de poema. A dor extrema da melancolia mais profunda, as dores mais suaves, o lado mais reflexivo e solitário das depressões leves podem ser extremamente importantes para o processo criativo. Os insights manifestados na escrita de pacientes levemente

deprimidos surgem do fato de que eles se tornaram auto-reflexivos e questionadores do sentido da vida. Trabalho criativo pode agir não só como meio de fuga das dores mas também como um caminho para a estruturação de pensamentos e emoções caóticos<sup>89</sup>.

O biógrafo de Coleridge, Richard Halmes, disse a seu respeito que ele tinha essencialmente um talento camaleônico”. Virgínia Wooff escreveu “você sabe o quanto camaleônica eu sou em minhas mudanças – um dia leopardo e rato no outro”. Keats também abordou a metáfora camaleônica – “o que choca o filósofo virtuoso, regozija o poeta camaleônico”. Shelleg acreditava que: “Poetas, os melhores deles, são uma raça muito camaleônica”. Implícito a ambos temperamentos camaleônico e maníaco-depressivos está a coexistência, em um mesmo corpo e mente, de múltiplos *selves* (Eus)<sup>89</sup>.

Pessoas com transtorno do humor bipolar tendem a ser mais reativas emocionalmente, o que dá a elas mais sensibilidade e percepção aguçada. Uma falta de inibição permite que eles tenham formas não convencionais e desinibidas de se expressar, menos limitadas pelas normas e costumes. Isto faz deles mais abertos à experimentação e ao comportamento de risco e, como consequência, mais assertivas e empreendedoras que a média. Sensibilidade e a falta de inibição tornam esses sujeitos mais acolhedores e amigáveis no contato social. Ambas as atitudes representam uma clara vantagem no nível profissional, particularmente quando a competição é maior. Ser mais sociável e menos inibido para expressarem-se, os indivíduos predispostos do transtorno bipolar podem difundir suas idéias com mais facilidade, permitindo que suas idéias prevaleçam sobre outras<sup>144</sup>.

Kraepelin (1921) foi talvez o primeiro a notar que a psicose maníaco-depressiva era freqüentemente associada a uma maior criatividade (Weisberg, 1994). Vários pesquisadores têm relatado que muitos dos nossos mais criativos escritores, compositores, pintores e cientistas têm sofrido de depressão, tanto bipolar quanto unipolar (Poldinger, 1986; Andreasen and Glick, 1988; Richards *et al.*, 1988; Slaby, 1992; Post, 1996). A liga que une o sonho, o descanso ou o relaxamento e depressão são as mudanças nos sistemas de neurotransmissores. Em todos estes estados parece haver uma redução das catecolaminas, incluindo norepinefrina (McCarley, 1982)<sup>85</sup>.

Os dois principais estudos realizados na era precedente as categorizações sistemáticas das recentes classificações (DSM III e agora IV, e CID-9 e agora 10), mostravam que entre artistas e cientistas a prevalência de desordens mentais graves é significativamente mais alta que na população geral, com uma associação familiar forte entre criatividade, psicopatologia e taxas mais altas de suicídio. Num estudo realizado na Alemanha entre 1927 a 1943, com 5000 indivíduos, Adele Juda, à época, pesquisadora do Instituto de Psiquiatria de Munique, avaliou a frequência e distribuição de desordens psiquiátricas numa amostra bem selecionada de artistas eminentes, cientistas renomados e seus parentes. O estudo mostra uma prevalência significativamente mais alta de doença mental entre as pessoas eminentes e seus familiares comparados a população geral. Entre os transtornos dos artistas o espectro esquizofrênico e a psicopatia foram os mais comuns <sup>145</sup>.

O estudo de Juda permanece relevante tanto pelo seu escopo (mais de 5000 indivíduos foram entrevistados durante o período de 17 anos) e à sua tentativa de trazer rigor metodológico para um campo tão subjetivo. Juda identificou que embora dois-terços dos 113 artistas e escritores eram “normais psiquiatricamente”, existiam mais suicídios e indivíduos “insanos e neuróticos” no grupo dos artistas do que se poderia esperar da população geral. As taxas mais altas de anormalidades psiquiátricas foram encontradas em poetas (50%) e músicos (38%). Taxas mais baixas foram encontradas em pintores (20%), escultores (18%) e arquitetos (17%) <sup>89</sup>.

Os irmãos, irmãs e filhos daqueles do grupo de artistas estavam muito mais propensos a serem ciclotímicos, cometerem suicídio, ou sofrer transtorno maníaco depressivo do que indivíduos da população geral; psicose foi muito mais comum nos netos do grupo de artistas.

Algumas décadas depois, JIkarlsson (*Apud Preti,2007*), num estudo na Groelândia, relatou uma clara associação familiar entre o diagnóstico de psicose, tirado de registros hospitalares, e eminência nos campos das artes ou ciência, baseado nas citações do “Quem é quem” (“Who’s Who”). Um claro e reconhecível talento criativo estava presente nos parentes de pacientes esquizofrênicos com frequência duas vezes maior que a população geral, e quanto aos parentes de pacientes maníaco-depressivos, a frequência foi seis vezes mais que a população geral <sup>145</sup>.

Em 1971, McNeill comparou as taxas de psicopatologia em filhos adotivos com criatividade baixa, acima da média e alta com a de seus pais biológicos e adotivos (Jamison, 1993). McNeill concluiu que existia uma relação significativa e positiva entre doença mental e criatividade. E, mais importante, que as taxas de doença mental dos pais biológicos foram positivamente e significativamente relacionadas às habilidades criativas dos adotados, sugerindo assim uma ligação genética entre criatividade e transtornos mentais <sup>69</sup>.

Em 1974, Andreasen e Canter avaliaram 15 escritores americanos que participaram de um workshop e os comparou com 15 controles não criativos pareados para status socioeconômico, idade, gênero. Encontraram evidência de diagnóstico psiquiátrico (DSM) durante a vida em entrevistas não-cegas, principalmente transtornos do humor e alcoolismo significativamente mais em escritores do que em controles (73% versus 20%) <sup>175</sup>.

Dra. Andreasen (1987) em seu estudo de escritores do University of Iowa Writer's Workshop também investigou a história familiar de escritores e sujeitos controle. Comparou 30 escritores criativos com 30 controles pareados, incluindo parente de 1º grau dos dois grupos. Os escritores criativos e seus parentes de primeiro grau mostraram significativamente taxas mais altas de transtorno bipolar, tanto depressão unipolar quanto bipolar. 24 dos 30 escritores foram diagnosticados com transtorno afetivo comparados com apenas 9 dos 30 participantes do grupo controle. 20% de parentes de 1º grau de escritores e 8% de familiares de sujeitos controle exibiram dotes criativos. O fato da doença mental e criatividade terem se superposto mais nos familiares dos escritores do que nos controles fez com que Andreasen sugerisse uma associação familiar entre criatividade e transtornos afetivos <sup>175</sup>

Jamison estudou 47 artistas e escritores britânicos em 1989: 38% haviam recebido tratamento para transtorno do humor em algum ponto de suas vidas <sup>175</sup>.

Mesmo com os muitos protestos em relação ao grande valor da melancolia e da relação feita pelos artistas, nós precisamos nos lembrar que devemos tomar suas afirmações com cautela, sabendo muito bem de quantas almas criativas terminam suas vidas na miséria, empobrecidas tanto financeiramente quanto mentalmente e com frequência em suicídio.

O recente estudo do Dr. Arnold Ludwig sobre indivíduos cujas biografias foram revisadas no New York Times Book Review durante um período de 30 anos (1960-

1990) é impressionante tanto pelo seu escopo quanto pelo cuidado metodológico. Consistentes com os achados de Juda em artistas alemães e os meus em escritores e artistas ingleses, Ludwig encontrou as mais altas taxas de mania, psicose e hospitalizações psiquiátricas em poetas; 18% dos poetas haviam cometido suicídio. Compositores também mostraram altas taxas de psicose e depressão. Quando Ludwig comparou artistas com aqueles de outras profissões (tais como empresários, cientistas e funcionários públicos) encontrou uma taxa de 2 a 3 vezes mais para psicose, tentativa de suicídio, transtornos do humor e abuso de substâncias naqueles. A taxa de internamentos psiquiátricos involuntários foi de 6 a 7 vezes maior no grupo de artistas, escritores e compositores o que no grupo de outras profissões. 38% dos escritores e artistas haviam feito tratamento para transtorno do humor. Destes  $\frac{3}{4}$  tinham usado antidepressivo ou lítio ou haviam sido hospitalizados. Os poetas estavam entre aqueles que requeriam mais antidepressivos e eram os únicos a necessitarem intervenção médica (hospitalização, ECT ou lítio) para mania. Aproximadamente  $\frac{1}{3}$  dos escritores e artistas relataram histórias de intensas mudanças de humor que foram de natureza essencialmente ciclotímica<sup>89</sup>.

Em outro estudo, Ludwig (1992) verificou que 18% dos poetas haviam cometido o suicídio enquanto artistas tiveram taxa 2 a 3 vezes maior de transtorno do humor, psicose e suicídio do que a população geral e a taxa de hospitalização involuntária entre artistas, escritores e compositores é 6 vezes maior que de controles normais. Incidência semelhante tem sido encontrada em vários outros estudos (Juda, 1949; Andreasen, 1987 e 1995; Jamison, 1989). Muitos indivíduos criativos resistem a terem um rótulo diagnóstico e ao tratamento pelo que parece ser boas razões. Primeiro, existe um feio precedente que produz resistência nas pessoas que são historicamente conscientes do estigma da doença mental, já que milhares de pessoas foram executadas durante o holocausto precisamente por terem o rótulo de doença mental colocados neles e nos EUA, outros milhares foram involuntariamente esterilizados devido ao mesmo julgamento<sup>39</sup>.

Dra. Ruth Richards *et al.* de Harvard, levantaram a hipótese de que a vulnerabilidade genética para TBH poderia ser acompanhada de uma predisposição para criatividade, que, de acordo sua teoria, deve ser proeminente entre os familiares dos pacientes bipolares do que neles mesmos. Selecionaram 17 pacientes bipolares e 16 ciclotímicos junto com 11 de seus parentes de primeiro

grau sem a doença, utilizando critérios que garantiram a inclusão de transtorno do espectro bipolar. Esses pacientes e familiares foram comparados com 15 sujeitos controle normais e 18 controles com outros diagnósticos psiquiátricos pessoais ou familiares – TBH, ciclotimia, transtorno esquizoafetivo, esquizofrenia e suicídio. Foi administrado a Lifetime Creativity Scales – Escala de Criatividade para a Vida Inteira -, que avalia o envolvimento criativo em atividades profissionais e de lazer. Encontraram escores significativamente mais altos nos pacientes bipolares e ciclotímicos e seus parentes de 1º grau do que nos sujeitos controle <sup>89</sup>.

Jamison (1993) concluiu a partir de seu levantamento de literatura de pesquisa primária que a doença depressiva é 8-10 vezes mais prevalente em escritores e artistas do que na população geral; adicionalmente, escritores e artistas tinham 10 vezes mais chance de cometerem suicídio <sup>32</sup>.

Jamison (1993) examinou a vida dos maiores poetas irlandeses e britânicos nascidos entre 1705 e 1805. Ela focou o papel do humor durante o processo criativo em seu estudo de artistas e autores britânicos. Uma grande proporção de participantes no estudo relataram mudanças no humor, cognição e comportamento que precediam ou coincidiam com os períodos criativos e produtivos. As mudanças mais comumente referidas que ocorreram durante os períodos criativos foram “aumento do entusiasmo, energia, auto-confiança, velocidade de associação mental, fluência de pensamentos e humor elevado, e uma forte sensação de bem estar. Jamison salienta que essas mudanças se sobrepõem aos critérios usados para identificar hipomania <sup>69</sup>. Ela encontrou uma “intrigante alta taxa de transtorno do humor, suicídio e institucionalização” entre os sujeitos e seus familiares. Baseando sua pesquisa em informações biográficas e autobiográficas, Jamison concluiu que os poetas que ela examinou tinham trinta vezes mais chance de serem afetados pelo transtorno bipolar I e quase vinte vezes mais chance de sofrer do transtorno depressivo maior.

Poetas e romancistas relataram períodos prolongados de elação. Praticamente todos os artistas e escritores criativos (89%) falaram já ter experimentado episódios altamente produtivos e criativos. A duração mais freqüente desses episódios foi de duas semanas, com metade deles durando entre uma a quatro semanas. Esses episódios de “intensidade criativa” foram caracterizados pelo aumento no

entusiasmo, energia, autoconfiança, velocidade de associação de idéias, fluxo de pensamentos, e elevação do humor, e uma forte sensação de bem-estar<sup>89</sup>.

Ludwig (1994) incluiu 59 escritores e um grupo controle e relatou que enquanto 59% dos escritores estavam deprimidos, apenas 9% do grupo controle preenchiam critérios diagnósticos para depressão. Em seu levantamento da biografia de 1005 indivíduos eminentes que viveram no século XX, Ludwig (1995) encontrou uma prevalência para a vida toda de depressão de 50% para pessoas trabalhando com arte criativa comparado com 20% daqueles do campo dos empreendimentos, 24% dos cientistas e 27% de figuras sociais importantes. Particularmente vulneráveis a depressão foram os poetas (77%), os escritores de ficção (59%) e artistas visuais (50%).<sup>175</sup>

Em 1994, o grupo de Schildkrant avaliou as biografias de 19 artistas americanos. 50% sofriam ou de depressão ou de ciclotimia, 33% abusavam de álcool e 40% já haviam recebido tratamento psiquiátrico.<sup>175</sup>

Também em 1994, Post estudou 291 biografias de homens eminentes em arte, literatura, ciência e liderança política. Encontrou altas taxas de desordens psiquiátricas em escritores e artistas. Em estudo posterior de biografias de escritores Post encontrou altas taxas de depressão e alcoolismo.<sup>175</sup>

#### Estudo de caso controle

Em 1994, Andreasen expandiu sua amostra para 30 escritores que foram comparados usando entrevistas não-cegas com 30 controles “não-criativos” pareados para idade, gênero, status socioeconômico e inteligência. Escritores tiveram prevalência ao longo da vida significativamente maior que controles para todos os transtornos do humor (80% versus 30%), para transtorno bipolar (43% versus 10%) e para alcoolismo (30% versus 7%).<sup>175</sup>

O pintor norueguês Edvard Munch, que foi hospitalizado diversas vezes por doença psiquiátrica disse: “um alemão disse uma vez para mim: ‘mas e se você pudesse se livrar de muitos de seus problemas’. No que eu repliquei: “Eles são parte de mim e da minha arte. Eles são indistinguíveis de mim e isso iria destruir minha arte. Eu quero manter esses sofrimentos.” (Stang,1979). Sobre a afirmação de Munch, Jamison (1993) escreveu: Existe uma preocupação comum. Muitos artistas e escritores acreditam que o atordoamento, o sofrimento e os extremos de experiência emocional são partes integrantes não são da condição humana mas de

suas habilidades como artistas. Eles temem que o tratamento psiquiátrico os transformem em almas normais, bem ajustados, desanimados – incapazes ou desmotivados de escrever, pintar ou compor.<sup>39</sup>

Não existe dúvida de que humor negativo e o poder da mania pode às vezes dar contribuição positiva ao pensamento criativo. Mas elas obviamente não produzem isso em cada sofredor de humor anormal e oscilação iria demonstrar sinais de criatividade. Ainda mais que é típico de qualquer pessoa que se engaja em trabalho criativo se sentir excitada, em elação, talvez eufórica ou em êxtase, sentir aumento da autoconfiança, eficiência mental combinada com concentração mais focada, apetência, talvez expansividade e clareza mental elevada. E, em paralelo, infelicidade, tristeza profunda e pesar podem, não menos, serem parceiros internos do esforço criativo.<sup>39</sup>

Liane Gabora afirmou: “cultura não apenas afeta a estrutura biológica através de seus efeitos no comportamento, mas ela modifica o mundo biológico”. Na “tese situacional” a observada “psicopatologia” de pessoas criativas precisa ser entendida no contexto de suas lutas para existir, lidar com e sentir as pressões para se adaptar ao mundo dos psicologicamente normais. Esses achados são intrigantes. A depressão é uma desordem debilitante e os sintomas que a definem incluem diminuição do interesse em todas as atividades, perda de energia, indecisão e diminuição de concentração – não são sintomas que se associam prontamente ao comportamento criativo. A falta denexo causal direto razoável entre humor depressivo e comportamento criativo faz pensar que uma terceira variável seja responsável por isto. Em nossas leituras sobre depressão, nós nos deparamos com a relação próxima entre pensamento ruminativo auto-reflexivo e afeto negativo, mais notadamente depressão. Assim, em suas análises das altas taxas de prevalência de transtorno mental em poetas femininas, Kaufman e Baer (2002) propuseram recentemente um elo entre ruminação, depressão e a escrita poética. Eles argumentaram que a introspecção e a ruminação que caracteriza depressão possam também estar envolvidas na escrita poética e também por aumentar a instabilidade em poetas que já são vulneráveis aos transtornos mentais. Um grande corpo de literatura sugere que o estilo de pensamento ruminativo aumenta a vulnerabilidade à depressão e mantém afeto negativo quando seu foco é em eventos de vida

negativos ou quando o indivíduo experimenta estados de humor negativos freqüentes<sup>174</sup>.

Ruminação pode ser ligada a criatividade. Particularmente em escritores e poetas, um foco no *self* e em seus próprios sentimentos pode ser parte importante da atividade criadora. É interessante notar que os pacientes bipolares do estudo de Jamison, Germs, Hamm e Padesky (1980) referiram que seus quadros depressivos levaram ao aumento da sensibilidade pelos seus sentimentos, o que eles afirmavam ter um impacto em sua criatividade<sup>174</sup>.

Apesar dos prejuízos e às vezes efeitos letais dos transtornos do humor, um número marcadamente alto de indivíduos criativos eminentes parecem sofrer de depressão e doenças relacionadas, particularmente o transtorno bipolar (Andreasen Glick, 1988; Jamison, 1989, 1993, 1995; Richards e Kinney, 1989; Goodwin e Jamison, 1990)<sup>165</sup>.

O compositor Robert Schumann, por exemplo, escreveu a maior parte de seus trabalhos num estado de hipomania e permaneceu silenciado durante os episódios de grave depressão (Slater e Meyer, 1959). Além disso, num estudo mais recente sobre criatividade e a diátese bipolar, Shapiro e Weisberg (1999) não acharam indicação de associação entre sintomas depressivos correntes e criatividade. Em adição, o achado de que a ingestão de estabilizador de humor, tais como o lítio, melhora a produtividade no lugar de diminuí-la, sugerem que o episódio depressivo por si só é muito debilitante, como esperado pelos seus sintomas definidores.<sup>174</sup>

Ramey e Weisberg (2004) correlacionaram a produtividade e a qualidade de poesia de Emily Dickinson a diferentes períodos de humor em sua vida para testar a hipótese de que sua bipolaridade tivesse um efeito positivo na sua criatividade.<sup>69</sup>

Estudos do limiar de excitabilidade fisiológico na depressão, tal como determinado por análise de EEG, têm revelado que pacientes deprimidos têm excitabilidade reduzida a qual é alterada com o tratamento (Nieber and Schlegel, 1992; Knott *et al.*, 2000). Se baixos níveis de excitabilidade fisiológica fazem com que se tenha aumento da extensão de representações de conceito, promove pensamentos divergentes e aumenta a flexibilidade cognitiva, então pode-se supor que pessoas deprimidas tenham maior propensão a serem criativas<sup>85</sup>.

São observadas reduções no fluxo sangüíneo na porção pré-frontal dorsolateral que podem estar relacionadas à relativa dificuldade que têm os pacientes

deprimidos em estarem atentos e a desenvolver pensamentos ou planos sobre atividades futuras. No lugar disso, eles estão envolvidos em planos internos (introspecção e ruminação). A atividade reduzida nos córtices pré-frontal dorsolateral e no cíngulo anterior que ocorre nos deprimidos deve ser importantes para a inovação criativa porque os lobos frontais são a área cortical primária de controle do *locus coeruleus*. Atividade reduzida nas regiões frontais e do cíngulo, em razão do baixo input do *locus coeruleus*, poderia fornecer a base para a redução na norepinefrina cortical, reduções associadas na razão *signal-to-noise* e para o recrutamento de representações difusamente distribuídas <sup>85</sup>.

A primeira implicação é que neuroticismo/ciclotimia/distímia podem contribuir para a criatividade. Dados convergentes sugerem relação entre ciclotimia e criatividade (Kretschmer, 1931; Andreasen, 198; Akiskal e Akiskal, 1988; Richards *et al.*, 1988; Akiskal *et al.*, 2005a,b). Uma correlação entre NEO abertura (Revised- NEO Personality Inventory) e criatividade está bem estabelecida (McCrae, 1987; King *et al.*, 1996; Feist, 1998; Dollinger *et al.*, 2004), mas também há evidência da conexão entre neuroticismo e criatividade (Kemp, 1981; Andreasen e Glick, 1988; Backer, 1991; Hammond e Edelman, 1991; Marchant -Haycox e Wilson, 1992). Em adição, modelos integrativos têm sugerido que ambos os componentes cognitivo (por exemplo, abertura) e afetivo (ex.: neuroticismo) se relacionam com a criatividade (Russ, 1993; Eysenck, 1995) <sup>165</sup>.

Apesar dos potenciais complicações emocionais e interpessoais, a habilidade de experimentar intensos afetos incomuns (neuroticismo) e variados (ciclotimia) deve favorecer a inovação em indivíduos talentosos insatisfeitos com o corrente estado da arte, ciência ou indústria. Em contraste, a flexibilidade cognitiva associada à abertura pode ser uma garantia, não apenas para a criatividade, mas também para as relações interpessoais. Em nossos estudos a abertura correlacionou-se com a sub-escala BWAS -Barron-Welsh Art Scale-like (mas não com a BWAS-dislike ou com a BWAS total), consistente com a noção de que abertura permite ao sujeito a melhor apreciação da complexidade e assimetria <sup>165</sup>.

O grupo de Barron encontrou criatividade aumentada entre pacientes bipolares eutímicos, mas não em deprimidos unipolares eutímicos na Barron-Welsh Art Scale (Barron, 1963; Santos *et al.*, 200). Essa associação criatividade-bipolaridade pode estar relacionada a diferenças temperamentais, tais como a ciclotimia aumentada

em pacientes com transtorno bipolar se comparados a pacientes com transtorno depressivo maior (Nowakowska *et al.*,2005) <sup>165</sup>.

Miller e Kelman (1992) verificaram que a doença afetiva é positivamente associada com a renda. Num estudo recente, Post *et al.*(2003) acompanhou o curso diário da doença em 258 pacientes bipolares ambulatoriais durante um ano. Essa amostra provavelmente superestima a gravidade da doença. Esses pacientes estavam em “centros de tratamento de excelência”, para onde convergem os casos mais graves <sup>166</sup>.

Utilizando uma base de dados populacional e um instrumento econométrico tradicional – *logit* multinominal, para analisar o desempenho ocupacional daqueles com transtorno bipolar do humor e da população geral, Tremblay (2004) encontrou alguma evidência da concentração de bipolares em setores de serviço, administração e em profissionais liberais (que inclui artistas, músicos, autores). Nível educacional e de criatividade profissional muito mais altos que a média da população geral, foram verificados. Finalmente, empregando métodos não-paramétricos de estimativas de densidade para o índice de criatividade ocupacional para as amostras de bipolares e não bipolares, foi visto que a possibilidade de engajamento em atividades criativas no trabalho é maior para trabalhadores bipolares <sup>166</sup>

*A vida mais agradável é a que transcorre sem nenhuma espécie de sabedoria. Sófocles*<sup>67</sup>.

## 6. O ESTUDO PATOGRÁFICO DE FERNANDO PESSOA

### 6.1. A EUROPA DO INÍCIO DO SÉCULO XX

A Europa testemunhava mudanças revolucionárias em todos os campos do conhecimento.

*Com o triunfo do maquinismo, a renovação dos instrumentos de produção, a reformulação dos métodos, a concentração empresarial, abriu-se uma nova era para a humanidade: a era da civilização científica. Os descobrimentos de Hertz, de Berthelot e de Curie revolucionaram as Ciências Físicas. No campo da Biologia, Charles Darwin publicou A origem das espécies, Claude Bernard fundou a Medicina Experimental e Pasteur a Microbiologia. Na literatura, o Romantismo dominou na primeira metade do século XIX; na segunda metade emergiu a corrente realista. As tendências do Romantismo fizeram-se presentes também nas artes plásticas, com alguns remanescentes do classicismo ou incursões no Realismo. A música foi dominada pelo Romantismo. Após os anos sessenta propagaram-se o Cientificismo e o Positivismo na Filosofia, e surgiram o Naturalismo e o Simbolismo na literatura e o Impressionismo na pintura.*

- Em 1879 eram inventados o fonógrafo e a lâmpada incandescente. O americano Thomas Edison havia criado um laboratório que empregava dezenas de cientistas que se dedicavam a invenções. Mais de mil cartas patentes foram produzidas<sup>28</sup>.
- A radioatividade foi descoberta por Bacquerel. Quatro anos depois, Pierre e Marie Curie, ambos poloneses, isolaram o corpo radioativo mais poderoso, o rádio.
- A fotografia surgiu na forma mais primitiva, a partir dos experimentos de Daguerre em 1839.
- Em 1859, Darwin publicava seu revolucionário e polêmico livro *A origem das espécies*, dando início a Teoria da Evolução.

*Claude Bernard afirmava que os fenômenos biológicos obedeciam às mesmas leis que regiam os corpos inanimados. Para demonstrar suas idéias, utilizou o método experimental, até então empregado exclusivamente para os fenômenos físicos. Pasteur descobriu que a fermentação e as doenças infecciosas resultavam da ação de seres vivos (micróbios e bactérias), os quais procurou isolar e cultivar artificialmente. Isso permitiu a fabricação de vacinas, de enorme importância na prevenção das doenças infecciosas*<sup>28</sup>.

- Jean-Martin Charcot realiza estudos sobre hipnose e histeria que levaram Freud à exploração do inconsciente e à criação da Psicanálise<sup>28</sup>.
- A sociologia passa a questionar o sentido universal dos valores morais. Mostra a influência dos fenômenos sociais sobre a mentalidade individual e as representações coletivas. Os principais representantes dessa escola foram Durkheim, que escreveu o livro *O suicídio* e Lévy-Bruhl.

*No final do século, a partir de 1880, uma nova racionalidade passou a dominar as mentalidades. Neste sentido muito contribuiu a tese de Bergson, de 1889, que procurava as forças vivas do pensamento, por oposição às construções artificiais da inteligência. Nietzsche, pensador alemão, exaltou a superioridade dos valores vitais em face da ciência e da razão. William James, filósofo americano, desenvolveu a teoria do pragmatismo, empirismo radical segundo o qual só é verdadeira uma ação que tem êxito*<sup>28</sup>.

#### As tendências literárias.

- O Romantismo surgiu como resposta ao Classicismo do século XVIII e dominou a primeira metade do século XIX. Ressaltava os afetos e a individualidade, o homem era movido por suas paixões. Com origem na Inglaterra tem como representantes Wordsworth, Byron, Shelley, Goethe, Schiller e Heine.

*O Romantismo francês foi representado na poesia por Lamartine (com suas *Meditações poéticas*, de 1820), Victor Hugo, Musset e Vigny; no romance, por*

*Stendhal, Victor Hugo, Balzac e Dumas; no teatro, por Dumas, Musset e, sobretudo, Victor Hugo, que produziu em 1830 a peça Hernani. Após 1850, o Romantismo entrou em declínio. Na poesia, começavam a triunfar as doutrinas de “arte pela arte”, ou a poesia dos parnasianos, tais como Leconte de Lisle, extremamente hostil à exaltação dos sentimentos íntimos. Na mesma época, Baudelaire já anunciava o Simbolismo (As flores do mal, 1853). No romance, firmava-se uma corrente realista com Flaubert (Madame Bovary), na França; Dickens (Um conto de duas cidades), na Inglaterra; Tolstói (Guerra e Paz) e Dostoiévski (Crime e castigo), na Rússia*<sup>28</sup>.

- Entre 1875 e 1914 desenvolvem-se como correntes literárias engajadas o Naturalismo e o Realismo. O romance passa a acentuar a relação entre o sujeito e o seu meio social. Adquire uma conotação pessimista e identifica-se com as tendências socialistas. Nesta vertente, Zola na França, Thomas Mann na Alemanha, Thomas Hardy na Inglaterra, Blasco Ibañez na Espanha e Máximo Górkí na Rússia<sup>28</sup>.

*A produção artística desse período final do século XIX e inícios do século XX foi particularmente brilhante pelas suas inovações em quase todos os domínios. A arquitetura, tendo à sua disposição meios até então desconhecidos, procurava novas formas. De uma maneira mais ou menos inconsciente, os artistas estavam à procura de um novo estilo, contra o aviltamento do academicismo. Surgiu um novo mundo, de certa forma caótico, mas que se exprimia por meios originais. Nascia o jazz, o cinema adquiria vida e amplitude, os primeiros edifícios altos apareciam na paisagem. Com tudo isso, os Estados Unidos firmavam-se, aproveitando as descobertas europeias sem nenhum preconceito. A pintura francesa e a produção musical da Europa brilhavam de maneira fulgurante*<sup>28</sup>.

Em fins do século XIX surge na pintura o movimento Realista.

*Enquanto os neoclássicos preocupavam-se com o desenho e os românticos com a cor, os realistas centravam suas atenções no equilíbrio entre a cor e o desenho, a emoção e a inteligência. Abandonaram os temas históricos e concentram-se nas cenas diárias, tocados pelas idéias políticas*

*dominantes na época. Afirmavam que ser realista não era ser exato, mas sim verdadeiro*<sup>28</sup>.

- Em 1874 o imperador Napoleão III criou o Salão dos Recusados, pois o Salão Oficial de Paris já não comportava todos os artistas. Também neste ano, um grupo de pintores recusados no Salão Oficial, Monet, Pissarro, Degas e Cezanne, organizou uma exposição e foram acusados de não obedecerem as regras da pintura. O jornalista Louis Leroy, vendo um quadro de Monet – *Impressões do sol nascente* –, acusou o pintor e seu grupo de só fazerem borrões, chamando-os de impressionistas<sup>28</sup>

*Em 1886, os impressionistas passaram a ter seu próprio salão oficial. Por oposição aos artistas que continuavam a pintar em seus ateliês, os impressionistas saíam ao ar livre, em busca do sol e das modificações que seu brilho provocava na natureza. A arte caricatural também evoluiu com esse movimento, florescendo com Toulouse-Lautrec, que pintou muitos cartazes para teatro*<sup>28</sup>.

- Por seu turno, o Expressionismo nasceu como reação contra o Academicismo e o Impressionismo. Deformando as imagens, buscavam expressar o drama do homem em sua sociedade. Como grande exemplo de pintor expressionista podemos citar Van Gogh, na Holanda e Edvard Munch na Noruega.
- O Fovismo surgiu em 1905. Henri Matisse foi fovista.
- Gauguin ficou entre o movimento expressionista e o fovismo. Buscava recriar a natureza dando a cada imagem um valor simbólico<sup>28</sup>.
- Em 1908, surgiu o *Cubismo*. Desde 1906 que Pablo Picasso e Georges Braque haviam começado a dar novas formas à representação do corpo humano, procurando reduzi-los a seus elementos geométricos básicos.

*Foi o mesmo crítico que deu nome ao movimento fovista o responsável pela denominação de cubos para as paisagens de Braque. Foi enorme a influência desse movimento abrindo caminho para o Futurismo. A obra mais notável do Cubismo pertenceu a Pablo Picasso, um dos maiores pintores de todos os tempos. A tela mais representativa chama-se Guernica, nome da cidade bombardeada pelos alemães a pedido de Franco. Todo o desespero da cidade surpreendida pelo bombardeio mortal foi representado em branco, preto e cinza, numa tela de oito metros por três metros e meio. Retrata o holocausto do povo espanhol, sua dor, seu sofrimento e sua revolta. É, na verdade, o grande documento de dor da raça humana <sup>28</sup>.*

O Manifesto Futurista de Filippo Marinetti dá início na Itália ao movimento futurista. Publicado em 1909, apregoa a destruição de toda a arte do passado e o enaltecimento do futuro representado por máquinas, motores, automóveis, aviões, fábricas, arsenais de guerra, pontes, locomotivas, velocidade. Os futuristas ambicionavam transmitir situações tensas e em constante mutação. Politicamente, o Futurismo está na ante-câmara do nazismo e do fascismo <sup>28</sup>.

\*O *Abstracionismo*, movimento originário da pintura do russo Kandinsky, teve início em 1910. Inicialmente, Kandinsky foi fovista e acadêmico. Acreditava que pela força das cores seria possível expressar o sentimento de tristeza. Formas e cores eram seus ritmos e sons. O abstracionismo de Kandinsky era sensível, mais ligado aos sentimentos, enquanto o de Mondrian, outro representante desse movimento, era geométrico, matemático.

*O grande nome da escultura foi Auguste Rodin, que com suas obras O beijo, Os burgueses de Calais e, sobretudo, O pensador influenciou decisivamente a evolução da escultura francesa e mundial. (...) Sua discípula e amante desditosa, Camille Claudel, produziu esculturas de profunda intensidade afetiva e existencial, mas o reconhecimento de seu talento só aconteceu recentemente.*

- A música foi dominada pela escola romântica alemã. Na primeira geração romântica, destacaram-se Schubert e Beethoven (*Nona sinfonia*); na segunda, apareceram Schumann, Mendelssohn, Chopin e Berlioz; na

terceira, Liszt e Wagner; Brahms representou uma forma de retorno ao Classicismo.

*Na Itália, Verdi e Puccini produziram óperas imortais, como Aida e Madame Butterfly respectivamente. Fauré, Debussy e Ravel deram um brilho notável à música francesa, marcando uma verdadeira renovação musical. Na Rússia, Rimsky-Korsakov produziu uma música mais desligada das influências ocidentais, enquanto o músico Tchaikovsky permanecia mais ligado à música clássica. Em Viena, na Áustria, Schönberg pôs em evidência a música atonal*

<sup>28</sup>.

- Surgidos a partir dos cantos entoados no trabalho e nas igrejas, *work-songs* e *gospel-songs*, o Jazz e o *blues* ultrapassam os limites da cultura negra e passam a ser cada vez mais apreciados.
- É feita a primeira projeção de material filmado na França, em 1895 pelos irmãos Lumière.

## A POLÍTICA NO INÍCIO DO SÉCULO XX:

Os conflitos que culminaram na Primeira Grande Guerra já estavam delineados. Entre 1870 e 1914, a Europa vivia em constante vigilância, as rivalidades entre as nações se acirravam e junto com elas, uma corrida armamentista. O aumento dos gastos militares esvaziou os cofres públicos e provocou uma grave crise econômica. O desemprego crescia e fomentava as correntes mais radicais. De extrema direita, o fascismo da Itália, o nazismo da Alemanha, o salazarismo de Portugal e o franquismo da Espanha. De extrema esquerda, o socialismo, com raízes no marxismo, se fortalecia na Rússia <sup>23, 24, 25, 26, 27</sup>.

A revolução russa de 1917 foi um dos mais importantes acontecimentos do século XX. A lenta dissolução do regime czarista permitiu o crescimento das forças de oposição proletárias e ainda não tendo a Grande Guerra acabado, os bolcheviques tomaram o poder e implantaram o primeiro regime socialista da História.

A Revolução Russa de 1917 foi um componente poderoso da formação e expansão do regime fascista na Itália. Seu apelo às massas camponesas representava uma séria ameaça aos proprietários rurais e empresários italianos.

Terminada a Grande Guerra, a Europa estava destruída e a miséria assolava. A crise global do período entre guerras provocou a crise da Democracia e a emergência e consolidação de regimes autoritários e totalitários.

*Com uma tal falta de literatura,  
como há hoje, que pode um  
homem gênio fazer senão  
converter-se ele só em literatura?*  
Fernando Pessoa <sup>137</sup>

## 6.2. INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICA E PSICOPATOLÓGICA

### 6.2.1. BIOGRAFIA – CORTE LONGITUDINAL

*Lisboa era, no ano 1888, uma cidade entre cosmopolita e provinciana, exactamente como devem ser todas as grandes cidades que aspiram a não perder uma personalidade feita de tradição e de progresso. Sob os sucessivos ministérios de D. Luís I, então felizmente reinante, a capital de Portugal estava a crescer em bom ritmo enquanto procurava recuperar a importância internacional que tivera durante os mais prósperos períodos da sua história. Desde que aquele rei havia ocupado o trono vinte e sete anos antes, a vida política havia-se liberalizado em benefício, sobretudo, da classe média e dos comerciantes, e isso ia-se traduzindo numa série de melhoramentos urbanísticos e de comunicações entre as quais se contavam a inauguração, no ano de 1856, das obras do primeiro ramal de caminhos-de-ferro, que ligava Lisboa ao Carregado de trinta e seis quilómetros de percurso, empreendimento que culminaria oito anos mais tarde com a chegada do comboio à longínqua cidade do Porto. No ano de 1866 foram inaugurados os Paços do Concelho, em 1879 a Avenida da Liberdade, que ainda hoje continua a ser a artéria pública mais bela de Lisboa, com as suas três calçadas e os seus jardins, e em 1885 foi aberto aos passeantes, no final desta avenida, o parque que mais tarde se chamaria de Eduardo VII <sup>58</sup>.*

*Lisboa não tinha então mais de 200 mil habitantes, número que não tardaria a duplicar mercê de um desenvolvimento económico que voltou a fazer do seu porto um dos mais concorridos da Europa, com o conseqüente fluxo e refluxo de gentes dos mais diversos países e a introdução de*

*mercadorias, quer exóticas, quer produto da indústria moderna, mas que, os mesmos que ali chegavam com elas, contribuíram para estreitar os laços entre aquele extremo ocidental da península e o resto do mundo*<sup>58</sup>.

*Fernando António Nogueira Pessoa nasceu naquela Lisboa a 13 de Junho de 1888, às 3 e 20 da tarde, no quarto andar da casa número 4 do já referido Largo de S. Carlos. A essa hora, teria baixado um tanto o fluxo de fiéis que iam rezar à igrejinha do Santo, situado na vertente ocidental da colina do Castelo, e os vendedores de ramos e vasos de manjerico, que é o nome que os portugueses dão a uma variedade de alfavaca de folha miúda, teriam renovado as suas provisões pensando nos festejos de rua que se iniciariam ao entardecer e durariam até altas horas da noite, pois o 13 de Junho é o dia de Santo António de Lisboa, mais conhecido fora de Portugal como o de Pádua*<sup>58</sup>.

Sua mãe, Maria Magdalena Pinheiro Nogueira, tinha na época de seu nascimento 26 anos e o seu pai, Joaquim de Seabra Pessôa, tinha então 38 anos. Seu segundo nome vem de o ter nascido no dia do santo. O sobrenome “Pessôa” era assim, com acento. Aos 28 anos, anunciou ao amigo Armando Côrtes-Rodrigues que ia “fazer uma grande alteração na minha vida: vou tirar o acento circunflexo do meu apelido”<sup>49</sup>.

No lar de Fernando Pessoa residem, além de seus pais, a sua avó paterna, Dionísia Seabra Pessôa, que já tinha perturbadas as suas faculdades mentais quando nasceu o neto. É internada várias vezes em asilos de loucos. O medo da loucura que persegue o poeta durante toda a sua vida, talvez venha disto – quando em crise, D. Dionísia torna-se agressiva e pornofônica. “A loucura de D. Dionísia era intermitente – se não suportava as crianças quando dava na veneta, Fernando e os primos eram tratados, durante os períodos pacíficos, com tanto carinho quanto benévola condescendência”<sup>58</sup>.

O pequeno Fernando é criança acostumada aos mimos e carinhos da mãe, por quem nutre um amor edipiano. O sentir-se privado desse amor, o fará escrever inúmeras peças em verso e prosa em todas as fases da vida<sup>49</sup>.

*Delas poderíamos fazer uma antologia do amor filial, totalmente realizado e, depois, frustrado. O primeiro poema, “à minha querida Mamã”,*

*escrito quando Pessoa tinha sete anos, encontra eco no último, escrito em francês alguns meses antes de ele morrer, e também dirigido à “maman” por este que continua a ser “ton enfant/ Devenu grand/ Et plein de larmes et de doutes”. Então a perdera fazia dez anos* <sup>49</sup>.

Ama também ao pai. Joaquim Seabra Pessôa é funcionário público; mesmo não tendo cargo que lhe confira status na sociedade portuguesa, é homem de elevada sensibilidade e cultura, daí exercer a função de crítico musical em um jornal. Diz-se que é mais parecido com o pai fisicamente e em temperamento, embora seja a mãe que tenha como modelo e refúgio <sup>49, 58</sup>.

*Poder-se-ia dizer que do pai lhe veio o espírito de “desassossego” que irá inspirar o essencial de sua obra. Mas foi da mãe que herdou a posse firme do utensílio verbal que lhe vai permitir exprimi-lo com incomparável força. Segundo todas as testemunhas, Maria Madalena tinha dons excepcionais. Tivera, dizia-se, uma educação de rapaz: sabia latim e alemão, falava e escrevia perfeitamente inglês e francês. Tinha vasta cultura literária, musical e artística. E também escrevia poemas. Havia outra mulher com pretensões literárias na família: Maria Xavier Pinheiro da Cunha, tia de Maria Madalena (irmã da mãe). Também ela escrevia poemas, melhores que os da sobrinha. Iria ter muita influência sobre Fernando, cuja vocação poética despertaria cedo* <sup>49</sup>.

Em 1893, logo após o nascimento do filho Jorge, fica declarada a tísica de Joaquim Pessôa. O pai de Fernando vai para o campo e passa a morar sozinho. Recebe poucas e espaçadas visitas da família. Falece a 13 de julho, deixando os seus em dificuldades financeiras. Quatro meses após a morte do marido, D. Madalena se vê obrigada a vender seus objetos de valor e a ir viver com os dois filhos, a sogra e duas empregadas, num bairro menos abastado. À morte do pai, segue-se, no ano seguinte, a do irmão Jorge, também tuberculoso. Talvez também em razão de todas essas perdas, é neste ano que inventa um amigo invisível – Chevalier de Pas, ou Cavaleiro do Nada – “por quem escrevia cartas dele a mim mesmo”, dirá 40 anos depois em carta, a Casais Monteiro <sup>49, 58</sup>.

*Ao que parece, ele viu no espírito de desassossego do lado paterno a marca de sua ascendência judaica. Considera-se produto de uma “mistura de judeus e fidalgos”. Um dos antepassados judeus é bem conhecido: Sancho Pessoa. “Cristão-novo”, ou seja, de família judaica convertida à força por ordem do rei D. Manuel I em fins do século XV, sob pena de expulsão, foi Sancho condenado pela Inquisição, em 1706, a severa pena por crime de “judaísmo” (prática clandestina do culto israelita). O mais ilustre dos fidalgos é o capitão José Araújo e Sousa, que deu à família Pessoa seu brasão, cujo escudo de armas o próprio poeta iria desenhar com orgulho*<sup>49</sup>.

*A própria Maria Madalena, segundo dizem, conviveu na infância com o príncipe herdeiro; tinham aulas juntos. O filho nunca se sentiu verdadeiramente homem do povo*<sup>49</sup>.

Em 1895, dois anos após a morte do marido, Madalena se casa com o comandante da Marinha de Guerra, João Miguel Rosa, figura imponente que usava bigode à Kaiser. No ano seguinte, comandante Rosa é nomeado Cônsul de Portugal em Durban, colônia britânica na África do Sul. Pôs-se a dúvida na cabeça de D. Madalena, não sabia se iria ou não levar consigo nesta viagem à África, o filho tão jovem para terras estranhas. Talvez esse assunto fosse discutido abertamente e o menino Fernando, tendo ouvido tais conversas, tenha em resposta, composto seus primeiros versos no poema intitulado “À minha querida Mamã”<sup>49, 58, 135</sup>

*Eis-me aqui em Portugal,  
Nas terras onde eu nasci,  
Por muito que goste delas,  
Ainda gosto mais de ti.*

*Situada na colônia britânica de Natal, a sul da portuguesa de Moçambique, e fronteira com ela, Durban era uma cidade nova e a meia construção, pois havia sido fundada no ano de 1846 por um governador homónimo da colônia do Cabo. Tinha uns trinta mil habitantes brancos e cerca de dois mil mais, entre os quais se contavam zulus, negros de outras etnias, gente de raça amarela e emigrantes hindus. O barco em que*

*chegaram Fernando e os seus familiares, provavelmente o Athens, de 492 toneladas, não era, como se vê, de muito calado, e esta circunstância foi o que lhe permitiu utilizar os ainda difíceis acessos ao porto, em que só a partir de 1904 puderam atracar os grandes navios comerciais. Naquela altura, a cidade havia prosperado rapidamente e ia a caminho de dobrar o número dos seus habitantes, mas em 1896 lutava por abrir passagem por entre pântanos e a vegetação subtropical, e os navios que mais a visitavam ou estavam ali matriculados ou eram baleeiros e pequenos barcos de carga* <sup>58</sup>.

*Os habitantes de Durban eram com frequência surpreendidos por aparatosas tempestades tropicais que puderam ser a origem do pânico que, durante o resto da sua vida, inspiraram a Pessoa as tormentas, algumas das quais descreveria tão admiravelmente e com tanto luxo de pormenores no Livro do Desassossego* <sup>58</sup>.

*Naquela cidade multirracial, em que se falavam línguas europeias, africanas e asiáticas, Fernando ia receber uma educação exclusivamente britânica. Aprendeu ali perfeitamente as línguas inglesa e francesa e adquiriu a disciplina e os costumes próprios de uma sociedade pioneira dominada por um puritanismo mais ou menos sincero* <sup>58</sup>.

Em 1896 é matriculado na escola de freiras irlandesas da West Street. Três anos depois, ingressa na Durban High School onde, pelo extraordinário desempenho, estuda em três anos o que deveria estudar em cinco <sup>49, 135</sup>.

Em 1901, a família aumentada pelos meninos Henriqueta Madalena e Luís Miguel, nascidos em 1896 e 1900, respectivamente, parte de férias para Portugal. No navio viajava também o cadáver da irmã Madalena Henriqueta, nascida em 1897 e morta em junho do ano de sua viagem. Só em setembro de 1902 regressam a Durban <sup>58</sup>.

Em 1903, aos 15 anos, Fernando Pessoa é admitido na Universidade do Cabo, mas não cursa mais que um ano. É neste ano que cria várias personalidades literárias. Dentre elas, destacam-se dois: Alexander Search, que tem a mesma idade de seu criador, tendo, inclusive, nascido no dia do seu aniversário, e Charles Robert Anon, também adolescente, porém, um antípoda de Pessoa <sup>49</sup>.

Em 1904 nasce a irmã Maria Clara. Volta a morar em Portugal com a tia-avó Maria. Inscreve-se na Faculdade de Letras que pouco frequenta por estar muito envolvido em suas atividades literárias e por preferir a formação autodidática. Frequenta todos os dias a Biblioteca Nacional. Passa a morar com a mãe e o padrasto que estão de férias em Portugal. Quando morre a irmã Maria Clara a família volta a Durban e Fernando fica na casa da avó Dionísia e das tias solteironas. Desiste definitivamente do curso de Letras <sup>49</sup>.

Com a morte da avó, em 1906, Fernando aplica a pequena herança integralmente numa tipografia, a Empresa Íbis – Tipografia e Editora. Íbis é nome de uma ave pernalta e de bico longo originária da África e Ásia e é também seu apelido de infância. O empreendimento não demora a fracassar. Para que os compromissos com horários não se tornassem empecilho a sua verve criativa, recusa vários bons empregos, mas aceita ser correspondente de línguas estrangeiras em casas comerciais. Encarrega-se da correspondência em inglês e francês de escritórios de importação e exportação <sup>101</sup>.

*Tais iniciativas são um tanto dispersas. Há em Pessoa um lado inventor de “professor Pardal”. Sonhou em comercializar suas descobertas: um novo tipo de máquina de escrever, um novo sistema de papel de carta com envelope incorporado, um “anuário sintético”, um “código de cinco letras” etc. Inventou uma reforma ortográfica. Quis abrir um consultório de astrologia e de grafologia. Mas nenhuma forma de atividade o atraiu tanto como as relacionadas com a literatura. É nesse domínio que pretende viver a vida. Que é que lhe faltou para ter êxito? A resposta está no próprio nome que deu à sua editora e tipografia, Íbis. Vamos encontrar esse nome até o fim, em circunstância definidas de sua vida. A Íbis simboliza a parte infantil de seu ser – a infância conservada ou reencontrada. Pessoa ainda se sentia criança, e lamentava não ter podido permanecer criança mais tempo. Ele gostava de crianças. Foi para os sobrinhos e os primos pequenos que escreveu este curto poema <sup>49</sup>:*

“A Íbis, a ave do Egipto  
Pousa sempre sobre um pé  
O que é

Esquisito  
 É uma ave sossegada,  
 Porque assim não anda nada.”<sup>49</sup>

*Para diverti-los, fazia-se de íbis, mantendo-se em pé sobre uma perna, com a outra dobrada. E quase quinze anos após o frustrado empreendimento da casa Íbis é a personalidade dessa ave sagrada, muito “sossegada”, que ele assume ao escrever a Ofélia, no estilo vo luntariamente pueril das Cartas de Amor, que tanto contrasta com sua prosa habitual: “Meu Bebezinho querido: Então o meu Bebê não ficou ontem descontente com o Íbis? Então ontem achou o Íbis meigo e digno de jinhos?...” O ter colocado a empresa industrial e comercial sob o signo da parte dele próprio que menos pronta estava para fazer face a tal desafio é cem por cento Pessoa, com aquela espécie de vontade de falhar, inconsciente e contudo inteligente, que nunca mais o deixará*<sup>49</sup>.

Não há registro de que o adolescente Pessoa tenha tido envolvimento amorosos ou mesmo puramente sexuais. Em 1907 Fernando monta uma farsa, escreve para seu professor em Durban... e para seu colega de turma Geerds em nome de um tal Dr. Antunes, que seria o seu psiquiatra, informando sobre o suicídio de Fernando e perguntando informações sobre seu comportamento na escola durante os anos que morou na África<sup>49, 58, 101</sup>.

*Podemos também fazer idéia de seus efeitos por meio da investigação, de 1907, do pseudopsiquiatra Dr. Antunes. Este pede a C. Greerds informações sobre o comportamento sexual de seu colega de turma. “Que eu saiba”, responde Geerds, “não tinha nenhuma ligação amorosa (love affair). Ignoro se se entregava a excessos sexuais.” Alguns anos após, na novela inacabada Marcos Alves, Pessoa fala do “destrambelamento sexual” desse herói adolescente, cuja imaginação desavergonhada o faz interpretar todos os comportamentos humanos do ponto de vista do sexo. “A sua sexualidade enchia todo o cérebro. [...] Misturava-se estranhamente com a sua ânsia de verdade...” A tragédia de Marcos Alves consiste em ter “altos e puros e nobres ideais”, e saber ao mesmo tempo que é “um porco”. Não consegue*

*fazer coexistir em si o sexo e o ideal. Aí vemos em ação o processo de dissociação que, desde esse período de Durban, faz de Pessoa um sonhador demasiado puro, demasiado exigente, atraído unicamente por figuras perfeitas, necessariamente inexistentes, mas ao mesmo tempo demasiado perverso, demasiado excessivo em seu desejo para que a sexualidade moderada e habitualmente aceita o possa satisfazer, o que o deixa, portanto, sujeito aos tormentos de uma “sexualidade sem vida sexual”. Esse divórcio da aspiração ao “bem” e da fascinação do “mal” torna-lhe impossível qualquer compromisso com o mundo, “qualquer ação que não seja escandalosa e absurda”<sup>49</sup>.*

Em 1908 decide morar sozinho. Escreve poesia e prosa em português, inglês e francês. Começa a escrever *Fausto*. Seus textos causam polêmica ao criticar a literatura portuguesa da época. Com o pré-heterônimo francês Jean Seul, Fernando “confessa o inconfessável”. Nos fragmentos de texto encontrados a temática é só uma: a sexualidade em seus desvios e perversões<sup>49</sup>.

*Encontram-se-lhe entre os papéis rascunhos de um tratado intitulado Des cas d'exhibitionisme. Ele mostra que “l'exhibitionisme présente toutes les caractéristiques d'une impulsion hystérique”. Mas não há exibicionismo sem público; e o que mais interessa ao autor, porque nisto se sente pessoalmente interessado, é menos a histeria das mulheres nuas ou dos homens que desnudam os próprios órgãos genitais do que a dos voyeurs, que os justificam. E, considerados os limites em que se lhe pode seguir o raciocínio, determinados pelas lacunas do texto, parece que a psicologia do voyeur se explica para ele pela impotência. “Outre l'impotentia coeundi et l'impotentia generandi, il y a une impotentia mentalis, qui consiste dans la faiblesse de la partie mentale (il n'y a ici rien de platonique) du sentiment sexuel...” Também se encontraram, datados provavelmente da mesma época, fragmentos de uma antecipação satírica de La France en 1950, à maneira de Swift ou de Voltaire: estranho quadro de uma sociedade onde, por exemplo, o incesto é obrigatório, está na moda medir o pênis etc. Mas a preocupação “moral” do*

*autor é afirmada in fine: “Honte à celui qui trouvera cette satire amusante. Honni soit qui en rira!”*<sup>49</sup>

Sua primeira elegia em língua portuguesa, datada de 19 de novembro de 1908 e intitulada *Dolora*, faz o balanço dessa adolescência, que termina com um atestado de fracasso. É sobre esse fracasso que ele terá de construir sua vida e sua obra<sup>49</sup>:

“Dantes quão ledo affectava  
 Uma atroz melancolia!  
 Poeta triste ser queria  
 E por não chorar chorava.

Depois, tive que encontrar  
 A vida rígida e má.  
 Triste então chorava já  
 Porque tinha que chorar.

Num desolado alvoroço  
 Mais que triste não me ignoro.  
 Hoje em dia apenas choro  
 Porque já chorar não posso.”

Em fins de 1908 “morre” Search. Antes, porém, escreve o próprio epitáfio<sup>49</sup>:

*“Aqui jaz A[lexander] S[earch]  
 de Deus e homens abandonado,  
 Da natureza troçado em dor;  
 Não acreditou em igreja ou estado,  
 Em Deus, homem, mulher ou amor,  
 Nem na terra aqui ou no céu além.  
 Do seu saber isto lhe vem:*

[...]

*Nada no mundo há de sincero  
Salvo luxúria, ódio, medo e dor  
E mesmos estes ultrapassados  
Pelos danos deles causados.*

*Ele morreu pelos vinte anos  
Com este voto e esta certeza:  
Maldito o Homem, Deus e a Natureza.  
(Epitaph, s.d.)*

Quando Pessoa começou a beber não se sabe ao certo. Podemos supor que a convivência com o irmão do padrasto, o general reformado Henrique Rosa, excêntrico e alcoolista, tenha tido alguma influência nisto. É através de Henrique Rosa que o poeta é apresentado aos artistas da nova geração e começa a participar das tertúlias. Henrique Rosa vivia num apartamento enorme e passava os dias na cama entre livros e garrafas <sup>49</sup>.

*Por volta de 1910-1911, o jovem, como lhe acontecerá muitas vezes, está cansado, deprimido, sem horizontes. Num diário em que escreve com muita irregularidade – e que não tem nada que ver com o Livro do Desassossego – anota (em inglês, desta vez ainda) sua indiferença fundamental, seu ódio aos “atos decisivos” e aos “pensamentos definidos”, às realizações e às conclusões. Não consegue fixar suas idéias. “[Os pensamentos] passam em mim; não são pensamentos meus, mas pensamentos que passam através de mim. Não pondero, sonho; não me sinto inspirado, deliro. Sei pintar, mas nunca pintei; sei compor música, mas nunca compus. [...] O meu carácter mental consiste no ódio aos princípios e aos fins das coisas, pois são pontos definidos...” Diz também que deixou de ler, exceto jornais ou literatura de entretenimento. “Quase deixei cair a literatura como tal. Poderia lê-la para aprender ou por prazer. Mas não tenho já nada para aprender, e o prazer extraível dos livros é de um gênero que pode ser substituído com proveito*

*pele que o contacto com a natureza e a observação da vida podem oferecer-me directamente...”*<sup>49</sup>

É em 1912 que estreia como escritor, publicando na Revista Águia um artigo chamado “A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada”. Demora ainda dois anos para se dar por conhecido como poeta. Também neste ano, seu amigo mais próximo, Mário de Sá-Carneiro segue para Paris e matricula-se na Sorbonne. A amizade dos dois durou apenas três anos e meio. Na maior parte do tempo, trocaram cartas, Fernando de Lisboa e Sá-Carneiro de Paris<sup>49, 101, 135</sup>.

1913 é um ano profícuo; de intensa atividade criadora. Seus artigos não poupam a política e a literatura portuguesas. Envolve-se com a vanguarda da arte. É difícil segui-lo no vai-e-vem que faz pela cidade. Trabalha em vários escritórios comerciais, frequenta os cafés da Baixa, vai ao Martinho e à Brasileira. Conhece homens de Letras e artistas plásticos, muitos dos quais farão parte, mais tarde, do grupo do Orpheu. Nunca teve tantos projetos e se relacionou com tanta gente<sup>49, 101</sup>.

*...frequenta assiduamente Armando Côrtes-Rodrigues, Luís de Montalvor, Alfredo Pedro Guisado, que são da sua geração ou da de Sá-Carneiro, e outros, ainda mais jovens: Almada Negreiros, que acaba de fazer vinte anos, António Ferro, de dezoito etc. Esse grupo começa a assumir cada vez mais a aparência de uma “escola literária”, de que Pessoa seria o chefe. Apesar da timidez, da reserva, do pudor, ele tem certo ascendente sobre os amigos. Um deles daria curioso testemunho sobre seu comportamento nesse meio de jovens artistas. Insiste no lado regular, metódico, quase mecânico, de suas peregrinações por Lisboa. Aparecia no café, vindo do escritório, sempre à mesma hora, e depois ia para outro café, sempre na hora combinada. Sentava-se perto dos amigos, esticava-se, observava-os em silêncio “com lampejos de ironia no olhar”, e depois “eclipsava-se melancolicamente”. Sentia-se que estava mergulhado nos pensamentos. “Pessoa não era verdadeiramente um filósofo, mas mais um sutil analista de detalhes, um perscrutador das coisas invisíveis...”*<sup>49</sup>

Nesses primeiros anos de República, Portugal tem uma atmosfera política conturbada – manifestações, greves, campanhas agressivas da imprensa e instabilidade governamental. Para Fernando Pessoa a literatura pode ser um “indicador sociológico” e talvez “o ponteiro que nos diz as horas da civilização?” Segundo ele, a grande literatura nasce nos períodos de decadência da sociedade, quando então se instala um movimento de renovação. “Fatalmente, o Grande Poeta que este movimento gerará, deslocará para segundo plano a figura, até agora primacial, de Camões”...“Tenhamos a coragem de ir para aquela louca alegria[...].Prepara-se em Portugal uma renascença extraordinária, um ressurgimento assombroso”<sup>49, 135</sup>.

*O ano seguinte é de muita produção. ...escreve os primeiros poemas esotéricos; “Epithalamium”, um poema erótico em inglês; “Gládio”, que depois usará em “Mensagem”, o poema que conta a história de Portugal; e uma peça de teatro de um único ato chamada”. É também nesse ano que publica na revista “A Águia”, um texto chamado “Na Floresta do Alheamento”, que, mais tarde, fará parte do “Livro do Desassossego”, uma obra escrita durante toda a vida do criador. Bastaram a Pessoa dois dias, 11 e 12 de setembro de 1913, para escrever O Marinheiro, “drama estático” em prosa, que lhe ilustra perfeitamente a teoria do “teatro de almas” e se distingue de toda a produção dramática contemporânea*<sup>49</sup>.

Uma nova estética é inaugurada por Pessoa em 1913, o “Paulismo”, que traz consigo poema *Impressões do Crepúsculo*. Em essência, “é feito de afirmações que negam a si mesmas, de sensações que se anulam, de falsas definições, de comparações imponderadas, de metáforas, de metonímias absurdas e, por fim, de oxímoros, que serão as figuras características da retórica modernista”<sup>49</sup>.

Escreve *Epithalamium* (epitalâmio, poema lírico lido, recitado por ocasião de um casamento, ou composto em louvor a ele), em inglês, poema que fala do amor heterossexual romano, como resposta, escreve *Antinous* em 1915, que faz a exaltação do amor homossexual grego. Narra a história de amor do Imperador Adriano pelo jovem *Antinous*<sup>49</sup>.

08 de março de 1914, o “Dia Triunfal” de sua vida, quando escreve “trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir...”

*Após a Ode Triunfal e os Dois Excertos de Odes, em menos de dois anos, do verão de 1914 à primavera de 1916, Álvaro de Campos vai escrever, sucessiva ou simultaneamente, seis outras grandes Odes, das quais duas, Ode Marítima e Saudação a Walt Whitman, têm cada uma um milhar de versos; três, Ode Marcial, Passagem das Horas e A Partida, muitas centenas cada uma, e a que começa por “Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir” pouco mais de cem. Se considerarmos que no mesmo período, Caeiro termina sua obra e Reis continua a sua, que Soares trabalha no Livro do Desassossego, que o “próprio” Pessoa escreve cerca de vinte poemas do Cancioneiro, outros tantos do Mad Fiddler (em inglês) e muitas cenas do Fausto, sem contar numerosas páginas de ensaios filosóficos, políticos ou críticos, que pode-se ter uma idéia da incrível fúria de escrever que se apossou do jovem escritor após o “dia triunfal”. Ele não o vai abandonar senão com a morte de Sá-Carneiro. É o período mais fecundo e, como veremos, o mais brilhante de sua vida, aquele em que, com os amigos, funda a revista Orpheu, que causa escândalo e, por uns tempos, o torna quase célebre. Não se sabe como se distribui o trabalho entre os membros da coterie durante esse período, de produção intensa, ou se acontece automaticamente. Fato é que, se Caeiro é teoricamente o “mestre”, ausente, e dentro em pouco desaparecido, e se o “próprio” Pessoa é o chefe da escola ou o gestor do grupo, Campos é a personagem mais conspícua e mais ruidosa. Nenhum dos outros – e Reis, o mais discreto, ainda menos que os companheiros – consegue rivalizar com ele na abundância e no poder criador*

<sup>49</sup>.

Para Lourenço, foram os poemas que suscitaram o aparecimento de Caeiro, Reis e Campos <sup>49</sup>.

Dezembro de 1914 é para ele uma “noite de tempestade”. Quadro depressivo do qual padecerá outras tantas vezes <sup>49</sup>.

Em março de 1915 sai o primeiro número do Orpheu. Ousada e provocativa, esta revista revolucionou a literatura portuguesa e inaugurou o Modernismo no país. A revista teve só dois números publicados <sup>49</sup>.

*O escândalo é enorme. Somos apontados na rua, e toda a gente – mesmo extraliterária – fala no Orpheu.” O cronista André Brun, no jornal A Capital, trata os poetas do Orpheu de loucos de camisa-de-força, de seres degenerados e perigosos, de morfinômanos e cocainômanos. Acusa Campos de pornografia. Um jornal satírico pede aos responsáveis da revista que publiquem no próximo número uma tradução para o português dos textos do primeiro.*

*Em dois anos mora em cinco casas: saiu da casa da tia Anica para um quarto mobiliado, que aluga a uma engomadeira; depois vai viver em outro quarto mobiliado, na Rua Antero de Quental; a seguir, em outro, na Rua Almirante Barroso, em cima de uma leiteria, e em outro ainda, na Rua Cidade da Horta. Em parte alguma se consegue sentir em casa, porque “em casa” para ele só na infância, para sempre perdida <sup>49</sup>.*

D. Madalena sofre um ataque apoplético (acidente vascular cerebral) em dezembro de 1915. O poeta fica desolado. Em carta a Sá-Carneiro, datada de 26 de abril de 1916, escreve: “tenho a pesar sobre mim a gravíssima doença de minha mãe. Ela teve aquilo a que se chama vulgarmente um ‘nisneto apoplético’ e ficou com uma paralisia em todo o lado esquerdo do corpo. Vai melhorando – segundo as cartas que recebo – mas tão lentamente, tão incertamente, que eu nunca posso tirar do meu espírito a pressão fria da incerteza a respeito dela. Já esta angústia, hoje consubstanciada comigo, me apoquento e me desvaira”. Mas a carta não encontrou seu destinatário, naquele mesmo 26 de abril Sá-Carneiro se mata, tal qual vinha anunciando, tomando estricnina <sup>49, 58, 101</sup>.

*O futurismo italiano, que se espalhou rapidamente na França, é movimento de vanguarda infinitamente mais radical que o modernismo, muito moderado apesar de tudo, do Orpheu. Se o desacreditaram tão rapidamente depois da guerra, foi antes de mais nada por seu próprio excesso, que*

*acabou por lhe fazer perder todo o significado. E por certo também porque era já portador de valores que logo iriam exaltar o fascismo, o nazismo, o franquismo e, em registro mais moderado, o salazarismo. Suas duas grandes idéias são a apologia do movimento, do dinamismo, da mudança e a da adesão ao mundo moderno, à técnica, ao maquinismo, à indústria. Elas conjugam-se no conceito de velocidade, que dá, mais que tudo, a embriaguez de viver: os símbolos do futurismo são o automóvel e o avião. Mas a velocidade, o dinamismo, a modernidade têm relação com a força. Marinetti faz o elogio de todas as formas de violência, cujo paradigma supremo é a guerra. Ele prefere a ação à psicologia, as massas e seus chefes às pessoas. (...) O Ultimatum é um exercício de estilo, tanto como um ato<sup>49</sup>.*

Mandado de despejo aos mandarins da Europa! Fora!

Fora tu, Anatole France, Epicuro de farmacopéia homeopática, ténia-Jaurès do Ancien Régime, salada de Renan-Flaubert em louça do século dezessete, falsificada!

Fora tu, Maurice Barrès, feminista da Acção, Chateaubriand de paredes nuas, alcoviteiro de palco da pátria [...], bolor de Lorena, algibebe dos mortos [...]

Fora tu, Bourget das almas, lamparineiro das partículas alheias, psicólogo de tampa de brasão, reles snobe plebeu... [...]"

"Tu, ambição italiana, [...]

Tu, 'esforço francês', galo depenado [...]

Tu, organização britânica, [...]

Tu, cultura alemã, Esparta podre com azeite de cristismo e vinagre de nietzchização, [...]

Tu, Áustria-súbdita, mistura de sub-raças, batente de porta K!

Tu, Von Bélgica, heróica à força; [...]

Tu, escravatura russa, Europa de malaios, [...]

Tu, 'Imperialismo' espanhol, [...] com toureiros de sambenito nas almas [...]

Tu, Estados Unidos da América, síntese-bastardia da baixa-Europa, [...]

E tu, Portugal-centavos, resto da Monarquia a apodrecer República, [...]

E tu, Brasil, ‘república irmã’ blague de Pedro Álvares Cabral, que nem te queria descobrir!

Ponham-me um pano por cima de tudo isso!

Fechem-me isso à chave e deem a chave fora! [...]

Abram todas as janelas!

Abram mais janelas do que todas as janelas que há no mundo!”<sup>49, 101</sup>

*Por que esse desprezo universal? Campos condena toda a sua época por falta de grandeza humana. Só vê mediocridade em todos os lados. Não vou falar das declarações, essas muito explícitas, da Ode Marítima, a não ser para fazer nota que há no poeta duas formas de sensibilidade homossexual, que se distinguem no século XVII francês pelos termos bougre e bardache*<sup>49</sup>.

*Mas é evidente que uma agitação tão desordenada, com mudanças de humor, alternância de excitação e depressão, de otimismo e desânimo, é suficiente para inquietar esse homem de trinta anos, cujo ideal, encarnado em Caeiro, é uma saúde mental perfeita. Em 10 de junho de 1919, com a ingenuidade que nele se alia ao espírito crítico mais desconfiado, escreve (em francês) ao magnetizador Hector Durville, “professor na Escola Prática de Magnetismo e Massagem”, em Paris, e autor do livro intitulado *Pour combattre la peur, la crainte, l’anxiété, la timidité et développer la volonté*. Pede-lhe informações sobre “os cursos de magnetismo pessoal por correspondência” organizados por sua instituição. E, para explicar o pedido, faz um diagnóstico detalhado do mal de que sofre. “Je veux développer ce que je puisse [sic] avoir de magnétisme personnel [...] pour donner une coordination directionnelle à ma vie [...]. Je suis un hystéro-neurasthénique [...]. Excepté dans ces choses intellectuelles, où je suis arrivé à des conclusions que je tiens pour sûres, je change d’avis dix fois par jour; je n’ai l’esprit assis que sur des chose ou il n’y a pas de possibilité d’émotion. Je ne sais que penser de telle doctrine philosophique, ou de problème littéraire; je n’ai jamais eu d’opinion ferme sur n’importe lequel de mes amis, sur n’importe quelle forme de mon activité extérieure.”*<sup>49</sup>

Morre o comandante João Miguel Rosa em outubro de 1919. No primeiro trimestre de 1920, Fernando Pessoa faz os preparativos para o retorno da mãe, alugando um andar inteiro para ir viver com a família<sup>49, 101</sup>.

Neste ano conhece Ophélia Queiroz, que a contragosto da família resolve candidatar-se ao emprego de secretária numa das firmas em que Fernando Pessoa trabalhava. Começam a namorar e a trocar correspondências. Ophélia era uma mulher miúda, “mas de pernas e braços roliços” e feições afiladas a quem Pessoa tratava como “Bébé”, “Meu Bébézinho”, “Meu Bébé pequenino”, “Pequenina”, “Minha Bonequinha”, “Boneca” e a si como “Íbis” e “Nininho”, adotando uma linguagem usada muitas vezes pelos adultos quando falam com crianças<sup>49, 58, 101</sup>.

*E diz patéticas: “Bébé, vem cá: bem para o pé do Nininho”, “Então o meu Bébé tem estado triste?”, “Então o meu Bébé não gosta do Nininho?”, etc. Evidentemente, isso não impede que a maior parte das cartas tenha tom sério. Na correspondência toda, apesar do tom falsamente bem-humorado, existe até algo de trágico. Esse tom infantil não é inocente. Todos os comentadores, a começar pelo editor das Cartas David Mourão-Ferreira, sentiram que tanto o “ridículo”, denunciado depois por Álvaro de Campos, como o trágico, que o leitor lê nas entrelinhas, têm algo que ver com a infância. (...) Em 9 de outubro de 1929 Fernando escreverá: “Eu gostava que a Bébé fôsse uma boneca minha, e eu fazia como uma crença, despia-a.”<sup>49</sup>*

*Sua obra é cheia de poemas e de páginas de prosa que exaltam a mulher amada – sempre virgem, se possível mãe, e de preferência ausente. É um devoto do Eterno Feminino, mas esse culto da feminilidade, em si, situa-se num espaço imaterial, longe da esfera dos sentidos, fora do corpo. Pergunto-me se sua vocação inconsciente não seria satisfazer simultaneamente duas exigências contraditórias, que um Gide, entre outros, conseguiu perfeitamente conciliar: casar com a alma de uma mulher e com o corpo de rapazinhos<sup>49</sup>.*

Em outubro inicia uma fase depressiva tão intensa que o faz pensar em internar-se em sanatório psiquiátrico. Rompe com Ophélia e em carta de despedida diz: “o meu destino pertence a outra lei, de cuja existência a Ophelinha nem sabe, e está

subordinado cada vez mais à obediência de mestres que não permitem nem perdoam”<sup>49, 101</sup>.

Segue-se um período fecundo de projetos. Funda a Editora Olisipo<sup>101</sup>.

*Após dez anos de agitação quase incessante, de invenção de doutrinas novas, de combate por idéias, o ano de 1924 é assinalado por um regresso à calma, por um desprendimento, por uma reflexão interior sobre os valores da arte “pura”. Depois de se ter pretendido romântico, simbolista, decadente, “paulista”, “interseccionista”, “sensacionista” e futurista, o poeta vai proclamar-se “clássico”<sup>49</sup>.*

Durante cinco anos pode desfrutar da companhia da mãe e irmãos. Em março de 1925 o estado de D.Magalena, que nunca se refizera do AVC, se agrava e ela falece. O lamento desse luto tem Álvaro de Campos como seu principal porta-voz. Deixou de ser o entusiasta da modernidade. É agora um homem cheio de “cansaço” e “tédio”<sup>49</sup>. Toda vivência muito importante, sobretudo se for triste, divide a vida num antes e num depois.

*Os meses que se seguem à morte da mãe são um período de flutuação. Tem, mais uma vez, a impressão de estar enlouquecendo. Temos testemunho disso: uma carta, de 31 de agosto de 1925, cujo destinatário não foi identificado: “Meu Exmo. Amigo: Creio estar sofrendo um acesso – ligeiro, suponho, e, se, assim é, curável – de loucura psicasténica. Como, se é certo o que de mim presumo – e se não é certo, é provável que meu diagnóstico de leigo seja brando –, é recomendável o internamento em manicômio.” E pede informações sobre as diligências que deve tomar para conseguir o internamento voluntário<sup>49</sup>.*

Volta a freqüentar bares e restaurantes, vagueia pela cidade sem destino. Preenche sua vida com devaneios e álcool<sup>49, 58</sup>.

*Pode-se dizer que Pessoa, após a morte de Sá-Carneiro e o relativo fracasso do Orpheu, quis retirar-se “para dentro de si mesmo”, deixando os territórios interiores conquistados à parte desconhecida de seu ser. Fez morrer retrospectivamente Alberto Caeiro em 1915 (de tuberculose, como o pai) e exilou Ricardo Reis para o Brasil em 1919, a pretexto de que, como monárquico, não suportava viver em Portugal sob o regime republicano. Restava Álvaro de Campos, sem dúvida de todos o mais dolorosamente atingido pelo luto e pelo fracasso. E é por isso que Campos, após 1916, não morre, como Caeiro, nem vai embora como Reis. Muda, como se fosse pessoa realmente viva, modelada pelos acontecimentos, pelos encontros, pelo destino. Muda como Pessoa. Mais, muito mais que Pessoa. Ele é sempre Campos: a escrita, a personalidade, a “voz” continuam a ser as dele. Porém o entusiasmo que o movia quebrou-se...<sup>49</sup>*

A obra de Pessoa é toda permeada pelo tema do fracasso, mas é nessa fase de grande desolamento que esse tema, ou melhor, esse sentimento, encontra maior expressão. Em abril de 1926 Pessoa escreve o segundo Lisbon Revisited e outro poema sem título que anunciam a negra matiz que reinará daí em diante:<sup>49, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138</sup>

*“Se te queres matar, porque não te queres matar?*

*[...]*

*Descança: pouco te chorarão...*

*O impulso vital apaga as lágrimas pouco a pouco,*

*Quando não são de coisas nossas*

*[...].*

*Depois a família a velar, inconsolável e contando aneddotas,*

*Lamentando entre as últimas notícias dos jornais da noite,*

*Interseccionando a pena de teres morrido com o ultimo crime...*

*[...]*

*Depois a retirada preta para o jazigo ou a cova*

*E depois o principio da morte da tua memória.*

[...]

*Só és lembrado em duas datas, aniversariamente:*

*Quando faz annos que nasceste, quando faz annos que morreste.*

[...]

*Duas vezes no anno pensam em ti.*

*Duas vezes no anno suspiram por ti os que te amaram.*

[...]

*Tens, como Falstaff, o amor gorduroso da vida?*

*Se assim a amas materialmente, ama-a ainda mais materialmente:*

*Torna-te parte carnal da terra e das coisas!*

*Dispersa-te, systema physico-chimico*

[...]

*Pela nocturna consciencia da inconsciencia dos corpos,*

[...]

*Pela relva e a herva da proliferação dos seres,*

*Pela nevoa atomica das cousas,*

*Pelas paredes turbilhonantes*

*Do vacuo dinamico do mundo...”* <sup>49, 137</sup>

O famoso poema Tabacaria, “uma espécie de epopéia do fracasso” e que iria se chamar a princípio “Marcha da Derrota”, viria a ser escrito também nessa fase <sup>49</sup>.

Em 1927, é publicada a “Revista Presença”, e, com ela, tem início o Presencismo, ou o segundo Modernismo português. Um dos grandes feitos dessa nova geração de poetas é o reconhecimento de Fernando Pessoa como seu mestre <sup>135</sup>.

*...o gosto e a aptidão para a publicidade, cuja importância futura no comércio já previa. Concebera para o patrão, importador de Coca-Cola, um slogan agressivo: “Primeiro estranha-se. Depois entranha-se.” Por causa do slogan o ministro da Saúde Pública decidira mandar apreender todos os estoques de Coca-Cola importados dos Estados Unidos, a pretexto de que essa bebida continha um estupefaciente causador de dependência* <sup>49</sup>.

Mesmo após o rompimento com Ophélia, continuou a relacionar-se com o seu sobrinho,..... Quando ... chegou em casa com uma foto de Fernando bebendo no Abel Pereira da Fonseca, Ophélia tratou de pedir-lhe uma cópia da foto para si. A encomenda chegou com a seguinte dedicatória: “Fernando Pessoa em flagrante delitro”. Em 1929 reata o namoro com Ophélia. No ano seguinte escreve a carta do rompimento definitivo <sup>101, 58</sup>.

*E o fim da carta trata, pela primeira e última vez, da questão do futuro de seu amor. “Gosto muito – mesmo muito – da Ophelinha. Aprecio muito – muitíssimo – a sua indole e o seu character. Se casar, não casarei senão consigo. Resta saber se o casamento, o lar (ou o que quer que lhe queiram chamar) são coisas que se coadunem com a minha vida de pensamento.*

*”A carta de 2 de outubro, assinada “Íbis”, está escrita “no estylo do Abel”, ou seja, ébrio. Nela Ofélia é comparada a uma “fera”. A de 9, dirigida ao “terrível Bébé”, é cheia de desculpas, de gentilezas e de arrependimentos. “E é um bombom, e é vespa, e é mel, [...] e sou maluco, e ninguém gosta de mim, e também porque é que havia de gostar, [...] gostava de lhe dar um beijo na bocca, com exactidão e gulodice [...] e comer os beijinhos que tivesse lá escondidos [...], e pedir-lhe desculpas, [...] e porque é que a Ophelinha gosta de um meliante e de um cevado e de um javardo, de um indivíduo com ventas de contador de gaz [...], e vou acabar porque estou doido, estive sempre, é de nascença.” É na mesma carta (e na mesma frase, visto que toda a carta é apenas uma frase) que ele confessa seu fantasma: gostaria de poder despi-la como a uma boneca... Há outra carta datada do mesmo dia, 9 de outubro, indubitavelmente escrita algumas horas mais tarde, sob efeito do remorso, talvez acentuado pelo efeito do álcool. “Bébé fera, Peço desculpinha de a arreliar. Partiu-se a corda do automovel velho que trago na cabeça, e o meu juízo, que já não existia fez tr-tr-r-r-r...” Em seguida fala do manicômio e do suicídio na “Boca do Inferno”, em Cascais. E a carta termina em delírio <sup>49</sup>.*

Ao rompimento com Ophélia, se segue mais um período sombrio. Os poucos poemas escritos nos primeiros meses de 1930 são odes niilistas, lamentos e

expressões de derrota e fracasso. Na primavera daquele ano, entretanto, passa a escrever incessantemente, um período prodigioso só comparado àquele que foi de 1914 a 1916 <sup>49, 101</sup>.

*Podemos considerar que os poemas e os textos em prosa de toda a espécie escritos nos últimos anos constituem mais de metade da produção total. E é entre eles que se lhe encontram algumas das obras mais fortes.*

De setembro a dezembro de 1930 há um arrefecimento em sua produção que faz Bernardo Soares escrever no Livro de sua vida que “Há muito tempo que não escrevo. Teem passado mezes sem que viva, e vou durando, entre o escriptorio e a physiologia, nua estagnação íntima de pensar e de sentir. Isto, infelizmente, não repousa: no apodrecimento ha fermentação.” <sup>49, 58</sup>

No ano anterior ao de sua morte escreve mais de trezentas quadras populares e finaliza o poema épico “Portugal” que virá a se chamar “Mensagem” e com o qual ganhará o segundo lugar no concurso ao Prêmio Antero de Quental. Seu livro não atendia a dois requisitos importantes para a premiação: não fazia apologia ao Estado Novo - a ditadura de Salazar, e não tinha número menor de páginas do que o estipulado <sup>49, 58</sup>.

Em 1935 Fernando Pessoa escreve a famosa carta ao crítico Adolfo Casais Monteiro, datada de 13 de janeiro, em que explica a gênese dos heterônimos <sup>134</sup>

*Há em mim fenômenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registro de seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenômenos - felizmente para mim e para os outros - mentalizaram-se em mim; quero dizer não se manifestaram na minha vida prática, exterior e de contato com os outros; fazem explosão para dentro e vivo-os eu a sós comigo. Se eu fosse mulher - nas mulheres os fenômenos histéricos rompem em ataque e coisas parecidas - cada poema de Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem - e nos homens a histeria assume aspectos mentais, assim tudo acaba em silêncio e poesia...*

*Continua, quase até o fim, a ir ao escritório e ao café. Gaspar Simões e Almada Negreiros encontraram-no no “Martinho da Arcada”, por volta de 25 de novembro. Estava sentado a uma mesa, “de chapéu enterrado na cabeça, de gabardine alvadia assaz suja”. Não se levantou para os cumprimentar. Estava excitado, tinha um riso nervoso, pigarreava, agitava-se de modo pouco habitual. No fim da tarde volta para casa, na Rua Coelho da Rocha, onde vive sozinho no apartamento da família. A meia-irmã está morando no Estoril com o marido e os filhos. Gaspar Simões conta que se abastece de aguardente na mercearia da esquina, o Trindade, que lhe vende fiado; o prêmio do S. P. N. serviu em parte para liquidar as dívidas. De manhã o barbeiro vai à casa dele para fazer-lhe a barba. Às vezes, encontra-o “ainda diante da mesa de trabalho, com cara de quem não se deitara”, com todo o espaço a sua volta semeado de papéis, livros, guimbas, e em meio a isso uma garrafa de aguardente vazia: pede ao barbeiro que a vá encher no Trindade antes de começar o trabalho.*

*O testemunho dos contemporâneos e as numerosas fotografias que se conservaram dele mostram-no sempre bem-vestido, impregnado de uma espécie de dignidade tipicamente burguesa. De camisa branca, terno escuro, gravata igualmente escura, não raro substituída por um “papillon”, chapéu de feltro cinzento ou preto, gabardina, óculos de aro de tartaruga ou de metal, bigode bem aparado...<sup>134</sup>*

Algumas semanas antes de sua morte, em visita à sua irmã Henriqueta no Estoril, apresenta *delirium tremens*. Segundo Gaspar Simões, caíra muitas vezes<sup>58</sup>.

*Na noite de 26 para 27 é acometido de terrível crise de “cólicas hepáticas”, com dores abdominais e febre. Durante o dia se sente um pouco melhor, mas no dia seguinte, em casa do amigo Teixeira Rebelo, o estado agrava-se-lhe, e decidem chamar o médico. Rebelo e dois outros colegas de escritório, Francisco Gouveia e Moitinho de Almeida, levam-no então para o Hospital de S. Luís dos Franceses, no Bairro Alto, onde o instalam num quarto particular. É tratado pelo primo, o Dr. Jaime Neves. Recebe a visita da*

*cunhado, Francisco Caetano Dias, cuja mulher, D. Henriqueta, não pôde vir, imobilizada no Estoril com um perna quebrada. A sua última frase, escrita em inglês, é: “ I know not what tomorrow will bring”. Seu último pedido, em português, foi para que lhe alcançassem os óculos. Morre no dia 30 de novembro de 1935, às 20:30h, aos 47 anos, de cirrose hepática<sup>49</sup>.*

*Logo após a morte do poeta, o irmão João Nogueira faz uma conferência e afirma que ninguém na família adivinhava que Fernando Pessoa, “uma pessoa tão inteligente e divertida”, “resultaria em gênio...”.*

Toda a sua obra – os 27 mil papéis encontrados dentro da arca que sempre o acompanhou, foi comprada pelo Estado Português em 1979 e depositada na Biblioteca Nacional e reprivatizada há cerca de 11 anos. O espólio encontra-se atualmente sob os cuidados da editora Assírio e Alvim<sup>135</sup>.

...O Natal se aproxima e, no meio da festa, sua  
solidão pesa mais do que nunca. Mas se perceber então  
que ela é grande, alegre-se com isso, pois o que seria de  
uma solidão sem grandeza? Rainer Maria Rilke<sup>134</sup>

## 6.2.2 CORTES TRANSVERSAIS

Até recentemente, acreditava-se que não mais do que 1% da população geral tinha transtorno bipolar do humor. Estudos realizados em todo o mundo têm acumulado evidência de que esse percentual pode chegar a 5% se considerarmos o espectro bipolar.

Embora a CID – 10 e o DSM-IV-TR sejam geralmente concordantes sobre o que constitui o sintoma maníaco central, existem diferenças importantes na orientação que eles fornecem para o diagnóstico de hipomania. No CID-10, a hipomania é considerada um grau menor da mania que dura “vários dias” e “causando interferência considerável no trabalho ou AM atividades sociais”. Em contraste, o DSM-IV-TR estipula que a hipomania ocorre sem marcante disfunção social ou ocupacional. Alguns dos sintomas centrais da hipomania podem ser mais comuns que outros. Por exemplo, “atividade aumentada” e “aumento de energia” são quase universais, enquanto tagarelice não se aparece em mais que um quarto das apresentações hipomaníacas.

A vida afetiva é a dimensão psíquica que dá cor, brilho e calor a todas as vivências humanas, diz Dalgalarondo. E continua: sem afetividade a vida mental torna-se vazia, sem sabor<sup>60</sup>.

Pode-se afirmar que existem cinco tipos básicos de vivências afetivas:

1. Humor ou estado de ânimo. É o tônus afetivo do indivíduo, o estado emocional basal e difuso no qual se encontra a pessoa em determinado momento. É a lente afetiva que dá às vivências do sujeito, a cada momento, uma cor particular. Para Bleuler, o humor consiste na “soma total” dos sentimentos presentes na consciência em dado momento. O humor dá a cada um de nossos estados de ânimo uma tonalidade que varia entre dois pólos, um patético e outro apático. Segundo Paim (1977): no estado de ânimo há a

confluência de uma vertente somática e de uma vertente psíquica, que se unem de maneira indissolúvel para dar como conseqüência um colorido especial à vida psíquica momentânea. O humor é vivido corporalmente: está unido à própria corporalidade. O enfermo maníaco sente o seu próprio corpo como flutuante, infatigável e cheio de vigor, enquanto o depressivo sente-o apagado, pesado, decaído e murcho <sup>60</sup>.

2. Emoções. Dalgalarrondo define as emoções como reações afetivas agudas, momentâneas, desencadeadas por estímulos significativos. Assim, a emoção é um estado afetivo intenso, de curta duração, originado geralmente como uma reação do indivíduo a certas excitações internas ou externas, conscientes ou inconscientes. São vivências relacionadas com a satisfação ou frustração das necessidades naturais e orgânicas, primárias.
3. Sentimentos. São estados afetivos estáveis, mais atenuados e menos reativos que as emoções. Costumam ser associados a conteúdos intelectuais, valores e representações. Em geral não implicam concomitantes somáticos. São vivências relacionadas com a satisfação ou frustração das necessidades superiores.
4. Afetos. São definidos como a qualidade e o tônus emocional que acompanham uma idéia ou representação mental.
5. Paixões. A paixão é um estado afetivo muito intenso que domina a atividade psíquica como um todo, captando e dirigindo a atenção e o interesse do indivíduo em uma só direção <sup>60</sup>.

A ansiedade é definida como um estado afetivo desconfortável, uma apreensão em relação ao futuro, uma inquietação interna. Inclui manifestações somáticas neurovegetativas <sup>60, 121</sup>.

Na angústia, está explícita a sensação de aperto (no peito ou na garganta), de compressão e/ou de sufocamento <sup>123</sup>.

Para a escola filosófica existencialista, a angústia seria um estado anímico básico do ser humano e fruto do desconforto relacionado ao estar-no-mundo, ao existir-no-mundo e ao estar-com-o-outro. Haverá sempre uma tensão entre o indivíduo, suas idiosincrasias, sua forma de existir com a de outros indivíduos que

formam a sociedade. Para Heidegger, a condição fundamental do homem é o ser-para-a –morte<sup>60</sup>.

Segundo Sartre, “a existência precede a essência”, procurando mostrar que “ser é escolher-se”. O homem é “condenado a ser livre”.<sup>154</sup>

Urbano Tavares Rodrigues: “O homem que Sartre concebe condenado a ser livre tem de escolher a cada instante a sua visão do mundo: será invenção de si mesmo incessantemente renovada. A vida não tem senão o sentido que ele lhe der, momento a momento, em contínua lucidez e opção. Daí a angústia, a dificuldade de existir”.<sup>154</sup>

Ansiedade e angústia como fenômenos normais, expressam a contradição dialética entre a tendência e a sua realização. É possível relacionar, nos diz Salvador de Sá (1988), a angústia com a emoção, e a ansiedade com o sentimento.<sup>152</sup>

### Alterações da Vontade

O ato é voluntário quando praticado com previsão e consciência de finalidade. Fala-se em quatro estágios no ato voluntário: a fase de intenção ou propósito, a deliberação, a resolução e a execução. Na fase de intenção se esboçam as tendências básicas do indivíduo, suas inclinações e interesses. A deliberação é o componente intelectual do ato volitivo. A resolução de executar ou inibir o ato é a principal característica da atividade voluntária. A execução é consequência lógica da resolução. A maior parte dos atos que executamos na vida diária são automáticos – a repetição freqüente de um ato voluntário, transforma os atos volitivos em automáticos<sup>60, 123</sup>.

A debilidade da vontade é observada em todos os estados de depressão e inibição. Hipobulia é a designação que recebe o enfraquecimento patológico do impulso. Manifesta-se na dificuldade do exercício da atividade volitiva, principalmente em transformar as decisões em ações. A abulia é a abolição da vontade. São achados típicos dos quadros depressivos, dos quadros esquizofrênicos, das demências e de drogadicção. Podem ocorrer na neurastenia e no retardo mental<sup>54, 60</sup>.

### 6.2.2.1 OBRA EM PROSA:

Vemos reunidos na obra de Pessoa editada pelo pesquisador americano Richard Zenith, “Fernando Pessoa – Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal”, trechos da prosa de alguns pré-heterônimos (alguns escritos em inglês, língua materna de Alexander Search e Charles Robert Anon), páginas do diário de Pessoa, rascunhos de cartas, reflexões pessoais, anotações de projetos de vida e literários, etc. <sup>129</sup>

O jovem poeta já mostrava pretensões de grande poeta. Mostrava-se vigoroso, com sentimentos extremados, transbordava, se agitava, ardente e fervoroso, convicções inflamadas:

#### TEXTO 1

A seguir um trecho de Charles Robert Anon <sup>134</sup>:

*Dez mil vezes se partiu meu coração dentro de mim. Não posso contar os soluços que me sacudiram, as dores que consumiram meu coração.*

*Contudo, também vi outras coisas que me trouxeram lágrimas aos olhos e que me agitaram como uma folha revolta. Vi homens e mulheres que davam a vida, as esperanças, tudo pelos outros. Vi actos de tão grande dedicação que chorei lágrimas de alegria. Estas coisas, pensei eu, são belas, ainda que não tenham o poder de redimir. São os puros raios do sol a incidir no grande monte de esterco do Mundo.*

*Eu vil as criancinhas...*

*Um ódio às instituições, às convenções, incendiou-me a alma com o seu fogo. Um ódio aos padres e aos reis cresceu em mim como uma torrente transbordante. Eu fora um cristão ardente, fervoroso, sincero; a minha natureza emocional, sensível, exigia alimento para a sua fome, combustível para o seu fogo. Mas quando olhei para estes homens e mulheres, sofredores e maus, vi como eram pouco merecedores da maldição de um outro inferno. Que maior inferno do que esta vida? Que maior maldição do que viver? <<Este livre arbítrio,>> gritei para mim mesmo,*

<<também ele é uma convenção e uma falsidade inventadas pelos homens para poderem punir e matar e torturar com a palavra “justiça”, que é uma alcunha de “crime”. “Não julgueis”, diz a Bíblia – a Bíblia, “não julgueis, se não quiserdes ser julgados”!>>

*Enquanto fui cristão pensava que os homens eram responsáveis pelo mal que faziam – odiava os tiranos, amaldiçoava os reis e os padres. Quando me libertei da influência imoral, falsa, da filosofia de Cristo, odiei a tirania, a realeza, o sacerdócio – o mal em si mesmo. Dos reis e padres tive piedade, porque eram homens.*

\*\*\*

Aqui seu pré-heterônimo adolescente se diz um megalômano, com tendências a dipsomania e grandes pretensões:

## TEXTO 2

*Eu, Charles Robert Anon, ser, animal, mamífero, tetrápode, primata, placentário, macaco, catarríneo, B homem; dezoito anos de idade, solteiro (excepto de vez em quando), megalômano, com traços de dipsomania, dégénééré supérieur, poeta, com pretensões a escritor humorista, cidadão do mundo, filósofo idealista, etc., etc.(para poupar trabalho ao leitor),...*<sup>134</sup>

Neste excerto de Alexander Search - lembremos que search é busca, procura, em inglês -, em que ele revela, ao lado de suas mil idéias e projetos, a sua grande dificuldade na esfera volitiva, que chega a paralisá-lo; o inusitado que é para ele sentir tamanha *musculosidade*, tamanha tendência para a ação, que beira o desconforto; e o medo da loucura que já é em si uma loucura, como ele próprio o reconhece:

## TEXTO 3

Alexander Search

30 de outubro de 1908

*Jamais existiu alma mais afetuosa ou terna do que a minha, alma mais repleta de bondade, compaixão, de tudo o que é ternura e amor. Porém, nenhuma alma é tão solitária como a minha – solitária, note-se, não devido a circunstâncias exteriores, mas sim a circunstâncias interiores. Quero dizer: a par da minha grande ternura e bondade. Entra no meu carácter um elemento de natureza inteiramente oposta, um elemento de tristeza, de egocentrismo, de egoísmo, portanto, que tem um duplo efeito: perverter e estorvar o desenvolvimento e a plena acção interna dessas outras qualidades, e impedir, deprimindo a vontade, a sua plena acção externa, a sua manifestação....<sup>134</sup>*

*...Além dos meus projectos patrióticos – escrever <<Portuguese Regicide>> [Regicídio Português] para provocar aqui uma revolução, escrever panfletos em português, editar obras literárias nacionais mais antigas, fundar um periódico, uma revista científica, etc. – outros planos que me consomem com a necessidade de serem em breve postos em prática – projectos de Jean Seul, crítica de Binet-Sanglé, etc. – conjugam-se para produzir um impulso excessivo que me paralisa a vontade. Não sei se o sofrimento que isto produz poderá ser descrito como estando do lado de cá da loucura<sup>129</sup>.*

*A tudo isto acrescentem-se ainda outras razões de sofrimento, umas físicas, outras mentais, a susceptibilidade a todas as pequenas coisas que possam causar dor (ou mesmo àquelas que não causariam dor a um homem normal), acrescentem-se ainda outras coisas, complicações, dificuldades monetárias – junte-se tudo isto ao meu temperamento fundamental desequilibrado, e talvez se possa suspeitar quanto soffro.*

*Uma das minhas complicações mentais – horrível para além de quaisquer palavras – é o medo da loucura, o qual é, em si mesmo, loucura. Em parte encontro-me naquele estado que Rollinat diz ser o seu no poema inicial (segundo creio) das suas Névroses. Impulsos, uns criminosos outros dementes – que chegam, no meio da minha agonia, a uma tendência horrível para a acção, uma terrível musculosidade, sentida nos músculos, quero eu dizer – são em mim frequentes e o horror deles e da sua intensidade, agora maiores do que nunca tanto em número como em intensidade, é indescritível<sup>129</sup>.*

Este, escrito em francês, talvez por Jean Seul. Também ele aqui se mostra excessivo e com grande apetite pelas ações impulsivas, pelo sorver tudo de uma só vez, para enfim ficar no *seio tranqüilo do nada*:

#### TEXTO 4

*ENFUREÇO-ME. Queria compreender tudo, saber tudo, realizar tudo, dizer tudo, gozar tudo, sofrer tudo, sim, sofrer tudo. Mas nada disso faço, nada, nada. Fico acabrunhado pela idéia daquilo que queria ter, poder, sentir. A minha vida é um sonho imenso. Penso, às vezes, que gostaria de cometer todos os crimes, todos os vícios, todas as acções belas, nobres, grandiosas, beber o belo, o verdadeiro, o bem de um só trago e adormecer em seguida para sempre no seio tranqüilo do Nada.*

*Deixe-me chorar* <sup>129</sup>.

\*\*\*

A hipomania é uma mania atenuada; deve ser observável por outros, não ser acompanhada por sintomas psicóticos, nem levar ao comprometimento funcional do indivíduo. Para o diagnóstico é essencial a existência de um período distinto em que o indivíduo sentiu seus pensamentos e suas percepções particularmente vívidos e rápidos, em que o humor era irritável, com sensação de nervosismo, e o aumento de energia era tal, que os outros não o acompanhavam. Eis alguns sinais e sintomas de episódio hipomaníaco em amostra clínica (Akiskal *et al.*, 2000) e em estudo populacional (Angst, 1998):

Sinais e sintomas de episódio hipomaníaco em amostra clínica:

- Alegria, jocosidade;
- Sociabilidade, procura de companhia;
- Aumento do desejo e do comportamento sexual;
- Tagarelice;
- Autoconfiança e otimismo exagerados;
- Desinibição e atitudes despreocupadas;
- Redução da necessidade de sono;
- Vitalidade e ânimo;
- Aumento do envolvimento em projetos novos.

Manifestações mais comuns da hipomania em estudo da comunidade:

Menos sono;  
Mais autoconfiança;  
Aumento da atividade social e motivação para trabalho;  
Aumento da atividade física;  
Mais planos e idéias;  
Menos tímido, menos inibido;  
Mais falante que o habitual;  
Mais brincadeiras e trocadilhos, pensamento mais rápido, mais riso;  
Mais irritável, impaciente;  
Aumento do consumo de café, cigarros;  
Aumento do consumo de álcool;  
Humor extremamente alegre, eufórico;  
Aumento da iniciativa e do interesse sexual;  
Aumento da atividade, por exemplo: compras, negócios, conversas telefônicas, viagens, andar de carro, visitar pessoas.

A depressão é caracterizada principalmente por alterações no humor, psicomotricidade, na cognição e nas funções vegetativas. O paciente apresenta humor depressivo, incapacidade de sentir alegria ou prazer, redução da energia, lentificação ou agitação psicomotora, alterações do apetite e sono, dificuldades de concentração e pensamentos de cunho negativo, podendo ocorrer ideação suicida e/ou sintomas psicóticos. O depressivo avalia de forma negativa a si mesmo, seus atos e tudo o que o rodeia. Idéia de menos valia, fracasso, ruína, pessimismo, insegurança, inferioridade, inutilidade, insuficiência, culpa, auto-recriminação, pecado e doença podem se manifestar sob a forma de ruminações, tomando conta do pensamento do paciente a maior parte do dia. É comum o relato de dificuldades de raciocínio (lentificação do pensamento), concentração e tomada de decisões. Comprometem-se inclusive as capacidades de organização e planejamento relacionadas às várias esferas da vida. A incapacidade de fixar a atenção e a falta de interesse agravam queixas de problemas de memória. Alguns autores consideram que o retardo psicomotor é a principal alteração no distúrbio do humor (Akiskal,2000). O paciente exhibe restrição dos movimentos espontâneos, postura de abatimento, discurso lentificado, frases raras e monossilábicas, com aumento do

tempo de latência de resposta, baixo tom de voz, sensação subjetiva de que o tempo está passando devagar ou mesmo parou, indecisão, dificuldade de raciocínio, diminuição da energia e cansaço excessivo. Do contrário, alguns pacientes podem apresentar agitação psicomotora, mostrando-se inquietos, andando de um lado, para o outro, mexendo nos cabelos, manipulando objetos, esfregando as mãos e balançando as pernas incessantemente. Sintomas de lentificação e agitação psicomotora podem coexistir (Akiskal,2000). Contudo, estudos recentes vêm demonstrando que a agitação é um dos sintomas mistos do TB ou do pólo da mania devem nortear o clínico no inquérito de sintomas hipomaniaco (Benazzi, 2005) <sup>114</sup>.

Pacientes deprimidos experimentam alterações no sono, apetite, função sexual e ritmo circadiano do humor. Diminuição do apetite e do peso são os mais confiáveis indicadores somáticos de depressão (Akiskal, 2000)

Pessoa ortônimo, (traduzido do inglês) fala da dialética permanente de seus pensamentos, da incapacidade em tomar decisões e de ter convicções. Tudo está sempre mudando, em tudo há metafísica e em cada canto há uma verdade. Sua hipobulia é que permanece:

## TEXTO 5

*(...) Toda a constituição do meu espírito é feita de hesitação e de dúvida. Nada é ou pode ser positivo para mim; todas as coisas oscilam em meu redor, e eu com elas, uma incerteza para mim próprio. Tudo para mim é incoerência e mudança. Tudo é mistério e tudo é significado. Todas as coisas são “desconhecidos” simbólicos do Desconhecido. O resultado é horror, mistério, um medo demasiado inteligente.*

*Pelas minhas tendências naturais, pelo ambiente que rodeou minha infância, pela influência dos estudos realizado sob o impulso destas mesmas tendências, por tudo isto o meu carácter é do gênero interior, egocêntrico, calado, não auto-suficiente, mas perdido em si próprio. Toda a vida tem sido de passividade e sonho. Todo o meu carácter consiste na aversão, no horror, na incapacidade, que impregnam tudo o que sou, física e mentalmente, de actos decisivos, de pensamentos definidos. Nunca tomei uma resolução nascida do autodomínio, nunca dei sinais exteriores de*

*uma vontade consciente. Nenhum dos meus escritos foi concluído; sempre se interpuseram outros pensamentos, associações de idéias extraordinárias, impossíveis de excluir, com o infinito como limite. Não consigo evitar a aversão que tem o meu pensamento por acabar seja o que for. Uma única coisa suscita dez mil pensamentos, e desses dez mil pensamentos surgem dez mil associações, e não tenho força de vontade para eliminar ou deter, nem reunir num só pensamento central, onde os seus detalhes sem importância, mas a eles associados, podem perder-se. Passam dentro de mim; não são pensamentos meus, mas pensamentos que passam dentro de mim. Não reflicto, sonho; não estou inspirado, deliro. Posso pintar, mas nunca pintei; posso compor música, mas nunca compus. Estranhas concepções em três artes, amáveis afagos de imaginação acariciam meu cérebro; mas deixo-os ali dormir até que morram, pois não tenho poder de corporificá-los, de torná-los coisa do mundo exterior (...) <sup>129</sup>.*

\*\*\*

#### TEXTO 6

Um homem que só existia por *encher o tempo com consciência e pensamentos*, sente a solidão de não poder comungar com as pessoas comuns as emoções mais simples:

[ms. 1914?]

*CADA VEZ* estou mais só, mais abandonado. Pouco a pouco quebram-se-me todos os laços. Em breve ficarei sozinho.

*O meu pior mal é que não consigo nunca esquecer a minha presença metafísica na vida. De aí a timidez transcendental que me atemoriza todos os gestos, que tira a todas as minhas frases o sangue da simplicidade, da emoção direta <sup>129</sup>.*

\*\*\*

Consciente da genialidade e com o sentimento de missão (expansão do eu, grandeza), abdica da vida para criar:

## TEXTO 7

*NAVEGADORES ANTIGOS tinham uma frase gloriosa: Navegar é preciso; viver não é preciso. Serve para mim o espírito desta frase, transformada a forma para se casar com o que eu sou. Viver não é necessário; o que é necessário é criar.*

*Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a B a lenha desse fogo.*

*Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como minha.*

*Cada vez mais assim penso. Cada vez mais ponho na essência anímica do meu sangue o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir para a evolução da humanidade.*

*É a forma que em mim toma o misticismo B da nossa Raça<sup>129</sup>.*

\*\*\*

## TEXTO 8

21-XI-1914

*HOJE, AO TOMAR DE VEZ a decisão de ser Eu, de viver à altura do meu mister, e, por isso, de desprezar a idéia do reclame, e plebeia socialização de mim, do Interseccionismo, reentrei de vez, de volta da minha viagem de impressões pelos outros, na posse plena do meu Génio e na divina consciência da minha Missão. Hoje só me quero tal qual meu carácter nato quer que eu seja, e meu Génio, com ele nascido, me impõe que eu não deixe de ser.*

*Atitude por atitude, escolher a mais nobre, a mais alta e a mais calma. Pose por pose, a pose de ser o que sou.*

*Nada de desafios à plebe, nada de girândolas para o riso ou a raiva dos inferiores. A superioridade não se mascara de palhaço; é de renúncia e de silêncio que se veste.*

*O último rastro de influência dos outros no meu carácter cessou com isto. Recobrei – ao sentir que podia e ia dominar o desejo intenso e infantil de <<lançar o interseccionismo>> - a tranqüila posse de mim.*

*Um raio hoje deslumbrou-me de lucidez. Nasci.*

*Facetas disto: O meu desenvolvimento intelectual chegando ao seu ponto formado* <sup>129</sup>

\*\*\*

Revela aqui *agitação mental* e insônia no primeiro excerto e *idéias de megalomania* e *grande agitação mental*, no segundo:

#### TEXTO 9

Diário de novembro de 1915

*14 – Bem até à 1. Depois disso tomei o pequeno-almoço, com os pensamentos algo nebulosos, das 4 às 6 bastante claros, e tive conversas agradáveis. Às 6 encontrei-me com o V[itoriano] B[raga], a esposa, Pacheco e Almada. Daí fui à exposição de retratos fotográficos; idéia desagradável, mas o tempo passou de forma muito agradável, afinal. Fui para casa, com o Pacheco, muito apazivelmente; em casa sem jantar, porque não tinha dinheiro; mas quase não me ralei com isso, porque tinha bebido algum vinho na exposição de Pedro Lima. Durante o dia (1-4) criação literária repentina e inesperada (panfleto de Ant[ónio] Gomes sobre a Univ[ersidade] de Lisb[oa] – partes); à noite, na cama, dificuldade em dormir, devido a excitação mental, com sentimentos de angústia muito acentuados. Adormeci à 1h, todavia; tendo chegado a casa às 9 e ido para cama às 10* <sup>129</sup>.

\*\*\*

#### TEXTO 10

*...O dia acabou bem, no Hotel, com a tia Lisbela; eu com excelente disposição e conversador, fui amável com ela e a sobrinha, evidentemente. Na madrugada do dia 16 (entre as 2 e as 5 horas), grande agitação mental, idéias filosóficas excelentes e importantes, que completam parte do meu sistema. Fisicamente indisposto, flatulência. Mistura de megalomania e idéias religiosas (que de modo algum atacaram a lucidez). Adormeci às 5 e meia, até cerca das 11 horas de dia 16. Este pedaço de noite foi notável em termos de actividade mental. (Ao voltar para casa por volta das 11 e meia da noite tinha tido terrores <<espirituais>> algo inquietantes.)* <sup>129</sup>

\*\*\*

Os trechos do diário falam por si:

Dezembro de 1915 – trecho do diário:

#### TEXTO 11

*1 – Um dia igualmente perdido. Dia misturado com uma depressão muito forte e sentimentos de angústia, especialmente à tarde....*

*6 - ...- Uma depressão muito grande à noite, quase sem dinheiro e muito deprimido. Tanto que, por causa disso, comecei a escrever uma carta [ao] Sá-Carneiro e a interrompi por falta de vontade de escrever.*

*7 – Melhor, melhor. Dia melhor, em primeiro lugar. Depois trabalhei bastante, tanto na tradução quanto no escritório (15 cartas). Nada de depressão; antes o início de um pensamento claro, ocultamente antiteosófico...<sup>129</sup>*

\*\*\*

Em Ey temos a descrição da "crise melancólica franca aguda da psicose maníaco depressiva"<sup>68</sup>.

"FORMA DE INÍCIO. O estado melancólico em geral se estabelece muito lentamente. Durante semanas (e por vezes meses) o doente se queixa de uma certa astenia, de cefaléias, de dificuldades no trabalho, falta de disposição geral e principalmente uma insônia que vai se agravando. Torna-se preocupado, seu humor é sombrio, sua atividade profissional ou doméstica lentifica-se.

A INIBIÇÃO E A ABULIA. O melancólico se sente impotente para querer e se abandona à inércia. A astenia do início atinge um tal grave que o doente não tem sequer força para se mover, apenas para se vestir. ... a ideação é lenta, as associações difíceis, a evocação é penosa, a síntese mental é impossível..., a atenção concentra-se nos temas melancólicos sem poder separar-se deles,...

A tristeza é vital, monótona, profunda, resistente às solicitações exteriores, o que dá a relação com o melancólico endógeno um tom bastante diferente daquele que podemos estabelecer com o deprimido neurótico, cuja dor parece menos "autêntica",

mais patética, mais necessitada de conforto ou simplesmente de compaixão. A "cinestesia" penosa, o conjunto das sensações internas que são o fundamento da experiência sensível, está perturbada e o doente sente um mal-estar vago, difuso, um sentimento de insegurança. Tem uma impressão bastante penosa de autodepreciação, de impotência, de incapacidade, de improdutividade... O pessimismo não se exprime sempre por uma idéia ou um sentimento preciso, mas constitui uma orientação geral da consciência para a infelicidade e a culpa: o futuro está bloqueado, o indivíduo não obterá nada, seja lá o que for que faça, não será nunca perdoado, nada de bom lhe acontecerá"...

\*\*\*

## TEXTO 12

Sentimento de fracasso:

13-6-1916

*Cheguei, assim, ao meu 28º aniversário sem nada ter feito na vida – nada na vida, nas letras ou na minha própria individualidade. Até agora conheci o insucesso absoluto. Durante quanto tempo, aí de mim!, terei de conhecê-lo ainda?*

*Quanto mais examino a minha consciência, menos me absolvo do nada que é a minha vida.*

*Que coisa horrível é esta que me atrasou?*

*A minha leitura deficiente, a minha falta de espírito prático, a minha B<sup>129</sup>*

\*\*\*

Confissão de homossexualidade egodistônica:

## TEXTO 13

[RASCUNHO DE UMA CARTA AO DIRECTOR DO ANSWERS]

...

#### PREFÁCIO

*Não encontro dificuldade em definir-me: sou um temperamento feminino com uma inteligência masculina. A minha sensibilidade e os movimentos que dela procedem, e é nisso que consistem o temperamento e a sua expressão, são de mulher. As minhas faculdades de relação – a inteligência, e a vontade, que é a inteligência do impulso – são de homem.*

*Reconheço sem ilusão a natureza do fenómeno. É uma inversão sexual fruste. Pára no espírito. Sempre, porém, nos momentos de meditação sobre mim, me inquietou, não tive nunca a certeza, nem a tenho ainda, de que essa disposição do temperamento não pudesse um dia descer-me ao corpo. Não digo que praticasse então a sexualidade correspondente a esse impulso, mas bastava o desejo para me humilhar. Somos vários desta espécie pela história abaixo – pela história artística sobretudo. Shakespeare e Rousseau são dos exemplos, ou exemplares, mais ilustres. E o meu receio da descida ao corpo dessa inversão do espírito – radica-mo a contemplação de como nesses dois desceu – completamente no primeiro, e em pederastia; incertamente no segundo, num vago masoquismo <sup>129</sup>.*

\*\*\*

#### TEXTO 14

Depressão +exaltação – estado misto?

*Os sentimentos depressivos, sobretudo quando há neles exaltação, sendo dos piores que podem pesar sobre a alma, são dos quais mais se prestam ao interesse artístico, porque a angústia sentida por leitura dá todo o estremecimento que lhe*

\*\*\*

LIVRO DO DESASSOSSEGO:

*O livro nasceu com a publicação em 1913 de "Na Floresta do Alheamento". O texto foi assinado em seu próprio nome e identificado como "Do Livro do Desassossego em preparação". Trabalhou nesse livro durante todo o resto de sua vida. Atribuiu, depois, o Livro a Vicente Guedes e, a seguir, em ? , à Bernardo soares – ajudante de guarda-livros. A temática do Livro, existencial e melancólica, em muito se aproxima do Campos em sua segunda fase <sup>49</sup>.*

*Bernardo Soares, não pode ser considerado um heterônimo. Escreveu Pessoa em seu último ano de vida: "É um semi-heterônimo, porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela".*

Urbano Tavares Rodrigues: "... O homem que Sartre concebe condenado a ser livre tem de escolher a cada instante a sua visão do mundo: será invenção de si mesmo incessantemente renovada. A vida não tem senão o sentido que ele lhe der, momento a momento, em contínua lucidez e opção. Daí a angústia, a dificuldade de existir <sup>154</sup>.

Alguns críticos aperceberam-se de que houvera entre os portugueses precursores do pensamento existencial. É difícil não perceber o caráter existencial do texto pessoano, a acentuada feição metafísica... E, assim que a dor, a angústia, o absurdo da existência...

Já se disse que a eterna busca de um sentido para a existência revela-se de forma dramática na obra de Fernando Pessoa... O drama existencial vivido pelo poeta referente a dor de uma consciência esfacelada pela experiência da negatividade.

Se parte da obra pessoana interroga insistentemente a existência, especialmente a poesia de Álvaro de Campos e um número significativo de textos de Pessoa – ele mesmo, outra parte parece resolver a questão – é o caso de Caeiro – expondo com simplicidade o que parece incompreensível à poética dos demais heterônimos ou mesmo à obra ortônima <sup>154</sup>.

Bernardo Soares, seu semi-heterônimo conta-nos sobre seus sintomas de apatia, lentificação psicomotora, prejuízo cognitivo, abulia, anedonia, etc.:

## TEXTO 15

*Dá-se em mim uma suspensão da vontade, da emoção, do pensamento, e esta suspensão dura magnos dias; só a vida vegetativa de alma - a palavra, o gesto, o hábito - me exprimem eu para os outros, e, através deles, para mim.*

*Nesses períodos de sombra, sou incapaz de pensar, de sentir, de querer. Não sei escrever mais que algarismos ou riscos* <sup>131</sup>.

\*\*\*

## TEXTO 16

Tristeza, mau humor e cansaço da vida:

*...nem os sonhos me agradam, porque lhes acho defeitos...*

*Eu não sou pessimista, sou triste.*

\*\*\*

## TEXTO 17

*Tudo me cansa, mesmo o que não cansa. A minha alegria é tão dolorosa quanto a minha dor. Entre mim e a vida há um vidro tênue. Por mais nitidamente que eu veja a vida, eu não lhe posso tocar...*

\*\*\*

Nilismo e desânimo:

## TEXTO 18

*"Uma náusea física da vida inteira nasceu com o meu despertar. Um horror a ter que viver ergue-se comigo da cama. Tudo me parece oco e tive a impressão fria de que não há solução para problema algum.*

\*\*\*

Atimormia:

TEXTO 19

*Há muito tempo que não escrevo. Têm passado meses sem que viva, e vou durando, entre o escritório e a fisiologia, numa estagnação íntima de pensar e de sentir.*

\*\*\*

De outra sorte, em suas notas autobiográficas

Conflito de sentimentos:

TEXTO 20

*. E assim sou, fútil e sensível, capaz de impulsos violentos e absorventes, maus e bons, nobres e vis, de um sentimento que subsista, nunca de uma emoção que continue, e entre para a substância da alma....Tudo me interessa e nada me prende...<sup>131</sup>*

\*\*\*

TEXTO 21

*Reconheço, não sei se com tristeza, a secura humana do meu coração. Vale mais pra mim um adjetivo do que um pranto real...*

*Mas às vezes sou diferente, e tenho lágrimas, lágrimas das quentes dos que não têm ou tiveram mãe; e meus olhos que ardem dessas lágrimas mortas ardem dentro do meu coração.*

*Não me lembro da minha mãe. Ela morreu tinha eu um ano. Tudo o que há de disperso e duro na minha sensibilidade vem da ausência desse calor e da saudade inútil dos beijos de que não me lembro. Sou postiço. Acordei sempre contra seios outros, acalentado por desvio.*

*Então pergunto a mim mesmo como é que me sobrevivo, como é que ousou ter a cobardia de estar aqui, entre esta gente, com esta igualdade certa com eles, com esta conformação verdadeira com a ilusão de lixo de eles todos? Ocorrem-me com um brilho de farol distante todas as soluções com que a imaginação é mulher – o suicídio, a fuga, a renúncia, os grandes gestos da aristocracia da individualidade, o capa e espada das existências sem balcão <sup>131</sup>.*

\*\*\*

Auto-depreciativo:

#### TEXTO 22

*Não compreendo senão como uma espécie de falta de asseio esta inerte permanência em que jazo da minha mesma e igual vida, ficada como pó ou porcaria na superfície de nunca mudar <sup>131</sup>.*

\*\*\*

Desconforto de “ser”:

#### TEXTO 23

*Invejo a todas as pessoas o não serem eu. Como de todos os impossíveis, esse sempre me pareceu o maior de todos, foi o que mais se constituiu minha ânsia quotidiana, o meu desespero de todas as horas tristes... <sup>1</sup>*

\*\*\*

Pesaroso:

#### TEXTO 24

*...Vem-me, então um terror sarcástico da vida, um desalento que passa os limites da minha individualidade consciente. Sei que fui erro e descaminho, que nunca vivi, que existi somente porque enchi tempo com consciência e pensamento.*

\*\*\*

Ansiedade social:

## TEXTO 25

*O isolamento talhou-me à sua imagem e semelhança. A presença de outra pessoa – de uma só pessoa que seja – atrasa-me imediatamente o pensamento, e, ao passo que no homem normal o contato com outrem é um estímulo para a expressão e para o dito, em mim esse contacto é um contra-estímulo, se é que essa palavra composta é viável perante a linguagem. Sou capaz, a sós comigo, de idear quantos ditos de espírito, respostas rápidas a que ninguém disse, fulgurações de uma sociabilidade inteligente com pessoa nenhuma; mas tudo isso se me some se estou perante um outrem físico, perco a inteligência, deixo de poder dizer, e, no fim de uns quartos de hora, sinto apenas sono. Sim, falar com gente dá-me vontade de dormir...*

*Pesa-me, aliás, toda a idéia de ser forçado a um contato com outrem. Um simples convite para jantar com um amigo me produz uma angústia difícil de definir. A idéia de uma obrigação qualquer, - ir a um enterro, tratar junto de alguém de uma coisa no escritório, ir esperar à estação uma pessoa qualquer, conhecida ou desconhecida – só essa idéia me estorva os pensamentos de um dia, e às vezes é desde a mesma véspera que me preocupo, e durmo mal, e o caso real, quando se dá, é absolutamente insignificante, não justifica nada; e o caso repete-se e eu não aprendo nunca a aprender...*

\*\*\*

Cadáver adiado:

## TEXTO 26

*Fogos- fátuos que a nossa podridão gera, são ao menos luz nas nossas trevas* <sup>131</sup>.

\*\*\*

O nada:

## TEXTO 27

*É uma bebedeira de não ser nada,*

\*\*\*

Desvanecido:

## TEXTO 28

*Raciocinar a minha tristeza? Para quê, se o raciocínio é um esforço? e quem é triste não pode esforçar-se.*

*Nem mesmo abdicó daqueles gestos banais da vida de que eu tanto queria abdicar. Abdicar é um esforço, e eu não possuo o de alma com que esforçar-me.*

*Sou tão inerte, tão pobrezinho, tão falho de gestos e de actos.*

\*\*\*

Devaneio ocupando o vazio:

## TEXTO 29

*Pertenci sempre ao que não está onde estou e ao que nunca pude ser.*

*Tenho um mundo de amigos dentro de mim, com vidas próprias, reais, definidas e imperfeitas.*

*Alguns passam dificuldades, outros têm uma vida boêmia, pitoresca e humilde. Há outros que são caixeiros-viajantes (poder sonhar-me caixeiro-viajante foi sempre uma das minhas grandes ambições – irrealizáveis infelizmente!).*

*Ah, não há saudades mais dolorosas do que as coisas que nunca foram!*

\*\*\*

Tristeza corporificada:

#### TEXTO 30

*Há abatimentos da alma abaixo de toda a angústia e de toda dor;  
 Todo o dia, até agora, trabalhei como um sonolento, fazendo contas por processos de sonho, escrevendo ao longo do meu torpor. Todo o dia me sentir pesar a vida sobre os olhos e contra as têmporas – sono nos olhos, pressão para fora nas têmporas, consciência de tudo isto no estômago, náusea e desalento.*

\*\*\*

Hipopragmatismo, inação:

#### TEXTO 31

*De que me serve citar-me gênio se resulto ajudante de guarda-livros?  
 Agir, eis a inteligência verdadeira. Serei o que quiser. Mas tenho que querer o que for. O êxito está em ter êxito, e não em ter condições de êxito. Condições de palácio tem qualquer terra larga, mas onde estará o palácio se o não fizerem ali?*

\*\*\*

#### TEXTO 32

*...não há senão a minha timidez, a minha incompetência para a vida....* <sup>131</sup>

\*\*\*

EXPANSÃO DO EU:

TEXTO 33

*O universo não é meu: sou eu.*

\*\*\*

ENÉRGICO:

TEXTO 34

*Toda a alma digna de si própria deseja viver a vida em Extremo. Contentar-se com o que lhe dão é próprio dos escravos. Pedir mais é próprio das crianças. Conquistar mais é próprio dos loucos, porque toda a conquista é \_.*

*Pode viver-se a vida em extremo pela posse extrema dela, pela viagem ulisseia através de todas as sensações vividas, através de todas as formas de energia exteriorizada. Raros, porém são, em todas as épocas do mundo, os que podem fechar os olhos cheios do cansaço soma de todos os cansaços, os que possuíram tudo de todas as maneiras.*

\*\*\*

ABULIA, APATIA, INIBIÇÃO:

TEXTO 35

*Dá-se em mim uma suspensão da vontade, da emoção, do pensamento, e esta suspensão dura magnos dias; só a vida vegetativa da alma – a palavra, o gesto, o hábito – me exprimem eu para os outros, e, através deles, para mim.*

\*\*\*

DESVANECIDO:

TEXTO 36

*Nesses períodos da sombra, sou incapaz de pensar, de sentir, de querer. Não sei escrever mais que algarismos, ou riscos.*

*Assim se passam dias sobre dias, nem sei dizer quanto da minha vida, se somasse, se não haveria passado assim.*

*Não me indigno, porque a indignação é para os fortes; não me resigno, porque a resignação é para os nobres; não me calo, porque o silêncio é para os grandes.*

*Só lamento o não ser criança, para que pudesse crer nos meus sonhos, o não ser doido para que pudesse afastar da alma de todos os que me cercam, \_.*

\*\*\*

TRISTE:

TEXTO 37

*Eu não sou pessimista, sou triste*<sup>131</sup>

\*\*\*

APAGADO, ESMARRIDO:

TEXTO 38

*Há muito tempo que não escrevo. Têm passado meses sem que viva, e vou durando, entre o escritório e a fisiologia, numa estagnação íntima de pensar e de sentir. Isto, infelizmente, não repousa: no apodrecimento há fermentação.*

...mas nem sequer existo.

\*\*\*

ANSIEDADE SOCIAL:

TEXTO 39

*Mas tenho vergonha dos rituais, dos símbolos, de comprar coisas na rua. Podiam não me embrulhar bem as bananas, não mas vender como devem ser vendidas por eu as não saber comprar como devem ser compradas. Podiam estranhar a minha voz ao perguntar o preço. Mais vale escrever do que ousar viver, ainda que viver não seja mais que comprar bananas ao sol, enquanto o sol dura e há bananas que vender<sup>131</sup>.*

\*\*\*

CÉPTICO:

TEXTO 40

*O tédio... Quem tem Deuses nunca tem tédio. O tédio é a falta de uma mitologia. A quem não tem crenças, até a dúvida é impossível, até o cepticismo não tem força para desconfiar. Sim, o tédio é isso: a perda, pela alma, da sua capacidade de se iludir, a falta, no pensamento, da escada inexistente por onde ele sobe sólida à verdade.*

\*\*\*

SEXUALIDADE:

TEXTO 41

*Que nenhum beijo de mulher, nem mesmo em sonhos, seja uma sensação nossa.*

\*\*\*

HIPERESTESIA EMOCIONAL:

## TEXTO 42

“Num único dia, 15 de janeiro de 1920, escreve muitos poemas com essa tonalidade dolorosa. Encontramos-lhes o equivalente nas numerosas páginas do “livro da sua vida”, o Livro do Desassossego, em que quase nunca pára de trabalhar, atribuindo-o ainda nessa época, ao que parece, ao “semi-heterônimo” Vicente Guedes,...

Um dos dois únicos fragmentos desse período que estão datados (este, de 18 de setembro de 1917) é texto confessional particularmente precioso para o biógrafo, se este tiver optado por sublinhar a sensação de ser estrangeiro, que o poeta teve toda a vida. “Em todos os logares da vida, [...] eu fui sempre, para todos, um intruso. Pelo menos, fui sempre um extranho. No meio de parentes, como no de conhecidos, fui sempre sentido como alguém de fóra. [...] Fui sempre [...] tratado com sympathia. [...] Mas a sympathia com que sempre me trataram, foi sempre isenta de afeição. Para os mais naturalmente íntimos fui sempre um hospede, que por hospede é bem tratado, mas sempre com a atenção devida ao extranho e a falta de afeição merecida pelo intruso. [...] Se um dia amasse, não seria amado.”<sup>49</sup>

\*\*\*

Outros textos em prosa:

ELAÇÃO:

## TEXTO 43

*Tenho pensamentos que, se pudesse revelá-los e fazê-los viver, acrescentariam nova luminosidade às estrelas, nova beleza ao mundo e maior amor ao coração dos homens.*

\*\*\*

TAQUIPSIQUISMO, FUGA DE IDÉIAS, PUJANTE E BRONTOFOBIA:

## TEXTO 44

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1913

MEU QUERIDO MÁRIO BEIRÃO:

*(...) Estou, quanto a companhia espiritual e imediata, quase só, se não só em absoluto... Não sou das pessoas menos acompanháveis por si próprias, mas ainda assim – e de vez em quando aborreço-me de não andar senão comigo.*

*Por isto a sua carta, ainda que breve, me causou uma grande alegria.*

*Estou atualmente atravessando uma daquelas crises a que, quando se dão na agricultura, se costuma chamar “crise de abundância”.*

*Tenho a alma num estado de rapidez ideativa tão intenso que preciso fazer da minha atenção um caderno de apontamentos, e, ainda assim, tantas são as folhas que tenho a encher, que algumas se perdem, por elas serem tantas, e outras se não podem ler depois, por com mais que muita pressa escritas. As idéias que perco causam-me uma tortura imensa, sobrevivem-se nessa tortura, escuramente outras. V. dificilmente imaginará que Rua do Arsenal em matéria de movimento, tem sido a minha pobre cabeça. Versos ingleses, portugueses, raciocínios, temas, projetos, fragmentos de coisas que não sei o que são, cartas que não sei como começam ou acabam, relâmpagos de críticas, murmúrios de metafísicas... Toda uma literatura, meu caro Mário, que vai da bruma – para a bruma – pela bruma...*

*Destaco de coisas psíquicas de que tenho sido o lugar, o seguinte fenómeno que julgo curioso. V. sabe, creio, que de várias fobias que tive guardo unicamente a assaz infantil mas terrivelmente torturadora fobia das trovoadas. O outro dia o céu ameaçava chuva e eu ia a caminho de casa e por tarde não havia carros. Afinal não houve trovoadas, mas esteve iminente e começou a chover – aqueles pingos graves, quentes e espaçados – ia eu ainda a meio do caminho entre a Baixa e minha casa. Atirei-me para casa com o andar mais próximo do correr que pude achar, com a tortura mental que v. calcula, perturbadíssimo, confrangido eu todo. E neste estado de espírito encontro-me a compor um soneto – acabei-o uns passos antes de chegar ao portão de minha casa -, a compor um soneto de uma tristeza suave, calma, que parece escrito por um crepúsculo de céu limpo (...) <sup>134</sup>*

\*\*\*

## TEXTO 45

*Almada Negreiros, seu companheiro no Orpheu, conta-nos um episódio picaresco a propósito da fobia que Fernando Pessoa sentia às trovoadas. “Um dia entrei no café (Martino da Arcada). Logo de entrada ele me disse:*

- *Que foi Almada?*
- *Que foi o quê?*
- *Como você está!*
- *Estou mal disposto.*

*Começamos a conversa, isto é, o nosso jogo, ser sempre ele aquele “falar-me” a quem eu vinha. Ele não era de falas e hoje interrompia-me constantemente:*

- *Mas diga-me o que tem. O que foi?*
- *Já disse, estou mal disposto.*
- *Você faz medo, tenho um médico amigo aqui perto.*
- *Estou mal disposto, muito mal disposto. E é tudo.*
- *Não custa nada. Ele até gosta dos poetas.*

*Nisto rebenta subitamente tremenda e memorável tempestade. O Terreiro do Paço, ficou todo ligado ao Tejo. Chuva e mais chuva barulhenta, vento, relâmpagos, trovões, um não parar. Não me contive e vim à porta. Gritei para fora: Vivam os raios! Vivam os trovões! Viva o vento! Viva a chuva!*

*Quando voltei à mesa ele não estava. Mas estava um pé debaixo da mesa. Era ele todo. Puxei-o. Pálido como um defunto transparente. Levantei-o. Inerte senão morto. Pus-lhe os gestos de sentar-se e apoiar-se no borco sobre a pedra da mesa.”*

*Disse a Mário Beirão que teve várias fobias... Não as menciona, porém. Exatamente a sua fobia era de relâmpagos, “astrapefobia, assim se denomina, e sabe-se porque o tinha: ele presenciara a queda da faísca na árvore, fenômeno que é concomitante com o clarão do relâmpago, e não com o trovão aos nossos ouvidos”.... De outras duas fobias sabemos nós, a da loucura, “manifobia”, inúmeras vezes manifestada e a “fobia social”, que lhe limitava imenso a convivência <sup>155</sup>.*

\*\*\*

## CRISE CRIATIVA, DESASSOSSEGO:

## TEXTO 46

*Lisboa, 2 de setembro de 1914**MEU QUERIDO AMIGO:*

*(...) Mau grado a alguma depressão, constante desde que lá fora é guerra, tenho passado com razoável calma pela ilusão sucessiva dos dias. Nada tenho escrito que valha a pena mandar-lhe. Ricardo Reis e Álvaro futurista-silenciosos. Caeiro perpetrador de algumas linhas que encontrarão talvez asilo num livro futuro. Mas essas linhas são esboços de poesias, não poesias propriamente falando. O que principalmente tenho feito é sociologia e desassossego. V. percebe que a última palavra diz respeito ao “livro” do mesmo? de fato tenho elaborado várias páginas daquela produção doentia. A obra vai pois complexamente e tortuosamente avançando.*

*(...)*

*O fato é que neste momento atravesso um período de crise na minha vida. Preocupa-me quotidianamente a necessidade de dar ao conjunto da minha orientação, tanto intelectual como “existente na vida”, uma linha metódica e lógica. Quero disciplinar a minha vida (e, conseqüentemente, a minha obra) como a um estado anárquico e anárquico pelo próprio excesso de “forças vivas” em ação, conflito e evolução interconexa e divergente. Não sei se estou sendo perfeitamente lúcido. Creio que estou sendo sincero. Tenho pelo menos aquele amargo espírito que é trazido pela prática anti-social da sinceridade. Sim, eu devo estar a ser sincero.(...) <sup>134</sup>*

\*\*\*

HIPOTIMIA, ABULIA, LASSIDÃO;

TEXTO47

Lisboa, 19 de novembro de 1914

MEU QUERIDO AMIGO:

*Creio que há duas malas que lhe não escrevo. Não lhe escrevo há uma, com certeza. Desculpe-me. Eu já não sou eu. Sou um fragmento de mim conservado num museu abandonado. Agora que a minha família que aqui estava foi para Suíça, desabou sobre mim toda a casta de desastres que podem acontecer. Porisso estou numa abulia absoluta, ou quase absoluta, de modo que fazer qualquer cousa me custa como se fosse levantar um grande peso ou ler um volume de Teófilo.*

*Você também não me tem escrito. Pelo menos, desde a carta que V. me escreveu da cama, não recebi mais nenhuma. Por misericórdia, escreva-me; não se esqueça de me escrever. Estou no meio duma desolação infinita.*

*Tenho feito versos, isso tenho; eu, na minha própria pessoa, mas esqueci-me hoje de os trazer para o escritório, de onde lhe estou escrevendo. Oxalá para a mala seguinte eu não me esqueça, e lhe possa mandar, como queria, uma cópia deles todos. Tinha também para lhe mandar, por ter relação com aquele estudo a meu respeito para o qual V. me pediu elementos, a genealogia do meu terceiro avô, que, porisso, vem a ser minha. Esta tenho na algibeira, mas custa-me muito, no meu atual estado de não-ser copiá-la, mesmo à máquina, porque é muito extensa. Outra vez e por esta outra razão eu lhe peço desculpa. A nossa idéia da Antologia está de pé, mas, é claro, só pode ser posta em prática depois de terminar a guerra, visto que é um ato estético de carácter europeu, não é verdade? Quando será isso?*

*O meu estado de espírito obriga-me agora a trabalhar bastante, sem querer, no Livro do Desassossego. Mas tudo fragmentos, fragmentos, fragmentos.*

*Para acabar a minha desolação material e exterior, imagine você que a única cousa com que eu neste momento podia (parecia-me que podia) contar – as cinco libras da tradução dos provérbios (parece-me que V. viu-me aqui a trabalhar nisso)-faltou-me. Os homens só me mandam aquilo quando publicarem o livro, depois da guerra! Uma catástrofe, meu caro.*

*Olhe lá, a este propósito e se o pedido o incomodar tenha-o como não feito, V. podia emprestar-me vinte mil-réis? Eu não sei quando lhos poderia devolver, e de mais a mais, já lhe devo aqueles cinco que V. uma vez me emprestou na Avenida.*

*Mas se lhe peço isto, meu caro, é que estou absolutamente à bout de ressources. Literalmente naufragando, meu caro Amigo. E nem família aqui, nem ninguém conhecido, salvo o Sá-Carneiro, que também está atrapalhado e que, em todo o caso, só com uma quantia muito pequena me poderia escorar. Veja se V. me pode fazer este favor – o que você puder em todo caso.(...)*

Fernando Pessoa <sup>134</sup>

\*\*\*

DEPRIMIDO:

TEXTO 48

Lisboa, 4 de janeiro de 1915

Meu caro Cortes-Rodrigues:

*(...) Entristeceu-me muito o que me diz do seu atual estado de espírito. Mostra-o bem o soneto – deveras belo – que me mandou e que muito agradeço.*

*Por mim, o meu estado de espírito é mau. Dezembro foi uma noite de tempestade para mim. Nem cabeça tenho tido para escrever a alguém, mesmo à minha família. Quebro esse encantamento de depressão para lhe escrever hoje, e isto para que não faltasse em responder à sua carta.*

*Espero adquirir durante este mês aquela suficiente dose de serenidade que me permita escrever-lhe o milhão de cousas que tenho para lhe expor e contar. Espero poder mandar-lhe os poucos versos que tenho feito. Que, apesar de tudo, e através de tudo, trabalho sempre produz sempre. Mesmo nos pântanos do meu espírito há lótus que florescem.*

*Sim, para a minha carta próxima devo ter apanhado do chão dos meus propósitos a energia suficiente para Le contar cousas e para lhe copiar versos.*

*Por ora, só isto e os meus agradecimentos.(...) <sup>134</sup>*

\*\*\*

Em carta para Ofélia, Pessoa faz troça de si mesmo, abusa de onomatopéias, diz estar louco e insinua que irá matar-se na Boca do Inferno:

TEXTO49

*“Bebé fera: Peço desculpinha de a arreliar. Partiu-se a corda do automóvel velho que trago na cabeça, e o meu juízo, que já não existia, fez tr-tr-r-r-r-r...*

*Logo a seguir a telefonar-lhe, estou a escrever-lhe, e naturalmente telefonarei outra vez, se não lhe faz mal aos nervos; e naturalmente será, não a qualquer hora, mas à hora em que lhe telefonarei.*

*Gosta de mim por mim ser mim ou por não? Ou não gosta mesmo sem mim nem não? Ou então?*

*Todas essas frases, e maneiras de não dizer nada, são sinais de que o ex-Íbis. O extinto Íbis, o Íbis sem conserto nem gostosamente alheio, vai para o Telhal, ou para Rilhafoles, e lhe é feita uma grande manifestação à magnífica ausência.*

*Preciso cada vez mais ir para Cascais – Boca do Inferno mas com dentes, cabeça para baixo, fim, e pronto, e não há mais Íbis nenhum. E assim que era para esse animal ave esfregar a sua fisionomia esquisita no chão.*

*Mas se Bebé desse um beijinho, o Íbis agüentava a vida um pouco mais. Dá? – Lá está a corda partida – r-r-r-r-r-r-r-r—r-r-r-r-r-r-*

*A valer*

*9-10-1929 Fernando”<sup>134</sup>*

\*\*\*

TEXTO 50

LUTO:

Lisboa 4 de maio de 1916

*Meu Querido Cortes-Rodrigues:*

*Não lhe tenho escrito. Tenho atravessado uma enorme crise intelectual. E agora estou muito pior, com a enorme tragédia que nos aconteceu a todos.*

*O Sá-Carneiro suicidou-se em Paris no dia 26 de Abril.*

*Não tenho cabeça para lhe escrever, mas não quero deixar de lhe comunicar isto.*

*Claro está que a causa do suicídio foi o temperamento dele, que fatalmente o levaria àquilo. Houve, é claro, uma série de perturbações que foram as causas ocasionais da tragédia.*

*Ele suicidou-se com estriquinina. Uma morte horrorosa. Já tencionara suicida-se três vezes – em 3 de abril a primeira.*

*Uma grande desgraça!*

(...) <sup>134</sup>

\*\*\*

AUTODIAGNOSE: HISTERO- NEURASTÊNICO, ABULICO, CEREBRAL:

#### TEXTO 51

Senhores Hector e Henri Durville\* [Carta a dois Psiquiatras Franceses]

23, rua Saint-Merri, Paris

Lisboa, 10 de junho de 1919

Senhores: \*\*

*Rogo-lhes o obséquio de enviar-me – pela volta do correio, se possível – seus catálogos completos, bem como informações a respeito do INSTITUTO DE MAGNETISMO E PSIQUISMO EXPERIMENTAL, e sobretudo a respeito do curso de magnetismo pessoal por correspondência.*

*(...) Quero desenvolver, tanto quanto possível, o que possa ter de magnetismo pessoal, e quero desenvolvê-lo para dar, se se pode fazer isto, uma coordenação direcional exterior à minha vida. Isto, assim dito, é um pouco complicado, mas espero torná-lo claro por meio das explicações a seguir. Informá-los-ei primeiro a respeito do meu temperamento, depois a respeito de meus conhecimentos (aliás muito fracos) sobre magnetismo.*

*Do ponto de vista psiquiátrico, sou um hístico-neuroastênico, mas, felizmente, minha neuropsicose é bastante fraca; o elemento neuroastênico domina o elemento hístico, e isto concorre para que não tenha eu os traços hísticos exteriores – nenhuma necessidade de mentir, nenhuma instabilidade mórbida nas reações com*

os outros, etc. Minha histeria é apenas interior, é bem minha mesma; na minha vida comigo mesmo tenho toda a instabilidade de sentimentos e de sensações, toda a oscilação de emoção e de vontade que caracterizam a neurose proteiforme. Exceto nas coisas intelectuais onde cheguei a conclusões que tenho como firmes, mudo de opinião dez vezes por dia; só tenho o juízo assentado a respeito de coisas em que não haja possibilidade de emoção. Sei o que pensar de tal doutrina filosófica, ou de tal problema literário; nunca tive opinião firme sobre não importa qual de meus amigos, sobre não importa qual forma de minha atividade exterior.

Cerebral interior (orig.: anterior), no entanto, como a maior parte dos neurastênicos-natos, domino quase sempre os resultados exteriores, ou dinâmicos dessas manifestações íntimas. É preciso que eu esteja muito fatigado, ou muito comovido, para que minha emotividade se expanda exteriormente. Meu humor é exteriormente igual: estou quase sempre calmo e alegre diante dos outros. Entanto como tal, e porque está ela sob controle, minha emotividade não me causa mal; amo-a mesmo muito porque ela me é útil para vida literária que levo ao lado de minha vida prática. Cultivo mesmo, com um cuidado um pouco decadente, essas emoções tão vivas quanto sutis de que é feita minha vida interior. Nada quero aí mudar. O mal não está aí.

Já viram sem dúvida onde está o ponto fraco; um temperamento tal como lho descrevi está profundamente atingido, não na emoção, não na Inteligência, mas na vontade. Esta vontade sofre pela emoção e pela inteligência; refiro-me à emoção tal como a tenho, e à inteligência tal como a possuo. A emotividade excessiva perturba a vontade; a cerebralidade excessiva – a inteligência por demais apaixonada pela análise e pelo raciocínio – esmaga e amesquinha essa vontade que a emoção acaba de perturbar. Donde para – e a-bulha. Quero sempre fazer, ao mesmo tempo, três ou quatro coisas diferentes; mas no fundo não só não faço, mas não quero mesmo fazer nenhuma delas. A ação pesa sobre mim como uma danação; agir, para mim, é violentar-me.

Tudo quanto em mim é exclusivamente intelectual é muito forte e mesmo muito sadio. A vontade inibidora, que é a vontade intelectual, é muito firme em mim; tenho, mesmo sob solicitações muito fortes da emoção, a força de não fazer. É a vontade de ação, a vontade sobre o exterior, que me falta; é fazer que me é difícil.

*Vejamos bem o problema. É a concentração a substância de toda vontade. Só tenho concentração intelectual, isto é, só no raciocínio. Quando raciocino, sou absolutamente senhor: nenhuma emoção, nenhuma idéia estranha, nenhum desenvolvimento acessório desse mesmo raciocínio saberia perturbar o curso firme e frio. Mas toda e qualquer outra concentração é-me difícil ou impossível.*

*Assim é somente pela aplicação centrífuga dessa vontade centrípeta que consigo ordinariamente agir com continuidade. Mas este processo não é evidentemente válido senão para certos tipos de ação. Suponham que se trata de escrever uma carta bastante longa, uma carta comercial complicada; sendo o gerente para o estrangeiro duma casa comercial portuguesa é coisa que tenho de fazer quase diariamente. Não posso fazê-la senão mediante uma classificação mental do conteúdo da carta, uma distribuição raciocinada da matéria a comunicar. Faço este trabalho muito depressa, e o processo, num caso tal como este, tem a vantagem de ser o melhor, porque a carta se torna mais clara e mais convincente. Imaginem, entretanto, que se procure aplicar este processo a uma ação que seja puramente ação, que não seja puramente literária, como aquela! O resultado só não é absurdo porque é nulo. A ação coordenadora torna-se aqui completamente inibitiva, e a ação resultante é não agir. Não há estratégia das pequenas ações: não se joga xadrez na realidade cotidiana.*

*Não é preciso, todavia, exagerar o alcance destas observações. Não sou totalmente um cadáver consciente. Mas minha vontade de ação é insuficiente; ela o é, sobretudo, se a compararmos com a minha vontade de inibição.*

*Esse estado de espírito, ou antes, do temperamento é (haverá necessidade de dizê-lo?) eminentemente desmagnetizador. Minha vida psíquica é uma espécie de curso de desmagnetismo pessoal. Vêem, pois qual a razão de escrever-vos e fazê-los suportar estas considerações bastante longas e bastante enfadonhas. Quero desenvolver minha vontade de ação, mas quero fazê-lo sem que minha emoção ou minha inteligência tenham de que se queixar. Pelo que sei, só há um processo de desenvolvimento da vontade que não esmaga a emoção, nem prejudica a inteligência: é a cultura magnética (...)*<sup>134</sup>

ANEDONIA, PROSTRAÇÃO:

TEXTO 52

*Lisboa, 10 de outubro de 1935*

*Meu Caro Tomás Colaço:*

*(...) O fato é que, desde o ano passado, tenho estado sob o influxo de estados nervosos de diversas formas e feitios, que por um longo período me arrancaram da vontade até o desejo de não fazer nada. Tenho-me sentido uma espécie de filme psíquico de um manual de psiquiatria, seção psiconevroses. Só agora começo a emergir lentamente para qualquer coisa vagamente parecida com atividade. Tanto assim que finalmente lhe estou escrevendo.*

*Estou agora elaborando e completando várias coisas que, durante o período a que me referi, deixei esboçadas firmemente e incompletei com vigor. Logo que haja qualquer coisa pronta, que me pareça que lhe possa convir para o Fradique, envie-lha ou leve-lha. Isto se V. quiser, bem entendido. E pode contar que será para o Fradique o que primeiro tiver pronto, e, naturalmente, convenha ao seu semanário.(...) <sup>134</sup>*

\*\*\*

[APRESENTAÇÃO DOS HETERÔNIMOS]

TEXTO 53

(1930?)

*A OBRA COMPLETA, cujo primeiro volume é este, é de substância dramática, embora de forma vária – aqui de trechos em prosa, em outros livros de poemas ou de filosofias.*

*É, não sei se um privilégio se uma doença, a constituição mental que a produz. O certo, porém, é que o autor destas linhas – não sei bem se o autor destes livros –*

*nunca teve uma só personalidade, nem pensou nunca, nem sentiu, senão dramaticamente, isto é, numa pessoa, ou personalidade, suposta, que mais propriamente do que ele próprio pudesse ter esses sentimentos.*

*Há autores que escrevem dramas e novelas; e nesses dramas e nessas novelas atribuem sentimentos e idéias às figuras, que as povoam, que muitas vezes se indignam que sejam tomados por sentimentos seus, ou idéias suas. Aqui a substância é a mesma, embora a forma seja diversa.*

*A cada personalidade mais demorada, que o autor destes livros conseguiu viver dentro de si, ele deu uma índole expressiva, e fez dessa personalidade um autor, com um livro, ou livros, com as idéias, as emoções, e a arte dos quais, ele o autor real (ou porventura aparente, porque não sabemos o que seja a realidade), nada tem, salvo o ter sido, no escrevê-las, o médium de figuras que ele próprio criou.*

*Nem esta obra, nem as que se lhe seguirão têm nada que ver com quem as escreve. Ele nem concorda com o que nelas vai escrito, nem discorda. Como se lhe fosse ditado, escreve; e, como se lhe fosse ditado por quem fosse amigo, e portanto com razão lhe pedisse para que escrevesse o que ditava, acha interessante – porventura só por amizade – o que, ditado, vai escrevendo.*

*O autor humano destes livros não conhece em si próprio personalidade nenhuma. Quando acaso sente uma personalidade emergir dentro de si, cedo vê que é um ente diferente do que ele é, embora parecido; filho mental, talvez, e com qualidades herdadas, mas as diferenças de ser outrem.*

*Que esta qualidade no escritor seja uma forma da histeria, ou da chamada dissociação da personalidade, o autor destes livros nem o contesta, nem o apóia. De nada lhe serviriam, escravo como é da multiplicidade de si próprio, que concordasse com esta, ou com aquela, teoria, sobre os resultados escritos dessa multiplicidade.*

*Que este processo de fazer arte cause estranheza, não admira; o que admira é que haja cousa alguma que não cause estranheza.*

*Algumas teorias, que o autor presentemente tem, foram-lhe inspiradas por uma ou outra destas personalidades que, um momento, uma hora, uns tempos, passaram consubstancialmente pela sua própria personalidade, se é que esta existe.*

*Afirmar que estes homens todos diferentes, todos bem definidos, que lhe passaram pela alma incorporadamente, não existem – não pode fazê-lo o autor*

*destes livros; porque não sabe o que é existir, nem qual, Hamlet ou Shakespeare, é que é mais real, ou real na verdade.*

*Estes livros serão os seguintes, por enquanto: Primeiro, este volume, Livro do Desassossego, escrito por quem diz de si próprio chamar-se Vicente Guedes; depois O Guardador de Rebanhos e outros poemas e fragmentos do (também, e do mesmo modo, falecido) Alberto Caeiro, que nasceu próximo de Lisboa em 1889 e morreu onde nascera em 1915. Se me disserem que é absurdo falar assim de quem nunca existiu, respondo que também não tenho provas de que Lisboa tenha alguma vez existido, ou eu que escrevo, ou qualquer coisa quer que seja.*

*Este Alberto Caeiro teve dois discípulos e um continuador filosófico. Os dois discípulos, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, seguiram caminhos diferentes; tendo o primeiro intensificado e tornado artisticamente ortodoxo o paganismo descoberto por Caeiro, e o segundo, baseando-se em outra parte da obra de Caeiro, desenvolvido um sistema inteiramente diferente, e baseado inteiramente nas sensações. O continuador filosófico, Antônio Mora (os nomes são tão inevitáveis, tão impostos de fora como as personalidades), tem um ou dois livros a escrever, onde provará completamente a verdade, metafísica e prática, do paganismo. Um segundo filósofo desta escola pagã, cujo nome, porém, ainda não apareceu na minha visão ou audição interior, dará uma defesa do paganismo baseada, inteiramente, em outros argumentos.*

*É possível que, mais tarde, outros indivíduos, deste mesmo gênero de verdadeira realidade, apareçam. Não sei; mas serão sempre bem-vindos à minha vida interior, onde convivem melhor comigo do que eu consigo viver com a realidade externa. Escuso de dizer que com parte das teorias deles concordo, e que não concordo com outras partes. Estas cousas são perfeitamente indiferentes. Se eles escrevem cousas belas, essas cousas são belas, independentemente de quaisquer considerações metafísicas sobre os autores “reais” delas. Se, nas suas filosofias, dizem quaisquer verdades – se verdades há num mundo que é o não haver nada – essas cousas são verdadeiras independentemente da intenção ou da “realidade” de quem as disse.*

*Tornando-me assim, pelo menos um louco que sonha alto, pelo mais, não só um escritor, mas toda a literatura, quando não contribuísse para me divertir, o que para mim já era bastante, contribuo talvez para engrandecer o universo, porque quem,*

*morrendo, deixa escrito um verso belo deixou mais ricos os céus e a terra e mais emotivamente misteriosa a razão de haver estrelas e gente.*

*Com uma tal falta de literatura, como há hoje, que pode um homem de gênio fazer senão converter-se, ele só, em uma literatura? Com uma tal falta de gente coexistível, como há hoje, que pode um homem de sensibilidade fazer senão inventar os seus amigos, ou, quando menos, os seus companheiros de espírito?*

*Pensei, primeiro, em publicar anonimamente, em relação a mim, estas obras, e, por exemplo, estabelecer um neopaganismo português, com vários autores, todos diferentes, a colaborar nele e a dilatá-lo. Mas, sobre ser pequeno demais o meio intelectual português, para que (mesmo sem confidências) a máscara se pudesse manter, era inútil o esforço mental preciso para mantê-la.*

*Tenho, na minha visão a que chamo interior apenas porque chamo exterior a determinado “mundo”, plenamente fixas, nítidas, conhecidas e distintas, as linhas fisionômicas, os traços de caráter, a vida, a ascendência, nalguns casos a morte, destas personagens. Alguns conheceram-se uns aos outros; outros não. A mim, pessoalmente, nenhum me conheceu, exceto Álvaro de Campos. Mas, se amanhã eu, viajando na América, encontrasse subitamente a pessoa física de Ricardo Reis, que, a meu ver, lá vive, nenhum gesto de pasmo\* me sairia da alma para o corpo; estava certo tudo, mas, antes disso, já estava certo. O que é a vida? <sup>134</sup>*

\*\*\*

## A GÊNESE DOS HETERÔNIMOS:

### TEXTO 54

[ 1935]

*Tive sempre, desde criança, a necessidade de aumentar o mundo com personalidades fictícias, sonhos meus rigorosamente construídos, visionados com clareza fotográfica, compreendidos por dentro das suas almas. Não tinha eu mais*

que cinco anos, e, criança isolada e não desejando senão assim estar, já me acompanhavam algumas figuras de meu sonho – um capitão Thibeaut, um Chevalier de Pas – e outros que já me esqueceram, e cujo esquecimento, como a imperfeita lembrança daqueles, é uma das grandes saudades da minha vida.

Isto parece simplesmente aquela imaginação infantil que se entretém com a atribuição de vida a bonecos ou bonecas. Era porém mais: eu não precisava de bonecas para conceber intensamente essas figuras. Claras e visíveis no meu sonho constante, realidades exatamente humanas para mim, qualquer boneco por irreal, as estragaria. Eram gente.

Além disto, esta tendência não passou com a infância, desenvolveu-se na adolescência, radicou-se com o crescimento dela, tornou-se finalmente a forma natural do meu espírito. Hoje já não tenho personalidade: quanto em mim haja de humano, eu o dividi entre os autores vários de cuja obra tenho sido o executor. Sou hoje o ponto de reunião de uma pequena humanidade só minha.

Trata-se, contudo, simplesmente do temperamento dramático elevado ao máximo; escrevendo, em vez de dramas em atos e ação, dramas em almas. Tão simples é, na sua substância, este fenômeno aparentemente tão confuso.

Não nego, porém – favoreço, até –, a explicação psiquiátrica, mas deve compreender-se que toda a atividade superior do espírito, porque é anormal, é igualmente suscetível de interpretação psiquiátrica. Não me custa admitir que eu seja louco, mas exijo que se compreenda que não sou louco diferentemente de Shakespeare, qualquer que seja o valor relativo dos produtos do lado são da nossa loucura.

Médium, assim, de mim mesmo todavia subsisto. Sou, porém, menos real que os outros, menos coeso [?], menos pessoal, eminentemente influenciável por eles todos. Sou também discípulo de Caeiro, e ainda me lembro do dia – 13 de Março de 1914 – quando, tendo “ouvido pela primeira vez” (isto é, tendo acabado de escrever, de um só hausto do espírito) grande número dos primeiros poemas do Guardador de Rebanhos, imediatamente escrevi, a fio, os seis poemas-intersecções que compõem a Chuva Oblíqua (Orpheu 2), manifesto e lógico resultado da influência de Caeiro sobre o temperamento de Fernando Pessoa(...) <sup>134</sup>

O DIA TRIUNFAL -

CARTA A CASAIS-MONTEIRO DE 13 DE JANEIRO DE 1935

TEXTO 55

*Lisboa, 13 de janeiro de 1935*

*Meu Prezado Camarada:*

*(...) E contudo – penso-o com tristeza – pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda a minha disciplina mental, vestida da música que lhe é própria, pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida. Pensar, meu querido Casais Monteiro, que todos estes têm que ser, na prática da publicação, preteridos pelo Fernando Pessoa, impuro e simples!*

*(...)*

*Passo agora a responder à sua pergunta sobre a gênese dos meus heterônimos. Vou ver se consigo responder-lhe completamente.*

*Começo pela parte psiquiátrica. A origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neuroastênico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenômenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registro dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenômenos – felizmente para mim e para os outros – mentalizaram-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contato com os outros; fazem explosão para dentro e vivo-os eu a sós comigo. Se eu fosse mulher – na mulher os fenômenos histéricos rompem em ataques e coisas parecidas – cada poema de Álvaro de Campos (o mais historicamente histérico de mim) seria um alarme para vizinhança. Mas sou homem – e nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia...*

*Isto explica, tant bien que mal, a origem orgânica do meu heteronimismo. Vou agora fazer-lhe a história direta dos meus heterônimos. Começo por aqueles que morreram, e de alguns dos quais já me não lembro – os que jazem perdidos no passado remoto da minha infância quase esquecida.*

*Desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram. (Não sei, bem entendido, se realmente não existiram, ou se sou eu que não existo. Nestas coisas, como em todas, não devemos ser dogmáticos.) Desde que me conheço como sendo aquilo a que chamo eu, me lembro de precisar mentalmente, em figura, movimentos, caráter e história, várias figuras irreais que eram para mim tão visíveis e minhas como as coisas daquilo a que chamamos, porventura abusivamente, a vida real. Esta tendência, que me vem desde que me lembro de ser um eu, tem-me acompanhado sempre, mudando um pouco o tipo de música com que me encanta, mas não alterando nunca a sua maneira de encantar.*

*Lembro, assim, o que me parece ter sido o meu primeiro heterônimo, ou, antes, o meu primeiro conhecido inexistente – um certo Chevalier de Pas dos meus seis anos, por quem escrevia cartas dele a mim mesmo, e cuja figura, não inteiramente vaga, ainda conquista aquela parte da minha afeição que confina com a saudade. Lembro-me, com menos nitidez, de uma outra figura, cujo nome já me não ocorre mas que o tinha estrangeiro também, que era, não sei em quê, um rival de Chevalier de Pas... Coisas que acontecem a todas as crianças? Sem dúvida – ou talvez. Mas a tal ponto as vivi que as vivo ainda, pois que as relembro de tal modo que é mister um esforço para me fazer saber que não foram realidades.*

*Esta tendência para criar em torno de mim um outro mundo, igual a este mas com outra gente, nunca me saiu da imaginação. Teve várias fases, entre as quais esta, sucedida já em maioridade. Ocorria-me um dito de espírito, absolutamente alheio, por um motivo ou outro, a quem eu sou, ou a quem suponho que sou. Dizia-o, imediatamente, espontaneamente, como sendo de certo amigo meu, cujo nome inventava, cuja história acrescentava, e cuja figura – cara, estatura, traje e gesto – imediatamente eu via diante de mim. E assim arranjei, e propaguei, vários amigos e conhecidos e conhecidos que nunca existiram, mas que ainda hoje, a perto de trinta anos de distância, oiço, sinto, vejo. Repito: oiço, sinto, vejo... E tenho saudades deles.*

(...)

*Aí por 1912, salvo erro (que nunca pode ser grande), veio-me à idéia escrever uns poemas de índole pagã. Esbocei umas coisas em verso irregular (não no estilo Álvaro de Campos, mas num estilo de meia regularidade), e abandonei o caso. Esboçara-se-me, contudo, numa penumbra mal urdida, um vago retrato da pessoa que estava a fazer aquilo. (Tinha nascido, sem que eu soubesse, o Ricardo Reis.)*

(...)

*Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira – foi em 8 de Março de 1914 – acerquei-me de uma cômoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal de minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com o título, O Guardador de Rebanhos. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei noutra papel e escrevi, a fio, também, os seis poemas que constituem a Chuva Obliqua, de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente... Foi o regresso de Fernando Pessoa Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reação de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro.*

*Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir – instintiva e subconscientemente – uns discípulos. Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o via. E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jato, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a Ode Triunfal de Álvaro de Campos – a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem.*

*Criei, então, uma coterie inexistente. Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independente de mim. E parece que assim ainda se passa. Se algum dia eu puder publicar a discussão estética*

entre Ricardo Reis e Álvaro de Campos, verá como eles são diferentes, e como eu não sou nada na matéria.

(...)

*Eu vejo diante de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Construí-lhes as idades e as vidas. Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil. Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão nem educação quase alguma. Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de outubro de 1890 (às 1,30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes; é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inatividade. Caeiro era de estatura média, e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era. Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mas seco. Álvaro de Campos é alto (1,75 m de altura, mais 2 cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara rapada todos – o Caeiro louro sem cor, olhos azuis; Reis de um vago moreno mate; Campos entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. Caeiro, como disse, não teve mais educação que quase nenhuma – só instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivía com uma tia velha, tia-avó. Ricardo Reis, educado num colégio de jesuítas, é, como disse, médico; vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico. É um latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria. Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias, fez a viagem ao Oriente de onde resultou o Opiário. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre.*

*Como escrevo em nome desses três?... Caeiro por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular que iria escrever. Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstrata, que subitamente se concretiza numa ode. Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê. (O meu semi-heterônimo Bernardo Soares, que aliás em muitas coisas se parece com Álvaro de Campos,*

*aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. É um semi-heterônimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afetividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de ténue à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual; ao passo que Caeiro escrevia mal o português, Campos razoavelmente mas com lapsos como dizer “eu próprio” em vez de “eu mesmo”, etc., Reis melhor do que eu, mas com um purismo que considero exagerado. O difícil para mim é escrever a prosa de Reis – ainda inédita – ou de Campos. A simulação é mais fácil, até porque é mais espontânea, em verso.)*<sup>134</sup>

É justo que se perceba que primeiro surgiram os poemas e só depois a *coterie*. Isto pode significar que, como já dissera Pessoa, *dar a cada estado de alma, uma alma*. Nossa leitura: nomear cada estado de espírito, cada estado de ânimo, portanto, cada humor.

\*\*\*

*...o ar marinho queimará meus pulmões, climas ignotos me curtirão. Nadar, desbastar verdes, caçar, sobretudo fumar; tomar bebidas fortes como metal fundido, como faziam nossos caros ancestrais em volta do fogo. Voltarei com membros de ferro, a pele sombria, olhar furioso; pela máscara, me julgarão raça forte. Terei dinheiro; vou ser ocioso e brutal. Arthur Rimbaud*<sup>147</sup>.

#### 6.2.2.2 OBRA POÉTICA

*Contrariando Caeiro e Reis, Álvaro de Campos, completamente imerso num pantanal de dúvidas e desencantos, vive a dor do ser consciente de si mesmo, a*

vagar perdido “entre o mundo e o nada”, cuja a alma é o pórtico de todas as sensações <sup>154</sup>.

... Trazer a consciência a dimensão da verdade da existência representa, para Álvaro de Campos, uma experiência absolutamente traumática, na medida em que a compreensão dessa verdade excede qualquer possibilidade de explicação racional <sup>154</sup>.

“Minha inteligência tornou-se um coração cheio de pavor,  
E é com minhas idéias que tremo, com minha consciência de mim,  
Com a substância essencial do meu ser abstrato  
Que sufoco de incompreensível  
Que ... de ultratranscendente,  
E deste medo, desta angústia, deste perigo do ultra-ser,  
Não se pode fugir, não se pode fugir, não se pode fugir!”

*Do ponto de vista ontológico, os heterônimos simbolizam as diversas possibilidades do ser.*

*Consciente de que um ser apenas não daria conta de todas as realidades possíveis, multiplicou-se para poder reproduzir um número maior de verdades, ainda que estas teimem em desmentir-se reciprocamente.*

*Diante da incomensurabilidade da vida, Álvaro de Campos sente-se diminuído, (um nada que dói), a quem só é permitido o sonho:*

Não sou nada

Nunca

Não                      posso                      quere                      ser                      nada

.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo... (TABACARIA) <sup>154</sup>.

\*\*\*

Sobre sua sexualidade:

[ A Daisy Mason]\*

Olha, Daisy, quando eu morrer tu hás de  
 Dizer aos meus amigos aí de Londres,  
 Que, embora não o sintas, tu escondes  
 A grande dor de minha morte. Irás de

Londres pra York, onde nasceste (dizes –  
 Que eu nada que tu digas acredito...)  
 Contar àquele pobre rapazito  
 Que me deu tantas horas tão felizes

(Embora não o saibas) que morri.  
 Mesmo ele, a quem eu tanto julguei amar,  
 Nada se importará. Depois vai dar

A notícia a essa estranha Cecily  
 Que acreditava que eu seria grande...  
 Raios partam a vida e quem lá ande!... \*\* 136

A bordo do navio em que embarcou para o Oriente  
 (uns quatro meses antes do *Opiário*, portanto), dezembro, 1913.

Características clínicas como mudanças de humor, pensamento, energia e comportamento são usualmente opostas na mania e na depressão. Isto também é verdade para padrões lingüísticos e artísticos. Pacientes em mania tendem não só a falar mais e mais rápido quanto usar um discurso mais forte e colorido, incluindo mais verbos de ação e adjetivos.

\*\*\*

Vigor, luxúria, masoquismo, psicosexualidade:

### Ode Marítima

a Santa Rita Pintor

(...)

Sim, sim, sim... Crucificai-me nas navegações  
E as minhas espáduas gozarão a minha cruz!  
Atai-me às viagens como a postes  
E a sensação dos postes entrará pela minha espinha  
E eu passarei a senti-los num vasto espasmo passivo!  
Fazei o que quiserdes de mim, logo que seja nos mares,  
Sobre conveses, ao som de vagas,  
Que me rasgueis, mateis, firaís!  
O que quero é levar pra Morte  
Uma alma a transbordar de Mar,  
Ébria a cair das coisas marítimas,  
Tanto dos marujos como das âncoras, dos cabos,  
Tanto das costas longínquas como do ruído dos ventos,  
Tanto do Longe como do Cais, tanto dos naufrágios  
Como dos tranqüilos comércios,  
Tanto dos mastros como das vagas,  
Levar pra Morte com dor, voluptuosamente,  
Um corpo cheio de sanguessugas, a sugar, a sugar,  
De estranhas verdes absurdas sanguessugas marítimas!  
Façam enxárcias das minhas veias!  
Amarras dos meus músculos!  
Arranquem-me a pele, preguem-na às quilhas.  
E possa eu sentir a dor dos pregos e nunca deixar de sentir!  
Façam do meu coração uma flâmula de almirante  
Na hora de guerra dos velhos navios!

Calquem aos pés nos conveses meus olhos arrancados!  
 Quebrem-me os ossos de encontro às amuradas!  
 Fustiguem-me atado aos mastros, fustiguem-me!  
 A todos os ventos de todas as latitudes e longitudes  
 Derramem meu sangue sobre as águas arremessadas  
 Que atravessam o navio, o tombadilho, de lado a lado,  
 Nas vascas bravas das tormentas!  
 (...)

Ser no meu corpo passivo a mulher-todas-as-mulheres  
 Que foram violadas, mortas, feridas, rasgadas plos piratas!  
 Ser no meu ser subjugado a fêmea que tem de ser deles!  
 E sentir tudo isso – todas as coisas de uma só vez – pela  
 [espinha!

Ó meus peludos e rudes heróis da aventura e do crime!  
 Minhas marítimas feras, maridos da minha imaginação!  
 Amantes causais da obliquidade das minhas sensações!  
 Queria ser Aquela que vos esperasse nos portos,  
 A vós, odiados amados do seu sangue de pirata nos sonhos!  
 (...) <sup>136</sup>

\*\*\*

Disfórico, pornográfico, auto-depreciativo, masoquista, gay:

*...e é graças à magia de todas essas imagens de massacres e de violações que ele se sente finalmente existir, numa existência violenta, ao lado de que a vida cotidiana lhe parece de insuportável sensaboria.*

*“Ah! a selvageria desta selvageria! Merda*

*Pra toda a vida como a nossa, que não é nada disto!*

*[...]*

*Arre! por não poder agir d’acôrdo com o meu delírio!*

*Arre! por andar sempre agarrado às saias da civilização!*

[...]

*Ah, os piratas, os piratas!*

[...]

*Humilhai-me e batei-me!*

[...]

*Ó meus senhores! ó meus senhores!*

[...]

*Fazei de mim qualquer coisa como se eu fosse*

*Arrastado – ó prazer, ó beijada dôr! –*

*Arrastado à cauda de cavalos chicoteados por vós...*

*Mas isto no mar, isto no ma-a-a-ar, isto no MA-A-A-AR!"*

(...)

ÁLVARO DE CAMPOS, Engenheiro. 8-03-1914

*Esse grito, que identifica o orgasmo sadomasoquista com o universo marinho, marca o clímax do poema. Por um momento (cerca de quinze versos) o poeta entontecido não consegue proferir mais que onomatopéias. E é a queda brutal de tensão que o devolve a si mesmo, a sua natureza, a sua sentimentalidade e a sua nostalgia <sup>49</sup>.*

\*\*\*

Taqui-psiquismo, entusiasmo, desinibição, elação:

Saudação a Walt Whitman

Portugal – Infinito, onze de junho de mil novecentos e quinze...

He-lá-á-á-á-á-á-á!

De aqui, de Portugal, todas as épocas no meu cérebro,  
Saúdo-te, Walt, saúdo-te, meu irmão em Universo,  
Ó sempre moderno e eterno, cantor dos concretos absolutos,  
Concubina ferosa do universo disperso,  
Grande pederasta roçando-se contra a diversidade das coisas,  
Sexualizado pelas pedras, pelas árvores, pelas pessoas, pelas profissões,

Cio das passagens, dos encontros casuais, de meras observações,  
Meu entusiasta pelo conteúdo de tudo,  
Meu grande herói entrando pela Morte dentro aos pinotes,  
E aos urros, e aos guinchos, e aos berros saudando-te em deus!

Cantor da fraternidade feroz e terna com tudo,  
Grande democrata epidérmico, contíguo a tudo em corpo e alma,  
Carnaval de todas as ações, bacanal de todos os propósitos  
Irmão gêmeo de todos os arrancos,  
Jean-Jacques Rousseau do mundo que havia de produzir máquinas,  
Homero di insaisissable do flutuante carnal,  
Shakespeare da sensação que começa a andar a vapor,  
Milton-Shelley do horizonte da Eletricidade futura!  
Íncubo de todos os gestos,  
Espasmo pra dentro de todos os objetos de fora  
Soutener de todo Universo,  
Rameira de todos os sistemas solares, paneleiro de Deus!

(...)

Tirem esse lixo da minha frente!  
Metam-me em gavetas essas emoções!  
Daqui pra fora, políticos, literatos,  
Comerciantes pacatos, polícia, meretrizes, *souteneurs*,  
Tudo isso é a letra que mata, não o espírito que dá a vida.  
O espírito que dá a vida neste momento sou EU!  
Que nenhum filho da puta se me atravessasse no caminho!  
O meu caminho é pelo infinito fora até chegar ao fim!

Se sou capaz de chegar ao fim ou não, não é contigo, deixa-me ir...

É comigo, com Deus, com o sentido da palavra Infinito...

Pra frente!

Meto esporas!

Sinto as esporas, sou o próprio cavalo em que monto,

Porque eu, por minha vontade de me consubstanciar com Deus,

Posso ser tudo, ou posso ser nada, ou qualquer coisa,

Conforme me der na gana... Ninguém tem nada com isso...

Loucura furiosa! Vontade de ganir, de saltar,

De urrar, de zurrar, dar pulos, pinotes, gritos com o corpo,

De me *cramponner* às rodas dos veículos e me meter por baixo,

De me meter adiante do giro do chicote que vai bater,

(...)

Decadentes, meu velho, decadentes é que nós somos...

No fundo de cada um de nós há uma Bizâncio a arder,

E nem sinto as chamas e nem sinto Bizâncio

Mas o Império finda nas nossas veias aguadas

E a Poesia foi a da nossa incompetência para agir...

Tu, cantador de profissões enérgicas, Tu o Poeta do Extremo,

[do Forte,

Tu, músculo da inspiração, com musas masculinas por

[destaque,

Tu, afinal, inocente em viva histeria,

Afinal apenas "acariciador da vida",

Mole ocioso, paneleiro pelo menos na intenção,

- Bem... isso era contigo – mas onde é que aí está a Vida?

Eu, engenheiro como profissão, farto de tudo e de todos,

Eu, exageradamente supérfluo, guerreando as coisas

Eu, inútil, gasto, improfícuo, pretensioso e amoral,

(...) <sup>137</sup>

- 1914?

\*\*\*

Irritado, pornográfico:

### Manifesto de Álvaro de Campos\*

Ora porra!

Nem o rei chegou, nem o Afonso Costa morreu quando caiu do

[carro abaixo!

E ficou tudo na mesma, tendo a mais só os alemães a menos...

E para isto se fundou Portugal! <sup>136</sup>

(27/6/1916)

\*\*\*

Pujante, eu expandido, assertivo, taquipsíquico:

### A Partida

(...)

E eu o complexo, eu o numeroso,

Eu a saturnália de todas as possibilidades,

Eu o quebrar do dique de todas as personalizações,

Eu o excessivo, eu o sucessivo, eu o \_

Eu o prolixo até de continências e paragens,

Eu que tenho vivido através do meu sangue e dos meus nervos

Todas as sensibilidades correspondentes a todas as metafísicas

Que tenho desembarcado em todos os portos da alma,

Passado em aeroplano sobre todas as terras do espírito,

Eu o explorador de todos os sertões do raciocínio,

(...)

Haverá primeiro

Uma grande aceleração das sensações, um \_

Com grandes *dérapages* nas estradas da minha consciência,

–

(E até à *aterissage* final do meu aero \_) <sup>137</sup>

Uma grande conglobação das sensações incontíguas,

Veloz silvo voraz do espaço entre a alma e Deus

Do meu \_

Os meus estados de alma, de sucessivos, tornar-se-ão simultâneos,

Toda a minha individualidade se amarrotará num só ponto,

E quando, prestes a partir,

Tudo quanto vivo, e o que viverei para além do mundo,

Será fundido num só conjunto homogêneo e incandescente

E com um tal aumentar do ruído dos motores

Que se torna um ruído já não férreo, mas apenas abstrato,

Irei num silvo de sonho de velocidade pelo Incógnito fora

Deixando prados, paisagens, vilas dos dois lados

E cada vez mais no confim, nos longes do cognoscível,

Sulco de movimento no estaleiro das coisas,

Nova espécie de eternidade dinâmica ondeando através da

[eternidade estática –

s-s-s-ss-sss

z-z-z-z-z-z automóvel divino

(...)

Entremos na morte com alegria! Caramba

O ter que vestir fato, o ter que lavar o corpo,

O ter que ter razão, semelhanças, maneiras e modos;

O ter rins, fígado, pulmões, brônquios, dentes.

Coisas onde há dor e sangue e moléstias

(Merda para isso tudo!)

(...) <sup>136</sup>

\*\*\*

Depressivo e taquipsíquico. Escreve em português, inglês e francês, muitas onomatopéias:

Meu cérebro fotográfico...

Vaga náusea física... o cais no longe cheira-me a aqui perto...

Que tristeza a de partir! *What time did the captain say an order*

[*to leave?* de partir e deixar atrás de nós

Não só as pedras da cidade, e as casas e a cidade vista de longe

Mas oh, [.] *just ever and ever on that village on the other side*

[*up at river, it's just perfect in this* [.]

Também as memórias antigas, as carícias maternas hoje na

[sepultura,

Tudo isso parece que ficou aqui, deixado aqui, e nós indo sem

[levar isso tudo...

*Non, Monsieur, c'est de l'autre bord...*

Ó Chico, não te chegues para fora

([.] oh!) podes cair!

Que lume na lenha da velha lareira provinciana – o senhor

[dá-me licença?... passa uma farda de guarda-fiscal pelo

meu ombro – e dos contos que me contavam nas noites

de inverno u-uf-u-u-u... o apito do vapor...

*Et vous aussi, Mark* – Sim senhor, para o Rio de Janeiro

Tenho lá... *yes all the time...* Ó pobre pequenino rio da minha

[terra!

O ruído da água – shl, shl,shlbrtsher, shlbrtsher, e o meu velho

[primo, perdido para sempre

Quase que me esqueço de me poder lembrar dele *came into the*

[*smoking room...*]

God [...] Lisboa? *Oh, yes, but not* (entraram para dentro alguns  
[dias [.] através da minha sensação deles no meu cérebro  
que não tem olhos para os ver)

u-u-u-u-u-u-u

u-u-u

u-u-u-u-u-u

u-u-u-u-u-u-u-u

u-u-u-u-u-u-u

u-u-u-u-u-u-u

u-u-u

u-u-u

u-u

u-fff-(uu uff)

f.f.

(fff) <sup>136</sup>

(1916)

\*\*\*

Exuberante, excessivo, hedonista:

Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir.

Sentir tudo de todas as maneiras.

Sentir tudo excessivamente,

Porque todas as coisas são, em verdade, excessivas

E toda a realidade é um excesso, uma violência,

Uma alucinação extraordinariamente nítida

Que vivemos todos em comum com a fúria das almas,

O centro para onde tendem as estranhas forças centrífugas

Que são as psiques humanas no seu acordo de sentidos.

Quanto mais eu sinta, quanto mais eu sinta como várias pessoas,

Quanto mais personalidades eu tiver,  
 Quanto mais intensamente, estridentemente as tiver,  
 Quanto mais simultaneamente sentir com todas elas,  
 Quanto mais unificadamente diverso, dispersadamente atento,  
 Estiver, sentir, viver, for,  
 Mais possuirei a existência total do universo,  
 Mais completo serei pelo espaço inteiro fora,  
 Mais análogo serei a Deus, seja ele quem for,  
 Porque, seja ele quem for, com certeza que é Tudo,  
 E fora d'Ele há só Ele, e Tudo para Ele é pouco.

Cada alma é uma escada para Deus,  
 Cada alma é um corredor-Universo para Deus,  
 Cada alma é um rio correndo por margens de Externo  
 Para Deus e em Deus com um sussurro soturno.  
 (...)

Sou um formidável dinamismo obrigado ao equilíbrio  
 De estar dentro do meu corpo, de não transbordar da minh'alma.  
 Ruge, estoura, vence, quebra, estrondeia, sacode,  
 Freme, treme, espuma, venta, viola, explode,  
 Perde-te, transcende-te, circunda-te, vive-te, rompe e foge,  
 Sê com todo o meu corpo todo o universo e a vida,  
 Arde com todo o meu ser todos os lumes e luzes,  
 Risca com toda a minha alma todos os relâmpagos e fogos  
 Sobrevive-me em minha vida em todas as direções <sup>137</sup>.

\*\*\*

Nostálgico:

O tumulto concentrado da minha imaginação intelectual...

Fazer filhos à razão prática, como os crentes enérgicos...

Minha juventude perpétua

De viver as coisas pelo lado das sensações e não das

[responsabilidades,

(Álvaro de Campos, nascido no Algarve, educado por um tio-avô, padre, que lhe instilou um certo amor às coisas clássicas...)

(Veio para Lisboa muito novo...)

A capacidade de pensar o que sinto, que me distingue do homem

[vulgar

Mais do que ele se distingue do macaco.

(Sim, amanhã o homem vulgar talvez me leia e compreenda a

[substância do meu ser,

Sim, admito-o,

Mas o macaco já hoje sabe ler o homem vulgar e lhe compreende

[a substância do ser.)

Se alguma coisa foi por que é que não é?

Ser não é ser?

As flores do campo da minha infância, não as terei eternamente,

Em outra maneira de ser?

Perderei para sempre os afetos que tive, e até os afetos que

[pensei ter?

Há alguém que tenha a chave da porta do ser, que não tem porta,

E me possa abrir com razões a inteligência do mundo? <sup>136, 137</sup>

\*\*\*

Irascível, escatológico:

O descalabro a ócio e estrelas...

Nada mais...

Farto...

Arre...

Todo o mistério do mundo entrou para minha vida econômica.

Basta!...

O que eu queria ser, e nunca serei, estraga-me as ruas.

Mas então isto não acaba?

É destino?

Sim, é o meu destino

Distribuído pelos meus conseguintos no lixo

E os meus propósitos à beira da estrada –

Os meus conseguintos rasgados por crianças,

Os meus propósitos mijados por mendigos,

E toda a minha alma uma toalha suja que escorregou para o chão.

(...)

\*\*\*

Sarcástico, ácido:

Cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da Baixa

Aquele homem mal vestido, pedinte por profissão que se lhe vê

[na cara,

Que simpatiza comigo e eu simpatizo com ele;

E reciprocamente, num gesto largo, transbordante, dei-lhe tudo

[quanto tinha

(Exceto, naturalmente, o que restava na algibeira onde trago

[mais dinheiro:

Não sou parvo nem romancista russo, aplicado,

E romantismo, sim, mas devagar...).

Sinto uma simpatia por essa gente toda,  
 Sobretudo quando não merece simpatia.  
 Sim, eu sou também vadio e pedinte,  
 E sou-o também por minha culpa.  
 Ser vadio e pedinte não é ser vadio e pedinte:  
 É estar ao lado da escala social,  
 É não ser adaptável às normas da vida,  
 Às normas reais ou sentimentais da vida –  
 Não ser Juiz do Supremo, empregado certo, prostituta,  
 Não ser pobre a valer, operário explorado,  
 Não ser doente de uma doença incurável,  
 Não ser sedento de justiça, ou capitão de cavalaria,  
 Não ser, enfim, aquelas pessoas sociais dos romancistas  
 Que se fartam de letras porque têm razão para chorar lágrimas,  
 E se revoltam contra a vida social porque tem razão para isso supor.

Não: tudo menos ter razão!  
 Tudo menos importar-me com a humanidade!  
 Tudo menos ceder ao humanitarismo!  
 De que serve uma sensação se há uma razão exterior para ela?

Sim, ser vadio e pedinte, como eu sou,  
 Não é ser vadio e pedinte, o que é corrente:  
 É ser isolado na alma, e isso é que é ser vadio,  
 É ter [que] pedir aos dias que passem, e nos deixem, e isso é  
[que é ser pedinte.

Tudo mais é estúpido como um Dostoiévski ou um Gorki.  
 Tudo mais é ter fome e não ter o que vestir.  
 E, mesmo que isso aconteça, isso acontece a tanta gente  
 Que nem vale a pena ter pena da gente a quem isso acontece.  
 Sou vadio e pedinte a valer, isto é, no sentido translato,  
 E estou-me rebolando numa grande caridade por mim.

Coitado do Álvaro de Campos!  
Tão isolado na vida! Tão deprimido nas sensações!  
Coitado dele, enfiado na poltrona da sua melancolia!  
Coitado dele, que com lágrimas (autênticas) nos olhos,  
Deu hoje, num gesto largo, liberal e moscovita,  
Tudo quanto tinha, na algibeira em que tinha pouco, àquele  
Pobre que não era pobre, que tinha olhos tristes por profissão.

Coitado do Álvaro de Campos, com quem ninguém se importa!  
Coitado dele que tem tanta pena de si mesmo!

E, sim, coitado dele!  
Mais coitado dele que de muitos que são vadios e vadiam,  
Que são pedintes e pedem,  
Porque a lama humana é um abismo.

Eu é que sei. Coitado dele!

Que bom poder-me revoltar num comício dentro da minha alma!  
Mas até nem parvo sou!  
Nem tenho a defesa de poder ter opiniões sociais.  
Não tenho, mesmo, defesa nenhuma: sou lúcido.

Não me queiram converter a convicção: sou lúcido.  
Já disse: sou lúcido.  
Nada de estéticas com coração: sou lúcido.  
Merda! Sou lúcido.

Ideação suicida:

Se te queres matar, por que não te queres matar?

Ah, aproveita! que eu, que tanto amo a morte e a vida,

Se ousasse matar-me, também me mataria...

Ah, se ousares, ousa!

De que te serve o quadro sucessivo das imagens externas

A que chamamos o mundo?

A cinematografia das horas representadas

Por atores de convenções e poses determinadas,

O circo policromo do nosso dinamismo sem fim?

De que te serve o teu mundo interior que desconheces?

Talvez, matando-te, o conheças finalmente...

Talvez, acabando, começas...

E, de qualquer forma, se te cansa seres,

Ah, cansa-te nobremente,

E não cantes, como eu, a vida por bebedeira,

Não saúdes como eu a morte em literatura!

Fazes falta? Ó sombra fútil chamada gente!

Ninguém faz falta; não fazes falta a ninguém...

Sem ti correrá tudo sem ti.

Talvez seja pior para outros existires que matares-te...

Talvez peses mais durando, que deixando de durar...

A mágoa dos outros?... Tens remorso adiantado

De que te chorem?

Descansa: pouco te chorarão...

O impulso vital apaga as lágrimas pouco a pouco,

Quando não são de coisas nossas,

Quando são do que acontece aos outros, sobretudo a morte,

Porque é a coisa depois da qual nada acontece aos outros...

Primeiro é a angústia, a surpresa da vinda

Do mistério e da falta da tua vida falada...  
Depois o horror do caixão visível e material,  
E os homens de preto que exercem a profissão de estar ali.  
Depois a família a velar, inconsolável e contando anedotas,  
Lamentando entre as últimas notícias dos jornais da noite,  
Interseccionando a pena de teres morrido com o último crime...  
E tu mera causa ocasional daquela carpidação,  
Tu verdadeiramente morto, muito mais morto que calculas...  
Muito mais morto aqui que calculas,  
Mesmo que estejas muito mais vivo além...

Depois a retirada preta para o jazigo ou a cova,  
E depois o princípio da morte da tua memória.  
Há primeiro em todos um alívio  
Da tragédia um pouco maçadora de teres morrido...  
Depois a conversa aligeira-se cotidianamente,  
E a vida de todos os dias retoma o seu dia...

Depois, lentamente esqueceste.  
Só és lembrado em duas datas, aniversariamente:  
Quando faz anos que nasceste, quando faz anos que morreste.  
Mais nada, mais nada, absolutamente mais nada.  
Duas vezes no ano pensam em ti.  
Duas vezes no ano suspiram por ti os que te amaram,  
E uma ou outra vez suspiram se por acaso se fala em ti.

Encara-te a frio, e encara a frio o que somos...  
Se queres matar-te, mata-te...  
Não tenhas escrúpulos morais, receios de inteligência!...  
Que escrúpulos ou receios tem a mecânica da vida?  
Que escrúpulos químicos tem o impulso que gera  
As seivas, e a circulação do sangue, e o amor?  
Que memória dos outros tem o ritmo alegre da vida?

Ah, pobre vaidade de carne e osso chamada homem,  
Não vês que não tens importância absolutamente nenhuma?

És importante para ti, porque é a ti que te sentes.  
És tudo para ti, porque para ti és o universo,  
E o próprio universo e os outros  
Satélites da tua subjetividade objetiva.  
És importante para ti porque só tu és importante para ti.  
E se és assim, ó mito, não serão os outros assim?

Tens, como Hamlet, o pavor do desconhecido?  
Mas o que é conhecido? o que é que tu conheces,  
Para que chames desconhecido a qualquer coisa em especial?

Tens, como Falstaff, o amor gorduroso da vida?  
Se assim a amas materialmente, ama-a ainda mais materialmente:  
Torna-te parte carnal da terra e das coisas!  
Dispersa-te, sistema físico-químico  
De células noturnamente conscientes  
Pela noturna consciência da inconsciência dos corpos,  
Pelo grande cobertor não-cobrindo-nada das aparências,  
Pela relva e a erva da proliferação dos seres,  
Pela névoa atômica das coisas,  
Pelas paredes turbilhonantes  
Do vácuo dinâmico do mundo...

26/4/1926

\*\*\*

Arrependimento, culpa, menos-valia, prostração:

Na noite terrível, substância natural de todas as noites,  
Na noite de insônia, substância natural de todas as minhas noites,  
Relembro, velando em modorra incômoda,  
Relembro o que fiz e o que podia ter feito na vida.  
Relembro, e uma angústia  
Espalha-se por mim todo como um frio do corpo ou um medo.  
O irreparável do meu passado – esse é que é o cadáver!  
Todos os outros cadáveres pode ser que sejam ilusão.  
Todos os mortos pode ser que sejam vivos noutra parte.  
Todos os meus próprios momentos passados pode ser que  
[existam algures,  
Na ilusão do espaço e do tempo,  
Na falsidade do decorrer.

Mas o que eu não fui, o que eu não fiz, o que nem sequer sonhei;  
O que só agora vejo que deveria ter feito,  
O que só agora claramente vejo que deveria ter sido –  
Isso é que é morto para além de todos os deuses,  
Isso – e foi afinal o melhor de mim – é que nem os deuses  
[fazem viver...

Se em certa altura  
Tivesse voltado para a esquerda em vez de para a direita;  
Se em certo momento  
Tivesse dito sim em vez de não, ou não em vez de sim;  
Se em certa conversa  
Tivesse tido as frases que só agora, no meio-sono, elaboro –  
Se tudo isso tivesse sido assim,  
Seria outro hoje, e talvez o universo inteiro  
Seria insensivelmente levado a ser outro também.

Mas não virei para o lado irreparavelmente perdido,  
 Não virei nem pensei em virar, e só agora percebo;  
 Mas não disse não ou não disse sim, e só agora vejo o que não  
[disse;

Mas as frases que faltou dizer nesse momento surgem-me todas,  
 Claras, inevitáveis, naturais,  
 A conversa fechada concludentemente,  
 A matéria toda resolvida...  
 Mas só agora o que nunca foi, sem será para trás, me dói.

O que falhei deveras não tem esperança nenhuma,  
 Em sistema metafísico nenhum.  
 Pode ser que para outro mundo eu possa levar o que sonhei,  
 Mas poderei eu levar para outro mundo o que me esqueci de  
[sonhar?

Esses sim, os sonhos por haver, é que são o cadáver.  
 Enterro-o no meu coração para sempre, para todo o tempo,  
[para todos os universos,  
 Nesta noite em que não durmo, e o sossego me cerca  
 Como uma verdade de que não partilho,  
 E lá fora o luar, como a esperança que não tenho, é invisível  
[pra mim. <sup>136, 137</sup>

(11/5/1928)

\*\*\*

Desvalido:

Ora até que enfim..., perfeitamente...  
 Cá está ela!

Tenho a loucura exatamente na cabeça.

Meu coração estourou como uma bomba de pataco,  
E a minha cabeça teve o sobressalto pela espinha acima...

Graças a Deus que estou doido!  
Que tudo quanto dei me voltou em lixo,  
E, como cuspo atirado ao vento,  
Me dispersou pela cara livre!  
Que tudo quanto fui se me atou aos pés,  
Como a sarapilheira para embrulhar coisa nenhuma!  
Que tudo quanto pensei me faz cócegas na garganta  
E me quer fazer vomitar sem eu ter comido nada!  
Graças a Deus, porque, como na bebedeira,  
Isto é uma solução.  
Arre, encontrei uma solução, e foi preciso o estômago!  
Encontrei uma verdade, senti-a com os intestinos!

Poesia transcendental, já a fiz também!  
Grandes raptos líricos, também já por cá passaram!  
A organização de poemas relativos à vastidão de cada assunto  
[resolvido em vários –  
Também não é novidade.  
Tenho vontade de vomitar, e de me vomitar a mim...  
Tenho uma náusea que, se pudesse comer o universo para o  
[despejar na pia, comia-o.  
Com esforço, mas era para bom fim.  
Ao menos era para um fim.  
E assim como sou não tenho nem fim nem vida... 136, 137

Insônia, culpa, arrependimento:

### Insônia

Não durmo, nem espero dormir.

Nem na morte espero dormir.

Espera-me uma insônia da largura dos astros,  
E um bocejo inútil do comprimento do mundo.

Não durmo; não posso ler quando acordo de noite,  
Não posso escrever quando acordo de noite,  
Não posso pensar quando acordo de noite –  
Meu Deus, nem posso sonhar quando acordo de noite!

Ah, o ópio de ser outra pessoa qualquer!

Não durmo, jazo, cadáver acordado, sentindo,  
E o meu sentimento é um pensamento vazio.  
Passam por mim, transtornadas, coisas que me sucederam  
- Todas aquelas de que me arrependo e me culpo -;  
Passam por mim, transtornadas, coisas que me não sucederam  
- Todas aquelas de que me arrependo e me culpo -;  
Passam por mim, transtornadas, coisas que não são nada,  
E até dessas me arrependo, me culpo, e não durmo.

Não tenho força para ter energia para acender um cigarro.  
Fito a parede fronteira do quarto como se fosse o universo.  
Lá fora há o silêncio dessa coisa toda.  
Um grande silêncio apavorante noutra ocasião qualquer,

Noutra ocasião qualquer em que eu pudesse sentir.

(...)

Que horas são? Não sei.

Não tenho energia para estender uma mão para o relógio,

Não tenho energia para nada, nem para mais nada...

Só para estes versos, escritos no dia seguinte.

(...) 27/3/1929

\*\*\*

Impotência e covardia:

E eu que estou bêbado de toda a injustiça do mundo...

- O dilúvio de Deus e o bebê loirinho boiando morto à tona

[de água,

(...)

Meus versos são a minha impotência.

O que não consigo, escrevo-o;

E os ritmos diversos que faço aliviam a minha covardia.

(...)

(1929?)

\*\*\*

Lamentação, tristeza:

(...)

Quem fez lenha de todo o berço da minha infância?

Quem fez trapos de limpar o chão dos meus lençóis de menino?

Quem expôs por cima das cascas e do cotão das casas

Nos caixotes de lixo do mundo

As rendas daquela camisa que usei para me batizarem?

Quem me vendeu ao Destino?

Quem me trocou por mim?

(...)

Mas apanharei o elétrico.

Soará duas vezes a campainha lá do fim invisível da correia

[puxada

Pelas mãos de dedos grossos do condutor por barbear.

Apanharei o elétrico.

Ai de mim; apesar de tudo sempre apanhei o elétrico –

Sempre, sempre, sempre...

Voltei sempre à cidade,

Voltei sempre à cidade, depois de especulações e desvios,

Voltei sempre com vontade de jantar.

Mas nunca jantei o jantar que soa atrás de persianas

Das casas felizes dos arredores por onde se volta ao elétrico,

Das casas conjugais da normalidade da vida!

Pago o bilhete através dos interstícios,

E o condutor passa por mim como se eu fosse a Crítica da

[Razão Pura...

Paguei o bilhete. Cumpri o dever. Sou vulgar.

E tudo isto são coisas que nem o suicídio cura.

(6/1/1930)

\*\*\*

Nostalgia, saudade, lamúria:

### Aniversário

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,  
 Eu era feliz e ninguém estava morto.  
 Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,  
 E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião  
 [qualquer.

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,  
 Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,  
 De ser inteligente para entre a família,  
 E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.  
 Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.  
 Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.

Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo,  
 O que fui de coração e parentesco,  
 O que fui de serões de meia-província,  
 O que fui de amarem-me e eu ser menino,  
 O que fui – ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui...  
 A que distância!...  
 (Nem o eco...)  
 O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!

O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa,  
 Pondo grelado nas paredes...  
 O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através  
 [das minhas lágrimas),  
 O que eu sou hoje é terem vendido a casa,

É terem morrido todos,  
 É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio...  
 No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...  
 Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!  
 Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,  
 Por uma viagem metafísica e carnal,  
 Com uma dualidade de eu para mim...  
 Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga  
[nos dentes!]

Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que  
[há aqui...]  
 A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na  
[louça, com mais copos,  
 O aparador com muitas coisas – doces, frutas, o resto na  
[sombra debaixo do alçado –,  
 As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa,  
 No tempo em que festejavam o dia de meus anos...

Pára, meu coração!  
 Não penses! Deixa o pensar na cabeça!  
 Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!  
 Hoje já não faço anos.  
 Duro.  
 Somam-se-me dias.  
 Serei velho quando o for.  
 Mais nada.  
 Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!...

O tempo em que festejavam o dia de meus anos!... <sup>136, 137</sup>

15 De Outubro De 1929 – Aniversário De Álvaro De Campos  
 13/De Junho De 1930 – Aniversário De Fernando Pessoa

\*\*\*

Angústia:

Bicarbonato de soda

Súbita, uma angústia...

Ah, que angústia, que náusea do estômago à alma!

Que amigos que tenho tido!

Que vazias de tudo as cidades que tenho percorrido!

Que esterco metafísico os meus propósitos todos!

Uma angústia,

Uma desconsolação da epiderme da alma,

Um deixar cair os braços ao sol-pôr do esforço...

Renego.

Renego tudo.

Renego mais do que tudo.

Renego a gládio e fim todos os Deuses e a negação deles.

Mas o que é que me falta, que o sinto faltar-me no estômago e

[na circulação do sangue?

Que atordoamento vazio me esfalfa no cérebro?

Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me?

Não: vou existir. Arre! Vou existir.

E-xis-tir...

E – xis – tir...

Meu Deus! Que budismo me esfria no sangue!  
 Renunciar de portas todas abertas,  
 Perante a paisagem todas as paisagens,  
 Sem esperança, em liberdade,  
 Sem nexo,  
 Acidente da incoseqüência da superfície das coisas,  
 Monótono mas dorminhoco,  
 E que brisas quando as portas e as janelas estão todas abertas!  
 Que verão agradável dos outros!

Dêem-me de beber, que não tenho sede! <sup>136, 137</sup>

20/6/1930

\*\*\*

Baço:

A alma humana é porca como um ânus 1  
 E a Vantagem dos caralhos pesa em muitas imaginações.

Meu coração desgosta-se de tudo com uma náusea do estômago.  
 A Távola Redonda foi vendida a peso,  
 E a biografia do Rei Artur, um galante escreveu-a.  
 Mas a sucata da cavalaria ainda reina nessas almas, como um  
[perfil distante.

(...)

Sim, está frio...

Está frio em tudo que sou, está frio...

Minhas próprias idéias têm frio, como gente velha...

E o frio que eu tenho das minhas idéias terem frio é mais frio

[do que elas.

(...)

\*\*\*

Nostalgia e saudade:

Na ampla sala de jantar das tias velhas  
O relógio tictaqueava o tempo mais devagar.  
Ah o horror da felicidade que se não conheceu  
Por se ter conhecido sem se conhecer,  
O horror do que foi porque o que está aqui.  
Chá com torradas na província de outrora  
Em quantas cidades me tens sido memória e choro!  
Eternamente criança.  
Eternamente abandonado,  
Desde que o chá e as torradas me faltaram no coração.

Aquece, meu coração!  
Aquece ao passado,  
Que o presente é só uma rua onde passa quem me esqueceu...

(29/1/1933)

\*\*\*

Fracasso:

Pecado Original

(...)

Sou quem falhei ser.

Somos todos quem nos supusemos.  
A nossa realidade é o que não conseguimos nunca.  
(...)

Mundo, 7 de dezembro de 1933

\*\*\*

Frustração:

Puseram-me uma tampa –  
Todo o céu.  
Puseram-me uma tampa.

Que grandes aspirações!  
Que magnas plenitudes!  
E algumas verdadeiras...  
Mas sobre todas elas  
Puseram-me uma tampa.  
Como a um daqueles penicos antigos –  
Lá nos longes tradicionais da província –  
Uma tampa.

(12/4/1934)

\*\*\*

Sentimento de desamparo, angústia, crise existencial:

Esta velha angústia,  
Esta angústia que trago há séculos em mim,

Transbordou da vasilha,  
Em lágrimas, em grandes imaginações,  
Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror,  
Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.

Transbordou.  
Mal sei como conduzir-me na vida  
Com este mal-estar a fazer-me pregas na alma!  
Se ao menos endoidecesse deveras!  
Mas não: é este estar-entre,  
Este quase,  
Este poder ser que...,  
Isto.

Um internado num manicômio é, ao menos, alguém.  
Eu sou um internado num manicômio sem manicômio.  
Estou doido a frio,  
Estou lúcido e louco,  
Estou alheio a tudo e igual a todos:  
Estou dormindo desperto com sonhos que são loucura  
Porque não são sonhos.  
Estou assim...

Pobre velha casa da minha infância perdida!  
Quem te diria que eu me desacolhesse tanto!  
Que é do teu menino? Está maluco.  
Que é de quem dormia sossegado sob o teu teto provinciano?  
Está maluco.  
Quem de quem fui? Está maluco. Hoje é quem eu sou.

Se ao menos eu tivesse uma religião qualquer!  
Por exemplo, a por aquele manipanso  
Que havia em casa, lá nessa, trazido de África.

Era feiíssimo, era grotesco,  
Mas havia nele a divindade de tudo em que se crê.  
Se eu pudesse crer num manipanso qualquer –  
Júpiter, Jeová, a Humanidade –  
Qualquer serviria,  
Pois o que é tudo senão o que pensamos de tudo?  
Estala, coração de vidro pintado!

(16/6/1934)

\*\*\*

Derrota, fracasso, sem inspiração, saudoso:

Há tanto tempo que não sou capaz  
De escrever um poema extenso!...  
Há anos...

Perdi a virtude do desenvolvimento rítmico  
Em que a idéia e a forma,  
Numa unidade de corpo com alma,  
Unanimemente se moviam...

Perdi tudo que me fazia consciente  
De uma certeza qualquer no meu ser...  
Hoje o que me resta?  
O sol que está sem que eu o chamasse...  
O dia que me não custou esforço...  
Uma brisa, ou a festa de uma brisa,  
Que me dão uma consciência do ar...  
E o egoísmo doméstico de não querer mais nada.

Mas, ah!, minha *Ode Triunfal*,  
 O teu movimento retilíneo!  
 Ah, minha *Ode Marítima*,  
 A tua estrutura geral em estrofe, antístrofe e épodo!  
 E os meus planos, então, os meus planos –  
 Esses é que eram as grandes odes!  
 E aquela, a última, a suprema, a impossível!

(9/8/1934)

\*\*\*

Cansaço, desânimo:

O que há em mim é sobretudo cansaço –  
 Não disto nem daquilo,  
 Nem sequer de tudo ou de nada:  
 Cansaço assim mesmo, ele mesmo,  
 Cansaço.

A sutileza das sensações inúteis,  
 As paixões violentas por coisa nenhuma,  
 Os amores intensos por o suposto em alguém,  
 Essas coisas todas –  
 Essas e o que falta nelas eternamente – ;  
 Tudo isso faz um cansaço,  
 Este cansaço,  
 Cansaço.

Há sem dúvida quem ame o infinito,  
 Há sem dúvida quem deseje o impossível,  
 Há sem dúvida quem não queira nada –  
 Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles:  
 Porque eu amo infinitamente o finito,

Porque eu desejo impossivelmente o possível,  
Porque quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser,  
Ou até se não puder ser...

E o resultado?

Para eles a vida vivida ou sonhada,  
Para eles o sonho sonhado ou vivido,  
Para eles a média entre tudo e nada, isto é, isto...  
Para mim só um grande, um profundo,  
E, ah com que felicidade infecundo, cansaço,  
Um supremíssimo cansaço,  
Íssimo, íssimo, íssimo,  
Cansaço...

(9/10/1934)

\*\*\*

Fracasso:

(...)

Afinal

Que vida fiz eu da vida?

Nada.

Tudo interstícios,

Tudo aproximações,

Tudo função do irregular e do absurdo,

Tudo nada...

É por isso que estou tonto...

(...)

(12/9/1935)

\*\*\*

Irascível:

Lisbon Revisited

Não: não quero nada  
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!  
A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!  
Não me falem de moral!  
Tirem-me daqui a metafísica!  
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas  
Das ciências( das ciências, Deus meu, das ciências!)—  
Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.  
Fora disso sou doido, com todo direito a sê-lo.  
Com todo direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, cotidiano e tributável?  
Queriam-me o contrário disso, o contrário de qualquer coisa?

Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.  
Assim, como sou, tenham paciência!  
Vão para o diabo sem mim,  
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!  
Para que havemos de ir juntos  
Não me peguem pelo braço!  
Não gosto que me peguem pelo braço. Quero ser sozinho,  
Já disse que sou só sozinho!  
Ah, que maçada quererem que eu seja de companhia!

Ó céu azul – o mesmo da minha infância --,  
Eterna verdade vazia e perfeita!  
Ó macio Tejo ancestral e mudo,  
Pequena verdade onde o céu se reflete!  
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!  
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...  
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

(1923)

\*\*\*

É poeticamente que habitamos essa terra  
Hölderlin.

## FERNANDO PESSOA ORTÔNIMO:

*Esse poema de 1907, intitulado Horror, encontrará eco vinte anos depois no Demogorgon, de Campos, em que o mesmo tema é retomado com força expressiva que o poeta de dezenove anos não podia ter<sup>49</sup>:*

*“Não, não, isso não!*

*Tudo menos saber o que é o Mysterio!*

*Superfície do Universo, ó Pálpebras Descidas,*

*Não vos ergais nunca!*

*O olhar da Verdade Final não deve poder suportar-se!”*

*“Se eu tivesse nascido p’ra aspirar*

*a nada mais que a vida destes entes*

*A quem o viver não faz cansar,*

*[...]*

*Então seria feliz por não ter mais*

*Que a vida banal dos homens banais.*

*Mas, ai! Que dentro do meu coração*

*Tenho algo que não posso sossegar –*

*[...]*

*Eu gemo como um Sísifo cansado*

*À pedra irônica do mundo encostado.*

*[...]*

*Eu, o excluído eternamente*

*De todo o convívio e do prazer,*

*[...]*

*Um lar, repouso, filhos e mulher –*

*Nenhuma destas coisas é pr'a quem  
Algo para além desta vida quer"*

\*\*\*

Empolado no paulismo e ambíguo:

### IMPRESSÕES DO CREPÚSCULO

Paulis de roçarem ânsias pela minh'alma em ouro...  
Dobre longínquo de Outros Sinos...Empalidece o louro  
Trigo na cinza do poente...Corre um frio carnal por minh'alma...  
Tão sempre a mesma, a Hora!...Balouçar de cimos de palma!...  
Silêncio que as folhas fitam em nós...Outono delgado  
Dum canto de vaga ave...Azul esquecido em estagnado...  
Oh que o mudo grito de ânsia põe garras na Hora!  
Que pasmo de mim anseia por outra coisa que o chora!  
Estendo as mãos para além, mas ao estendê-la vejo  
Que não é aquilo que quero aquilo que desejo...  
(...) <sup>128</sup> (29/3/1913)

\*\*\*

Céptico, vencido:

### NATAL

Nasce um Deus. Outros morrem. A verdade  
Nem veio nem se foi: o Erro mudou.  
Temos agora uma outra Eternidade,

E era sempre melhor o que passou.

Cega, a Ciência a inútil gleba lavra.

Louca, a Fé vive o sonho de seu culto

Um novo Deus é só uma palavra.

Não procures nem creias: tudo é oculto. <sup>128</sup>

(1921)

\*\*\*

D. Madalena o chamava de “menino de sua mãe”...

Fenecimento:

No plaino abandonado

Que a morna brisa aquece,

De balas traspassado

- De duas, de lado a lado -,

Jaz morto, e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue.

De braços estendidos,

Alvo, louro, exangue,

Fita com olhar languê,

E cego os céus perdidos.

Tão jovem! Que jovem era!

(Agora que idade tem?)

Filho único, a mãe lhe dera

Um nome e o mantivera:

“O menino de sua mãe”.

Caiu-lhe da algibeira  
A cigarreira breve.  
Dera-lhe a mãe. Está inteira  
E boa a cigarreira.  
Ele é que não serve.

De outra algibeira, alada  
Ponta a roçar o solo,  
A brancura embainhada  
De um lenço...Deu-lho a criada  
Velha que o trouxe ao colo.

Lá longe, em casa, há a prece:  
“Que volte cedo, e bem!”  
(Malhas que o Império tece!)  
Jaz morto, e apodrece,  
O menino de sua mãe.<sup>128</sup>  
(1926)

\*\*\*

Sem inspiração:

Há quase um ano não ‘screvo.  
Pesada, a meditação  
Torna-me alguém que não devo  
Interromper na atenção.

Tenho saudades de mim,  
De quando, de alma alheada,  
Eu era não ser assim,

E os versos vinham de nada.

Hoje penso quanto faço,  
 'Screvo sabendo que digo...  
 Para quem desce do espaço  
 Este crepúsculo antigo? <sup>128</sup>

(23/5/1932)

]

\*\*\*

Fenecimento:

Quem bate à minha porta  
 Tão insistentemente  
 Saberá que está morta  
 A alma que em mim sente?

Saberá que eu a velo  
 Desde que a noite é entrada  
 Com o vácuo e vão desvelo  
 De quem não vela nada?

Saberá que estou surdo?  
 Por que o sabe ou não sabe,  
 E assim bate, ermo e absurdo,  
 Até que o mundo acabe? <sup>128</sup>

(23/5/1932)

\*\*\*

O poeta finge a dor que verdadeiramente sente. São duas dores, a que sente e a que finge sentir. Quem lê o que o poeta escreve, consegue senti-las por

empatia. Sentem a dores que não são deles, são do poeta. É disso que o poeta é capaz.

### AUTOPSICOGRAFIA

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só as que eles não têm

E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração <sup>128</sup>  
(1932)

\*\*\*

Insucessos na vida prática:

Tudo o que faço ou medito  
Fica sempre na metade.  
Querendo, quero o infinito.  
Fazendo, nada é verdade.

Que nojo de mim me fica  
Ao olhar para o que faço!  
Minha alma é lúcida e rica

E eu sou um mar de sargaço –

Um mar onde bóiam lentos  
Fragmentos de um mar de além...  
Vontades ou pensamentos?  
Não o sei e sei-o bem.

(13/9/1933)

\*\*\*

Nilismo:

Nada sou, nada posso, nada sigo.  
Trago, por ilusão, meu ser comigo.  
Não compreendo compreender, nem sei  
Se hei de ser, sendo nada, o que serei.

Fora disto, que é nada, sob o azul  
Do lato céu um vento vão do sul  
Acorda-me e estremece no verdor.  
Ter razão, ter vitória, ter amor

Murcharam na haste morta da ilusão.  
Sonhar é nada e não saber é vão.  
Dorme na sombra, incerto coração.

(6/1/1923)

\*\*\*

Descrição do *delirium tremens*:

D.T.

The other Day indeed,  
With my shoe, on the wall,  
I killed a centipede  
Which was not there at all.  
How can that be?  
It's very simple, you see—  
Just the beginning of D.T.

When the pink alligator  
And the tiger without a head  
Begin to take stature  
And demanded to be fed,  
As I have no shoes  
Fit to kill those,  
I think I'll start thinking:  
Should I stop drinking?

But it really doesn't matter...  
Am I thinner or fatter  
Because of this?  
Would I be wiser or better  
If life were other than this is?

No, nothing is right  
Your love might  
Make me better than I  
Can be or can try.  
But we never know  
Darling, I don't know

If the sugar of your heart  
 Would not turn out candy...  
 So I let my heart smart  
 And I drink brandy.

Then the centipede come  
 Without trouble.  
 I can see them well  
 Or even double.  
 I'll see them home  
 With my shoe,  
 And, when they all go to hell,  
 I'll go too.

Then, on a whole,  
 I shall be happy indeed,  
 Because, with a shoe  
 Real and true,  
 I shall kill the true centipede –  
 My lost soul... <sup>133</sup>

\*\*\*

## POEMAS DE ALBERTO CAEIRO

Caeiro é o remédio para o tormento, ser Caeiro é não ter angústias, é ver as coisas como são, na simplicidade das aparências. Por isso ele é o mestre:

Só a natureza é divina, e ela não é divina...  
 Se falo dela como ente  
 É que para falar dela preciso usar a linguagem dos homens  
 Que dá personalidade às cousas,

E impõe nome às cousas...

*É a fórmula básica de afirmação pela negação. Lógica, aliás, que acompanha praticamente toda a linguagem pessoana* <sup>135</sup>.

\*\*\*

Em Caeiro, Pessoa pode fingir não ter transcendência. O seu existencialismo o tortura, Caeiro o cura:

O Guardador de Rebanhos

Há metafísica bastante em não pensar em nada.

O que penso eu do mundo?

Sei lá o que penso do mundo!

Se eu adoecesse pensaria nisso.

Que idéia tenho eu das coisas?

Que opinião tenho sobre causas e os efeitos?

Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma

E sobre a criação do Mundo?

Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos

E não pensar. É correr as cortinas

Da minha janela (mas ela não tem cortinas).

O mistério das coisas? Sei lá o que é mistério!

O único mistério é haver quem pense no mistério

Quem está ao sol e fecha os olhos,

Começa a não saber o que é o sol

E a pensar muitas coisas cheias de calor.

Mas abre os olhos e vê o sol,

E já não pode pensar em nada, Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos

De todos os filósofos e de todos os poetas.

A luz do sol não sabe o que faz



Quase à noitinha pela mesma estrada.

Eu não tinha que ter esperanças – tinha só que ter rodas...

A minha velhice não tinha rugas nem cabelo branco...

Quando eu já não servia, tiravam-me as rodas

E eu ficava virado e partido no fundo de um barranco.

\*\*\*

## XXIX

Confessa que é ele quem fala quando seus heterônimos escrevem:

Nem sempre sou igual no que digo e escrevo.

Mudo, mas não mudo muito.

A cor das flores não é a mesma ao sol

De que quando uma nuvem passa

Ou quando entra a noite

E as flores são cor de sombra.

Mas quem olha bem vê que são as mesmas flores.

Por isso quando pareço não concordar comigo,

Reparem bem para mim:

Se estava virado para a direita,

Voltei-me agora para a esquerda,

Mas sou sempre eu, assente sobre meus pés –

O mesmo sempre, graças ao céu e à terra

E aos meus olhos e ouvidos atentos

E a minha clara simplicidade de alma...

\*\*\*

Quem dera a vida fosse frugal:

## XLIX

Metto-me para dentro, e fecho a janela.  
Trazem o candeeiro e dão as boas-noites.  
E a minha voz contente dá as boas-noites.  
Oxalá a minha vida seja sempre isto:  
O dia cheio de sol, ou suave de chuva,  
Ou tempestuoso como se acabasse o Mundo,  
A tarde suave e os ranchos que passam  
Fitados com interesse da janela,  
O último olhar amigo dado ao sossego das árvores,  
E depois, fechada a janela, o candeeiro aceso,  
Sem ler nada, nem pensar em nada, nem dormir,  
Sentir a vida correr por mim como um rio por seu leito  
E lá fora um grande silêncio como um deus que dorme.

\*\*\*

Pessoa nutre e maltrata sua transcendência; sabe que a sensibilidade que o torna gênio é a mesma que o atormenta. Ser Caeiro é desvencilhar-se de ser ele. O tamanho de sua busca é do tamanho da sua agonia:

Se eu morrer novo,  
Sem poder publicar livro nenhum,  
Sem ver a cara que têm os meus versos em letra impressa  
Peço que, se se quiserem ralar por minha causa,  
Que não se ralem.  
Se assim aconteceu, assim está certo.

Mesmo que os meus versos nunca sejam impressos,  
Eles lá terão a sua beleza, se forem belos.  
Mas eles não podem ser belos e ficar por imprimir,  
Porque as raízes podem estar debaixo da terra  
Mas as flores florescem ao ar livre e à vista.  
Tem que ser assim por força. Nada o pode impedir.

Se eu morrer muito novo, oiçam isto:  
Nunca fui senão uma criança que brincava.  
Fui gentio como o sol e a água,  
De uma religião universal que só os homens não têm.  
Fui feliz porque não pedi coisa nenhuma,  
Nem procurei achar nada,  
Nem achei que houvesse mais explicação  
Que a palavra explicação não ter sentido nenhum.

Não desejei senão estar ao sol ou à chuva –  
Ao sol quando havia sol  
E à chuva quando estava chovendo  
(E nunca a outra coisa),  
Sentir calor e frio e vento,  
E não ir mais longe.  
(...)

\*\*\*

Caeiro não tem os “defeitos” de Pessoa:

(...)  
Aceito por personalidade.  
Nasci sujeito como os outros a erros e defeitos,  
Mas nunca ao erro de querer compreender demais,

Nunca ao erro de querer compreender só com a inteligência.  
 Nunca ao defeito de exigir do Mundo  
 Que fosse qualquer coisa que não fosse o Mundo.

(24/10/1917)

...o Natal se aproxima e, no meio da festa, sua solidão  
 pesa mais do que nunca. Mas se perceber então que ela  
 é grande, alegre-se com isso, pois o que seria uma  
 solidão sem grandeza?

Rainer Maria Rilke <sup>146</sup>

## POEMAS DE RICARDO REIS

*"Ricardo Reis, porque descrente da história e do poder da consciência em mudar o livro do fatum, valoriza precisamente o instante. É a superação pela arte de uma concepção trágica cultivando o instante, a medida e o quietismo, no sentido de interferir o mínimo no curso do fatum. A este respeito, a afirmação de Bernardo Soares - "A decadência é a perda total da inconsciência; porque a inconsciência é o fundamento da vida. O coração se pudesse pensar pararia"...* <sup>34</sup>

*Os versos de Reis, influenciados por uma filosofia epicurista e uma formação neoclássica, refletem uma sabedoria conformada inativa e com o próprio destino. Nada o atinge, ao contrário, mais próximos dos deuses que dos homens, mantém uma postura indiferente à decadência da civilização moderna, como que se coloca acima de qualquer vontade reduzidamente humana* <sup>154</sup>.

Reis foi outro discípulo de Caeiro, assim como o foram Campos e Pessoa. A filosofia que prega é a de aproveitar o momento. *Carpe diem*. Há, porém, uma tristeza indisfarçável nos versos de Reis. O seu epicurismo é na realidade resignação. Seria mais uma visão do mundo da qual Pessoa poderia usufruir se ele conseguisse a simplicidade de ter uma só opinião, de ter certezas, de não ser metafísico <sup>138</sup>:

Segue o teu destino,  
Rega as tuas plantas,  
Ama as tuas rosas.  
O resto é a sombra  
De árvores alheias.

A realidade  
Sempre é mais ou menos  
Do que nós queremos.  
Só nós somos sempre  
Iguais a nós-próprios.

Suave é viver só.  
Grande e nobre é sempre  
Viver simplesmente.  
Deixar a dor nas aras  
Como ex-voto aos deuses.

Vê de longe a vida.  
Nunca a interrogues.  
Ela nada pode  
Dizer-te. A resposta  
Está além dos deuses.

Mas serenamente  
Imita o Olimpo  
No teu coração.  
Os deuses são deuses  
Porque não se pensam.<sup>138</sup>

(1-7-1916)

\*\*\*

Há que se resignar, não há outra coisa a fazer. Tudo é nada:

Tão cedo passa tudo quanto passa!  
 Morre tão jovem ante os deuses quanto  
     Morre! Tudo é tão pouco!  
 Nada se sabe, tudo se imagina.  
 Circunda-te de rosas, ama, bebe  
     E cala. O mais é nada.

(3-11-1923)

\*\*\*

Nada fica de nada. Nada somos.  
 Um pouco ao sol e ao ar nos atrasamos  
 Da irrespirável treva que nos pese  
     Da húmida terra imposta,  
 Cadáveres adiados que procriam.  
 Leis feitas, státuas altas<sup>1</sup>, odes findas –  
 Tudo tem cova sua. Se nós, carnes

A que um íntimo sol dá sangue, temos  
     Poente, por que não elas?  
 Somos contos contando contos. Nada.

(28-9-1932)

*“... O anglófilo engenheiro Álvaro de Campos é o poeta do século XX, o dandy ocioso em Lisboa, angustiado, maquinizado, urbano e descrente; dos personagens fictícios de Pessoa, é o que mais teve uma vida real. O médico Ricardo Reis, nascido no Porto, educado pelos jesuítas, é poeta da antiguidade clássica, o poeta pagão, que exalta o instante e a brevidade da vida. Alberto Caeiro é o poeta que busca o campo, a natureza, a vida ingênua e simples, despojada de qualquer inquietação intelectual; passou toda a sua vida no Ribatejo, na quinta de uma tia-avó. Fernando Pessoa, ele-mesmo, por sua vez, exprimia o lirismo português de caráter popular, mas desencantado, sem ingenuidades sentimentais, e o saudosismo saudosista e místico do livro Mensagem.”*<sup>154</sup>

*"Assim, Caeiro, não sem deixar de fazer a cura do esquecimento, despe-se da civilização e deita o "corpo na realidade"; Reis abdica e vive epicurista e estoicamente o Fatum da decadência com espírito e estilo clássico, Bernardo Soares no desassossego da dualidade de duas ontologias, a "como coisa real por fora" e a "como coisa real por dentro", segundo as palavras de Campos; Pessoa ele-próprio experimenta a tensão ontológica do "eu-isto" guardara da crença do sentir; Campos o decadentista, o quase-futurista, o Deus sensacionista, o enjoado e cansado da vida, medica-se com poemas - bicarbonato-de-soda para salvar o tédio existencial"*<sup>34</sup>.

*Como se vê, cada heterônimo tem uma forma particular de ver o mundo. Se de um lado encontramos Álvaro de Campos atormentado pela busca de um sentido para o enigma do Universo, angustiado diante da vida, de outro tem Ricardo Reis que, mesmo consciente da existência do mistério, escapa o sofrimento pelo prazer de viver pura e simplesmente. E resta ainda Alberto Caeiro, que se recusa até mesmo a admitir a possibilidade de mistério, teimando em conservar a ingenuidade de quem desaprendeu a pensar e limita-se a existir*<sup>154</sup>.

*Pessoa conclui que, de qualquer maneira, o conhecimento absoluto escapa à compreensão humana. Por mais que uma consciência se multiplique, a tentativa de apreensão do ser em sua totalidade é uma tarefa fadada ao fracasso. Só resta aceitar, mais uma vez, a incapacidade do homem para decifração do mistério.*

*É na tentativa de se aproximar desse real incognoscível, que ele acaba por ultrapassá-lo, despersonalizando-se. Dessa forma quebrou as regras convencionais: foi vários, foi todos, foi outras personas. Como disse o crítico italiano Antônio Tabucchi, “se hoje a sua heteronímia é já uma lenda, é porque ele aceitou jogar até as últimas conseqüências o jogo do fingimento.”<sup>154</sup>*

*Cada obra de arte é um auto-retrato em forma de espelho, onde cada um descobre a sua verdade escondida na consciência profunda do outro.*  
Robert Bréchon<sup>49</sup>.

## 7. DISCUSSÃO

Mário Saraiva, psiquiatra octogenário português também se ocupou de um estudo psicopatológico do poeta. Nos dois títulos *O CASO CLÍNICO DE FERNANDO PESSOA* e *em FERNANDO PESSOA – ELE PRÓPRIO*, Saraiva se utiliza de fragmentos da obra de Pessoa e faz seus diagnósticos. Acontece que com alguns poucos diagnósticos, concordamos e, com outros, nossa visão é bem diferente.

Saraiva busca argumentos incoerentes para provar que o Fernando Pessoa é um blefe; ele seria um esquizofrênico e não um grande poeta. Sua obra disparatada e “ininteligível”, cheia de neologismos e frases ilógicas seria a prova cabal disso. Todos são desavisados - os leitores, a imprensa, os professores de literatura e de filosofia -, todos ignoram a ciência psiquiátrica e confundem loucura com genialidade. Fernando Pessoa seria um “ebefrênico”<sup>155</sup>.

Saraiva chama a graforréia, de obsessão de escrever. Interpreta o diletantismo de Pessoa, seu prazer e necessidade catártica de escrever, como uma obstinação. Se é uma coisa a qual não se pode acusar Pessoa é de ser obstinado, pertinaz – logo ele, com seu comprometimento volitivo.

*A obstinação, ou obsessão de escrever – (“os estados obsessivos ocorrem no decurso da doença esquizofrênica”), provocou-lhe, todavia, uma declaração que se depreende ser determinativa: - “não acrediteis que eu escrevo para publicar, nem para escrever, nem para fazer arte mesmo. Escrevo, porque esse é o fim, o requinte supremo, o requinte temperamentalmente ilógico (...) da minha cultura de estados de alma”*<sup>155</sup>

Está certo Mário Saraiva: Fernando Pessoa, com “alternâncias de depressões e excitações”, sentiu necessidade de internar-se mais de uma vez, embora nunca o tenha feito.

*Cinco anos mais tarde – as crises continuavam sobre um fundo sempre mórbido, com alternâncias de depressões e excitações – Fernando Pessoa tentava efectivar o internamento que lhe parecia necessário. A seguinte carta testemunha-nos isso*<sup>153</sup>:

- *“Lisboa, 31 de Agosto de 1925 – Meu Exm<sup>o</sup> Amigo:*

*- Creio estar sofrendo um acesso- ligeiro, suponho, e, se assim, curável – de loucura psicastênica. Como, se é certo o que de mim presumo – e se não é certo, é provável que o meu diagnóstico de leigo seja brando -, é recomendável o internamento em manicômio, e o Decreto de 11 de Maio de 1911 permite, num número qualquer dos seus artigos, que o próprio doente requeira esse internamento,...*

O psiquiatra português chama a riqueza imagética de Pessoa de esvaziamento do eu que precisa ser preenchido com a mediocridade :

*Em carta a Miguel Torga (dactilografada com data de Junho de 1930) declara:*

*“Nunca sou dogmático, porque o não pode ser quem de dia muda de opinião, e é, por temperamento, instável e flutuante”.*

*O esvaziamento do eu da criatura Pessoa preenche-se com os heterônimos, com a mediocridade e com os imaginários entes da missão. É à luz dos conhecimentos da clínica mental que se explicam as míticas transfigurações que ensombram e iludem, numa falsa ultra-humanidade, quem não possui preparação para penetrar numa psique anômala*<sup>155</sup>.

Vê na enorme capacidade de empatia (traduzida na heteronímia), a cisão da alma, a esquizofrenia:

*A percepção de mentalmente cindir, fá-lo exclamar amargurado:*

*“Não sei quantas almas tenho.*

*Cada momento mudei.  
Continuamente me estranho.  
Nunca me vi nem achei.”*

De que maneira alguém que sente penosas angústias; que se deprime e se excita, pode ter a *afectividade diminuta*?

*É de fixarmos a diminuta afectividade que em Fernando Pessoa se mostra uma constante ao longo de toda a sua vida...*

Como Pessoa, assaz deprimido , ao ponto de “esconder-se” dos amigos poderia ter comprometida a sua afectividade?

*Da biografia que lhe dedicou Gaspar Simões copiamos aqui o resumido relato de uma das suas habituais fugas:*

*- “nesse fim de 14, princípios de 15, Fernando evitava, inclusivamente, os seus amigos da Brasileira e do Martinho. Sá- Carneiro procurava-o por toda a parte, porque estava ainda em Lisboa e tinha no prelo um novo livro de contos, Céu em Fogo, que o poeta da Mensagem, sempre prestável e idôneo, se encarregava de rever em provas.*

*-Raio, homem – você enjeitou-nos”, escrevia o autor da Dispersão ao seu “revisor”, a 8 de Janeiro. “Nem eu, nem o Guisado, nem o Pacheco...Em vão corro Brasileiras...Em vão telefono!...Ansiamos falar-lhe... Amanhã à noite procurá-lo-ei”. Mas durante cerca de dois meses, Fernando Pessoa esconde-se, evitando o convívio dos seus amigos, que o procuram debalde, por toda a parte, escrevendo-lhe cartas e bilhetes postais, suplicando-o a que apareça no Jansen, no Martinho, nos Irmãos Unidos, nas Brasileiras ou no Hotel Aliança, o hotel que Sá-Carneiro toma as suas refeições. O poeta está imerso, porém, numa das suas mais punjentes crises.”*

Só podemos concluir por uma baixa capacidade de abstração de Saraiva, quando ele diz:

*Ao contrastar com esses “afundamentos”, na impotência do ser, o poeta é assaltado por impulsos e excitações violentas de anormais reações criadoras, ou pseudo-criadoras. Pseudo-criadoras quando os pensamentos e as imaginações surgem rapidíssimas em vários sentidos, atropelando-se, confundindo-se e impedindo-se mutuamente de avanços a uma conclusão ordenada e clara, resultando de aí, como é lógico, produções literárias incoerentes e ininteligíveis ou, afinal, não resultando nada*<sup>155</sup>.

*“-- Meus versos soltos, meus versos (nulos, meus versos espasmos)*

*Os meus versos ataques histéricos*

*Os meus versos que arrastam o carro dos meus nervos”*

O taquipsiquismo e a elação são evidentes no trecho abaixo:

*- “Os meus escritos ficam sempre inacabados: sempre se intrometeram novos pensamentos, extraordinários, inexcluíveis associações de idéias que só têm por termo o infinito...., a respeito de qualquer coisa simples, surgem dez mil pensamentos e dez mil interassociações destes dez mil pensamentos, e não tenho força de vontade para os eliminar ou os deter, nem para juntá-los num pensamento central, em que os seus pouco importantes mas interligados pormenores poderiam perder-se. Passam em mim; não são pensamentos meus, mas pensamentos que passam através de mim. Não pondero, sonho; não me sinto inspirado, deliro.*

*Sei pintar, mas nunca pintei; sei compor música, mas nunca compus....”*

Sabe-se que Pessoa foi um estudioso da astrologia, chegando até a pensar em estabelecer-se como astrólogo; que foi estudioso da maçonaria e da Ordem Rosa Cruz. Era dado ao esoterismo, mas também, e principalmente, a ironia. Sentia –se a vontade com a família e gostava de pregar peças. Sua tia o havia chamado para

participar de sessões espíritas e a partir disso, usou sua farta imaginação para dizer-se médium:

*...para chamar a atenção ao facto que Fernando Pessoa nos vai revelar e que constitui um sintoma de especial importância no quadro das perturbações mentais: o das alucinações. Retenhamos então a seguinte passagem na continuação do seu relato à Tia Anica:*

—“Guardo, porém, para o fim o detalhe mais interessante. É que estou desenvolvendo qualidades não só de médium escrevente, mas também de médium vidente. Começo a ter aquilo a que os ocultistas chamam ‘a visão astral, e também a chamada visão etérica’....”

Continua Saraiva a fazer elucubrações sobre a “esquizofrenia” de Pessoa:

*Todavia o diagnóstico esclarecedor será feito: Fernando Pessoa sofria de esquizofrenia, e nesta realidade está a causa da heteronímia, como iremos ver.*

*E nestes momentos de esvaziamento delirante, do “somos quem não somos”, da “vida vegetativa da alma”, diz ele: “Nesses períodos de sombra, sou incapaz de pensar, de sentir, de querer”... “O devaneio em que naturalmente se perde quem não pensa, perco-me eu nele por escrito”.*

*É evidente que no estado mental descrito, aberto a todas as invasões e, sem uma estrutura própria de defesa personificante, a heteronímia tinha imensa dificuldade em estabelecer-se... Numa palavra, a heteronímia (a de estilo particularmente literário) tem exigências. Exige condições para o ser, isto é, para adquirir uma característica feição.*

*Na ausência dessas condições poderão, é certo, aceitar-se heterônimos “filosofistas”; e sabe-se perfeitamente como os esquizofrênicos são sujeitos a uma atração muito forte pelos “filosofismos”.*

Ora, pois, diz-nos agora que Fernando beirava a demência e que seus escritos não passavam de esquizofasia:

*A verificação deste diagnóstico, além de perturbações de outra ordem – e delirantes – é bem de ver que inibe Fernando Pessoa da responsabilidade moral e literária de quanto escreveu de desconforme e reprovável, assinaladamente nos últimos tempos de vida, com o agravamento progressivo da doença mental a aproximar-se da demência.... Se pretendêssemos terminar com uma frase a propósito, diríamos que a heteronímia de Fernando Pessoa se condensa numa palavra: a esquizofrenia, que sempre o dominou <sup>155</sup>.*

*Pode-se afirmar, sem receios de erro, que, além da Mensagem e de um ou outro poema, o estro prevalecente de Fernando Pessoa foi a sua doença. Isto é que é preciso perceber! Repetimos: quem não o perceba não entende o poeta, por uma mesma incapacidade de aprender a verdadeira etiologia da sua inspiração. E daí resulta o pasmoso equívoco de confundirem o delírio característico de um psicopata com o raciocínio próprio de um filósofo.*

*Num indivíduo comum a esquizofrenia provoca comportamentos diferentes, num escritor, como Fernando Pessoa desdobrou-se em vários escritores, que foram os heterônimos e os pseudônimos: comportamentos literários diversificados.*

*A esquizotimia, passando pela fase hebefrênica (que foi muito evidenciada em Fernando Pessoa) evoluciona para a desagregação total, cujos pródromos já se mostram de vez em quando nos últimos anos.*

*O que havemos nós de dizer destas expressões ou melhor, do raciocínio do poeta no momento em que lançou ao papel?*

*“O movimento é que se move” – “ O perfume é que tem perfume”*

*- “O muro o que pensa da sombra?”, são pensamentos absurdos para os quais já não há interpretação, porque são claras as amostras de demência.*

*Além da sintomatologia geral hebefrênica encontram-se os sintomas especiais de paranóia, dos quais sobressaiem os delírios de grandeza que em Pessoa se manifestam, como atrás houve ocasião de ver, nos intuitos incomensuráveis da “sua obra” e da “sua missão”.*

Mário Saraiva não perdoa a licença poética de Pessoa:

*A abundância de neologismos, esquisitos neologismos às vezes – que povoam os volumes publicados do poeta (e do prosador), é, com certeza de assinalado conhecimento dos leitores, tanto que chegam a ser saudados, por alguns apreciadores incôscios destes segredos da medicina, como preciosas inovações da língua portuguesa.*

*Registremos, como exemplo, somente dois ou três dos mais repetidos, e que retemos na memória:*

“ Não durmo, Entressou.” “Desasseio”

“Acordo e não redurmo, ainda não dormi.”

“Deslembro” “Chu” que nas cartas familiares queria dizer saudades.

Não vê:

*Agora, como amostra da Perseveração, seguem-se dois textos exemplares tirados da Alberto Caeiro:*

(...)

*O essencial é saber ver,*

*Saber ver sem estar a pensar,*

*Saber ver quando se vê.*

*E nem sequer pensar quando se vê,*

*Nem ver quando se pensa...*

(...)

*O luar através dos altos ramos.*

*Dizem os poetas todos que ele é mais*

*Que o luar através dos altos ramos.*

*Mas para mim, que sei o que penso,  
O luar através dos altos ramos  
É, além de ser  
O luar através dos altos ramos, é não ser mais  
Que o luar através dos altos ramos*

Em família, mas nem sempre compreendido por ela, galhofeiro. Para Saraiva:

*Uma outra característica sintomática destes doentes é a de “terem atitudes estranhas”. Teve-as Fernando Pessoa. Transcrevemos o depoimento de sua irmã Henriqueta:*

*- “Frequentemente, à hora do almoço, ia até a janela esperar por ele. Mal me via começava a fazer de bêbedo: andava aos ziguezagues, tropeçava,, tirava o chapéu ao candeeiro. Eu ficava encavacadíssima e, claro, desaparecia logo. Quando chegava, dizia-lhe: ‘Ai que vergonha, que vergonha, vão achar que tu és maluco!’ Achava muita graça.*

Tímido, porém trocista:

*O depoimento da sobrinha Manuela Nogueira <sup>155</sup>:*

*- “Tendo ele um ar muito circunspecto e uma grande timidez, quebrava de repente essa atitude com uma desponderação inesperada – Uma vez vinha muito bem rua abaixo, embrenhando-se nos seus pensamentos, e viu a irmã que, por acaso, se aproximava em sentido contrário. Assim que notou que ela o tinha descoberto, estacou no meio do passeio e pôs-se em posição de “Íbis” com uma perna encolhida, pescoço avançado e braços em forma de asas.”*

*Também fazia outra brincadeira que muito o divertia e escandalizava a irmã: curvava-se na rua, fingindo procurar qualquer coisa com imenso interesse e minúcia.*

Aqui Mário Saraiva se contradiz completamente. Já chamou Pessoa de demente, seus escritos, de ininteligíveis, seu afeto de diminuto. Agora Pessoa não é mais louco, sendo ebefrênico, teria a inteligência e a lucidez preservadas até idade mais avançada – argumento imponderável. A nosografia adotada pela Organização Mundial de saúde já tornou hegemônica a definição de hebefrenia como transtorno de início precoce e de mau prognóstico, levando rapidamente a prejuízos cognitivos e afetivos.

*Sendo um psicopata ebefrênico, está implicitamente entendido que Fernando Pessoa não era o que se chama de um louco. Padecia dessa nosofobia porque, como é próprio da Hebefrenia, conservava a inteligência e a lucidez do seu estado a agravar-se progressivamente e sabia o fim evolutivo que fatalmente o aguardava no avanço da idade.*

*Psicopata profundamente atingido, e com a obstinação de escrever, fatalmente que Fernando Pessoa haveria de transmitir ao papel as vicissitudes dramáticas do seu espírito. Não poucas vezes se vê a inspiração poética interceptada por idéias delirantes.*

Saraiva é capaz ainda, das maiores atrocidades contra a literatura, a psiquiatria e o povo português:

*Para a dignidade da Cultura portuguesa, é imperioso banir da literatura o bluff Fernando Pessoa e remeter o poeta ao seu real valor, que o tem e que lhe basta.*

Mário Saraiva dedicou outro livro ao poeta: *Fernando Pessoa – Ele Próprio*:

*Pelo caminho que as coisas levam o culto mitológico de Fernando Pessoa ameaça conduzir a uma neurose coletiva.*

*Já na tem conta a produção livresca, glosando nos mais particularizados e inventivos aspectos o espírito literário do infeliz poeta; multiplicam-se as*

*homenagens de admiração nunca dantes prestadas a nenhum escritor; e dos altos postos oficiais ninguém se dispensa – como prova de actualizada intelectualidade – de citar oralmente, ou por escrito, uma ou outra passagem de Pessoa.*

(...)

*Depois de tudo que se conhece jamais poderá ignorar-se que Fernando Pessoa foi um definido psicopata, com fortes perturbações da razão e do discurso; é nestas determinadas circunstâncias que terão que ser consideradas as suas produções e as idéias nelas imanentes.*

*Sem dúvida que as interpretações errôneas e fantasiosas, patéticas por vezes, que por aí correm, creditadas por professores de ensino literário, se devem, sobretudo, à natural impreparação destes, incapacitados conseqüentemente, de vislumbrarem, sequer, a raiz etiológica esquizo-paranóica.*

*Neste tão consumado tema de Fernando Pessoa – e inesgotável a deixar-se inutilmente seguir na torrente que o arrasta – o que espanta é a inabilidade de certos doutores em distinguir elementarmente o raciocínio hígido do delirante!<sup>156</sup>*

Existe farta literatura relacionando a criatividade e, mesmo a genialidade, ao transtorno bipolar do humor. Não é mérito deste trabalho, no entanto, afirmar ou refutar a hipótese de que Fernando Pessoa seja reconhecido como gênio por causa ou apesar de ser bipolar, alcoolista ou fóbico social.

Falar sobre Fernando Pessoa em números é ser superlativo. Foi cerca de 27 mil, o número de papéis encontrados na arca. Dentre eles mais de mil poemas. Nunca teve domicílio fixo ou emprego estável. Mudou-se de endereço várias vezes. Ao todo morou em 25 lugares diferentes. Colaborou em 42 jornais e revistas.

Na época de sua morte era um ilustre desconhecido. Publicou sim, em vida, dois livros – Mensagem, cuja leitura demasiado hermética para uma sociedade ainda provinciana, dificilmente fez muitos leitores, e Poemas Ingleses, que foi lido por quase ninguém. Em revistas e jornais, de maneira dispersa, teve publicado 132 textos em prosa e 299 poemas. Foi graças ao empenho de seus amigos Luís de Montalvor e Gaspar Simões, que a jovem Editora Ática publicou em 1953 *Obras Completas*, cujo título hoje sabemos equivocado.

Sua atuação na revista Orpheu rendeu-lhe alguma notoriedade no meio literário e jornalístico, inclusive a de maluco, como todos da revista. Sua família e amigos não tinham a menor idéia de que conviviam com um gênio. D. Madalena, sua genitora, chegou a comentar em família que seus outros filhos não eram inteligentes como o Fernando, mas pelo menos eram “normais”. Foi um eterno exilado, eterno estrangeiro, desconfortável até em sua própria “carcaça”. Em adulto vivia na tertúlia, mas teve que fabricar uma *coterie*. Envolveu-se em dezenas de projetos que não foram adiante, muitos por sua tibieza de vontade. De inteligência extraordinária, começou a interessar-se pelas letras do alfabeto aos oito meses, a ler aos quatro anos e já aos cinco anos estava a se dedicar a leitura. Foi um leitor voraz até certo dia em que deixou de achar que fosse de algum proveito a leitura de livros, fossem quais fossem, fazendo exceção para o livro de Charles Dickens “Pickwick Papers” do qual conservou a lembrança de uma leitura prazerosa. Não podia apreender ou apreender mais dos livros, do que de sua observação de tudo o que o cercava e de si mesmo.

Foi sempre “o menino de sua mãe”. Nutria um amor doentio por ela. Aos cinco anos perdeu o pai e um irmão para a tísica (tuberculose) e a mãe para o comandante Rosa. Morou na África do Sul durante quase oito anos e de lá não trouxe revelada qualquer recordação, nenhuma linha. Recebeu educação inglesa em Durban, então colônia britânica. Pouco se sabe sobre esse período. Sabe-se que tendo desempenho extraordinário, foi promovido de turma a certa altura da *High School*. Estudou em 3 anos o que se estuda em 5. Participou com uma redação em inglês, da qual concorreu com cerca de mil estudantes, em sua maioria anglófonos, no *Matriculation Examination* da Universidade do Cabo pelo qual ganhou um prêmio literário do qual se orgulhou muito, o Prêmio Rainha Vitória. Parece que o jovem Fernando não teve amigos ou amores. A saudade de Lisboa era a saudade da infância em Lisboa. Foi solitário, ensimesmado. Soube, por correspondência com um professor antigo e com ex-colega da Durban *High School*, que era visto como inteligente mas esquisito.

Após a morte do pai passou a contar com a companhia de amigos invisíveis (imagens eidéticas), “desde criança tinha essa tendência para a despersonalização”, comportamento freqüente na infância de muita gente (eidetismo). Só que seus amigos invisíveis começaram a escrever literatura e a colaborar em revistas juvenis.

Desde ali, nasceram os heterônimos. Entre os seus era galhofeiro, gostava de divertir os sobrinhos e pregar peças nas irmãs. Tinha como apelido de infância Íbis, nome de uma ave que se punha a ficar longo tempo com uma das pernas encolhidas e que, numa perna só, não saía do lugar. Será o símbolo de sua infância, do seu desajuste para as coisas da vida prática. Da infância na África guardou a lembrança traumática das chuvas tropicais torrenciais com seus trovões estrondosos e relâmpagos. Daí em diante transformava-se quando ocorriam tais fenômenos. Ficava apavorado, procurava um abrigo, às vezes até insólito, e se esvanecia.

“Sua irmã Henriqueta diz que ‘o *Fernando era um tanto estranho; não era muito acriançado*’ Continua a sua irmã Henriqueta a informar: ‘o *Fernando toda a sua vida teve o pavor de enlouquecer como a avó, ou de morrer tuberculoso como o pai. E: ‘De quando em quando davam-lhe acessos de excitação cerebral’.*”

*Fobia* é um medo persistente e irracional de um objeto específico, atividade, ou situação considerada objetivamente sem perigo, que resulte em necessidade incontrolável de esquivar-se ou de evitar o estímulo. Se isto não é possível, o confronto é precedido por ansiedade antecipatória e realizado com grande sofrimento. As fobias simples ou específicas são restritas a situações particulares, como certos animais, altura, trovões, avião, espaços fechados, certos alimentos, visão de sangue ou ferimentos, etc. (Vide textos 44 e 45).

Fernando Pessoa tinha brontofobia – fobia a trovão e outra, a manífbia que vem a ser medo da loucura e uma forma de nosofobia ou medo de doenças. A convivência com a avó Dionísia – sua avó louca –, fez com que temesse a loucura pelo resto da vida e que se interessasse muitíssimo por livros de Psiquiatria. Leu Lombroso e Max Nordau.

Era tímido e introvertido ao ponto de sentir-se muito constrangido na frente de desconhecidos e de perder a naturalidade e as palavras. Quando sozinho era capaz de argumentar com inteligência, mas tivesse ele que enfrentar a situação de ter que falar com estranhos, não conseguia concatenar as idéias e titubeava.

*Fobia social* ou *ansiedade social* é o medo excessivo associado à necessidade de evitar situações onde o indivíduo possa ser observado ou avaliado pelos outros, pelo temor de se comportar de modo embaraçoso ou humilhante. Caso seja

impossível evitar a situação, ele apresenta ansiedade intensa, podendo chegar a um ataque de pânico. (Vide textos 25 e 39).

A angústia era uma tônica na sua vida. Tenso, sentindo-se deslocado, muitas vezes, mesmo em família. Sem dúvida, uma das causas de sua insônia. No transtorno de ansiedade generalizada, o desconforto psíquico e, muitas vezes somático, é persistente e não está atrelado necessariamente a situações ou objetos específicos. (Vide os poemas: Bicarbonato de Soda; Esta velha angústia...)

Nunca se soube que tenha tido amores ou paixões arrebatadoras. Teve um namoro com Ophélia Queiroz, em dois tempos: de janeiro a novembro de 1920, época que coincidiu com os preparativos para e o regresso de D. Madalena a Portugal em razão de sua viuvez, e em 1929, também por menos de um ano. Desse relacionamento sobraram “50 Cartas de Amor”, publicadas em 1978. Anos depois, Pessoa diria que “As cartas de amor são ridículas...”. Pessoa gostava de a tratar por “Bébé”, “Bonequinha” e a si, como Íbis. Diz Pessoa em carta a Ophélia, datada de 9 de outubro de 1929: “ Eu gostava que a Bébé fosse uma boneca minha, e eu fazia como uma creança, despia-a”, fazendo alusão a posse sexual de uma menina impúbere. De vez em quando, dava-lhe na cabeça de apresentar-se a Ophélia como Álvaro de Campos: “Fernando era um pouco confuso, principalmente quando se apresentava como Álvaro de Campos (...). Portava-se, nestas alturas, de uma maneira totalmente diferente. Destrambelhava-se, dizendo coisas sem nexos”. Em outra carta, esta datada de 5 de abril de 1920, fala em “dar-lhe açoites” e de ser açoitado. Quando encarna Álvaro de Campos, é como se tirasse a máscara, e não como se a colocasse. A violência, o clamor à luxúria, ao sadomasoquismo, a relações homoeróticas brutais, aparece em vários poemas de Campos. Fernando Pessoa é o corpo-prisão onde a sua alma se esconde. Campos é a liberdade. Tudo pode ousar em seus versos- devaneios- literários. Em imaginação, se permite tudo: o ser feminino e passivo, sarcástico e cru. (Vide os poemas: *Ode Marítima* e *Ode Triunfal*; *Saudação a Walt Whitman*; textos: 14 e 41).

Pessoa cumpria seu ritual, vagueando todos os dias pelas ruas da Baixa, encontrando os “amigos” nos bares. Ia metodicamente aos mesmos bares à mesma hora. Gostava de vinho e de aguardente de uva, bagaceira. Não se sabe quando isto virou em dependência. Soube perfeitamente descrever um *delirium tremens* no

poema D.T.. Chegou de fato, a ter esse quadro clínico, já no ano de sua morte, em 1935. Talvez a convivência com general Henrique Rosa, poeta irmão do padrao, que vivia rodeado de livros e garrafas, tenha tido alguma influencia em seu alcoolismo.

Pensou seriamente, pelo menos duas vezes, em ser internado em sanatório psiquiátrico em suas “crises” depressivas. Quando estava assim, sumia. Os amigos não lhe encontravam, isolava-se. Sentia um profundo cansaço. Sentia-se um nada. A inspiração mitigava, trabalhava menos e tinha mais dificuldades financeiras. Precisou várias vezes pedir dinheiro emprestado aos amigos. (Vide textos:13; 16; 18;19; 22;24; 26; 30; 32; 46;48; etc). Há, em sua obra e cartas, referências à ideação suicida.( Vide poema: Se te queres matar, por que não te queres matar?; texto 49).

Em outros períodos de sua vida, acontecia o inverso. Tinha mil projetos, envolvia-se em movimentos literários, escrevia incessantemente, numa verdadeira graforréia. Fazia e se envolvia em tanta coisa ao mesmo tempo, que pensar nisto chega a ser vertiginoso. Este comportamento caracteriza claramente o transtorno bipolar do humor. (Vide textos: 2; 10; 11;33; 43; 44; 55; e poemas: *Ode Triunfal*; *Ode Marítima*; *Saudação a Walt Whitman*; *Eu o complexo, eu o numeroso...*; *Afinal, melhor maneira de viajar é sentir...*; etc.). Tinha “consciência de missão” e a certeza da genialidade.(Vide texto: 8; 9).

Não temos como saber ao certo, quanto tempo duravam seus períodos expansivos; decerto nunca teve um quadro de mania franca, pelo menos não em sua forma pura. Pode ter apresentado episódios mistos? Claro que sim. A angústia, a grande dificuldade para as coisas práticas da vida, ou, a simples e complexa dificuldade de existir, nunca lhe abandonaram. (Vide poema: *Meu cérebro fotográfico...*; e texto15).

Deve ter tido episódios de hipomania. Pelo que sabemos, nunca teve comportamentos dos quais se constrangesse depois e assim, caracterizasse um episódio de mania. Fato é que certamente era bipolar, dentro ou fora dos restritos critérios diagnósticos do DSM-IV-TR. Mário Saraiva que nos desculpe, mas nada tinha ele de “esquizofrênico” ou de “esvaziado”. Um homem com uma capacidade prodigiosa de empatia e que conseguia ser ele, sendo vários? Ora essa!

## 8. CONCLUSÃO

Procedemos nesse estudo a uma investigação psiquiátrica para traçar os perfis psicológico e psicopatológico do poeta português Fernando Pessoa e estabelecer um possível padrão de atividade criativa que pudesse se correlacionar com os altos e baixos do seu humor. Para isto, fizemos uma extensa análise de sua biografia e obra, tanto poética quanto em prosa, ou seja, um estudo patográfico.

Do ponto de vista caracterológico, Pessoa foi um esquizóide, com marcantes dificuldades na esfera sexual. É patente a constatação, em Campos, de suas tendências homossexuais egodistônicas, fetichistas, sadomasoquistas e voyeuristas.

Quanto ao eixo I, podemos afirmar com ampla segurança, que padecia de transtorno de ansiedade social, de manífbia, de brontofobia, dos transtornos de ansiedade social, bipolar do humor tipo II e de dependência de álcool.

## 9. ANEXO

*DIAGNOSTIC AND STATISTICAL MANUAL – IV – TR (DSM-IV-TR)* <sup>64</sup>:

### 9.1.1 TRANSTORNOS RELACIONADOS A SUBSTÂNCIAS

As substâncias apresentadas neste capítulo possuem como aspectos em comum a dependência e o abuso, que estão abaixo detalhadas. Assim, sempre que for mencionado os diagnósticos de abuso e dependência à substância a referência está ligada a estes critérios.

#### Critérios para Dependência de Substância

Um padrão mal adaptado de uso de substância, levando a comprometimento ou sofrimento clinicamente significativo, manifestado por três (ou mais) dos seguintes critérios, ocorrendo em qualquer momento no mesmo período de 12 meses:

(1) Tolerância, definida por qualquer um dos seguintes aspectos:

(a) necessidade de quantidades progressivamente maiores da substância, para obter a intoxicação ou o efeito desejado

(b) acentuada redução do efeito com o uso continuado da mesma quantidade de substância

(2) Abstinência, manifestada por qualquer dos seguintes aspectos:

(a) síndrome de abstinência característica da substância

(b) a mesma substância (ou uma substância estreitamente relacionada) é consumida para aliviar ou evitar sintomas de abstinência

(3) A substância é freqüentemente consumida em maiores quantidades ou por um período mais longo do que o pretendido

(4) Existe um desejo persistente ou esforços mal-sucedidos no sentido de reduzir ou controlar o uso da substância

(5) Muito tempo é gasto em atividades necessárias para a obtenção de substâncias (p. ex., consultas a vários médicos ou longas viagens de automóvel), na utilização da substância (p. ex., fumar em grupo) ou na recuperação de seus efeitos

(6) Importantes atividades sociais, ocupacionais ou recreativas são abandonadas ou reduzidas em virtude do uso da substância.

(7) O uso da substância continua, apesar da consciência de ter um problema físico ou psicológico persistente ou recorrente que tende a ser causado ou exacerbado pela substância.

#### Critérios para Abuso de Substâncias

A. Um padrão mal adaptativo de uso de uma substância levando a prejuízo ou sofrimento clinicamente significativo, manifestado por um ou mais dos seguintes aspectos, ocorrendo dentro de um período de 12 meses.

(1) Uso recorrente da substância acarretando fracasso em cumprir obrigações importantes no trabalho, na escola ou em casa.

(2) Uso recorrente da substância em situações na quais isto representa perigo para a integridade física .

(3) Problemas legais recorrentes relacionados à substância

(4) Uso continuado da substância, apesar de problemas sociais ou interpessoais persistentes ou recorrentes causados ou exacerbados pelos efeitos desta.

B. Os sintomas jamais satisfizeram os critérios para dependência de substâncias relativas a esta classe de substâncias.

303.90 Dependência de Álcool

305.0 Abuso de Álcool

303.0 Intoxicação com Álcool

#### Critérios Diagnósticos

A. Ingestão recente de álcool.

B. Alterações comportamentais ou psicológicas clinicamente significativas e mal adaptativas (p. ex., comportamento sexual ou agressivo inadequado, humor instável, prejuízo no julgamento, prejuízo no funcionamento social ou ocupacional) desenvolvidas durante ou logo após a ingestão de álcool.

C. Um ou mais dos seguintes sinais, desenvolvidos durante ou logo após o uso de álcool.

- (1) fala arrastada
- (2) incoordenação
- (3) marcha instável
- (4) nistagmo
- (5) comprometimento da atenção ou da memória
- (6) estupor ou coma

D. Os sintomas não se devem a uma condição médica geral nem são mais bem explicados por outro transtorno mental.

#### 291.81 Abstinência de Álcool

##### Critérios Diagnósticos

A. Cessação (ou redução) do uso pesado ou prolongado de álcool.

B. Dois (ou mais) dos seguintes sintomas, desenvolvidos dentro de algumas horas a alguns dias após o Critério A:

- (1) hiperatividade autonômica (p. ex., sudorese ou frequência cardíaca acima de 100)
- (2) tremor intenso
- (3) insônia
- (4) náuseas ou vômitos
- (5) alucinações ou ilusões visuais, táteis ou auditivas transitórias
- (6) agitação psicomotora
- (7) ansiedade
- (8) convulsões de grande mal

C. Os sintomas no Critério B causam sofrimento ou prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.

D. Os sintomas não se devem a uma condição médica geral nem são mais bem explicados por outro transtorno mental.

Especificar se:

Com Perturbações da Percepção.

- 291.0 *Delirium* por Intoxicação com Álcool
- 291.0 *Delirium* por Abstinência de Álcool
- 291.2 Demência Persistente Induzida por Álcool
- 291.1 Transtorno Amnésico Persistente Induzido por Álcool
- 291.x Transtorno Psicótico Induzido por Álcool
  - .5 Com Delírios
  - .3 Com Alucinações
- 291.89 Transtorno do Humor Induzido por Álcool
- 291.89 Transtorno de Ansiedade Induzido por Álcool
- 291.89 Disfunção Sexual Induzida por Álcool
- 291.89 Transtorno do Sono Induzido por Álcool
- 291.9 Transtorno Relacionado ao Álcool SOE

#### 9.1.2 TRANSTORNOS DO HUMOR

##### 296.xx Transtorno Depressivo Maior

##### Critérios Diagnósticos

A. No mínimo cinco dos seguintes sintomas estiveram presentes durante o mesmo período de 2 semanas e representam uma alteração a partir do funcionamento anterior, pelo menos um dos sintomas é (1) humor deprimido ou (2) perda do interesse ou prazer.

(1) humor deprimido na maior parte do dia, quase todos os dias indicado por relato subjetivo (p. ex., sente-se triste ou vazio) ou observação feita por terceiros (p. ex., chora muito). Nota: Em crianças e adolescentes, pode ser humor irritável.

(2) acentuada diminuição do interesse ou prazer em todas ou quase todas as atividades na maior parte do dia, quase todos os dias (indicado por relato subjetivo ou observação feita por terceiros)

(3) perda ou ganho significativo de peso sem estar em dieta (p.ex., mais de 5% do peso corporal em 1 mês), ou diminuição ou aumento do apetite quase todos os dias.

Nota: Em crianças, considerar incapacidade de apresentar os ganhos de peso esperados.

(4) insônia ou hipersonia quase todos os dias

- (5) Agitação ou retardo psicomotor quase todos os dias (observáveis por outros, não meramente sensações subjetivas de inquietação ou de estar mais lento)
  - (6) Fadiga ou perda de energia quase todos os dias.
  - (7) Sentimento de inutilidade ou culpa excessiva ou inadequada (que pode ser delirante), quase todos os dias (não meramente auto-recriminação ou culpa por estar doente)
  - (8) Capacidade diminuída de pensar ou concentrar-se, ou indecisão, quase todos os dias (por relato subjetivo ou observação feita por outros).
  - (9) Pensamentos de morte recorrentes (não apenas medo de morrer), ideiação suicida recorrente sem um plano específico, tentativa de suicídio ou plano específico para cometer suicídio
- B. Os sintomas não satisfazem os critérios para um Episódio Misto (p. 362).
- C. Os sintomas causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.
- D. Os sintomas não se devem aos efeitos fisiológicos diretos de uma substância (p. ex., droga de abuso ou medicamento) ou de uma condição médica geral (p. ex., hipotireoidismo).
- E. Os sintomas não são mais bem explicados por Luto, ou seja, após a perda de um ente querido, os sintomas persistem por mais de 2 meses ou são caracterizados por acentuado prejuízo funcional, preocupação mórbida com desvalia, ideiação suicida, sintomas psicóticos ou retardo psicomotor.

### 300.4 Transtorno Distímico

#### Critérios Diagnósticos

- A. Humor deprimido na maior parte do dia, na maioria dos dias, indicado por relato subjetivo ou observação feita por terceiros, pelo período mínimo de 2 anos. Nota: Em crianças e adolescentes, o humor pode ser irritável, com duração mínima de 1 ano.
- B. Presença, enquanto deprimido, de duas (ou mais) das seguintes características:
- (1) apetite diminuído ou hiperfagia
  - (2) insônia ou hipersonia
  - (3) baixa energia ou fadiga

(4) baixa auto-estima

(5) fraca concentração ou dificuldade em tomar decisões

(6) sentimentos de desesperança

C. Durante o período de 2 anos (1 ano para criança ou adolescentes) de perturbação, o indivíduo jamais esteve sem os sintomas dos Critérios A e B por mais de 2 meses de cada vez.

D. Ausência de Episódio Depressivo Maior durante os primeiros 2 anos de perturbação (1 ano para crianças e adolescentes); isto é, a perturbação não é mais bem explicada por um Transtorno Depressivo Maior crônico ou Transtorno Depressivo Maior, Em Remissão Parcial.

E. Jamais houve um Episódio Maníaco, um Episódio Misto ou um Episódio Hipomaníaco e jamais foram satisfeitos os critérios para Transtorno Ciclotímico.

F. A perturbação não ocorre exclusivamente durante o curso de um Transtorno Psicótico crônico, como esquizofrenia ou Transtorno Delirante.

G. Os sintomas não se devem aos efeitos fisiológicos diretos de uma Substância (p.ex., droga de abuso, medicamento) ou de uma condição médica geral (p. ex., hipotireoidismo).

H. Os sintomas causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.

#### 296.xx Transtorno Bipolar

##### Critérios Diagnósticos

A. Presença de apenas um Episódio Maníaco e ausência de qualquer Episódio Depressivo Maior no passado.

B. O Episódio Maníaco não é mais bem explicado por Transtorno Esquizoafetivo nem está sobreposto a Esquizofrenia, Transtorno Esquizofreniforme, Transtorno Delirante ou Transtorno Psicótico Sem Outra Especificação.

##### Critérios Diagnóstico para Episódio Maníaco

A. Um período distinto de humor anormal e persistentemente elevado, expansivo ou irritável, com duração mínima de 1 semana (ou qualquer duração se for preciso internação).

B. Durante o período de perturbação do humor, três (ou mais) dos seguintes

sintomas persistiram (quatro, se o humor é apenas irritável) e estiveram presentes em um grau significativo.

- (1) auto-estima inflada ou grandiosidade.
- (2) redução da necessidade de sono (p.ex. bastam 3 horas por dia)
- (3) mais loquaz do que o habitual ou pressão por falar.
- (4) fuga de idéias ou experiência subjetiva de que os pensamentos estão correndo.
- (5) distratibilidade (a atenção é desviada por mínimos estímulos)
- (6) aumento da atividade dirigida a objetos ou agitação psicomotora
- (7) envolvimento excessivo em atividades prazerosas com um alto potencial para conseqüências dolorosas.

C. Os sintomas não satisfazem os critérios para episódio misto

D. A perturbação do humor é suficientemente grave a ponto de causar prejuízo acentuado no funcionamento ocupacional, nas atividades sociais ou relacionamentos costumeiros com outros, ou de exigir a hospitalização, como um meio de evitar danos a si mesmo e a terceiros, ou existem características psicóticas.

E. Os sintomas não se devem aos efeitos fisiológicos diretos de uma substância ou condição médica geral.

### 296.89 Transtorno Bipolar II

#### Critérios Diagnósticos

- A. Presença (ou histórico) de no mínimo um Episódio Depressivo Maior.
- B. Presença (ou histórico) de um Episódio Hipomaníaco.
- C. Jamais houve um Episódio Maníaco ou um Episódio Misto
- D. Os sintomas de humor nos Critérios A e B não são mais bem explicados por Transtorno Esquizoafetivo nem estão sobrepostos a Esquizofrenia, Transtorno Esquizofreniforme, Transtorno Delirante ou Transtorno Psicótico Sem Outra Especificação.
- E. Os sintomas causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.

### 301.13 Transtorno Ciclotímico

#### Critérios Diagnósticos

- A. Pelo período mínimo de 2 anos, presença de numerosos períodos com sintomas

hipomaníacos e numerosos períodos com sintomas depressivos que não satisfazem os critérios para um Episódio Depressivo Maior. Nota: Em crianças e adolescentes, duração mínima de 1 ano.

B. Durante o período de 2 anos estipulado em A (1 ano para crianças e adolescentes), o indivíduo não ficou sem os sintomas do Critério A por mais de 2 meses consecutivos.

C. Nenhum Episódio Depressivo Maior, Episódio Maníaco ou Episódio Misto esteve presente durante os 2 primeiros anos da perturbação.

D. Os sintomas no Critério A não são mais bem explicados por Transtorno Esquizoafetivo nem estão sobrepostos a Esquizofrenia, Transtorno Esquizofreniforme, Transtorno Delirante ou Transtorno Psicóticos Sem Outra Especificação.

E. Os sintomas não se devem aos efeitos fisiológicos diretos de uma substância (p. ex., droga de abuso, medicamento) ou de uma condição médica geral (p. ex., hipertireoidismo).

F. Os sintomas causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.

#### 293.83 Transtorno do Humor Devido a ... [Indicar a Condição Médica Geral]

##### Critérios Diagnósticos

A. Predomínio de uma perturbação proeminente e persistente do humor, caracterizada por um dos seguintes quesitos (ou ambos):

(1) humor depressivo, ou acentuada diminuição do interesse ou prazer em todas ou quase todas as atividades

(2) humor eufórico, expansivo ou irritável

B. Existem evidências, a partir do histórico, do exame físico ou de achados laboratoriais, de que a perturbação é a consequência fisiológica direta de uma condição médica geral.

C. A perturbação não é mais bem explicada por outro transtorno mental (p. ex., Transtorno da Adaptação Com Humor Depressivo, em resposta ao estresse de ter uma condição médica geral).

D. A perturbação não ocorre exclusivamente durante o curso de um *delirium*.

E. Os sintomas causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.

## TRANSTORNOS DE ANSIEDADE

### 9.1.3 300.29 Fobia Específica

#### Critérios Diagnóstico

A. Medo acentuado e persistente, excessivo ou irracional, revelado pela presença ou antecipação de um objeto ou situação fóbica (p. ex., voar, alturas, animais, tomar uma injeção, ver sangue).

B. A exposição ao estímulo fóbico provoca, quase que invariavelmente, uma resposta imediata de ansiedade, que pode assumir a forma de um Ataque de Pânico ligado à situação ou predisposto pela situação. Nota: Em crianças, a ansiedade pode ser expressada por choro, ataques de raiva, imobilidade ou comportamento aderente.

C. O indivíduo reconhece que o modo é excessivo ou irracional. Nota: Em crianças, esta característica pode estar ausente.

D. A situação fóbica (ou situações) é evitada ou suportada com intensa ansiedade ou sofrimento.

E. A esquiva, antecipação ansiosa ou sofrimento na situação temida (ou situações) interfere significativamente na rotina normal do indivíduo, em seu funcionamento ocupacional (ou acadêmico) ou em atividades ou relacionamentos sociais, ou existe acentuado sofrimento acerca de ter a fobia.

F. Em indivíduos com menos de 18 anos, a duração mínima é de 6 meses.

G. A ansiedade, os Ataques de Pânico ou a esquiva fóbica associados com o objeto ou situação específica não são mais bem explicados por outro transtorno mental, como Transtorno Obsessivo-Compulsivo (p. ex., medo de sujeira em alguém com uma obsessão de contaminação), Transtorno de Estresse Pós-Traumático (p. ex., esquiva de estímulos associados a um estressor grave), Transtorno de Ansiedade de Separação (p. ex., esquiva da escola), Fobia Social (p. ex., esquiva de situações

sociais em vista do medo do embarço), Transtorno de Pânico Com Agorafobia ou Agorafobia Sem Histórico de Transtorno de Pânico.

Especificar tipo:

Tipo Animal

Tipo Ambiente Natural (p. ex., alturas, tempestades, água)

Tipo Sangue-Injeção-Ferimentos

Tipo Situacional (p. ex., aviões, elevadores, locais fechados).

Outro Tipo (p. ex., esquiva fóbica de situações que podem levar a asfixia, vômitos ou a contrair uma doença; em crianças, esquiva de sons altos ou personagens vestidos com trajes de fantasia).

#### 9.1.4 300.23 Fobia Social

##### Critérios Diagnósticos

A. Medo acentuado e persistente de uma ou mais situações sociais ou de desempenho, nas quais o indivíduo é exposto a pessoas estranhas ou ao possível escrutínio por terceiros. O indivíduo teme agir de um modo (ou mostrar sintomas de ansiedade) que lhe seja humilhante e vergonhoso. Nota: Em crianças, deve haver evidências de capacidade para relacionamentos sociais adequados à idade com pessoas que lhes são familiares e a ansiedade deve ocorrer em contextos que envolvem seus pares, não apenas em interações com adultos.

B. A exposição à situação social temida quase que invariavelmente provoca ansiedade, que pode assumir a forma de um Ataque de Pânico ligado a situação ou predisposto por situação. Nota: Em crianças, a ansiedade pode ser expressa por choro, ataques de raiva, imobilidade ou afastamento de situações sociais com pessoas estranhas.

C. A pessoa reconhece que o medo é excessivo ou irracional. Nota: Em crianças, esta característica pode estar ausente.

D. As situações sociais e de desempenho temidas são evitadas ou suportadas com intensa ansiedade ou sofrimento.

E. A esquiva, a antecipação ansiosa u o sofrimento na situação social ou de desempenho temida interferem significativamente na rotina, no funcionamento ocupacional (acadêmico), em atividades sociais ou relacionamentos do indivíduo, ou

existe sofrimento acentuado por ter a fobia.

F. Em indivíduos com menos de 18 anos, a duração é de no mínimo 6 meses.

G. O temor ou esquiva não se deve aos efeitos fisiológicos diretos de uma substância (p. ex., droga de abuso, medicamento) ou de uma condição médica geral nem é mais bem explicado por outro transtorno mental (p. ex., Transtorno de Pânico Com ou Sem Agorafobia, Transtorno de Ansiedade de Separação, Transtorno Dismórfico Corporal, Transtorno Global do Desenvolvimento ou Transtorno da Personalidade Esquizóide).

H. Em presença de uma condição médica geral ou outro transtorno mental, o medo no Critério A não tem relação com estes; por exemplo, o medo não diz respeito a Tartamudez, tremor na doença de Parkinson ou manifestação de um comportamento alimentar anormal na Anorexia Nervosa ou Bulimia Nervosa.

Especificar se:

Generalizada: se os temores incluem a maioria das situações sociais (considerar também o diagnóstico adicional de Transtorno da Personalidade Esquiva).

#### 9.1.5 300.02 Transtorno de Ansiedade Generalizada

##### Critérios Diagnósticos

A. Ansiedade e preocupação excessivas (expectativa apreensiva), ocorrendo na maioria dos dias pelo período mínimo de 6 meses, com diversos eventos ou atividades (tais como desempenho escolar ou profissional).

B. O indivíduo considera difícil controlar a preocupação.

C. A ansiedade e a preocupação estão associadas com três (ou mais) dos seguintes seis sintomas (com pelo menos alguns deles presentes na maioria dos dias nos últimos 6 meses). Nota: Apenas um item é exigido para crianças.

(1) inquietação ou sensação de estar com os nervos à flor da pele

(2) fadigabilidade

(3) dificuldade em concentrar-se ou sensações de "branco" na mente

(4) irritabilidade

(5) tensão muscular

(6) perturbação do sono (dificuldades em conciliar ou manter o sono, ou sono insatisfatório e inquieto)

D. O foco da ansiedade ou preocupação não está confinado a aspectos de um

transtorno do Eixo I; por exemplo, a ansiedade ou preocupação não se refere a ter um Ataque de Pânico (como no Transtorno de Pânico), ser envergonhado em público (como na Fobia Social), ser contaminado (como no Transtorno Obsessivo-Compulsivo), ficar afastado de casa ou de parentes próximos (como no Transtorno de Ansiedade de Separação), ganhar peso (como na Anorexia Nervosa), ter múltiplas queixas físicas (como no Transtorno de Somatização) ou ter uma doença grave (como na Hipocondria), e a ansiedade ou preocupação não ocorre exclusivamente durante o Transtorno de Estresse Pós-Traumático.

E. A ansiedade, a preocupação ou os sintomas físicos causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.

F. A perturbação não se deve aos efeitos fisiológicos diretos de uma substância (droga de abuso, medicamento) ou de uma condição médica geral (p. ex., hipertireoidismo) nem ocorre exclusivamente durante um Transtorno do Humor, Transtorno Psicótico ou Transtorno Global do Desenvolvimento.

#### 9.1.6 TRANSTORNOS SEXUAIS E IDENTIDADE DE GÊNERO

##### PARAFILIAS

##### 302.4 Exibicionismo

###### Critérios Diagnósticos

A. Ao longo de um período mínimo de 6 meses, fantasias, anseios sexuais e comportamentos sexualmente excitantes e intensos envolvendo a exposição dos próprios genitais a um estranho insuspeito.

B. A pessoa realizou estes desejos sexuais, ou os desejos ou fantasias sexuais causam acentuado sofrimento ou dificuldade interpessoal.

##### 302.81 Voyeurismo

###### Critérios Diagnósticos

A. Durante um período mínimo de 6 meses, fantasias sexualmente excitantes recorrentes e intensas, impulsos sexuais ou comportamentos envolvendo o ato de observar uma pessoa que está nua, a se despir ou em atividade sexual, a qual não

suspeita que está sendo observada.

B. O indivíduo realizou estes desejos sexuais, ou os desejos ou fantasias sexuais causam acentuado sofrimento ou dificuldade interpessoal.

### 302.xx Transtorno da Identidade de Gênero

#### Critérios Diagnósticos

A. Uma forte e persistente identificação com o gênero oposto (não um mero desejo de obter quaisquer vantagens culturais atribuídas ao fato de ser do sexo oposto).

Em crianças, a perturbação é manifestada por quatro (ou mais) dos seguintes quesitos:

- (1) declarou repetidamente o desejo de ser, ou insistência de que é, do sexo oposto
- (2) em meninos, preferência pelo uso de roupas do sexo oposto ou simulação de trajes femininos: em meninas, insistência em usar apenas roupas do estereótipo masculino.
- (3) preferências intensas e persistentes por papéis do sexo oposto em brincadeiras de faz-de-conta, ou fantasias persistentes acerca de ser do sexo oposto
- (4) intenso desejo de participar em jogos e passatempos do estereótipo do sexo oposto
- (5) forte preferência por colegas do sexo oposto

Em adolescentes e adultos, o distúrbio se manifesta por sintomas tais como desejo declarado de ser do sexo oposto, fazer-se passar freqüentemente por alguém do sexo posto, desejo de viver ou ser tratado como alguém do sexo oposto, ou convicção de ter os sentimentos e reações típicos do sexo oposto.

B. Desconforto persistente com seu sexo ou sentimento de inadequação no papel de gênero deste sexo.

Em crianças, a perturbação manifesta-se por qualquer das seguintes formas: em meninos, afirmação de que seu pênis ou testículos são repulsivos ou desaparecerão, declaração de que seria melhor não ter um pênis ou aversão a brincadeiras rudes e rejeição a brinquedos, jogos e atividades do estereótipo masculino; em meninas rejeição a urinar sentada, afirmação de que desenvolverá um pênis, afirmação de que não deseja desenvolver seios ou menstruar ou acentuada aversão a roupas do estereótipo feminino.

Em adolescentes e adultos, o distúrbio manifesta-se por sintomas tais como

preocupação em ver-se livre de características sexuais primárias ou secundárias (p. ex., solicitação de hormônios, cirurgia ou outros procedimentos para alterar fisicamente as características sexuais, com o objetivo de simular o sexo oposto) ou crença de ter nascido com o sexo errado.

C. A perturbação não é concomitante a uma condição intersexual física.

D. A perturbação causa sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.

### 9.1.6 TRANSTORNOS DE PERSONALIDADE

#### Crítérios Diagnósticos para um Transtorno da Personalidade

A. Um padrão persistente de vivência íntima ou comportamento que se desvia acentuadamente das expectativas da cultura do indivíduo. Este padrão manifesta-se em duas (ou mais) das seguintes áreas:

(1) cognição (i. é, modo de perceber e interpretar a si mesmo, outras pessoas e eventos)

(2) afetividade (i. é, variação, intensidade, labilidade e adequação da resposta emocional)

(3) funcionamento interpessoal

(4) controle dos impulsos

B. O padrão persistente é inflexível e abrange uma ampla faixa de situações pessoais e sociais.

C. O padrão persistente provoca sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.

D. O padrão é estável e de longa duração, podendo seu início remontar à adolescência ou começo da idade adulta.

E. O padrão persistente não é mais bem explicado como uma manifestação ou consequência de outro transtorno mental.

F. O padrão persistente não é decorrente dos efeitos fisiológicos diretos de uma substância ou de uma condição médica geral.

### 301.20 Transtorno de Personalidade Esquizóide

#### Critérios Diagnósticos para 301.20 Transtorno da Personalidade Esquizóide

A. Um padrão global de distanciamento das relações sociais e uma faixa restrita de expressão emocional em contextos interpessoais, que se manifesta no início da idade adulta e está presente em uma variedade de contextos, indicado por, no mínimo, quatro dos seguintes critérios:

(1) não deseja nem gosta de relacionamentos íntimos, incluindo fazer parte de uma família

(2) quase sempre opta por atividades solitárias

(3) manifesta pouco, se algum, interesse em ter experiências sexuais com um parceiro

(4) tem prazer em poucas atividades, se alguma

(5) não tem amigos íntimos ou confidentes, outros que não parentes em primeiro grau

(6) mostra-se indiferente a elogios ou críticas

(7) demonstra frieza emocional, distanciamento ou embotamento afetivo.

B. Não ocorre exclusivamente durante o curso de Esquizofrenia, Transtorno do Humor Com Características Psicóticas, outro Transtorno Psicótico ou um Transtorno

Global do Desenvolvimento, nem é decorrente dos efeitos fisiológicos diretos de uma condição médica geral.

## 10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Akinola M, Mendes WB. The dark side of creativity: biological vulnerability and negative emotions lead to greater artistic creativity. *Pers Soc Psychol Bull.* 2008 Dec;34(12):1677-86.
2. Akiskal HS, Akiskal KK. Editorial: In search of Aristotle: Temperament, human nature, melancholia, creativity and eminence. *Journal of Affective Disorders* 100 (2007) 1–6.
3. Akiskal HS, Akiskal KK, Lancrenon S *et al.* Validating the bipolar spectrum in the French National EPIDEP Study: Overview of the phenomenology and relative prevalence of its clinical prototypes. *Journal of Affective Disorders* 96 (2006) 197–205.
4. Akiskal HS, Akiskal KK, Lancrenon S *et al.* Validating the soft bipolar spectrum in the French National EPIDEP Study: The prominence of BP-II ½. *Journal of Affective Disorders* 96 (2006) 207–213.
5. Akiskal HS, Akiskal KK. TEMPS: Temperament Evaluation of Memphis, Pisa, Paris and San Diego. *Journal of Affective Disorders* 85 (2005) 1 –2.
6. Akiskal HS, Benazzi F. Optimizing the Detection of Bipolar II Disorder in Outpatient Private Practice: Toward a Systematization of Clinical Diagnostic Wisdom. *J. Clin. Psychiatry* 66:7, July 2005.
7. Akiskal HS, Benazzi F. The DSM-IV and ICD-10 categories of recurrent [major] depressive and bipolar II disorders: Evidence that they lie on a dimensional spectrum. *Journal of Affective Disorders* 92 (2006) 45-54.
8. Akiskal HS, Djenderedjian AM, Rosenthal RH *et al.* Cyclothymic disorder: validating criteria for inclusion in the bipolar affective group. *Am J Psychiatry* 1977; 134: 1227-1233.

9. Akiskal HS, Hantouche EG, Allilaire JF. Bipolar II with and without cyclothymic temperament: dark and sunny expressions of soft bipolarity. *Journal of Affective disorders*, 2003, vol. 73, n° 1-2 (35 ref.), pp. 49-57.
10. Akiskal HS. Re-evaluating the prevalence of and diagnostic composition within the broad clinical spectrum of bipolar disorders. *Journal of Affective Disorders*, Volume 59, Pages S5-S30.
11. Akiskal HS. Special issue on circular insanity and beyond: Historic contributions of French psychiatry to contemporary concepts and research on bipolar disorder. *Journal of Affective Disorders* 96 (2006) 141–143.
12. Akiskal HS. The dark side of bipolarity: detecting bipolar depression in its pleomorphic expressions. *J Affect Disord*. 2005 Feb;84(2-3):107-15.
13. Akiskal HS. The necessity of integrating phenomenology and neurobiology in bipolar disorder. *Journal of Affective Disorders* 94 (2006) 1.
14. Akiskal HS. The Prevalent Clinical Spectrum of Bipolar Disorders: Beyond DSM-IV. *Journal of Clinical Psychopharmacology*. 16(2) SUPPLEMENT 1:4S-14S, April 1996.
15. Akiskal HS. The Scope of Bipolar Disorders. Em: Akiskal HS, Tohen M. *Bipolar Psychopharmacotherapy: Caring for the Patient*, 2006 John Wiley & Sons, Ltd.
16. Akiskal HS. The temperamental borders of affective disorders. *Acta Psychiatr Scand Suppl*. 1994;379:32-7.
17. Akiskal HS, Vásquez GH. Widening the borders of the bipolar disorder: validation of the concept of bipolar spectrum. *Vertex*. 2006 Sep-Oct; 17 (69): 340-6.

18. Akiskal KK, Akiskal HS. The theoretical underpinnings of affective temperaments: implications for evolutionary foundations of bipolar disorder and human nature. *Journal of Affective Disorders* 85 (2005) 231–239.
19. Akiskal KK, Savino M, Akiskal HS. Temperament profiles in physicians, lawyers, managers, industrialists, architects, journalists, and artists: a study in psychiatric outpatients. *Journal of Affective Disorders* 85 (2005) 201–206.
20. Alcantara I, Schmitt R, Schwarzthaupt AW *et al.* Avanços no diagnóstico do transtorno do humor bipolar. *R. Psiquiatr. RS*, 25 (suplemento 1): 22-32, abril 2003.
21. Andreasen NC. *The Creating Brain: The Neuroscience of Genius*. Washington, D.C., Dana Press, 2005.
22. Andreasen NC. The relationship between creativity and mood disorders. *Dialogues Clin Neurosci*. 2008;10(2):251-5.
23. Angst J, Akiskal HS. Factor structure of hypomania: interrelationships with cyclothymia and the soft bipolar spectrum. *Journal of affective disorders*, 2003, vol.3, n° 1-2 (1 p. ¼), pp.39-47.
24. Angst J, Marneros A. Bipolarity from ancient to modern times: conception, birth and rebirth. *J Affect Disord*. 2001 Dec; 67(1-3):3-19.
25. Angst J. The Bipolar Spectrum. *British Journal of Psychiatry* (2007), 190, 189-191.
26. Aristóteles. *Arte Poética*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007.

27. Aristóteles, Horácio, Longino. A Poética Clássica. 12. Ed. São Paulo: Editora Cultrix; 2005.
28. Arruda JJ. A ciência e a cultura no século XIX. Em: Nova história moderna e contemporânea: da difusão do capitalismo industrial à descolonização na Ásia. Vol 2. Bauru, SP:Edusc, 2005.
29. Arruda JJ. A guerra na Europa e seu impacto mundial. Em: Nova história moderna e contemporânea: da difusão do capitalismo industrial à descolonização na Ásia. Vol 2. Bauru, SP:Edusc, 2005.
30. Arruda JJ. A Revolução Russa. Em: Nova história moderna e contemporânea: da difusão do capitalismo industrial à descolonização na Ásia. Vol 2. Bauru, SP:Edusc, 2005.
31. Arruda JJ. As crises internacionais e a paz armada. Em: Nova história moderna e contemporânea: da difusão do capitalismo industrial à descolonização na Ásia. Vol 2. Bauru, SP:Edusc, 2005.
32. Arruda JJ. As democracias liberais: Grã-Bretanha, França e Estados Unidos. Em: Nova história moderna e contemporânea: da difusão do capitalismo industrial à descolonização na Ásia. Vol 2. Bauru, SP:Edusc, 2005.
33. Arruda JJ. O fascismo italiano e a proliferação das ditaduras. Em: Nova história moderna e contemporânea: da difusão do capitalismo industrial à descolonização na Ásia. Vol 2. Bauru, SP:Edusc, 2005.
34. Azevedo A. Fernando Pessoa – Outramento e Heteronímia. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
35. Azevedo A. Pessoa e Nietzsche. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

36. Azorin JM, Akiskal H, Hantouche E. The mood-instability hypothesis in the origin of mood-congruent versus mood-incongruent psychotic distinction in mania: validation in a French National Study of 1090 patients. *Journal of Affective Disorders* 96 (2006) 215– 223.
37. Bacon F. *A sabedoria dos antigos*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
38. Bandeira M. *Estrela da Vida Inteira*. 20. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
39. Bartlett, S. J. The abnormal psychology of creativity and the pathology of normality.
40. Bastos CL. *Personalidade*. Em: *Manual do Exame Psíquico: Uma Introdução Prática à Psicopatologia*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2000.
41. Bastos OC. Camille Claudel: uma revolta da natureza. *Arte da loucura ou loucura da arte?* *J Bras Psiquiatr*, 55(3): 250-253, 2006.
42. Benazzi F, Akiskal HS. Biphasic course in bipolar II outpatients: Prevalence and clinical correlates of a cyclic pattern described by Baillarger and Falret in hospitalised patients in 1854. *Journal of Affective Disorders* 96 (2006) 183– 187.
43. Benazzi F, Akiskal HS. Irritable-hostile depression: further validation as a bipolar depressive mixed state. *J Affect Disord*. 2005 Feb;84(2-3):197-207.
44. Benazzi F, Akiskal HS. The DSM-IV and ICD-10 categories of recurrent [major] depressive and bipolar II disorders: Evidence that they lie on a dimensional spectrum. *Journal of Affective Disorders* 92 (2006) 45–54.
45. Benazzi F. Bipolar II disorder : epidemiology, diagnosis and management. *CNS Drugs*. 2007;21(9):727-40.

46. Benvenuti A, Rucci P, Ravani L, Gonnelli C, Frank E, Balestrieri M, Sbrana A, Dell'Osso L, Cassano GB. Psychotic features in borderline patients: is there a connection with mood dysregulation? *Bipolar Disord* 2005; 7: 338–343.
47. Bingham NH. Heroic Periods. *Math. Sci. hum ~ Mathematics and Social Sciences* (44e année, n° 176, 2006(4), p. 31-42).
48. Blake W. *O casamento do céu e do inferno & outros escritos*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
49. Bréchon R. *Estranho estrangeiro: uma biografia de Fernando Pessoa*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
50. Camões LV. *Sonetos para amar o amor*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
51. Casais Monteiro A. *Fernando Pessoa: O Insincero Verídico*. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada, 1954.
52. Cassano GB, Mula M, Rucci P. The structure of lifetime manic-hypomanic spectrum. *J Affect Disord*. 2009 Jan;112(1-3):59-70.
53. Charlton BG. Why are modern scientists so dull? How science selects for perseverance and sociability at the expense of intelligence and creativity. *Med Hypotheses*. 2008 Dec 11.
54. Cheniaux E. *Imaginação*. Em: *Manual de psicopatologia*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
55. Cole N. Van Gogh and lithium. Creativity and bipolar disorder: Perspective of a lawyer/parliamentarian. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry* 1999; 33:S109–S110.

56. Conceição C, Catelli Jr R, Montellato A. História Temática: O mundo dos cidadãos. 3 Ed. São Paulo: Editora Scipione, 2004.
57. Craddock N, Jones I, Kirov G *et al.* The Bipolar Affective Disorder Dimension Scale (BADDS) – a dimensional scale for rating lifetime psychopathology in Bipolar spectrum disorders. *BMC Psychiatry* 2004, 4:19.
58. Crespo A. A vida plural de Fernando Pessoa. Barcelona: Editorial Seix Barral, S.A., 1988.
59. Curtis V. Women are not the same as men: specific clinical issues for female patients with bipolar disorder. *Bipolar Disord* 2005; 7 (Suppl. 1): 16–24.
60. Dalgalarondo P. Funções psíquicas compostas: a personalidade e suas alterações. Em: *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
61. Del-Porto, J.A.; Del-Porto, K.O. História da caracterização nosológica do transtorno bipolar. *Rev. Psiq. Clín.* 32, supl 1; 7-14, 2005.
62. Dickinson E. Poemas escolhidos. Porto Alegre: L&PM, 2007.
63. Dijksterhuis A, Meurs T. Where creativity resides: the generative power of unconscious thought. *Conscious Cogn.* 2006 Mar;15(1):135-46.
64. DSM-IV-TR – Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 4. Ed. Rev. Porto Alegre: Artmed, 2002.
65. Eco U. Como se faz uma tese. 21. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

66. Engström C, Brändström S, Sigvardsson S *et al*. Bipolar disorder I. Temperament and character. *Journal of Affective Disorders* 82 (2004) 131–134.
67. Erasmo D. *Elogio da loucura*. Tradução: Neves P. Porto Alegre: L&PM, 2003.
68. Ey H, Bernard P, Brisset C. *Manual de Psiquiatria*. 5 Ed. Masson Atheneu.
69. Fairweather, E. Creativity and bipolarity.
70. Feist GJ. A meta-analysis of personality in scientific and artistic creativity. *Pers Soc Psychol Rev.* 1998;2(4):290-309.
71. Figueroa CG. Virginia Woolf as an example of a mental disorder and artistic creativity. *Rev Med Chil.* 2005 Nov; 133(11):1381-8.
72. Fink A, Benedek M, Grabner RH *et al*. Creativity meets neuroscience: experimental tasks for the neuroscientific study of creative thinking. *Methods.* 2007 May;42(1):68-76.
73. Fink A, Grabner RH, Benedek M *et al*. Divergent thinking training is related to frontal electroencephalogram alpha synchronization. *Eur J Neurosci.* 2006 Apr;23(8):2241-6.
74. Fonseca C. *O Pensamento Vivo de Fernando Pessoa*. São Paulo: Martin Claret Editores; 1989.
75. George EL, Miklowitz DJ, Richards JA, Simoneau TL, Taylor DO. The comorbidity of bipolar disorder and axis II personality disorders: prevalence and clinical correlates. *Bipolar Disord* 2003; 5: 115–122.

76. Gibson C, Folley BS, Park S. Enhanced divergent thinking and creativity in musicians: A behavioral and near-infrared spectroscopy study. *Brain Cogn.* 2008 Aug 22.
77. Gilman SL. Are Jews Smarter Than Everyone Else? *Mens Sana Monographs*, Vol 6(1), Jan-Dec, 2008.
78. Godin B. From Eugenics to Scientometrics: Galton, Cattell and Men of Science. Project on the History and Sociology of S&T Statistics Working Paper No 32.
79. Goodey CF. Intellectual ability and speed of performance: Galen to Galton. *Hist. Sci.*, xlii (2004).
80. Goodwin FK, Jamison KR. *Clinical Description. Em: Manic-Depressive Illness*. New York: Oxford University Press, 1990.
81. Gunderson JG, Weinberg I, Daversa MT. Descriptive and Longitudinal Observations on the Relationship of Borderline Personality Disorder and Bipolar Disorder. *Am J Psychiatry* 163:7, July 2006.
82. Haldane M, Frangou S. Maudsley Bipolar Disorder Project: insights sobre o papel do córtex préfrontal em pacientes com transtorno de humor bipolar tipo I. *Rev Psiquiatr RS set/dez 2005;27(3):241-250*.
83. Hantouche EG, Akiskal HS. Toward a definition of a cyclothymic behavioral endophenotype: which traits tap the familial diathesis for bipolar II disorder? *Journal of Affective Disorders* 96 (2006) 233– 237.
84. Haustgen T, Akiskal H. French antecedents of “contemporary” concepts in the American Psychiatric Association’s classification of bipolar (mood) disorders. *Journal of Affective Disorders* 96 (2006) 149–163.

85. Heilman KM, Nadeau SE, Beversdorf DO. Creative Innovation: Possible Brain Mechanisms. *Neurocase* 2003, Vol. 9, No. 5, pp. 369–379.
86. Himmelhoch JM. Social anxiety, hypomania and the bipolar spectrum: data, theory and clinical issues. *J Affect Disord.* 1998 Sep;50(2-3):203-13.
87. Hirschfeld RMA, Vornik LA. Recognition and Diagnosis of Bipolar Disorder. *J Clin Psychiatry* 2004;65[suppl 15]:5-9.
88. Iannone CA. *Bibliografia de Fernando Pessoa*. 2. Ed. São Paulo, Quíron; Brasília, INL, 1975.
89. Jamison KR. *Touched with Fire: manic-depressive illness and the artistic temperament*. New York: Free Press Paperbacks, 1996.
90. Jaspers K. *Genio y Locura*. 3. Ed. Madrid: Aguilar, 1961.
91. Jaspers K. O Curso da Vida (Biografia). Em: *Psicopatologia geral*. Vol 2. 9. Ed. Rio de Janeiro: Atheneu.
92. Jaspers K. O Todo das Conexões Compreensíveis (Characterologia). Em: *Psicopatologia geral*. Vol 1. 9. Ed. Rio de Janeiro: Atheneu.
93. Karimi Z, Windmann S, Güntürkün O *et al.* Insight problem solving in individuals with high versus low schizotypy. *Journal of Research in Personality* 41 (2007) 473–480.
94. Katzow JJ, Hsu DJ, Ghaemi SN. The bipolar spectrum: a clinical perspective. *Bipolar Disord* 2003; 5: 436–442.
95. Kessing LV. Diagnostic subtypes of bipolar disorder in older versus younger adults. *Bipolar Disord* 2006; 8: 56–64.

96. Kessler RC, Akiskal HS, Angst J. Validity of the Assessment of Bipolar Spectrum Disorders in the WHO CIDI 3.0. *J Affect Disord.* 2006 December ; 96(3): 259–269.
97. Koh C. Reviewing the link between Creativity and Madness: A Postmodern Perspective. *Educ. Res. Rev.*
98. Koukopoulos A, Sani G, Koukopoulos AE *et al.* Endogenous and exogenous cyclicality and temperament in bipolar disorder: Review, new data and hypotheses. *Journal of Affective Disorders* 96 (2006) 165–175.
99. Kretschmer E. *Physique And Character.* 2. Ed. New York: Cooper Square Publishers, INC., 1970.
100. Kretschmer E. *The Psychology of Men of Genius.* New York: McGrath Publishing Co., 1970.
101. Lancastre MJ. *Fernando Pessoa: uma fotobiografia.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
102. Lapp WM, Collins RL, Izzo CV. On the enhancement of creativity by alcohol: pharmacology or expectation? *Am J Psychol.* 1994 Summer;107(2):173-206.
103. Lara DR, Akiskal HS. Toward an integrative model of the spectrum of mood, behavioral and personality disorders based on fear and anger traits: II. Implications for neurobiology, genetics and psychopharmacological treatment. *Journal of Affective Disorders* 94 (2006) 89–103.
104. Lara DR, Pinto O, Akiskal K *et al.* Toward an integrative model of the spectrum of mood, behavioral and personality disorders based on fear and anger traits: I. Clinical implications. *Journal of Affective Disorders* 94 (2006) 67–87.

105. Lara TA. A filosofia nas suas origens gregas. 4. Ed. Petrópolis: Editora Vozes; 2001.
106. Lombroso C. The Man of Genius. Edited by Havelock Ellis. New York; 1891.
107. Machado-Vieira R, Bressan RA, Frey B *et al.* As bases neurobiológicas do transtorno bipolar. Rev. Psiqu. Clín. 32, supl 1; 28-33, 2005.
108. Machado-Vieira R, Schwartzhaupt AW, Frey BN *et al.* Neurobiologia do transtorno de humor bipolar e tomada de decisão na abordagem psicofarmacológica. R. Psiquiatr. RS, 25 (suplemento 1): 88-105, abril 2003.
109. Machado-Vieira R, Soares JC. Treatment-resistant mood disorders. Rev Bras Psiquiatr. 2007;29(Supl II):S48-54.
110. MacKinnon DF, Pies R. Affective instability as rapid cycling: theoretical and clinical implications for borderline personality and bipolar spectrum disorders. Bipolar Disord 2006; 8: 1–14.
111. Maremmani I, Akiskal HS, Signoretta S *et al.* The relationship of Kraepelian affective temperaments (as measured by TEMPS-I) to the tridimensional personality questionnaire (TPQ). Journal of Affective Disorders 85 (2005) 17–27.
112. McDermott, J.F. Emily Dickinson Revisited: A Study of Periodicity in Her Work. Am Journal Psychiatry 2001;158:686-690.
113. Moreno DH, Moreno RA. Estados mistos. Rev. Psiqu. Clin. 32, supl 1;56-62,2005.

114. Moreno RA, Moreno DH. Da psicose maníaco-depressiva ao espectro bipolar. São Paulo, 2005. (s/ Ed).
115. Moreno RA, Moreno DH, Ratzke R. Diagnóstico, tratamento e prevenção da mania e da hipomania no transtorno bipolar. Rev. Psiqu. Clín. 32, supl 1; 39-48, 2005.
116. Nelson B, Rawlings D. Relating Schizotypy and Personality to the Phenomenology of Creativity. Schizophr Bull. 2008 Aug 4.
117. Nettle D, Clegg H. Schizotypy, creativity and mating success in humans. Proc. R. Soc. B (2006).
118. Nettle D. Schizotypy and mental health amongst poets, visual artists, and mathematicians. Journal of Research in Personality 40 (2006) 876–890.
119. Nietzsche F. A gaia ciência. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.
120. Nietzsche F. Assim Falou Zaratustra. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.
121. Nobre de Melo AL. Conceito, Estrutura e dinâmica da personalidade. Em: Psiquiatria. Vol 1. 3. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1986.
122. Nowakowska C, Strong CM, Santosa CM *et al.* Temperamental commonalities and differences in euthymic mood disorder patients, creative controls, and healthy controls. Journal of Affective Disorders 85 (2005) 207–215.
123. Paim I. Alterações da atividade voluntária. Em: Curso de psicopatologia. 3. Ed. São Paulo, Grijalbo, 1975.

124. Pavitra KS, Chandrashekar CR, Choudhury P. Creativity and mental health: A profile of writers and musicians. *Indian J Psychiatry* 49(1), Jan-Mar 2007.
125. Perugi G, Akiskal HS, Lattanzi L *et al.* The high prevalence of "soft" bipolar (II) features in atypical depression. *Compr Psychiastry*. 1998 Mar-Apr;39(2):63-71.
126. Perugi G, Akiskal HS. The soft bipolar spectrum redefined: focus on the cyclothymic, anxious-sensitive, impulse-dyscontrol, and binge-eating connection in bipolar II and related conditions. *Psychiatr Clin North Am*. 2002 Dec;25(4):713-37.
127. Pessoa F. *Aforismos e afins*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
128. Pessoa F. *Cancioneiro*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.
129. Pessoa F. *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. Edição: Zenith R; tradução: Rocha M. 1. Ed. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.
130. Pessoa F. *Fausto: tragédia subjectiva*. Org: Cunha TS. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
131. Pessoa F. *Livro do Desassossego*. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
132. Pessoa F. *Mensagem: obra poética I*. Porto Alegre: L&PM, 2006.
133. Pessoa F. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S.A., 1995.

134. Pessoa F. Obras em prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 2005.
135. Pessoa F. Poemas de Alberto Caeiro. Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.
136. Pessoa F. Poemas de Álvaro de Campos: obra poética IV. Porto Alegre, RS: L&PM, 2006.
137. Pessoa F. Poesia de Álvaro de Campos. São Paulo: Martin Claret, 2006.
138. Pessoa F. Poesia de Ricardo Reis. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.
139. Phelps J, Angst J, Katzow J, Sadler J. Validity and utility of bipolar spectrum models. *Bipolar Disord* 2008; 10: 179–193.
140. Pichot P. Tracing the origins of bipolar disorder: From Falret to DSM-IV and ICD-10. *Journal of Affective Disorders* 96 (2006) 145–148.
141. Pies R. The historical roots of the “bipolar spectrum”: Did Aristotle anticipate Kraepelin’s broad concept of manic-depression? *Journal of Affective Disorders* 100 (2007) 7–11.
142. Pinto AG, Sanmartín V, Guillén V *et al.* Shamelessness and Creativity. *Avances en Salud Mental Relacional* Vol.4, núm.3 - Noviembre 2005.
143. Pizarro J. Fernando Pessoa: entre génio e loucura. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2007.
144. Preti A, Miotto P. Creativity, Evolution and Mental Illnesses. *Journal of Memetics – Evolutionary Models of Information Transmission*, 1, 1997.

145. Preti A. The gift of Saturn: creativity and psychopathology. *Serendip*. Seção: Brain e Behavior. Disponível em: <http://serendip.brynmawr.edu/serendipia/Serendipia-Preti.html>. Acesso em 10/03/2007.
146. Rilke RM. Cartas a um jovem poeta. Porto Alegre: L&PM, 2006.
147. Rimbaud A. Uma temporada no inferno. 2. Ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.
148. Robinson LJ, Ferrier IN. Evolution of cognitive impairment in bipolar disorder: a systematic review of cross-sectional evidence. *Bipolar Disord* 2006; 8: 103–116.
149. Rothenberg A. Family Background and Genius II: Nobel Laureates in Science. *Can J Psychiatry*, Vol 50, No 14, December 2005.
150. Rothenberg A, Wyshak G. Family Background and Genius. *Can J Psychiatry*, Vol 49, No 3, March 2004.
151. Röttig D, Röttig S, Brieger P *et al*. Temperament and personality in bipolar I patients with and without mixed episodes. *Journal of Affective Disorders* 104 (2007) 97–102.
152. Sá M. Salvador L. JR. Fundamentos de Psicopatologia. Bases do Exame Psíquico. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1988.
153. Santosa CM, Strong CM, Nowakowska C *et al*. Enhanced creativity in bipolar disorder patients: A controlled study. *Journal of Affective Disorders* 100 (2007) 31–39.

154. Sapiecinski M. A poesia de Fernando Pessoa e o Existencialismo. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.
155. Saraiva M. O Caso Clínico de Fernando Pessoa. 3. Ed. Lisboa: Universitária Editora, Ltda.
156. Saraiva M. Pessoa, Ele Próprio. 1. Ed. Lisboa: Clássica Editora, 1992.
157. Savitz JB, Ramesar RS. Personality: is it a viable endophenotype for genetic studies of bipolar affective disorder? *Bipolar Disord* 2006; 8: 322–337.
158. Schlesinger J. Creativity and mental health. *British Journal of Psychiatry* (2004), 184, 182-187. Correspondence.
159. Schneider JJ, Candiago RH, Rosa Ar *et al*. Cognitive impairment in a Brazilian sample of patients with bipolar disorder. *Rev Bras Psiquiatr*. 2008;30(3):209-14.
160. Schneider K. Psicopatas: hipertímicos – depressivos – inseguros de si mesmos – fanáticos – carentes de afirmação – instáveis de ânimo – explosivos – insensíveis – abúlicos – astênicos. Em: *Psicopatologia clínica*. 1. Ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1968.
161. Shansis F, Fleck MPA, Richards R *et al*. Desenvolvimento da versão para o português das Escalas de Criatividade ao Longo da Vida (ECLV). *R. Psiquiatr. RS*, 25 (2): 284-296, mai./ago. 2003.
162. Smith DJ, Ghaemi SN. Hypomania in clinical practice. *Advances in Psychiatric Treatment* (2006), vol. 12, 110-120.
163. Smith DJ, Muir WJ, Blackwood HR. Borderline personality disorder characteristics in young adults with recurrent mood disorders: A

comparison of bipolar and unipolar depression. *Journal of Affective Disorders* 87 (2005) 17–23.

164. Stanghellini G, Raballo A. Exploring the margins of the bipolar spectrum: Temperamental features of the *typus melancholicus*. *Journal of Affective Disorders* 100 (2007) 13–21.
165. Strong CM, Nowakowska C, Santosa CM *et al.* Temperament–creativity relationships in mood disorder patients, healthy controls and highly creative individuals. *Journal of Affective Disorders* 100 (2007) 41–48.
166. Tremblay CH, Grosskopf S, Yang K. *Brainstorm: Manic Depression, Occupational Choice And Creativity*. Department of Economics Ballard Extension Hall 303 Oregon State University Corvallis, OR 97331-3612. This version: May 2004.
167. Tsai S-Y, Lee H-C, Chen C-C, Huang Y-L. Cognitive impairment in later life in patients with early-onset bipolar disorder. *Bipolar Disord* 2007; 9: 868–875.
168. Turato ER. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. 2. Ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 2003.
169. Urban KK. Assessing Creativity: The Test for Creative Thinking - Drawing Production (TCT-DP) The Concept, Application, Evaluation, and International Studies. *Psychology Science*, Volume 46, 2004 (3), p. 387 – 397.
170. van Valkenburg C, Kluznik JC, Speed N *et al.* Cyclothymia and labile personality: is all folie circulaire? *Journal of Affective Disorders* 96 (2006) 177– 181.
171. Valença AM, Nardi AE, Nascimento I *et al.* Do social anxiety disorder patients belong to a bipolar spectrum subgroup? *J Affect Disord*. 2005 May;86(1):11-8.

172. Vallejo-Nágera JA. Loucos Egrégios. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Dois S. A., 1979.
173. Verde JJC. O livro de Cesário Verde. Porto Alegre: L&PM, 2008.
174. Verhaeghen P, Joormann J, Khan R. Why We Sing the Blues: The Relation Between Self-Reflective Rumination, Mood and Creativity. *Emotion* 2005, Vol. 5, N° 2, 226-232.
175. Waddell C. Creativity and Mental Illness: Is There a Link? March 1998 Vol 43, N° 2 Review Paper.
176. Werlang BG, Botega NJ e colaboradores. Comportamento suicida. Porto Alegre: Artmed, 2004.

## 11. APÊNDICE

### 11.1 SÍNTESE BIOGRÁFICA:

- 1888 - nascimento em Lisboa.
- 1893 – morte do pai por tuberculose.
- 1894 – morte do irmão Jorge por tuberculose; *Chevalier de Pas*.
- 1895 – casamento de D. Madalena com o comandante Rosa.
- 1896 – escreve o primeiro poema: “À minha querida Mamã”. Passa a residir em Durban e a freqüentar a escola de freiras irlandesas da *West Street*. Nasce a irmã Henriqueta Madalena.
- 1897 – Nasce a irmã Madalena Henriqueta.
- 1899 – Durban *High School*.
- 1900 - Nasce o irmão Luís Miguel.
- 1901- Morte de Madalena Henriqueta. Férias em Portugal com a família.
- 1902 – Regresso a Durban.
- 1903 – Universidade do Cabo. Alexander Search. Charles Robert Anon.
- 1904 – Nasce a irmã Maria Clara. Volta a residir em Portugal com a tia-avó Maria. Inscreve-se na Faculdade de Letras.
- 1905 – Passa a morar com mãe e padrasto em Lisboa. Morre Maria Clara. Família retorna à Durban. Desiste do curso de Letras.
- 1906 – Morte da avó Dionísia. Empresa Íbis –Tipografia e Editora.
- 1907 – Finge ser Dr. Antunes para saber o que pensavam dele seu ex-professor e um ex-colega de Durban. Marcos Alves – sexo perverso.

- 1908 – Decide morar sozinho. Começa a escrever Fausto. Jean Seul – *Des cas d'exhibitionisme*.
- 1912 – Estréia na Revista Águia – *A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada*.
- 1913 – Intensa atividade literária, profissional e social. Paulismo (de paúis). Anúncio do Supra-Camões.
- 1914 – Março – “Dia Triunfal”. Dezembro – “Noite de tempestade”.
- 1915 – Março – Orpheu. Dezembro – Mãe sofre ataque apoplético.
- 1916 – Suicídio de Sá-Carneiro em Paris Escreve *Ultimatum*.
- 1916 – Pede informações sobre o Curso de Magnetismo Pessoal por Correspondência. Morre o padrasto, o comandante João Miguel Rosa.
- 1920 – Retorno de sua mãe, viúva, à Portugal. Namoro com Ophélia Queiroz. Em outubro, um grave episódio depressivo o faz pensar em internar-se em Sanatório Psiquiátrico. Rompe com Ophélia.
- 1921 à 1924 – Período fecundo: projetos, literatura, fundação da Editora Olisipo.
- 1924 – Após 10 anos de “agitação incessante”, regressa à “calma”. Reflete sobre os valores da arte “pura”.
- 1925 – Falece D. Madalena. Episódio depressivo. Luto vivido intensamente por Álvaro de Campos, que deixa de ser o entusiasta da modernidade e passa a sentir “cansaço” e tédio”. Tem mais uma vez a sensação de estar enlouquecendo e novamente pensa ser “recomendável o internamento em manicômio”. Escreve:” Lisbon Revisited II” e “Se te queres matar, por que não te queres matar?” “Tabacaria” que antes iria se chamar “ Marcha da Derrota”. Faz morrer retrospectivamente Alberto Caeiro em 1915 e exila Ricardo Reis no Brasil em 1919.
- 1929 – Reata o namoro com Ophélia.

- 1930 – Rompe definitivamente com Ophélia. Em carta a ela, escreve: “..Partiu-se a corda do automóvel velho que trago na cabeça, e o juízo, que já não existia, fez tr-tr-r-r-r-r...”. Em seguida fala da vontade de se matar, atirando-se na Boca do Inferno em Cascais. Segue-se outro período sombrio. Os poucos poemas que escreve são niilistas -lamentos, expressões de derrota e fracasso. A primavera deste ano é fase intensamente criativa, só comparada àquela que foi de 1914 a 1916. De setembro a dezembro, outra fase depressiva faz Bernardo Soares dizer: “ Há muito tempo que não escrevo...”
- 1934 – 300 quadras populares. Finaliza “Portugal” que adiante se chamará “Mensagem” e com o qual ganhará o prêmio Antero de Quental.
- 1935 – Carta a Casais Monteiro sobre a gênese dos heterônimos. *Delirium tremens*. Internado na noite de 26 para 27 de novembro com quadro febril e cólica hepática. Morre no dia 30. Antes de morrer escreve: “ I do not know what tomorrow will bring” .

## 11.2 AFETIVOGRAMA:

1913 a 1916 – Intensa atividade literária; tertúlias; Supra-Camões; Orpheu.

1920 – Episódio depressivo grave que o faz pensar em internamento psiquiátrico.

1921 a 1924 – Período fecundo: literatura, projetos comerciais. Funda a Editora Olisipo.

1925 – Deprimido após a morte da mãe. Mais uma vez pensa em internar-se em “manicômio”.

1930 – Ideação suicida. Crise criativa. Poemas niilistas.

1930 – Primavera de extraordinária atividade literária, só comparada àquela do período de 1914 a 1916.

1930 – Outono: “Há muito tempo que não escrevo...”

### 11.3 JORNAIS E REVISTAS EM QUE COLABOROU:

1. A Águia;
2. A Capital;
3. Acção;
4. A Galera;
5. A Idéia Nacional;
6. A Informação;
7. A Revista da Solução Editora;
8. Athena;
9. Cancioneiro;
10. Centauro;
11. Contemporânea;
12. Descobrimento;
13. Diário de Lisboa;
14. Eh Real!;
15. Exílio;
16. Fama;
17. Folhas de Arte;
18. Fradique;
19. Girassol;
20. Ilustração Portuguesa;
21. Informação;

22. Momento;
23. Notícias Ilustrado;
24. O Heraldos;
25. O Imparcial;
26. O Jornal;
27. O Jornal do Comércio e das ;
28. O Mundo;
29. O Raio;
30. Orpheu;
31. Portugal Futurista;
32. Presença;
33. República;
34. Ressurreição;
35. Revista de Comércio e Contabilidade;
36. Revista Portuguesa;
37. Revolução;
38. Sol;
39. Sudoeste;
40. Teatro;
41. Terra Nossa;
42. The Athenaeu.

## 11.4 CASAS E LUGARES ONDE PESSOA VIVEU:

1888	LISBOA Largo de São Carlos nº4, 4º andar, esquerda
1895	LISBOA Rua de São Marçal nº104, 3º andar
1896 – 1901	DURBAN Tersilian House, Ridge Road West Street nº157 Bay View Hotel, Musgrave Road
1901	LISBOA Pedrouços (uma transversal da antiga rua Direita)
1901-1902	LISBOA Av. D.Carlos nº109, 3º andar, direita
1902 (maio)	ILHA TERCEIRA Rua da Palha
1902-1905	DURBAN Tenth Avenue, Perea
1905	LISBOA Pedrouços (casa da tia-avó Maria da Cunha) LISBOA Rua de São Bento nº19, 2ºandar (casa de tia Anica)
1906	LISBOA Calçada da Estrela nº100,1º andar (com a mãe, o padrasto e os irmãos)
1907	LISBOA Rua da Bela Vista, Lapa, nº17, 1º andar (casa da avó Dionísia e das tias maternas)
1907	PORTALEGRE

1908	Hotel Brito (poucos dias) LISBOA Rua da Glória nº4, térreo LISBOA
1912	Largo do Carmo nº18, 1º andar LISBOA Rua Passos Manuel nº24, 3º andar, esquerda (casa da tia Anica)
1914	LISBOA Rua Pascoal de Melo nº119, 3º andar, direita (casa para onde se muda a tia Anica até partir para a
Suíça)	
1915-1916	LISBOA Rua D. Estefânia nº12, térreo, direita (quarto alugado em casa de uma engomadeira)
1916	LISBOA Rua Antero de Quental (nº desconhecido) LISBOA Rua Almirante Barroso, nº12 (quarto contíguo à Leitaria Alentejana)
1916-1917	LISBOA Rua Cidade da Horta nº48 ou 54, 1º andar LISBOA
1917-1918	LISBOA Rua Bernardim Ribeiro n/11, 1º andar
1918	LISBOA Rua Santo Antônio dos Capuchos, nº desconhecido
1919-1920	LISBOA Av. Gomes Pereira, Benfica, nº desconhecido
1920-1935	LISBOA Rua Coelho da Rocha nº16, 1ºandar,direita.



